

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social

Leide Mara da Conceição Cota

**RÁDIO, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL:**

um estudo da Rádio Inconfidência de Minas Gerais (1936-1945)



Belo Horizonte  
2016

Leide Mara da Conceição Cota

**RÁDIO, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL:**

um estudo da Rádio Inconfidência de Minas Gerais (1930-1950)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Ana Maria de Oliveira Galvão

Belo Horizonte  
Junho de 2016

Dissertação defendida e aprovada em junho de 2016 pela banca examinadora constituída pelos professores:

---

Ana Maria de Oliveira Galvão - Orientadora (FAE/UFMG)

---

Maria Ângela Borges Salvadori (FAE/USP)

---

Thaís Nivia de Lima e Fonseca (FAE/UFMG)

---

Patrícia Coelho da Costa- Suplente (PUC-RJ)

---

Luciano Mendes de Faria Filho- Suplente (FAE/UFMG)

Aos meus pais que,  
de um jeito avesso,  
me tornaram mais forte.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a DEUS por ter me sustentado em todos os momentos deste trajeto. A Ele, minha gratidão por cada um que esteve comigo.

Agradeço à minha orientadora Ana Galvão por ter me conduzido nestes mais de dois anos de estudos. Agradeço a ela por ter entendido minhas limitações e as próprias questões que moviam a pesquisa. Certamente este trabalho não teria alcançado tal resultado se não fosse a sua destreza nas orientações, sobretudo por se tratar de minha primeira experiência na concepção de um objeto e no desenvolvimento da pesquisa.

Devo um agradecimento especial a Luciano Mendes e Tarcísio Mauro Vago, que primeiro me acolheram no Programa Pensar a Educação Pensar o Brasil. O contato com o programa de rádio do Pensar é que me conduziu ao tema de pesquisa. Ao Tatá, agradeço pela alegria e pelo sorriso sempre muito cativantes. Agradeço ao Luciano pelas muitas conversas sobre tudo- da vida e da pesquisa- e pela experiência que me proporcionou em projetos de pesquisa que coordena. Agradeço também a ele e à Faculdade de Educação pela bolsa no CEDOC- FaE com a qual permaneci por um tempo durante o mestrado.

Agradeço de um modo muito especial a Nelma Marçal e Thais Kalile. Primeiro pela amizade, pelos abraços, pelas horas de conversa, pelos cafês e quitutes. Depois pela atenção ao meu objeto, me ajudando na busca das fontes no CEDOC-FaE/UFMG.

Agradeço a Paulo Pity pela ajuda com os conteúdos musicais.

À Kelly Queiroz agradeço pela ajuda com a elaboração do banco de dados e pelas conversas muito motivadoras.

Agradeço a Mauro Lúcio Amado pela ajuda dispensada em várias ocasiões.

À amiga Cleziana Dias pela ajuda na reta final.

Agradeço pelo companheirismo e pela generosidade dos amigos de orientação Joseni, Cecília e Helder.

À Nanda, agradeço por partilhar um pouco da vida. Obrigada pelo cuidado com meu cabelo e pelas pias de louça que lavou por mim. Pelos abraços confortáveis nos difíceis

momentos que se coloram durante a pesquisa e de tantos outros em momentos de alegria que partilhamos.

À Renata Lopes agradeço pela amizade incansável em diferentes momentos desta travessia. Obrigada por ser tão transparente e pela força de sempre!

À prima Nequinha agradeço pelo cuidado e amor ao meu pai em um momento difícil.

À Tininha agradeço pela amizade, cumplicidade e alegria que tornam a caminhada mais leve e feliz.

À Marli e Edu agradeço pelo carinho e cuidado comigo em diversos momentos. Agradeço pelas comidas deliciosas e pelo jeito alegre e esperançoso de levar a vida.

À Agda e Arlete agradeço pelo carinho e orações.

À Vera Nogueira agradeço pela amizade e primeiras leituras. À Carminha (em nossos corações) pelos primeiros passos na pesquisa.

Agradeço às instituições Fundação Israel Pinheiro e Museu Casa de João Pinheiro e Israel Pinheiro, Academia Mineira de Letras, Rádio Inconfidência, Biblioteca da Assembléia Legislativa de Minas Gerais pela acolhida durante o levantamento de fontes.

Em especial, agradeço a Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa pela liberação de todas as imagens necessárias para a pesquisa. Um agradecimento especial ao Renan e ao Bernardo que me ajudaram em muitos momentos durante a seleção das imagens. Agradeço ao senhor Anísio e à Vilma, sempre muito carinhosos.

Agradeço aos funcionários da Biblioteca da FaE, Sérgio e Marli e aos funcionários do Programa de Pós-Graduação, Dani, Gilson e Rose pela atenção. Aos colegas do GEPHE pelo incentivo nessa caminhada.

À Capes pela bolsa de pesquisa.

Aos meus pais, por todo amor!

## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo compreender por meio de quais instrumentos- música, evocação de símbolos nacionais, difusão de valores cívico-patrióticos, entre outros- a Rádio Inconfidência de Minas Gerais pode ser identificada como *locus* de difusão da educação para a formação de uma identidade nacional, no período de 1936 a 1945. Na pesquisa, foram utilizadas como fontes principais os periódicos *Minas Gerais*, *Folha de Minas*, *Revista Alterosa*, *Revista Bello Horizonte* e *Revista do Ensino* e outros documentos emanados da esfera estatal. A organização dos dados foi feita, inicialmente, por meio da elaboração dos quadros da programação da Rádio Inconfidência no período em estudo, a partir dos quais foi possível identificar os programas, os organizadores, horários de transmissão e tempo de duração, e, em alguma medida, os conteúdos irradiados. Em seguida, os programas foram categorizados com base nas classificações de gênero e formato radiofônicos. Os referenciais teórico-metodológicos que nortearam a pesquisa foram compostos pelos estudos sobre imaginário social e representações políticas, com base em autores como Bronislaw Bazcko, Pierre Bourdieu e Eliana Regina de Freitas Dutra e Maria Helena Rolim Capelato. O estudo mostrou a dinâmica do mercado de aparelhos e do movimento artístico-cultural na cidade de Belo Horizonte, nos anos 1930 e 1940. Foi possível constatar que o governo de Minas buscou estabelecer contato com a população por meio de programas organizados pelas secretarias de Estado e de programas que se colocavam em favor do desenvolvimento econômico estadual. Igualmente verificou-se a presença de programas que se mostraram em consonância com a política nacionalista do governo Vargas, sobretudo, no que diz respeito à formação física, intelectual e moral de um novo homem brasileiro, tanto voltados para o público adulto quanto para o infantil.

Palavras-chave: Rádio Inconfidência. Educação. Identidade nacional.

## ABSTRACT

This study aimed to understand through which means - music, evoking National symbols, diffusion of civic and patriotic values, among others - the Radio Inconfidencia of Minas Gerais can be identified as education diffusion locus in the period 1936 -1945. In the survey were the main sources Periodicals *Minas Gerais*, *Folha de Minas*, *Revista Alterosa*, *Revista Bello Horizonte* and *Revista do Ensino* and other documents coming from state level. The organization of the data was initially made through the development of Radio Inconfidencia programming frameworks in the study period from which it was possible to identify the programs, organizers, broadcast schedules and duration. And to some extent the uploaded content. Then the programs were categorized based on ratings and genre radio format. The theoretical and methodological references who guided the research were composed of studies about popular imagination and political representation based on authors like Bronislaw Bazcko, Pierre Bourdieu, Eliana Regina de Freitas Dutra and Maria Helena Rolim Capelato. The study showed the dynamics of the gadgets market and the cultural artistic movement of Belo Horizonte in the 1930's and 1940's. It was found that the government of Minas tried to establish contact with the population through programs organized by the departments of State and programs that were placed in favor of the development economic of the State. We can also note the presence of programs that have been proven in accordance with the nationalist policy of the Vargas government, especially with regard to physical, intellectual and moral of another Brazilian man both facing the adult and children.

Key words: Radio Inconfidencia. Education. Nacional identify.



## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1- Conteúdos do programa Hora Educativa.....	155
Gráfico 2- Formação religiosa por modalidade da instituição de ensino.....	165

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1- Programação Geral da Rádio Inconfidência (1936-1945).....	96
Quadro 2- Programação Novembro- 1936.....	134
Quadro 3- Programação Dezembro- 1936.....	136

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1- Domicílios com rádio- Brasil.....	48
Tabela 2- Número total de programas por Gênero.....	105
Tabela 3- Gênero/Formato x Tempo total de irradiação diária- Novembro 1936.....	133

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Circuito da Comunicação- Rádio .....	20
Figura 2- Auditório da Rádio Guarani .....	39
Figura 3- Efigeninha Queiroz .....	40
Figura 4- Emilinha Borba .....	40
Figura 5- Dircinha Batista .....	40
Figura 6- Anúncio Leterre .....	45
Figura 8- Audição de jogo de futebol no exterior da loja Westinghouse em Belo Horizonte .....	47
Figura 7- Audição de notícias da II Guerra no exterior da loja Westinghouse em Belo Horizonte .....	47
Figura 9- Concentração do mercado de aparelhos de rádio no centro urbano de Belo Horizonte (1930-1940) .....	51
Figura 10- Anúncio Rádio Philco .....	52
Figura 11- Anúncio Rádio Pilot .....	54
Figura 12- Anúncio Rádio Pigmeu- Belmont .....	54
Figura 13- Anúncio Rádio e Refrigerador Crosley .....	54
Figura 14- Anúncio Rádios Westinghouse .....	56
Figura 15- Marcha Matador (Philips) .....	57
Figura 16- Organograma da Secretaria da Agricultura, Indústria, Comércio e Trabalho .....	65
Figura 17- Compadre Belarmino (ao centro), Ximango e Paia Roxa .....	76
Figura 18- Representação do programa Compadre Belarmino .....	76
Figura 19- Ensaio do Radioteatro da Rádio Inconfidência .....	109
Figura 20- Cédula de votação para o concurso de Natal .....	116
Figura 21- Representação dos gêneros musicais presentes na Rádio Inconfidência .....	139
Figura 22- Meninas na <i>Hora Infantil</i> .....	148
Figura 23- Crianças na <i>Hora Infantil</i> .....	148
Figura 24- Pianista e crianças na <i>Hora Infantil</i> .....	148
Figura 25- Dindinha Alegria e “meninas cantoras” .....	149
Figura 26- Crianças no concurso da <i>Hora Infantil</i> .....	172

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

ABE- Associação Brasileira de Educação

ALMG- Assembléia Legislativa de Minas Gerais

APM- Arquivo Público Mineiro

CBR- Confederação Brasileira de Radiodifusão.

CEDOC- Centro de Documentação, Memória e Pesquisa da Faculdade de  
Educação/UFMG

DEIP- Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda

DIP- Departamento de Imprensa e Propaganda

DNP- Departamento Nacional de Propaganda

DOP- Departamento Oficial de Publicidade

DPDC- Departamento de Propaganda de Difusão Cultural

MESP- Ministério da Educação e Saúde Pública

PRI-3- Prefixo da Rádio Inconfidência

RI- Rádio Inconfidência

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>O DESENVOLVIMENTO DAS COMUNICAÇÕES EM BELO HORIZONTE.....</b>	<b>32</b>
1.1 A estrada de ferro, o telégrafo e o telefone.....	33
1.2 Itinerários do rádio em Belo Horizonte.....	37
1.3 O mercado dos aparelhos.....	43
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>A CRIAÇÃO DA RÁDIO INCONFIDÊNCIA E O PROJETO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO ESTADO.....</b>	<b>58</b>
2.1 A inauguração da Rádio Inconfidência e o cenário econômico de Minas.....	59
2.2 Para orientar o homem do campo: <i>Hora do Fazendeiro</i> .....	67
2.3 A memória da Inconfidência.....	77
2.4 A percepção dos ouvintes.....	81
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>A PROPOSTA EDUCATIVA DA ESTAÇÃO OFICIAL MINEIRA: uma visão panorâmica sobre a programação.....</b>	<b>85</b>
3.1 Interesses em disputa: a radiodifusão educativa <i>versus</i> a radiodifusão comercial.....	92
3.2 A organização estrutural da programação da Rádio Inconfidência.....	95
<b>CAPÍTULO 4</b>	
<b>A EDIFICAÇÃO DO CORPO CÍVICO: Moral, Físico e Intelectual.....</b>	<b>118</b>
4.1 Para “bem servir à saúde do povo”: <i>Aula de Ginástica e Hora de Higiene e Saúde Pública</i> .....	123
4.2 Para tratar de “problemas da classe operária”: <i>Hora do Operário</i> .....	127
4.3 “Uma obra de propaganda cultural”: <i>Hora Italiana</i> .....	130
4.4 “Na variedade dos ritmos, na harmonia do conjunto: todos os gêneros de música no microfone da Rádio Inconfidência”.....	132
4.4.1 Para “servir e elevar o gosto artístico do público ouvinte”: <i>Nos domínios da Música e Hora de evocação dos grandes mestres</i> .....	139
4.4.2 Para “espalhar todos os nossos genuínos ritmos”: <i>Ritmos do Brasil e Quadros do Brasil</i> .....	142

**CAPÍTULO 5**

<b>DA ESCOLA PARA O RÁDIO: os auditórios escolares da Rádio Inconfidência ....</b>	<b>146</b>
5.1 <i>Hora Educativa</i> a serviço da nação.....	154
5.1.1 Folclore e formação estética e civilizatória .....	156
5.1.2 Patriotismo, civismo e formação religiosa .....	159
5.2 Formação moral .....	166
5.3 Formação escolar e formação histórica .....	168
5.4 A orientação educacional em Minas Gerais nos anos 1930 e suas implicações para os programas educativos infantis da Rádio Inconfidência .....	175
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>186</b>
<b>7 FONTES .....</b>	<b>188</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>191</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>204</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>216</b>

## INTRODUÇÃO

Carneirinho, carneirão- neirão- neirão  
Olhai pro céu, olhai pro chão, pro chão  
Manda o Rei, Nosso Senhor, Senhor, Senhor  
Para todos se ajoelhar

Os versos acima são parte de uma canção popular existente na tradição oral brasileira. A escolha dessa canção para inaugurar estas páginas se refere aos diferentes modos utilizados durante o governo Vargas para provocar o sentimento de pertencimento à coletividade e de prescrever outros modos para integrar a multifacetada e miscigenada população ao projeto de Estado-nação. A música folclórica foi, naquele tempo, uma das portas de entrada para a busca de uma suposta “verdadeira” identidade brasileira, ao mesmo tempo em que passou por uma ressignificação estética com arranjos eruditos, muitos deles realizados pelo músico Heitor Villa-lobos. É a partir dessas premissas que este trabalho procura compreender por meio de quais instrumentos - música, evocação de símbolos nacionais, civismo e patriotismo – a Rádio Inconfidência de Minas Gerais pode ser compreendida como *locus* de difusão da educação para a formação de uma identidade nacional entre os anos 1936 a 1945. Essa emissora foi criada em 1936 pelo governo do estado com o pressuposto de estabelecer ligação entre a capital mineira e o interior, servindo como meio de propaganda, educação, cultura e de promoção da economia do estado.

As principais questões que norteiam a pesquisa se organizam em torno da “... finalidade e orientação intelectual e instructiva” da emissora oficial do Estado de Minas Gerais, já apresentadas em seu decreto de criação (Decreto 921, de 26 de junho de 1936). Os pontos que nos permitem considerar a Rádio Inconfidência como uma instância educativa se dão pela determinação legal da radiodifusão no Brasil no período em estudo, uma vez que as concessões feitas pelo Governo Federal buscavam assegurar a irradiação de conteúdos educativos. Além disso, a literatura sobre o rádio em Minas, na maioria das vezes, apresenta a questão educativa e cultural da emissora oficial como uma característica importante em seus primeiros anos de atividade<sup>1</sup>. No entanto, os estudos, embora relevantes para compreender o papel da emissora na ligação entre a capital e o interior, não revelam com mais detalhes de que teor seria essa educação, quais os seus objetivos, quem

---

<sup>1</sup>Ver, entre outros, Campelo (2010); Guimarães (2014); Martins (1999).

orientava e produzia os programas e qual a sua importância no contexto nacional de criação de outras emissoras. Desse modo, tornou-se pertinente tomar essas questões como bases orientadoras para esta investigação.

O marco inicial da pesquisa se justifica pelo início da atividade da emissora, enquanto o marco final, essencialmente político, se justifica por encerrar o período do Estado Novo. Esse período é referido na historiografia brasileira<sup>2</sup> pela extinção dos direitos políticos (fim dos partidos, interrupção das eleições), intensificação da censura e controle dos meios de comunicação (livros, revistas, rádio) e das produções artísticas (música, teatro, cinema).

Apesar de o Estado Novo ter sido instituído em 10 de novembro de 1937, a centralização dos aparelhos de Estado e medidas do governo com a intenção de gerir as instâncias sociais se iniciaram tão logo Getúlio Vargas assumiu o governo em 1930. Já naquele momento foram criados órgãos com a finalidade de regular instâncias importantes da organização social, tais como o Ministério da Educação e Saúde Pública, o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e o Departamento Oficial de Publicidade, que passou por sucessivas reorganizações até a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), no ano de 1939.

Embora haja uma vasta bibliografia sobre a Era Vargas (1930-1945) no Brasil, foram privilegiados os estudos que buscaram problematizar as relações entre rádio, educação e formação de identidades nacionais<sup>3</sup>. Assim, trabalhos como o de Patrícia Coelho da Costa (2012), de Renato de Souza Porto Gilioli (2008) e de Othon Jambeiro *et al* (2004) mostraram como a questão da identidade e da cultura nacionais estavam presentes na orientação da radiodifusão nos anos 1930 e 1940. Sobre o rádio repousava a crença de estabelecer os “laços da nacionalidade”, uma vez que a amplitude territorial do Brasil e a ausência da educação para parte considerável da população eram tidos como problemas a serem enfrentados para unir e desenvolver sócio e culturalmente a nação.

---

<sup>2</sup> Ver entre outros, os estudos de Carone (1976a, 1976b).

<sup>3</sup> Para realizar o levantamento dos diversos trabalhos fez-se consulta online ao banco de teses e dissertações da USP, banco de dados da Capes e Scielo e sistema online de bibliotecas da UFMG e da PUC Minas. Foi também utilizado o levantamento do Intercom- Grupo de Pesquisa sobre Rádio e Mídia Sonora, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Nair Prata, do curso de Jornalismo da UFOP.

A historiografia sobre a Era Vargas é composta por pesquisas que buscaram produzir olhares sob primas mais amplos do contexto nacional. Algumas abordam temas como a educação e a cultura no ministério Capanema (SCHWARTZMAN *et al*, 1984), o trabalhismo (GOMES, 1988), proximidades e distanciamentos com o fascismo europeu (OLIVEIRA, VELLOSO E GOMES, 1982), a presença da Igreja e dos militares no projeto educacional (HORTA, 1994), a presença do discurso religioso para fundamentar o poder político (LENHARO, 1986), a propaganda política no Brasil de Vargas (e na Argentina de Peron) (CAPELATO, 1998) e uma coleção de artigos que abarcaram o projeto nacionalizante em vários aspectos (PANDOLFI, 1999). Outras se debruçam sobre objetos particulares, como, por exemplo, a educação física (LIMA, 1980), a Juventude Brasileira (PEREIRA, 1999), a educação em Minas Gerais (PEIXOTO, 2003), as festas escolares (VAZ, 2006), entre outros. Como pontos de interseção, todos esses trabalhos mostram, em maior ou menor grau, como questões em torno da educação, dos meios de comunicação, da cultura, da arte, da saúde, da religião, da “raça” e do trabalho integraram a política do governo Vargas como tentativa de conduzir o processo de formação de uma nacionalidade una e coesa.

A necessidade de estudar o rádio em interface com a educação se revela por se ter verificado algumas lacunas no que diz respeito aos estudos sobre a radiodifusão educativa, sobretudo em Minas Gerais. Alguns trabalhos contemplam a questão da educação e da cultura pelo rádio em estados como Rio de Janeiro e São Paulo, atentando-se à temática a partir dos projetos de Roquette-Pinto e de outros intelectuais que tiveram especial atenção à radiodifusão educativa no Brasil (GILIOLI, 2008; COSTA, 2012; SILVA, 2015 ). Em Minas Gerais o professor Newton Dângelo, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) desenvolveu alguns estudos relacionados à educação e à cultura popular urbana por meio do rádio em Uberlândia, cobrindo considerável temporalidade do século XX<sup>4</sup>. No entanto, não foram identificadas outras pesquisas que contemplassem a temática de maneira mais aprofundada em Minas Gerais.

O período em estudo é marcado por intenso investimento do poder público nos meios de comunicação (rádio, revistas, jornais), na educação e no uso de elementos discursivos que reforçam valores e práticas na defesa da coesão nacional por meio desses instrumentos. Durante o Governo Vargas, a assimilação dos três tipos raciais, a valorização do rural e do urbano, o movimento em torno da música popular e da música erudita,

---

<sup>4</sup> Conf. Dângelo (1994, 1998, 2000, 2012)



denotam a assimilação de diferentes vetores culturais então existentes. O patriotismo, o civismo, a moral religiosa (sobretudo cristã católica) integram o imaginário social, e são dotados de sentido que permitem que o povo o aceite e o assimile em seu universo cultural.

O debate em torno da formação de uma nacionalidade brasileira já havia ganhado destaque nas primeiras décadas do século XX, ante um momento de grandes transformações da sociedade, sobretudo com o fim da escravidão e a mudança do regime político no final do século XIX. Nos anos que se seguiram, abriram-se projeções em torno dos projetos de cidadania, igualdade e modernidade em um momento que se fazia necessário estabelecer um novo tipo de relação entre o Estado e a sociedade<sup>5</sup>. Nos anos 1920, o movimento modernista, que teve sua culminância com a Semana de Arte Moderna de 1922, assinalava a busca pela identidade brasileira ao mesmo tempo em que se projetava na vanguarda europeia como modelo para produzir suas manifestações artísticas. Em contraposição, o movimento regionalista-tradicionalista se posicionava em favor do desenraizamento da cultura europeia, enfatizando o resgate da realidade nacional. Tal vertente se distanciou das teorias e matrizes ideológicas europeias, difundidas no Brasil no final do XIX, como por exemplo, o darwinismo social, o evolucionismo, o cientificismo, que acabavam por determinar nossa condenação ao atraso. A vertente culturalista que se deu, sobretudo, com a publicação de *Casa Grande & Senzala*, por Gilberto Freyre possibilitou novo ordenamento da identidade brasileira no qual a miscigenação passou a ser vista como aspecto positivo na formação da sociedade. Durante o Estado Novo, disputas em torno da questão da identidade nacional tornaram-se ainda mais intensas.

O caráter autoritário da política estadonovista acabou por legitimar representações políticas do povo brasileiro. Essas representações, por sua vez, passaram a intervir no imaginário social na tentativa de coadunar as diferenças da sociedade no projeto de uma nacionalidade coesa. É com essas preocupações que os conceitos de “Representações políticas” e de “Imaginário Social” foram tomados como referencial teórico-metodológico para a análise do estabelecimento de valores a serem partilhados no território da nação.

De acordo com Bronislaw Baczko (1985),

Os imaginários sociais constituem outros tantos pontos de referência no vasto sistema simbólico que qualquer coletividade produz e através da qual, ela se percebe, divide e elabora os seus próprios objetivos. É assim que através dos imaginários sociais, uma coletividade designa a sua

---

<sup>5</sup> Conf. Schwarcz (2012) e Gomes (2013)

identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de “bom comportamento, designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do chefe, o do bom súdito. Assim, é produzida uma representação global e totalizante da sociedade como uma ordem em que cada elemento encontre o seu lugar, a sua identidade e a sua razão de ser (BACZKO, 1985, p. 309).

Para o autor, o imaginário social é uma das forças reguladoras da vida coletiva. Mais do que indicar os indivíduos que pertencem à mesma sociedade, as referências simbólicas definem os meios inteligíveis das relações dos indivíduos com a sociedade, com as divisões internas e as instituições sociais. Bazcko ainda ressalta a abrangência dos meios de comunicação de massa como responsáveis por amplificar as funções performativas dos discursos difundidos e dos imaginários sociais que eles veiculam, a que se deve a formação da cultura de massa e as relações complexas entre informação e imaginação. Avalia também os sistemas em que o Estado se apoderou da emissão de informação, em que é fácil exercer censura, supressão de informação indesejável e salienta que o *mass media* fabricam os imaginários sociais. Nesse sentido, é relevante apreender o papel fundamental que o rádio desempenhava no período em estudo como um instrumento importante na ressonância de referências nacionais existentes, bem como elaboração de outras no “Imaginário Social”, a partir das quais os indivíduos erigiam os sentimentos de identidade, as representações de si e o pertencimento na coletividade. Alcir Lenharo (1986) afirma que o “rádio permitia uma encenação de caráter simbólico e envolvente, estratégias de ilusão participativa e de criação de um imaginário homogêneo de comunidade nacional” (LENHARO, 1986, p. 40)<sup>6</sup>. Portanto, o imaginário é o domínio onde são produzidos e/ou

---

<sup>6</sup> Lenharo afirma que Hitler apregoava a necessidade da propaganda ser popular e de se equiparar ao nível intelectual dos mais ignorantes entre aqueles a quem ela era dirigida. Para esse autor, o Estado Novo parecia acompanhar as estratégias de Hitler. Ortriwano (1985) relata que o rádio foi utilizado como instrumento de divulgação de ideologia de grupo, durante o III Reich pelo ministro Paul Joseph Goebbels, que chegou a afirmar que Hitler seria inconcebível sem o rádio. A autora conclui que Getúlio Vargas o adotou para disseminar sua política. Capelato (1998) relata o aumento do número de aparelhos vendidos na Alemanha nazista e estabelece contraponto com a Itália fascista, em que a imprensa escrita era mais utilizada pelo regime do que o rádio. Igualmente, o rádio foi usado contra o fûrer, conforme o fez Thomas Mann, por meio de discursos aos seus compatriotas, na tentativa de conscientizar o povo alemão sobre o que se passava. *Ouvintes Alemães!: Discursos contra Hitler (1940-1945)* (2009) traz os discursos proferidos ao povo alemão por meio do rádio, pelo romancista, então radicado nos Estados Unidos. Os textos que compõem o livro se referem aos discursos transmitidos mensalmente no período entre os anos de 1940 e 1945. Para se fazer ouvir na Alemanha e nos países circunvizinhos, Mann emitia textos telegrafados para Londres, onde eram lidos por um funcionário da BBC (British Broadcasting Corporation) que falasse alemão. Depois, Mann passou a gravar as mensagens no Recording Department da NBC (National Broadcasting Company) em Los Angeles, de onde eram enviadas para Nova York por via aérea e transmitida por telefone para outra gravação em Londres, onde era executada ao microfone. Assim, o rádio rompia as fronteiras, mesmo diante da restrição do

inculcados os referenciais comuns da nação brasileira necessários para o estabelecimento de uma política com forte apelo nacionalista. De acordo com Baczko, não há uma imposição total do imaginário, portanto, é necessário o reconhecimento da população em relação aos valores propostos pelo grupo detentor de poder.

Por sua vez, o conceito de representações políticas foi tomado a partir do estudo de Pierre Bourdieu (1989) estabelecendo um diálogo feito no campo da História por Maria Helena R. Capelato e Eliana R. Freitas Dutra (2000).

Ao tomar por bases alguns estudos situados no terreno da Política (Marin), da Filosofia Política (Claude Lefort, Castoriadis), da História da Arte (Erwin Panofsky), da Sociologia (Bourdieu), da História Cultural (Chartier) as autoras defendem que as representações como “imagens mentais e como manifestações sociais destinadas a manipular as imagens mentais” (referenciando Bourdieu) impõem, legitimam ou transformam uma visão de mundo.

Nesse sentido, é possível tecer algumas considerações em relação ao trato com os meios de comunicação. Se considerarmos os meios de comunicação (e mais precisamente o rádio) como uma via utilizada pelo poder político para difundir as representações por ele formuladas, eles agem como “instrumentos de percepção e de expressão do mundo social” (BOURDIEU, 1989, p.165) em que também se deve levar em conta a disponibilidade e as condições de acesso da população a esses instrumentos. Ou seja, o poder político, na qualidade de instrumento simbólico de dominação, se utiliza desses meios para a construção/difusão de representações, por sua vez, constituídas por imagens simbólicas.

Na Rádio Inconfidência o uso de representações políticas para a elaboração ou fortalecimento de um imaginário sobre a nação pode ser percebido nos objetivos que conduziam a elaboração de alguns dos programas. É, portanto, sob a égide de uma educação, entendida como integral, nos moldes como enfatizou José Silvério Baía Horta (1994), que se organizaram programas de higiene e saúde, ginástica e programas musicais que propagavam tanto elementos folclóricos nacionais, quanto enfatizaram a cultura erudita européia. Esses conteúdos foram tomados como parte do projeto varguista de formar o novo homem brasileiro, legitimando, por um lado, representações construídas do povo como ignorante, amorfo, fraco, atrasado, e de outro, formulando outras buscando

---

tipo de aparelho que o povo alemão podia ter- o receptor de ondas longas. Essa característica dos aparelhos não permitia a recepção de longos alcances, o que inviabilizava as transmissões diretas dos Estados Unidos, justificando assim esses cuidados para que a mensagem chegasse a seu destino.

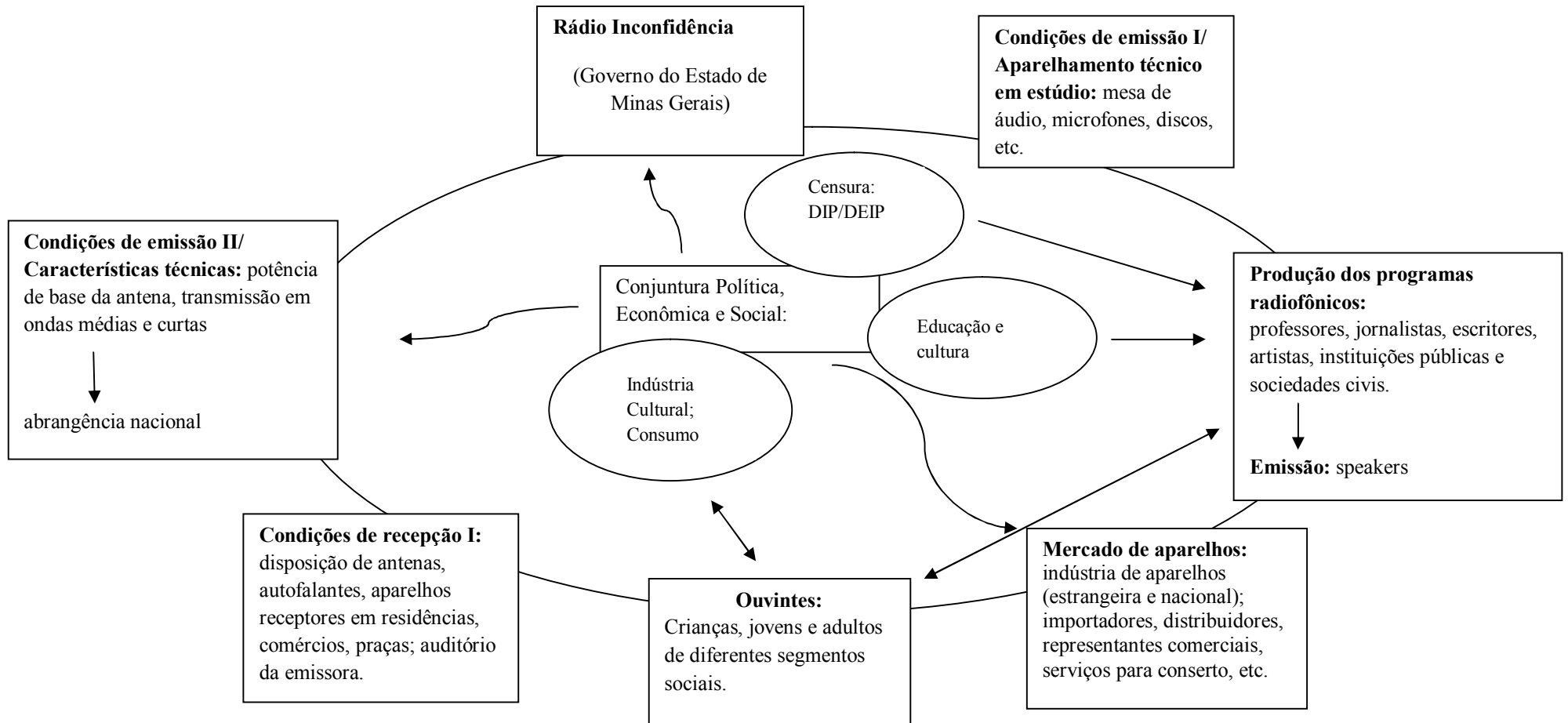
revitalizá-lo: forte, trabalhador, sadio e robusto. A intenção do governo era não só construir novas representações sobre o povo, mas propor meios para transformá-las como nova realidade nacional.

Além dos conceitos de imaginários sociais e de representações políticas, também foram mobilizadas, na pesquisa, as ideias propostas por Robert Darnton (1990, p.112) para compreender o circuito de produção, circulação e consumo do livro na perspectiva histórica. Com a intenção de compreender a produção e a difusão de programas radiofônicos, como base no referido autor, elaboramos o diagrama abaixo, que destaca as condições técnicas que permitem o processo de transmissão- recepção, os sujeitos envolvidos e a conjuntura econômica, política e social que acabaram por conduzir, influenciar ou ainda gerar dissonâncias na produção radiofônica no período em questão<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Tomei como base as informações sobre a Rádio Inconfidência, no entanto o circuito poderá ser aplicado para outras emissoras em outros contextos.

**Figura 1-** Circuito da Comunicação- Rádio



Fonte: Elaborado pela autora

Apesar da proximidade de alguns elementos existentes entre o circuito dos livros e o circuito do rádio, é importante notar que esse último apresenta outros elementos que influenciam a recepção do ouvinte, sejam as condições técnicas de emissão-recepção, sejam os elementos da oralidade como voz e entonação do emissor. O circuito pretende mostrar que as condições de emissão, as condições de recepção e os aparatos tecnológicos envolvidos podem impactar (e impactam) o processo de assimilação do conteúdo irradiado pelos sujeitos ouvintes. Se há um sentido para que determinado conteúdo seja conduzido para um determinado público, o caminho percorrido para o alcance desse público está sujeito a interferências/intercepções e às escolhas dos próprios sujeitos. Escolhas essas que podem variar de acordo com seus interesses próprios, com seu nível cultural e com a identificação com o programa. Por esse motivo, evitei ao longo do trabalho, referir ao público ouvinte como massa, como é feito algumas vezes, quando da explicitação dos objetivos de um ou outro programa da emissora. O termo “massa” relaciona-se ao conceito de indústria cultural utilizado fundamentalmente a partir da Escola de Frankfurt e pressupõe a dominação e a homogeneização das “produções culturais” sobre seu público, produzindo um processo de alheamento, sem reflexão e absorção do que lhe é imposto (ADORNO, 1975).

Esse entendimento sinaliza para a necessidade de considerar que há, na verdade, um ciclo de relações interdependentes entre os sujeitos (população, políticos, intelectuais) e as instâncias políticas e sociais (Estado, instituições de comunicação públicas e privadas, instituições educacionais, etc) nos quais esses sujeitos estão inseridos. A relação entre os sujeitos e tais instâncias deve ser entendida como uma via de mão dupla, na qual todas as esferas envolvidas influenciam e são influenciadas, em maior ou menor grau. Assim, é necessário tomar a sociedade como esfera pública que também impõe demandas e não apenas absorve imposições. Ao tomarmos por base a mídia radiofônica, ao mesmo tempo em que o grupo detentor de poder pretende inculcar certos valores, a audiência é peça fundamental para regular e demonstrar a aceitação por parte do público ouvinte da programação veiculada. Mesmo sem termos dados para avaliar a recepção dos ouvintes, os reconhecemos como sujeitos ativos na relação entre produção e recepção radiofônica.

É imprescindível dizer, no entanto, que, dadas as limitações das fontes desta pesquisa, não foi possível identificar e compreender todos os elementos reconhecidos no circuito, como também não se pode apreender a recepção dos ouvintes, nos limitando à análise dos programas do ponto de vista prescritivo, considerando que se trata de uma

emissora de rádio oficial do Estado de Minas Gerais em um contexto de centralização política empenhada pelo governo de Getúlio Vargas. Assim sendo, a análise privilegiou o item “Produção dos programas radiofônicos” do circuito acima, embora ao longo do texto, os demais aspectos e condições também sejam tratados. No que diz respeito aos ouvintes, vale lembrar que a apreensão do ouvinte, principalmente no que diz respeito aos conteúdos educativo-culturais, pode ou não ter alcançado resultados tal e qual a proposta do programa.

O *corpus* documental da pesquisa é composto por fontes de natureza diversa, entre as quais se destacam documentos emanados da esfera do Estado e principalmente por um variado conjunto de periódicos como o jornal oficial do Estado- o *Minas Gerais*; o jornal *Folha de Minas*, as *Revistas Alterosa e Bello Horizonte* e a *Revista do Ensino*. A utilização da imprensa periódica como fonte para um estudo sobre o rádio exige algumas considerações a respeito do trabalho teórico-metodológico. A primeira consideração se refere ao fato de o conteúdo transmitido oralmente ter sido, em alguns casos, publicados na imprensa escrita. Esse material, na medida em que se constitui em uma versão escrita do conteúdo falado ao microfone é o que tem possibilitado a realização de estudos sobre o rádio em momentos em que a tecnologia disponível não possibilitava o armazenamento das gravações. O alto custo do material e a consequente reutilização de fitas também devem ser considerados para explicar a ausência de material sonoro (VIDAL; COSTA, 2011). Uma segunda consideração diz respeito à característica de a imprensa escrita poder ser tomada como testemunha do cotidiano. Para tanto não se deve desconsiderar o seu papel como produto de posições políticas e doutrinárias de diferentes grupos sociais. É com preocupações dessa natureza que feições de ordem subjetiva como a identificação do grupo responsável pela linha editorial do jornal, as relações por ele estabelecidas com diferentes poderes e interesses financeiros; a identificação dos principais colaboradores, do público e as fontes de receita devem ser tratados ao trabalhar com esse tipo de fonte. Os aspectos da materialidade do periódico (tipo de papel, organização dos conteúdos periodicidade; presença/ausência de iconografia) também devem ser observados (LUCA, 2008). Com base nesses pressupostos, explicitamos as características dos periódicos utilizados e como foram organizados os dados neles contidos para este trabalho.

A escolha dos jornais *Minas Gerais* e *Folha de Minas* se deu por serem publicações diárias em que eram dedicadas seções ao rádio em Minas; por terem a coleção praticamente completa nos anos que compõem o período estudado e possuírem formatos e

conteúdos diferentes sobre a radiofonia mineira. Essas condições permitiram compor dados mais completos das atividades empenhadas pela emissora oficial e com visões que se diferenciam em alguns pontos.

O *Minas Gerais*<sup>8</sup> é um órgão oficial do Governo de Minas e se constitui em um meio de comunicação do poder executivo estadual. Na época em estudo era composto por seções que enfatizavam as ações governamentais e de suas várias secretarias, prestação de contas, notícias dos conflitos mundiais e poucos anúncios. Também publicava uma seção chamada “Artes e diversões”, na qual trazia a programação da Rádio Inconfidência e em alguns momentos, da Rádio Mineira e da Rádio Guarani, contemplando algumas informações sobre elas. Essa coluna, localizada geralmente nas últimas páginas, dedicava-se às atividades culturais de Belo Horizonte, a exemplo do teatro, do cinema, da música e do próprio rádio. Na parte que se dedicava ao rádio, além da programação diária da Rádio Inconfidência, eram publicados pequenos textos informativos a respeito do que era transmitido, sobre os artistas e os programas. A seção “Pelo Ensino”<sup>9</sup> publicou os roteiros do programa *Hora Educativa* nos primeiros meses de atividade da Rádio. Posteriormente, esse conteúdo passou a compor a seção “Artes e Diversões”, em um subtópico denominado “Secção Educativa da Rádio Inconfidência”. A publicação desse subtópico concentrou-se no ano de 1937, e aparece bem esparsamente nas edições dos anos seguintes. Verifica-se também que a publicação dos textos informativos sobre os demais programas e sobre os artistas também diminuíram consideravelmente, aparecendo em momentos de inauguração de novos programas ou de comemoração de aniversário de alguns deles. A importância desse periódico para este trabalho se dá por emitir informações e pareceres da programação do ponto de vista oficial do Estado, o que nos permite perceber as possíveis intencionalidades do poder público na veiculação de tais conteúdos. Para tanto, foram selecionadas todas as edições que compreendem o marco temporal desta pesquisa, o que

---

<sup>8</sup> Utilizei a coleção do jornal *Minas Gerais* localizada na Biblioteca da Assembléia Legislativa de Minas Gerais.

<sup>9</sup> A seção “Pelo Ensino” dedicava-se à publicação de conteúdos sobre a educação no estado, abrangendo instituições de diferentes níveis de ensino. Peixoto (2003) informa que essa seção era destinada aos profissionais da educação para a publicação de relatos das atividades realizadas no sistema escolar, sobretudo das atividades escolanovistas. Segundo a autora, esse espaço ainda era uma forma de o Estado garantir o estímulo indispensável para a produção de conteúdos educacionais e o reconhecimento pelo trabalho desenvolvido pelo professor.



resultou em um número aproximado de 2.800 edições, considerando que o jornal era publicado de terça a domingo<sup>10</sup>.

Por sua vez, o periódico *Folha de Minas* também se mostrou de relevância para este estudo, na medida em que trazia outras informações não noticiadas pelo oficial, como por exemplo, o organizador responsável de um determinado programa, os artistas que estreavam ou que deixavam a emissora, comentários e críticas sobre as irradiações etc. Esse periódico publicava as atividades culturais da cidade, no entanto apresentava uma coluna exclusiva para o rádio, denominada “Está no ar” ou “O que está no ar”, sobretudo nos três primeiros anos analisados. O periódico era composto por 12 páginas, com publicação de terça a domingo e contava com o Suplemento Literário, nas edições de domingo, somando de 20 a 24 páginas nessas edições. A partir de outubro de 1939, parece haver um redimensionamento do jornal, surgindo edições de 10, 8 ou 6 páginas durante a semana e de 12 e 16 páginas aos domingos. A partir desse momento, a seção “Está no ar” apareceu mais esparsamente nas edições do *Folha de Minas*, chegando a se ausentar completamente do jornal nos período entre maio e finais de julho de 1940. Nesse último mês, surge uma nova seção denominada “MÚSICA- THEATRO- RÁDIO” dedicada à publicação de crônicas e notícias sobre esses movimentos culturais de Belo Horizonte, em um formato bem próximo ao da coluna “Está no ar”. A seção era composta por um subtópico denominado “Notícias”, no qual consta a publicação de notas sobre as atividades do rádio (os programas, os artistas, as emissoras), da música e do teatro; por uma subseção também voltada para crônicas sobre essas atividades ou de textos informativos sobre os artistas e sobre suas apresentações. Essa seção trazia a programação da Inconfidência e das demais emissoras, porém com maior destaque aos artistas e à programação musical das três emissoras belorizontinas, contemplando, em algumas ocasiões, os acontecimentos do rádio do interior de Minas e principalmente do Rio de Janeiro e de São Paulo. Esse conteúdo era organizado por meio de notas rápidas em uma subseção denominada “Novidades radiophônicas/o que vae pelos estúdios”. Em algumas ocasiões eram publicadas entrevistas com os artistas ou os sujeitos que figuravam no meio, além de trazer crônicas sobre o mundo radiofônico e sobre a música. A pesquisa partiu das mesmas premissas do *Minas*

---

<sup>10</sup> Em alguns momentos, notou-se que a publicação diária da programação da Rádio Inconfidência se tornou mais esparsa. Em 1941, do mês de junho a agosto, a parte dedicada ao Rádio consta apenas na edição de 20 de julho, apesar de permanecerem as partes dedicadas ao cinema, ao teatro e à música. Nos anos seguintes, a programação continuou a aparecer no *Minas Gerais*, apesar de se ausentar em alguns momentos.

*Gerais*, ou seja, da seleção diária dos conteúdos dedicados ao Rádio. Assim, o *corpus* documental é constituído também por um número de aproximadamente 2800 edições.

De acordo com Linhares, o *Folha de Minas* poderia ser considerado um órgão oficioso, “refletindo o pensamento político dos governos que se sucedem” (LINHARES, 1995, p. 320). Esse caráter também contribuiu para aproximarmos as informações sobre a Rádio Inconfidência das informações contidas no jornal oficial. Apesar disso, o *Folha de Minas* constitui em uma visão não oficial e revela, por vezes, críticas à programação da emissora. Esse periódico também oferece fotografias e ilustrações referentes à Rádio Inconfidência e um sem número de anúncios de lojas, distribuidores e importadores de aparelhos de rádio, o que nos permitiu reconstituir parte do cenário urbano movimentado pela atividade radiofônica em Belo Horizonte, de meados dos anos 1930 a meados dos anos 1940.

As revistas *Alterosa* e *Bello Horizonte* também foram utilizadas nesta pesquisa mostrando-se também relevantes para compor as informações sobre a Rádio Inconfidência. A *Alterosa* apresentava um conteúdo variado: “história, geografia, sociais, variedades, literatura, biografia, curiosidades, rádio, cinema, humorismo, modas, esportes, trabalhos femininos, bibliografia, artes, páginas infantis, receitas úteis” (LINHARES, 1995, p. 374), além de reportagens sobre a economia e a política em Minas. A seção dedicada ao rádio era composta por uma seção denominada “Antena”, em que se constataram notas sobre o que acontecia nas emissoras. Foram selecionadas as edições que compõem o período de estudo a partir da primeira publicação da revista, em agosto de 1939, a dezembro de 1945, totalizando 68 números<sup>11</sup>. Nelas, também conseguimos selecionar alguns conteúdos sobre a programação da Rádio Inconfidência, incluindo reportagens sobre alguns programas, fotografias e ilustrações.

A *Revista Belo Horizonte*<sup>12</sup> era um periódico mensal que também oferecia aos leitores conteúdo variado: contos, notícias da sociedade, política e economia, crônicas literárias e poesias, seção feminina, variedades. Sobre o rádio, a revista trazia uma seção com a publicação de notas esparsas e às vezes reportagens sobre artistas, bem como publicação de textos de teor geral sobre a diversidade de programas oferecida pelas emissoras. Os conteúdos voltados ao rádio não estão localizados em seções fixas, na

---

<sup>11</sup> Alguns números da *Alterosa* encontram-se disponíveis *online* no *site* do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH). Dos números disponíveis, 15 deles compõem o período delimitado para esta pesquisa. Os números faltantes foram completados pela coleção da Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa.

<sup>12</sup> A *Revista Bello Horizonte* foi localizada apenas por meio do *site* do APCBH.

medida em que não apareceram em todas as edições consultadas e não configuram uma parte definida sobre a radiodifusão. Somente em 1944 é que se verificou a seção “Está no ar”, mesmo nome dado para as notícias sobre Rádio no jornal *Folha de Minas* no período entre 1936 e 1939. As edições apresentavam variado número de páginas, geralmente entre 50 e 80, apesar de existirem edições com mais de 120 páginas. Desse periódico foram consultados 29 números, sendo três números correspondentes a 1936, cinco números a 1937, dois números a 1938, seis números a 1939, oito números a 1940, um número a 1943, três números a 1944, um número a 1945.

Por fim, foram utilizados três volumes da Revista do Ensino, nos quais se identificou a publicação de um programa, uma palestra e uma conferência irradiados na *Hora Educativa* da Rádio Inconfidência. De acordo com Maurilane de Souza Biccias (2008), a Revista do Ensino<sup>13</sup>

pode ser considerada como o impresso pedagógico oficial mais representativo da história da educação mineira, não só pelo seu longo ciclo de vida, mas pelo papel significativo no processo de formação de professores e de conformação do campo educacional mineiro (BICCAS, 2008, p.15).

Somam-se a esses documentos um conjunto de legislações sobre a radiodifusão, no qual se destacam os decretos de criação de emissoras de rádio e de regulamentação da atividade radiofônica no Brasil, abrangendo, inclusive, os anos anteriores ao período em estudo, a partir de 1930. um relatório expedido pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, referente ao ano de 1937<sup>14</sup>; um relatório da Secretaria da Agricultura, Indústria, Comércio e Trabalho, publicado em 1937<sup>15</sup>; um relatório da Diretoria Geral dos Correios e Telégrafos referente ao ano de 1936, cedido pelo Museu dos Correios de Brasília/DF; um volume dos Anais da Assembléia Legislativa de Minas Gerais (ALMG) referente ao ano de 1937<sup>16</sup>. No Arquivo Público Mineiro (APM) foram localizados dois relatórios/mensagens apresentados pelo governador Benedito Valadares à ALMG, nos anos de 1935 e 1936, respectivamente, e um conjunto documental pertencente ao Fundo da Secretaria de Agricultura, Viação e Obras públicas, em que constam documentos referentes às obras de instalação da Rádio Inconfidência, iniciadas em 1935.

---

<sup>13</sup>Os números consultados foram localizados no acervo do CEDOC-FaE/UFMG.

<sup>14</sup>Esse documento foi localizado no acervo “Mineiriana”, da Biblioteca da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG.

<sup>15</sup> Esse documento foi localizado no acervo do Museu Casa João Pinheiro e Israel Pinheiro, em Caeté-MG.

<sup>16</sup> O acesso à legislação foi feito por meio do *site* da Câmara dos Deputados.

A organização dos dados foi feita por meio da elaboração dos quadros da programação irradiada a partir de meados de outubro de 1936, momento em que aparece publicada a programação diária nos periódicos *Minas Gerais* e *Folha de Minas*. A organização desses dados permitiu identificar os programas, examinar a periodicidade deles no decorrer da semana, os horários em que eram transmitidos, o tempo de duração, bem como a continuidade e interrupção de alguns deles no decorrer dos anos no qual se concentra este estudo. Ainda que o marco final se justifique pelo fim do Estado Novo, em outubro de 1945, os dados construídos nesta pesquisa incluem os meses finais desse ano, pois as rupturas políticas nem sempre configuram imediatamente as rupturas da ordem social.

Esses dados possibilitaram compreender a estrutura e a organização dos programas e interpretar a importância que um determinado conteúdo assumia na grade. A leitura das fontes a respeito dos programas permitiu, em grande parte, identificar as suas propostas e o organizador responsável, possibilitando também algumas inferências e/ou conclusões acerca do público para o qual se voltava. Por seu turno as imagens colhidas permitiram conhecer alguns aspectos das irradiações bem como as características dos sujeitos envolvidos na produção dos programas. As informações obtidas permitiram atribuir categorias aos programas com o intento de identificar os gêneros e os formatos radiofônicos existentes na programação da Rádio Inconfidência, tendo por base o estudo realizado por André Barbosa Filho (2009), situado no campo da Comunicação. Nesse processo, identificamos e focalizamos particularmente os programas educativo-culturais, e os analisamos em seus entrelaçamentos com outras dimensões da realidade social do período.

Barbosa Filho (2009) afirma que os gêneros podem ser entendidos como unidades de informação que determinam as formas de expressão de seus conteúdos em função do que representam num determinado momento histórico. Nesse sentido, os programas devem ser entendidos de acordo com o contexto em que são produzidos, na medida em que podem sinalizar para propósitos e intencionalidades específicos daquele momento, além de demonstrarem dinamicidade e não reproduzirem fórmulas estanques.

Assim, para o autor “os gêneros radiofônicos estão relacionados em razão da função específica que eles possuem em face das expectativas de audiência” (BARBOSA

FILHO, 2009, p.89)<sup>17</sup>. A partir das reflexões que compreendem o campo teórico da Comunicação, o autor apresenta oito gêneros radiofônicos, sendo atribuídos a cada um deles formatos específicos. Os gêneros apresentados pelo autor são: *Jornalístico*: tem a função de atualizar e orientar o público sobre os acontecimentos; *Entretenimento*: tem como papel orientar o imaginário, a diversão, a criação; *Publicitário*: tem como objetivo promover a venda e divulgação de produtos e/ou marcas; *Propagandístico*: tem a função de difundir idéias e doutrinas; *Serviços*: presta assistência ao público- são informativos de apoio às necessidades reais e imediatas de parte da população ao alcance do sinal transmitido pela emissora de rádio e se distingue da jornalística por seu caráter de transitividade (movimento, circulação, trânsito). Por fim, o gênero *Educativo-cultural*, considerado como “uma das colunas de sustentação da programação radiofônica nos países desenvolvidos”. A respeito do Brasil, o autor afirma que questões como a comercialização e a conseqüente banalização dos conteúdos contemporâneos, os programas radiofônicos não são voltados à intenção de instruir e educar (BARBOSA FILHO, 2009). O autor enfatiza que, no Brasil, com a abertura comercial em 1932, houve uma diminuição da educação pelo rádio, fazendo coro aos estudos que situam o desenvolvimento do rádio educativo a partir das ações de Roquette-Pinto, como será discutido adiante.

Além dos gêneros radiofônicos, também foi imprescindível realizar a categorização dos formatos. Essas unidades são igualmente importantes para compreender a função da mensagem e podem ser entendidas como:

conjunto de ações integradas e reproduzíveis, enquadrado em um ou mais gêneros radiofônicos, manifestado por meio de uma intencionalidade e configurado mediante um contorno plástico, representado pelo programa de rádio ou produto radiofônico (BARBOSA FILHO, 2009, p.71).

Ou seja, os formatos organizam o conteúdo do programa de acordo com as suas características (tema, teor, tamanho) e seus objetivos principais. Para cada um dos gêneros assinalados por Barbosa Filho, foram atribuídos formatos específicos. Em se tratando dos programas educativos-culturais, o autor assinala os seguintes formatos: *Instrucional*: é considerado como parte de uma estratégia pedagógica que visa a acompanhar os currículos

---

<sup>17</sup> A definição de gênero trazida pelo autor fundamenta-se em torno da teoria do funcionalismo e do estruturalismo. No que tange ao funcionalismo, o autor assume as funções apresentadas por Lasswell: vigilância (informativa); correlação das partes da sociedade (integração); transmissão da herança cultural (educativa). Sobre o estruturalismo, Barbosa Filho, baseando-se em Wright, assume que “a estrutura conceitual é intrincada com as funções e disfunções latentes e manifestas das transmissões que dizem respeito à sociedade, aos grupos, ao indivíduo, ao sistema cultural” (BARBOSA FILHO, 2009, p.31).

aprovados pelos ordenamentos que regulam o ensino oficial, adaptado à linguagem do áudio. É usado como suporte dos cursos de alfabetização, idiomas e disciplinas básicas como Geografia e História; *Audiobiografia*: o tema central é a vida de uma personalidade de qualquer área do conhecimento e que visa a divulgar seus trabalhos, comportamentos e idéias; *Documentário educativo-cultural*: a abordagem é direcionada a um tema de cunho humanístico, como uma escola, movimento literário ou musical. Difere dos documentários jornalísticos apenas por sua função e conteúdo; *Programa temático*: tem como finalidade a abordagem e a discussão de temas sobre a produção do conhecimento.

Assim como ocorreu em relação aos gêneros, não seguimos, na pesquisa, na classificação dos formatos, os mesmos princípios que nortearam Barbosa Filho, mas realizamos algumas adaptações no modelo proposto pelo autor, pois verificamos que alguns programas extrapolavam ou não se enquadravam nas definições por ele elaboradas. Os programas literários são bons exemplos desse processo, pois não nos permitiram a sua classificação em um formato como o *Documentário educativo-cultural*, pois verificamos que não se tratava necessariamente de um documentário e não se limitavam a tematizar um movimento literário ou escritor/compositor, e sim, tinham como objetivo compreender diferentes aspectos da literatura e os seus diversos autores. No que diz respeito ao formato *instrucional* consideramos a intenção de orientar o público tanto de acordo com estratégias pedagógicas que visavam acompanhar os currículos do ensino oficial quanto a intenção de direcionar o aprendizado de conteúdos úteis às atividades desenvolvidas por um determinado público ouvinte. Nesse caso, programas que não se relacionavam estritamente ao universo das disciplinas escolares como, por exemplo, a *Hora do Fazendeiro e Escola de Rádio*, foram classificados nesse formato.

Considerando que as definições apresentadas pelo autor são imprescindíveis para dar inteligibilidade ao estudo da programação que se segue, é relevante expormos algumas de nossas opções para melhor analisar o conteúdo programático da Inconfidência. A principal delas diz respeito ao gênero *Entretenimento* que, para o autor, tem como função básica orientar o imaginário, a diversão, a criação e apresenta caráter diversional. Segundo ele, esse gênero tem a capacidade de se combinar com outros formatos de outros gêneros e de servir de ferramenta para a informação, o anúncio, a prestação de serviços, etc. É a respeito do formato *Programa musical* que compõe o gênero *Entretenimento* que problematizamos a vinculação dos programas musicais circunscrita a tal gênero. Mesmo que os conteúdos musicais servissem ao entretenimento, as manifestações que visam esse

último não estão desconectadas da realidade dos fatos, são parte inerente do entendimento do mundo; também influenciam as percepções da realidade, produzem representações e assumem posturas no mundo. A música nos atualiza e nos informa sobre a realidade, não pode ser desconectada dela e não a transcende totalmente- ou seja, não é um produto da fruição *per se*. É uma manifestação produzida em um tempo e espaço específicos e se relaciona intrinsecamente com a sociedade na qual estão inseridas. No período histórico em relevo, a música teve especial valor, na medida em que apresentava grande importância como elemento de educação nacional. Como exemplo disso, podemos citar o canto orfeônico, por meio do qual se buscava promover a ordem, o civismo e o sentimento de coletividade nacional. Portanto, acreditamos que a música, como elemento que se combina a diferentes formatos de outros gêneros, pode ser considerada tanto como manifestação voltada à criação e à diversão, como também elemento educativo-cultural. Desse modo, os programas musicais da Rádio Inconfidência assumirão um caráter híbrido, classificados neste trabalho como pertencente ao gênero “Entretenimento/Educativo-cultural” e o formato será identificado por “musical”.

As categorizações ficaram assim definidas: gênero educativo-cultural e formatos instrutivo, literário, audiobiografia e programa temático; gênero entretenimento/educativo-cultural e formato musical; gênero informativo; gênero entretenimento e formatos programa ficcional (radioteatro, radionovela) e humorístico; gênero propagandístico e formato religioso; gênero publicitário. No entanto, mais importante do que atribuir uma classificação estanque, a intenção aqui foi a de avaliar os programas na relação com o objetivo desta pesquisa, que é compreender de que modo a programação da Rádio Inconfidência esteve coesa ao projeto de construção de uma identidade nacional.

No intuito de atingir os objetivos propostos, o trabalho foi assim estruturado: o Capítulo I visa a compreender o desenvolvimento das comunicações em Belo Horizonte, considerando que as décadas finais do século XIX e as iniciais do século XX é o momento em que se verifica acentuado desenvolvimento tecnológico, do qual o rádio faz parte. Além disso, procurou-se construir um desenho do mercado de aparelhos na capital, buscando demonstrar a importância que o meio de comunicação assumiu nos anos 1930 e 1940. O Capítulo II apresenta o momento de criação da Rádio Inconfidência, considerando a importância que a emissora assumiria no desenvolvimento econômico do Estado. Esse capítulo traz alguns discursos de inauguração, nos quais foi possível identificar os imaginários sociais e políticos do período assim como as referências à Inconfidência

Mineira, tomada como elemento precursor da edificação nacional, legitimando, portanto, o nome dado à emissora oficial do Estado. Além disso, mostra a percepção e a expectativa dos ouvintes a respeito dos serviços a serem prestados pela emissora. O Capítulo III apresenta os debates sobre a radiodifusão educativa no Brasil, que acabou por empenhar projetos de diferentes formatos para a orientação do povo, inserindo no debate a orientação intelectual e instrutiva para a qual se deviam voltar as emissoras criadas naquele momento. Em seguida, são apresentados aspectos gerais da programação da emissora. O Capítulo IV apresenta alguns elementos dos programas educativo-culturais da emissora oficial. Nesse capítulo a intenção foi analisar alguns dos programas educativos, na medida em que conduzem para o entendimento de uma educação integral do homem- física, intelectual e moral de acordo com a intenção do Governo Vargas em dar um novo significado para o homem brasileiro. Finalmente, o Capítulo V discute os programas educativos infantis, *Hora Infantil* e *Hora Educativa*, com destaque maior para o programa *Hora Educativa*. Nesse capítulo a intenção foi estabelecer um diálogo dos programas de rádio com os princípios que regiam a educação escolar no Brasil, tanto pelos métodos pedagógicos, quanto pela orientação nacionalista determinada pelo governo federal.



# **CAPÍTULO 1**

## **O DESENVOLVIMENTO DAS COMUNICAÇÕES EM BELO HORIZONTE**

O objetivo deste capítulo é propiciar uma leitura das comunicações como parte do processo de desenvolvimento econômico de Minas Gerais, em que a construção de Belo Horizonte, em finais do século XIX, foi fundamental para a consecução de tal objetivo. As primeiras iniciativas no desenvolvimento da comunicação ocorreram pela construção de linha férrea, pela instalação do telégrafo e do telefone, necessárias nos momentos iniciais da edificação da nova capital. Uma rádio oficial, 40 anos mais tarde, teria também o fundamento de promover o desenvolvimento econômico de Minas Gerais em um momento em que o rádio era considerado um ícone da modernidade. Neste capítulo, buscamos traçar os itinerários do rádio na cidade e o desenvolvimento de um diversificado mercado de aparelhos, com o intento de compreender a dinâmica social urbana em Belo Horizonte nos anos 1930 e 1940 em torno desse aparato.

### **1.1 A estrada de ferro, o telégrafo e o telefone**

A comunicação em Belo Horizonte é compreendida neste trabalho como todo o movimento que permite a troca de informações, circulação de pessoas, produtos e realização de serviços,<sup>18</sup> dentro do Estado de Minas Gerais e em sua ligação com outros pontos do Brasil e do exterior. A instalação de uma rede de comunicação composta por rede férrea com tração a vapor, bondes, telégrafos, telefone, foi, a partir de 1894, parte do projeto construtor da nova capital de Minas, erigida sob o discurso de uma cidade moderna ideal<sup>19</sup>.

A instalação desses meios de comunicação se impunha como obras de urgência para a concretude do projeto de criar a nova capital de Minas. Abílio Barreto, ao transcrever o relatório do engenheiro José Carvalho de Almeida ao engenheiro chefe da construção de Belo Horizonte, Aarão Reis, deixa clara a demanda a respeito da construção de uma linha férrea que pudesse ligar a futura capital à estrada de ferro Central do Brasil:

---

<sup>18</sup> Esse entendimento foi possibilitado pelo trabalho de Brigs e Burke (2006), no qual os autores percorrem as mudanças ocorridas nos meios de comunicação desde a invenção da prensa gráfica no século XVI à invenção da internet no final do século XX.

<sup>19</sup> Carlos Evangelista Veriano (2001) discute a criação de Belo Horizonte tomando por base o discurso que fundamenta a sua criação. O autor procura trabalhar o pressuposto da “invenção de uma cidade em descompasso com a sua organização social/espacial, mediante a atuação do poder público, expressão dos interesses das elites locais”, percebendo o pensar técnico dos planejadores em dissonância com os novos protagonistas da cidade, como os operários e homens pobres sem propriedade (p. 20).

A ligação da nova Capital do Estado de Minas com o plano geral de viação do Estado e federal foi o primeiro problema que se impoz á Comissão Constructora.

(...)

Por sua situação no valle do Rio das Velhas, a nova via de comunicação não podia deixar de ser tributaria da Estrada de Ferro Central do Brasil e o ribeirão dos Arrudas que, nascendo na Serra do Curral, a 30 kilometros de Bello Horizonte, corre na direcção do W-EN-E, atravessando a povoação, era traçado natural do ramal projetado (...) (BARRETO, 1936, p. 43).

Esse relatório descreve os estudos realizados no decorrer do ano de 1894, demonstrando as opções de trajeto para a construção do ramal férreo a se ligar à Central do Brasil. Entre as opções apresentadas, a via pela Serra do Curral era inviável devido aos custos elevados, considerando as condições geográficas a vencer. A opção mais viável se daria pela margem esquerda do rio Arrudas, pois não exigia “obras d’arte, além de boeiros e drenos comuns” (BARRETO, 1936, p. 43).

A estrada de ferro, considerada a “menina dos olhos do dr. Aarão Reis”<sup>20</sup>, teria importância fundamental no transporte de material variado e numeroso para a realização da obra construtora. De igual relevância, nesse mesmo momento, foi solicitada “a construção de uma linha telephonica entre o arraial e a futura estação de General Carneiro”<sup>21</sup> como também a instalação de uma linha telegráfica. Sobre as demandas para a realização desses serviços, o engenheiro chefe designou o seguinte:

Devendo ser aberto ao trafego, no dia 1.º de fevereiro<sup>22</sup> a parada do entroncamento, e tendo a Diretoria da Estrada de Ferro Central do Brasil promettido que dessa data em diante, serão recebidos, nas estações dessa estrada, telegrammas para Bello Horizonte e vice-versa, recomendo: 1) prontificar a linha telegrafica para aqui e a montagem do respectivo aparelho antes de 30 corrente; 2) que no dia 31 esteja o pessoal a postos no entroncamento para effectuar a ligação; 3) que se realize no referido dia 1.º o assentamento da pedra fundamental da nova estação de General Carneiro (BARRETO, 1936, p. 47).

O ato de inauguração da pedra fundamental da estação ferroviária de General Carneiro, em 1º de fevereiro de 1895, coincidiu com “a inauguração do telegrapho para Bello Horizonte e a da parada do trem de passageiros, mixtos e de cargas na referida

<sup>20</sup> Trecho de uma crônica de Alfredo Riancho, pseudônimo de Alfredo Camarate, publicada n’ *O Contemporâneo*, em junho de 1894. Abílio Barreto transcreveu a crônica no 2º volume de *Bello Horizonte: memoria historica e descriptiva*.

<sup>21</sup> A Estação de General Carneiro é a que faria a ligação entre o ramal férreo de Belo Horizonte e a Estrada de Ferro Central do Brasil (BARRETO, 1936, p. 46).

<sup>22</sup> Trata-se do ano de 1895.

estação”, vindo “a facilitar o desenvolvimento das obras da nova Capital” (...) (BARRETO, 1936, p. 50).

(...) A inauguração do telegrapho nacional, cuja estação foi installada pelo telegraphista Sr. Aristoteles Xavier Caldeira, deu-se em uma casinha velha existente na rua da Boa Vista, com uma porta e duas janelas de frente, sita no local que hoje fica atrás do prédio em que funciona o Grupo Escolar Affonso Penna, entre as ruas Bernardo Guimarães e Aymorés, avenida João Ribeiro<sup>23</sup> e rua da Bahia.

A linha telegraphica vinha pelo *alto da Estação* ou *Favella*, hoje parte da Floresta e nos mesmos postes o Engenheiro chefe mandou estender a linha telegraphica do ramal, como informou o seguinte topico do relatório de seu successor, em 1896:

“Nos mesmos postes em que fôra assentada a linha telegraphica, collocou-se um segundo fio para o serviço especial do Ramal, que dispõe também de uma officina para concertos de aparelhos” (BARRETO, 1936, p. 51).

No mesmo dia da inauguração, Aarão Reis tratou de comunicar a instalação do serviço telegráfico ao então presidente do estado, Bias Fortes, a Afonso Pena, ao Secretário da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, Francisco Sá em Ouro Preto, e ao Ministro de Agricultura, no Rio. A instalação desse serviço, nos dizeres de Aarão Reis, constituía um “melhoramento” com vistas a garantir “a construcção da nova cidade dentro do prazo legal” (BARRETO, 1936, p. 51).

A estratégia de estabelecer ligação entre as diferentes regiões mineiras é argumento fundante para a construção de Belo Horizonte, amparada no projeto republicano e nas demandas econômicas e políticas de Minas Gerais<sup>24</sup>. A mudança da capital buscava prevenir movimentos separatistas desencadeados pelo desigual desenvolvimento econômico das regiões do estado. A localização central de Belo Horizonte no mapa estadual permitia, assim, convergir os fluxos econômicos, administrativos e populacionais para a região e conseqüentemente dispersar mercadorias e serviços para as demais regiões. Instrumentalizar a cidade com recursos que permitissem essa comunicação era condição para realizar o progresso do estado bem como para o moderno empreendimento urbano que

<sup>23</sup> Trata-se da Avenida João Pinheiro.

<sup>24</sup> As justificativas mudancistas da antiga capital Ouro Preto para a região antes denominada Curral Del Rey, levaram em conta desde a topografia acidentada, a improdutividade dos solos, as dificuldades e os elevados custos em transformá-la em centro do sistema viário estadual, além de simbolizar, no seio da mudança de regime político o passado colonial, o sistema de trabalho escravista, inviável para o desenvolvimento capitalista (VERIANO, 2001).

se pretendia construir. Apesar desse propósito, nas primeiras décadas da capital, a precariedade das vias de comunicação permanecia como empecilho para o desenvolvimento econômico do estado<sup>25</sup>.

A construção da nova capital obedeceu aos padrões da razão científica em voga no final do século XIX, experimentada pela reforma urbana das cidades de Washington e Paris e a cidade argentina de La Plata. O traçado da cidade era medido pelo saber técnico de médicos, sanitaristas, engenheiros, arquitetos e urbanistas que buscaram racionalizar o espaço em consonância com os paradigmas da modernidade. Ruas largas e habitações planejadas, construídas com ferro e vidro, introduziriam a salubridade, a assepsia da rua e dos corpos ocupantes da cidade.

Desse período muitos foram os avanços científico-tecnológicos nos segmentos da indústria química, da eletricidade, dos transportes e da radiodifusão<sup>26</sup>. O Raio- X, a fotografia, o cinema e o rádio datam desse fim de século. A invenção do rádio, feito atribuído ao italiano Guglielmo Marconi, em meados dos anos 1890, resulta de outros inventos no campo da física que possibilitaram a comunicação a longas distâncias. Por exemplo, a radiotelegrafia<sup>27</sup> e a radiotelegrafia<sup>28</sup> podem ser consideradas etapas do processo de transmissão de informação a longas distâncias que subsidiaram o desenvolvimento da radiodifusão.

Controlar doenças, encurtar distâncias e acelerar o tempo marcam o espírito de um novo tempo em que a ciência lograva de boa aceitação como solução para os problemas da humanidade (SEVCENKO, 1998). Essa era a aura da modernidade. O moderno assume o significado do novo, a suplantação do atraso, do velho, do tradicional (LE GOFF, 2003). Para se manter novo, o moderno precisa constantemente de se atualizar, denotando o paradoxo de “destruição” (BERMAN, 2005). Em diferentes segmentos de organização do conhecimento humano, o espírito da modernidade pautou as transformações em fins do

---

<sup>25</sup> Veriano (2001), ao tratar da diversificação produtiva de Minas Gerais no final do século XIX e início do XX, menciona que a precariedade das vias de comunicação foi um empecilho para Belo Horizonte na ampliação do mercado regional. Pereira e Cosentino (2014) mostram que no decorrer da década de 1920 os governos de Minas se preocuparam com a construção de rodovias interligando Belo Horizonte com as várias regiões do estado, com a intenção de transformá-lo em um dinâmico centro econômico. Diante disso, é possível dizer que, no âmbito da comunicação, a infraestrutura construída quando da edificação da nova capital não subsidiou de modo eficaz o desenvolvimento econômico de Minas Gerais durante as primeiras décadas do século XX.

<sup>26</sup> A radiodifusão é definida como radiocomunicação de sons ou imagens destinados a ser livremente recebidos pelo público. Por sua vez, a radiocomunicação é a transmissão ou recepção sem fio de escritos, signos, sinais, imagens ou sons de qualquer natureza, por meio de ondas hertzianas.

<sup>27</sup> Radiocomunicação por meio de palavras ou sons.

<sup>28</sup> Radiocomunicação de textos por meio de sinais convencionais.

século XIX. Para a sociedade que se industrializava, a racionalização do tempo e do espaçourgia. Nas artes plásticas, na arquitetura, na educação, na literatura e na música, o uso da razão foi princípio fundamental para conduzir as transformações estéticas e/ou de organização do saber. O fim da subjetividade alcançava seu grau máximo com a morte de Deus, pronunciada por Nietzsche.

A organização da cidade moderna colocou os paradoxos do mundo capitalista em evidência. A cidade, ao ser erigida segundo os preceitos mais racionais da organização do espaço, procurou afastar mendigos e pobres, corroborando o projeto arquitetônico a funcionalidade e a ordem social pré-estabelecidas.

## **1.2 Itinerários do rádio em Belo Horizonte**

A entrada do sistema de rádio na capital mineira se deu em meados dos anos 1920, e ocorreu de forma experimental. A Sociedade Rádio Mineira (PRC-7) é a pioneira de Belo Horizonte<sup>29</sup> e efetuou a sua primeira transmissão em 16 de dezembro de 1925; a segunda aconteceu somente a 26 de fevereiro de 1926, não ocorrendo novas transmissões nos dois anos seguintes. Em 1929, o governador de Minas, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, procurou fundar a Rádio Mineira como estação oficial do Estado, mas as dissensões políticas para a concessão pelo governo impediram esse processo. Foi, portanto, de forma clandestina que a Rádio Mineira entrou no ar, servindo como meio de propaganda contra o governo federal Washington Luiz (MARTINS, 1999).

Em finais dos anos 1920 o contexto político era de crise, em decorrência da quebra da política dos governadores. O desejo pela criação de uma emissora de rádio oficial pelo governo do estado se deu no clima das divergências políticas entre Minas e São Paulo que antecederam a denominada “Revolução de 30”. Somente em 1931, após o golpe, é que a emissora se constituiu legalmente, mas não como emissora oficial do Estado<sup>30</sup>. Um dos motivos que acreditamos explicar o fato de a Rádio Mineira não se fundar como emissora oficial do governo do Estado se dá justamente pelo contexto político. Pouco antes do golpe de 1930, Olegário Maciel assume o governo estadual e Antônio Carlos, que havia angariado esforços para a criação da Rádio Mineira como estação oficial, deixa o cargo.

---

<sup>29</sup> Em Minas Gerais, a emissora pioneira foi a Rádio Sociedade de Juiz de Fora, criada em 1926. Conf. Prata (2010).

<sup>30</sup> Martins (1999) e Moura (2010) informam que, no início da década de 1940, a Rádio Mineira tinha se incorporado aos Diários Associados, em ascensão naquele momento. No entanto, os autores não informam de maneira mais precisa sobre a incorporação da Mineira ao grupo de Assis Chateaubriant.

Desse modo, a mudança de governo, acrescida ao momento de crise política e econômica do estado, explica a não permanência da pauta a respeito da criação de uma emissora de rádio oficial, ante a necessidade de ações mais emergentes do governo na gestão dos gastos públicos.

Criada oficialmente, portanto, em 1931, a Rádio Mineira se manteve como única emissora de Belo Horizonte até agosto de 1936, quando foi criada a Rádio Guarani (PRH-6) e, no mês seguinte, inaugurou-se a Rádio Inconfidência (PRI-3), para completar o “grupo” das três principais emissoras de Belo Horizonte até os anos de 1950, quando foi criada a Rádio Itatiaia<sup>31</sup>.

As emissoras de rádio dos anos 1930 e 1940 eram estruturadas para receber o público ouvinte e por isso contavam com auditórios onde eram realizadas as apresentações, sobretudo, de números musicais, programas humorísticos e radioteatro (figura 02). Geralmente possuíam orquestras, conjuntos regionais<sup>32</sup> e diversos instrumentistas, que auxiliavam no acompanhamento musical das apresentações. Naquela época, a contratação de artistas famosos dava às emissoras *status* no cenário artístico-cultural brasileiro, ao mesmo tempo em que esses artistas também procuravam compor o *cast* das principais emissoras nacionais como modo de promover sua carreira.

As emissoras mineiras, nessas décadas, realizavam contratações temporárias e intercâmbio de artistas que faziam sucesso nas faixas de rádio, principalmente do Rio de Janeiro e de São Paulo. Pela Rádio Inconfidência, por exemplo, passaram artistas de renome nacional como Aracy de Almeida, as irmãs Linda e Dirce Batista, Aurora e Carmen Miranda, Emilinha Borba, Violeta Cavalcante, Nelson Gonçalves e Silvio Caldas. Além de contar com a presença de cantores reconhecidos no meio artístico nacional e até mesmo internacional, buscava-se promover os artistas locais como modo de valorizar as especificidades mineiras no campo cultural. Assim é que figuras como a normalista

---

<sup>31</sup> Sobre a Itatiaia, ver Martins e Costa (2002).

<sup>32</sup> Agrupamentos musicais que representavam nada mais do que velhos grupos de choro, acrescidos da percussão exigida a partir da popularização da moderna música de Carnaval (marcha, samba, batucada) e dos muitos gêneros derivados do samba (samba-choro, samba-canção, samba de breque). Conf. Verbete. Rádio, Enciclopédia da música brasileira: erudita, folclórica e popular, p. 660.

Efigeninha Queiroz- intérprete de sambas e marchinhas<sup>33</sup>, o médico Vicente Vono-humorista e o compositor Elias Salomé<sup>34</sup> integravam o *cast* da emissora oficial.

**Figura 2-** Auditório da Rádio Guarani



“A Radio Guarani promoveu este ano uma programação digna de louvores, na preparação do Carnaval de 1944. Dentre os grandes valores que animaram esse programas, merece destaque o grande Francisco Alves que aque esteve especialmente para esse fim. Hervê Cordovil, também contratado para essa temporada, além de Romulo Pais, que brilhou com a petizada de “Gurilandia”, apresentando audições que marcaram um dos mais nítidos sucessos do Carnaval radiofônico deste ano. O clichê acima mostra um aspecto colhido no auditório da PRH-6 quando das apresentações de Francisco Alves, que também se vê na fotografia.”

**Fonte:** Revista Alterosa, n. 47, mar. 1947, s/p.

<sup>33</sup> EFIGENINHA Queiroz; o nosso broadcasting já principia a ter “estrellas”- O começo da fama- A Rádio Inconfidência está revelando os valores da música mineira. **Folha de Minas**, Belo Horizonte, 10. out. 1936, p.12.

<sup>34</sup> O RADIO empolgando a cidade: Mára e Elias Salomé obtiveram um grande sucesso, no restaurant da Feira. **Folha de Minas**, Belo Horizonte, 12 jan. 1937, p. 4.



**Figura 3-** Efigeninha Queiroz



**Fonte:** Folha de Minas, 10 out. 1936, s/p.

**Figura 4-** Emilinha Borba



**Fonte:** Folha de Minas, 14 dez. 1943, p.7

**Figura 5-** Dircinha Batista



**Fonte:** Revista Alterosa, n. 14, abr. 1941, s/p<sup>35</sup>

<sup>35</sup> Descrição da foto: “Dircinha falando ao redator de radio de ALTEROSA”. Conf. DIRCINHA Batista na PRI-3, *Revista Alterosa*, n. 14, abr. 1941, s/p.

Os artistas de rádio também se apresentavam em outros espaços da cidade, atendendo à expectativa e curiosidade do público ouvinte em conhecê-los. O Teatro Municipal<sup>36</sup> recebia, nos anos 1930, o entusiasmo da popularidade conferida aos artistas do rádio belorizontino. Em 07 de setembro de 1936, o compositor brasileiro Edgard Cardoso organizou um festival com a participação dos artistas que figuravam no meio radiofônico da capital<sup>37</sup>. “A Noite do Rádio”, como foi chamado o evento, “constituiu um autentico sucesso a primeira aparição pessoal das estrelas e astros do rádio mineiro<sup>38</sup>”.

Nesse princípio de uma época fortemente marcada pelo ouvir o rádio, não somente em Belo Horizonte, mas no mundo de um modo geral, é imprescindível perceber a dinâmica social que se estabeleceu em torno desse aparato tecnológico. Essa vivacidade pode ser percebida não somente em um sentido cultural e artístico, mas igualmente por uma dinâmica econômica que se explica pela existência de um considerável mercado de aparelhos<sup>39</sup>. Ao mesmo tempo em que cantores, músicos e artistas desse período se tornaram reconhecidos viram-se ascender a oferta e a procura por aparelhos bem como o aumento do número de ouvintes.

No ano de 1937<sup>40</sup> contabilizava-se a existência de 15.262 aparelhos de rádio em Belo Horizonte, estimando-se a proporção de 9 rádio-ouvintes da população urbana para cada aparelho<sup>41</sup>. Isso totaliza um público ouvinte de aproximadamente 137.360 pessoas em uma população que alcançava a cifra de 193.706 pessoas<sup>42</sup>. No Rio de Janeiro, capital federal, registrava-se o número de 35.677 aparelhos de radiodifusão em 1936, o que

---

<sup>36</sup> O Teatro Municipal foi construído alguns anos depois da inauguração da capital (1906) se localizava à Rua Goiás com Bahia. In: OS ANOS 1940: uma moderna metrópole no Horizonte. Disponível em: <<http://curraldelrei.blogspot.com.br/2010/11/os-anos-1940-uma-moderna-metropole-no.html>> Acesso em ago. 2015; HÁ 30anos, Belo Horizonte perdia o tradicional Cine Metrôpole. Disponível em: <http://www.hojeemdia.com.br/almanaque/ha-30-anos-belo-horizonte-perdia-o-tradicional-cine-metropole-1.122515>> O Cine Metrôle era o mesmo Teatro Municipal construído no início do século XX em Belo Horizonte.

<sup>37</sup> RADIO, **Minas Gerais**, 07 nov. 1936, p. 13.

<sup>38</sup> A NOITE do Rádio no Theatro Municipal, **Revista Bello Horizonte**, n. 73, Outubro de 1936.

<sup>39</sup> Ao tomar por base o circuito do rádio que produzimos na Introdução deste trabalho as abordagens a seguir são correspondentes à indústria de aparelhos, importadores, distribuidores, etc e procura relacionar ao contexto de produção de bens de consumo que conduziram para um estilo de vida moderno.

<sup>40</sup> Conf. Secretaria da Agricultura, Indústria Comércio e Trabalho (1937).

<sup>41</sup> O Relatório Municipal traz a quantia de 22.000 aparelhos existentes como estimativa, o que não mostra confiabilidade no dado, mesmo porque o número apresentado pelo serviço de estatística é inferior. Assim, considere somente o número apresentado pela estatística expedida pela Secretaria de Agricultura.

<sup>42</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estado da População: População absoluta e relativa do Brasil, das suas Unidades Federadas e dos municípios das respectivas Capitais**, calculada para 31 de dezembro- 1937/1939.

significou um aumento de 57,62% comparado ao ano anterior na mesma capital, que era de 20.558 aparelhos<sup>43</sup>.

O crescimento na venda de aparelhos marca a importância que a mídia radiofônica assumia na sociedade de então. Na capital mineira, essa dinâmica econômica revelou-se pela existência de um mercado de aparelhos de rádio nacionais e importados, oferta de peças para manutenção e serviços de conserto. Existiam 623 marcas à venda em Belo Horizonte, sendo que quatro eram nacionais (Cacique, Ipê, Metrotone, Cruzeiro), 22 eram americanas (Airline, American Bosch, Andréa, Atwater, Belmont, Cadete, Clarion, Colonial, Crosley, Delco, Emerson, General Electric, Hamilton Lloyd, Midwest, Motorola, Philco, Pilot, Polyglota, RCA Vitor, Zenith, Wells-Gardner, Westinghouse), duas alemãs (Telefunken, Blaupunkt) e uma holandesa (Philips). Outras marcas não discriminadas totalizam 594<sup>44</sup>.

Nos periódicos circulantes à época eram anunciados distribuidores autorizados, casas comerciais e importadores responsáveis por oferecer aos consumidores uma gama variada de marcas e modelos. Registram-se também anúncios em busca de vendedores de rádio: “Procura-se vendedor competente para rádios”, dizia o anúncio direcionado para “senhores com grande experiência no ramo, desejando um emprego em boas condições e de grande futuro”<sup>45</sup>. Em um clichê do representante da americana Pilot, os “Pilot boys”, garotos de pouca idade (entre 10 e 12 anos), vestidos com uma indumentária característica, pareciam assumir o posto de pequenos ajudantes da agência Pilot na Capital. Outra notícia interessante trata de um concurso promovido por esse fabricante, em que o prêmio foi um “luxuoso” rádio<sup>46</sup>. Inaugurações e aniversários de agências e comércios, lançamentos de novos modelos e passagens pelo Dia do Rádio (comemorado no dia 25 de setembro) dinamizavam as sociabilidades na capital e em cidades pólo do interior<sup>47</sup>. Esses eventos ofereciam à imprensa, às radiodifusoras e aos comerciantes coquetéis com *chopp* e sanduíches<sup>48</sup>. Elegia-se em Belo Horizonte, tal como na capital federal, a rainha do rádio, geralmente uma artista de destaque no meio radiofônico mineiro.

<sup>43</sup> Relatório da Diretoria Regional dos Correios e Telégrafos do Distrito Federal – 1936. p. 113.

<sup>44</sup> Conf. Secretaria da Agricultura, Indústria Comércio e Trabalho (1937).

<sup>45</sup> Procura-se vendedor competente para rádios. Folha de Minas, 07 nov. 1936, p.4. Conf. também as edições de 08 e 09 nov. 1936 do mesmo jornal.

<sup>46</sup> Conf. Folha de Minas, 06 dez. 1936, p.5; Concurso Pilot, **Revista Bello Horizonte**, n. 75, dez. 1936 s/p.

<sup>47</sup> INAUGURAÇÃO da Philips em Juiz de Fora, **Revista Bello Horizonte**, n. 73, out. 1936 s/p.

<sup>48</sup> Conf. Revista Bello Horizonte, n. 72, set. 1936, s/p.; Conf. também Folha de Minas, 22 de setembro 1936.

### 1.3 O mercado dos aparelhos

Os transeuntes - os operários, os “bem-nascidos”<sup>49</sup>, os escolares, os *chauffers* de praça, os vendedores ambulantes, os profissionais liberais, os funcionários públicos - trabalhadores enfim - ouvintes e consumidores tinham como pano de fundo uma capital em constantes transformações. Por ser “depositária” de um ideal de modernidade sobre a qual foi erigida, Belo Horizonte, nas décadas de 1930 e 1940, continuava passando por obras de urbanização, com a construção de prédios, abertura de avenidas e pavimentação de ruas<sup>50</sup>. Entretanto, o ideal da cidade moderna serviu para restringir a presença de camadas populares no centro da cidade desde o seu projeto construtor. Alijados, trabalhadores e pobres ocupavam a periferia da cidade. Levando-se em conta esse paradoxo, é no centro da cidade que esta narrativa se desenrola.

Os cinemas, os cafês e comércios de diversificados ramos pareciam afirmar os ares de um cosmopolitismo importado que a cidade ansiava respirar. O Bar do Ponto, os cafês, as exposições de arte, o ranger dos autos e bondes ilustram a experiência de contato com os modos de vida externos, modificados pelas transformações mais abruptas das ciências e das tecnologias ocorridas a partir do final do século XIX. Os sentidos e as sensibilidades alterados e sobrepostos constituíam a experiência humana de um mundo em transformação. O exercício do olhar- corpos, vitrines, prédios, alimentos- é o principal dos sentidos a pôr os sujeitos em contato com a modernidade na virada do século (SEGANTINI, 2010). Os cartazes de Hollywood intensificaram esse contato com o exterior, estabelecendo com o Brasil e com a América Latina uma relação político-cultural. “O *yankee* era o produto acabado da modernidade, o auto-intitulado “irmão mais velho” da América Latina, e essas convicções circularam agregadas a objetos tridimensionais ou a produtos imateriais, como os filmes de Hollywood ou as propagandas de cigarro” (ZAGNI, 2008, p. 71-72). O “american way of life” penetrava em Belo Horizonte pelas seções filmicas no Cine Glória, no Cine Brasil, no Cine Metrôpole. As revistas expunham nas seções femininas os looks das atrizes- o corte dos vestidos, os penteados, os batons, o *rouge*, incitando não só a cópia daquele comportamento como também o consumo desses produtos. O linguajar era também composto por palavras americanas. No próprio universo radiofônico *dial, speaker*,

---

<sup>49</sup> Essa expressão é utilizada por Simon Schwartzman (1984) para se referir aos “intelectuais da Rua da Bahia” que se lançaram à vida política nos anos 1930, tais como Gustavo Capanema, Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Abgar Renault, entre outros.

<sup>50</sup> Conf. por exemplo, Chacham (1996).

*cast*, *broadcasting* eram constantemente utilizados. Nas rádios, o *blues* e o *jazz* indicavam a aproximação musical com os Estados Unidos. Nos comércios, as vitrines expunham uma gama de produtos importados da “nação amiga” (mas também de outras). Afinal, a “política da boa vizinhança” nos aproximava.

Fogões, refrigeradores, vitrolas, discos, aparelhos de ar condicionado, enceradeiras, automóveis, e, claro, aparelhos de rádio- tudo isso adentrava as fronteiras passando a integrar o cotidiano das casas da cidade recolhidas entre os limites da Serra do Curral e às adjacências da Avenida do Contorno. Entre esses aparatos, o rádio ocupava um lugar simbólico naquele tempo chamado de Era do Rádio. Não por acaso, ornamentá-lo com vasos de flores e sobrepô-lo em caminhos de mesa em *crochet* davam a graça nos lares belorizontinos<sup>51</sup>.

Na cidade, o mecanicismo e o automatismo convinham para um espaço doméstico e urbano que exigiam cada vez mais o maior aproveitamento do tempo, cada vez mais racionalizado. Leterre, “o grande atelier da Rua da Bahia”, ao anunciar uma novidade importada da Europa no segmento da fotografia- o Raio-Photo, deixou explícito:

---

<sup>51</sup> Conf. por exemplo, Martins (1999)

Figura 6- Anúncio Leterre

mesmo na época das descobertas monumentaes

**Leterre**

impressiona e assombra

com a apresentação da última e sensacional conquista da photographia — o

**Raio-Photo**

a phenomental e extraordinaria machina que L E T E R R E, o grande atelier da rua da Bahia, acaba de importar da Europa, exclusivamente para Bello Horizonte. E' a novidade numero 1 em Minas Gerais.

6 photographias  
6 põeses diferentes  
em 6 minutos apenas..

E' o tempo de V. S. fumar um cigarro...

Nítidez absoluta — perfeição incomparavel, rapidez impressionante.

RUA DA BAHIA 925  
BELLO HORIZONTE

Fonte: Revista Bello Horizonte, n. 85, ago.1937, s/p.

Talvez poucos anúncios conseguissem traduzir em tão poucas palavras o espírito de uma época: a modernidade tecnológica, a importação de produtos estrangeiros, a individualização (as poses, o cigarro) e a racionalização do tempo<sup>52</sup>.

Nesse universo, caminhar pelo centro de Belo Horizonte colocava o transeunte em contato com um cenário em que o ouvir somava-se ao sentido de ver. Outros sons se acresciam aos rumores das rezas e das procissões, do estrondar das bandas de música, do silvo da locomotiva e do chiar dos automóveis relatados por Alfredo Camarate na virada do século XIX (SEGANTINI, 2010). Os sons das emissoras de rádio invadiam as casas e as ruas: os chiados enquanto se acertava o *dial*; vozes, sambas e outros ritmos ressoavam

<sup>52</sup> Nicolau Sevcenko (1998) explora esses elementos como parte do movimento da modernidade em Ritmos do Rio: a capital irradiante.

na cidade. Nos anos 1940, o representante da Westinghouse prestava um serviço à população belohorizontina instalando do lado externo da loja um autofalante para as audições dos jornais falados que davam notícias da guerra, assim como para irradiações de futebol (figuras 6 e 7).

**Figura 7-** Audição de notícias da II Guerra no exterior da loja Westinghouse em Belo Horizonte



Fonte: Revista Bello Horizonte, n. 100, jan.1939, s/p.<sup>53</sup>

**Figura 8-** Audição de jogo de futebol no exterior da loja Westinghouse em Belo Horizonte



Fonte: Revista Bello Horizonte, n.118, p.30<sup>54</sup>

<sup>53</sup> WESTINGHOUSE a serviço dos bellorizontinos, **Revista Bello Horizonte**, n. 118, julho de 1940.

<sup>54</sup> ATRAVÉS da Westinghouse o radio da voz symphonica Bello Horizonte assiste à victoria dos brasileiros sobre os argentinos, **Revista Bello Horizonte**, n. 100, jan. 1939, s/p.



De todo modo, a presença do rádio não se restringiu ao centro urbano e comercial da cidade. Em comunicado do Departamento Geral de Estatística, afirmava-se: “Em Bello Horizonte, por exemplo, o radio já é ouvido nos recantos mais distantes da zona urbana, e não se espante o ouvinte se um dia encontrá-lo numa casa de bairro humilde e feia, na Pedreira Prado Lopes ou no alto do Cruzeiro”<sup>55</sup>. Além de uma consideração pejorativa das habitações da região suburbana de Belo Horizonte e a denúncia de sua situação de pobreza, o relatório procurou evidenciar a aquisição do equipamento por indivíduos menos abastados, residentes fora do perímetro urbano. Nos meios rurais, acrescentam outros fatores para entendermos a presença do aparelho e, portanto, como ali se davam as audições de rádio. Lia Calabre (2004), baseando-se no censo de 1940, mostra que apenas 2,11% dos domicílios rurais eram servidos por energia elétrica, o que deve ser considerado para compreender o baixo índice de domicílios com aparelhos receptores. Como se pode ver no quadro abaixo, a presença de aparelhos no meio rural era bastante reduzida se comparada com o meio urbano.

**Tabela 1- Domicílios com rádio- Brasil**

	<b>Domicílios visitados</b>	<b>Domicílios com aparelhos radio receptores</b>	
Total	9.098.791	522.143	5,74%
Quadro Urbano	1.994.823	398.738	19,99%
Quadro Suburbano	847.233	88.902	10,50%
Quadro Rural	6.256.735	34.503	0,55%

Fonte: Calabre (2004, p. 27).

Um segundo fator a ser levado em conta para esse contexto e tempo é a distância entre a moradia do sertanejo e as fazendas nas quais eram mais comuns a presença dos receptores. Essa condição também devia ser vencida para que as audições ocorressem. A isso, soma-se a característica de os aparelhos serem alimentados por bateria de automóvel, uma vez que eram poucos os domicílios com luz elétrica. O personagem do programa humorístico Compadre Belarmino<sup>56</sup>, da Rádio Inconfidência, ao relatar as

<sup>55</sup> Conf. Anuário Estatístico e publicação no *Minas Gerais* e no *Folha de Minas*, dos dias 11 e 12 de fevereiro de 1938, respectivamente.

<sup>56</sup> Falaremos mais a frente sobre o programa e o personagem do Belarmino.

correspondências que recebia sobre o seu programa nos permite conhecer um pouco de como se davam as audições nos grotões de Minas:

muntos fazendêro me inscrevêro que nunca hôte artista da rádio que cunsiguisse dispertá essa ispéce de uvinte: o hôme que mora no meio do mato, por este mundão afôra, onde só inziste rádio na fazenda do “coroné fulano”, que ais veiz fica mais de legua de distança. Im muntas, os fazendêro fôro obrigado a colocá arto-falante no terrêro, pručê na sala num cabia os uvinte do cumpadre. Munto dono de rádio tocado a bateria cobra intrada dos qui vão uvi os meu porgrama (UMA PALESTRA...1942, p. 105).

Ao mesmo tempo em que a distância e o tipo de aparelho disponível nos meios rurais nos permitem constatar o alcance da radiodifusão, trata-se de um fator que reduzia o potencial comunicativo do rádio naquele meio, pois interferia diretamente no tempo para as audições<sup>57</sup>.

Por fim, uma terceira consideração relevante é que os aparelhos não eram bens acessíveis a toda a população, afinal, era um produto caro. Apesar disso, o material publicitário em torno do mercado de aparelhos parecia vislumbrar um público de diferentes níveis de poder aquisitivo.

Formulações como “tipo mais popular e de preço rigorosamente modico”, “vendas a prestações”, “preço baixo”, “para todas as bolsas” e “para todos os bolsos” certamente tinham a intenção de alcançar um público consumidor variado. Nesse caso, a categoria “popular” se referia à população de menor poder aquisitivo ao passo que categorias como “luxo” e “alta classe” indicam que esses anúncios se voltavam a um público de maior poder aquisitivo.

A variada oferta de modelos e preços se espalhava em comércios de diversos tipos. Alguns eram lojas de determinados fabricantes especializadas em rádio, oferecendo aos consumidores modelos que variavam entre os portáteis à pilha, para automóveis e modelos mais sofisticados, que acabavam por compor o mobiliário dos lares. Alguns dos comércios ofereciam aos fregueses rádios de marcas, modelos e preços variados em meio a toda sorte de produtos. Por exemplo, as Lojas Rezende Rache & Cia. LTDA comercializava produtos diversos: materiais para construção, móveis e tapeçarias finas, refrigeradores, material elétrico e hidráulico, ferragens, material para laticínios, louças sanitárias, ladrilhos e azulejos e máquinas de escrever. Nos anúncios voltados para os aparelhos de rádio, a loja

---

<sup>57</sup> Alguns relatos de ouvintes e o pedido para a irradiação de um programa em um horário mais tarde indicam essas condições dos meios rurais.

privilegiava a marca Cacique, adjetivando-a como “um primor da indústria nacional”; no entanto, a oferta de aparelhos se estendia às marcas Philips, Sparton e Kadete.<sup>58</sup> Nessa linha de variada oferta de produtos, a Casa Nascimento oferecia artigos de escritório, máquinas para café, cofres, refrigeradores, lâmpadas elétricas e máquinas de somar<sup>59</sup>. Os Importadores e Distribuidores Villas e Cia- Casa Bleriot disponibilizava à clientela câmaras frigoríficas, refrigeradores e balcões para restaurantes, bares e cafés, sorveteiras, refrigeradores domésticos, enceradeiras, fôgoes, ar condicionado, motocicletas e bicicletas importadas<sup>60</sup>.

Artur Haas, comerciante de descendência holandesa e alemã, que chegara à cidade no período de sua construção, era proprietário de “A Construtora”, estabelecimento de material de construção, que aos poucos estendeu a oferta de produtos. Nos anos 1920, o estabelecimento oferecia aos belorizontinos material elétrico, fotográfico e até automóveis<sup>61</sup>. Em meados dos anos 1930, sob a denominação de Casa Artur Haas, o estabelecimento oferecia “os melhores modelos americanos” de aparelhos de rádio.<sup>62</sup> Em 1942, ressaltava-se “a tradição da cidade no comércio de automóveis, peças, rádios e refrigeradores de qualidade”<sup>63</sup>.

---

<sup>58</sup>Ver Folha de Minas, 14 out. 1936, p. 6.

<sup>59</sup> Revista Alterosa, n.21.

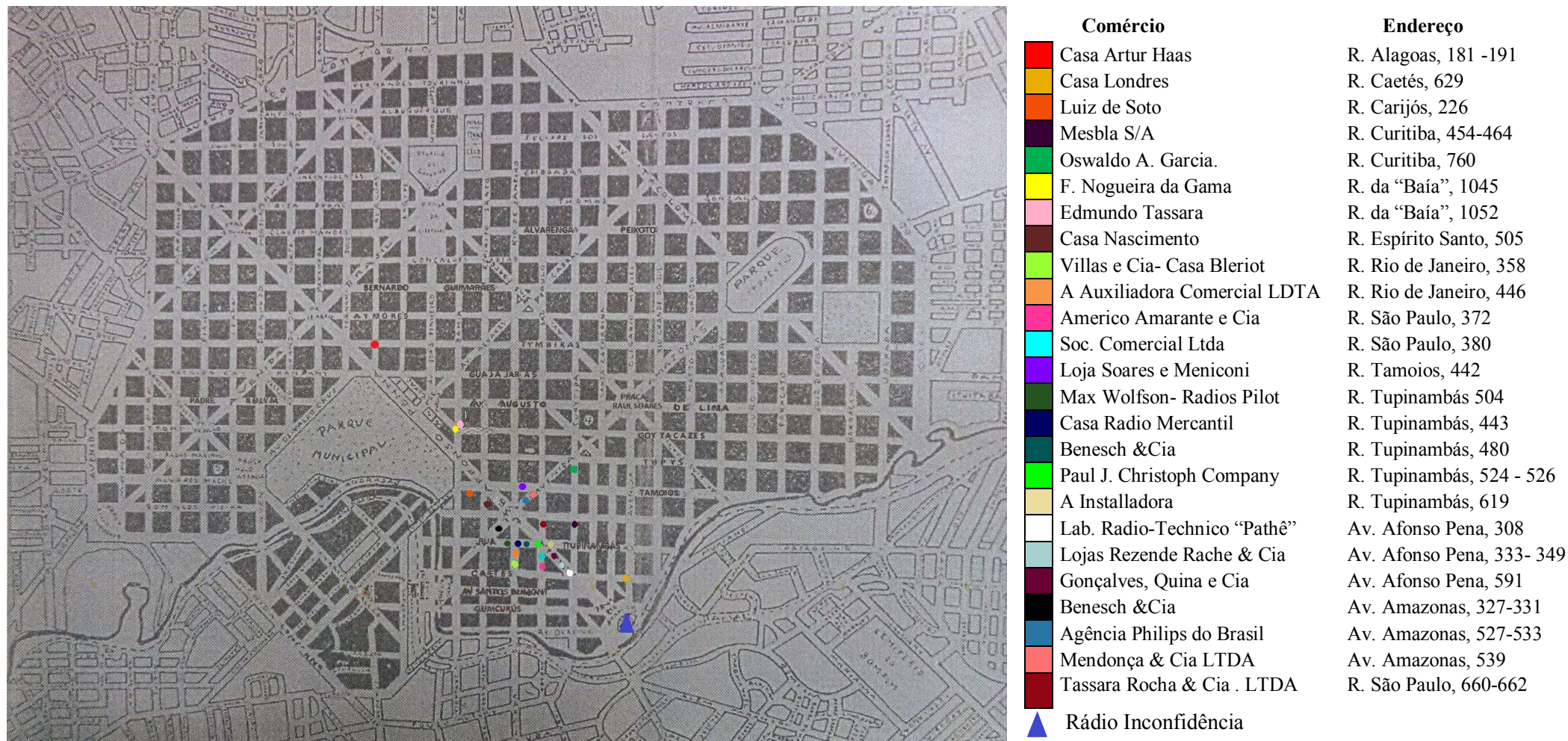
<sup>60</sup> Revista Bello Horizonte, n. 111; Folha de Minas, 03 set. 1936; 04, 14 e 25 ago. 1938.

<sup>61</sup> Conf. Barreto (1996) e <<https://comjudaicabh.wordpress.com/2010/10/26/entrevista-com-alberto-haas/>>

<sup>62</sup> Folha de Minas, 06 set. 1936.

<sup>63</sup> Revista Alterosa, n.22.

**Figura 9-** Concentração do mercado de aparelhos de rádio no centro urbano de Belo Horizonte (1930-1940)



**Fonte:** Panorama de Belo Horizonte- Atlas Histórico

**Escala:** 1: 500



No mapa acima procuramos apresentar a distribuição do mercado de aparelhos de rádio na região central de Belo Horizonte<sup>64</sup>, circunscrita à Avenida do Contorno. Era dentro desse limite que a cidade disponibilizava (e ainda disponibiliza) a oferta de variados comércios e serviços como cinemas, teatros, escolas, hospitais, entre outros. O núcleo onde se concentra a maior parte de comerciantes, agências e representantes de determinadas marcas é representativo de como a distribuição do mercado se organizava na cidade. Além disso, podemos considerar o caráter de sociabilização que esse mercado promovia no espaço público. Conforme pudemos observar, as figuras 06 e 07 exemplificam como comércios configuravam um outro espaço para as audições coletivas, além das casas de família, os vizinhos e os auditórios das emissoras.

Para a movimentação desse mercado, notamos ainda as diferentes estratégias publicitárias utilizadas para conquistar o cliente e alcançar êxito nas vendas. A Philco, em um de seus anúncios, usava do seguinte argumento: “Por que será? Que sendo mais caro do que outras marcas é o que mais vende?” A estratégia aqui era de que o consumidor estabelecesse uma relação de custo-benefício. Um produto mais caro, na maioria das vezes, tinha assegurada uma melhor qualidade de recepção e maior durabilidade do equipamento.

**Figura 10-** Anúncio Rádio Philco

**“PHILCO”**  
 O Rádio que mais se vende  
 PRODUÇÃO DIÁRIA  
**10.000 Radios**

Porque será?  
 Que sendo mais caro  
 do que outras marcas  
 é  
 o que mais se vende?

**PHILCO é Rádio**  
**Rádio é PHILCO**

PHILCO 37-620 B  
 6 VALVULAS — Onda, Cate e Longue

AMÉRICO AMARANTE & CIA.  
 AGENTES E DISTRIBUIDORES NO ESTADO DE MINAS GERAES  
 Rua S. Paulo, 372 Belo Horizonte  
 PRÓXIMO AO BANCO DO COMÉRCIO FONE: 4774

**Fonte:** Revista Bello Horizonte, n. 77, jan. 1937, s/p.

<sup>64</sup> É importante dizer que não se trata de uma localização muito precisa em função das mudanças ocorridas na cidade ao longo do tempo.

Em um anúncio da Philips era oferecido o modelo “Radioplayer 344-A” no valor de 1:575\$000 à vista (um conto, quinhentos e setenta e cinco mil réis).<sup>65</sup> O “Matador”, um modelo mais popular dessa indústria, custava 990\$000 (novecentos e noventa mil réis) a vista<sup>66</sup>. O valor mais baixo encontrado foi o da marca americana Pigmeu-Belmont, que custava 450\$ (quatrocentos e cinquenta mil réis)<sup>67</sup>. Se considerarmos que o salário mínimo instituído em 1940 foi de 220\$ (duzentos e vinte mil réis), para um trabalhador assalariado era necessário a soma de mais de dois meses de trabalho para poder adquirir um aparelho dos mais baratos. Ainda que se optasse pelo pagamento parcelado<sup>68</sup>, o produto ainda era praticamente inacessível, pois comprometia fatia considerável de seu orçamento<sup>69</sup>.

“Afamados”, “reputados e insuperáveis”, “alta classe”, “popular”, “descontos a vista”, “preços módicos” e parcelamentos eram apenas alguns dos recursos usados para conquistar o cliente. Descrições de qualidades técnicas como supressão de ruídos, número de válvulas, recepção em ondas curtas, médias e longas, sintonização de grande números de estações são outros elementos que compuseram as estratégias publicitárias. Alguns anúncios ainda lançavam mão de sentimentos positivos como a felicidade, com a presença de uma família nitidamente alegre e harmoniosa em torno do aparelho. Nos anúncios abaixo, esse tipo de relação pode ser percebido. No anúncio da fabricante Pilot (figura 10) afirmava-se: “O radio Pilot conduz do ar só felicidade em qualquer lar”. Nele, alguns elementos induzem se tratar de uma família pobre. O homem, com seus botões abertos, sapato furado, chapéu de qualquer jeito na cabeça, sentado em uma cadeira muito provavelmente após chegar do trabalho, lança um largo sorriso dizendo “não quero outra vida”.

---

<sup>65</sup> Folha de Minas, 21 mar. 1937, s/p.

<sup>66</sup> Revista Bello Horizonte, n. 75, s/p.

<sup>67</sup> Revista Alterosa, n. 4, dez. 1939, s/p.

<sup>68</sup> Em um anúncio da Pilot, é possível observar que as parcelas variavam entre 65\$(sessenta e cinco mil réis) e 100\$ (cem mil réis), dependendo do modelo do aparelho.

<sup>69</sup> Para consulta do valor do salário mínimo foi consultado o site  
<[http://www.guiatrabalhista.com.br/guia/salario\\_minimo\\_1940a1999.htm](http://www.guiatrabalhista.com.br/guia/salario_minimo_1940a1999.htm)>

**Figura 11-** Anúncio Rádio Pilot



Fonte: Revista Bello Horizonte, n. 72, out. 1936, p. 23

**Figura 12-** Anúncio Rádio Pigmeu-Belmont



Fonte: Revista Alterosa, n. 4, dez. 1939, s/p.

Enquanto isso, a mulher aparece de avental fazendo atividades domésticas, com a filha sorridente ao seu lado. Além de expressar a divisão de trabalho por gênero, o anúncio mostrava que, mesmo não possuindo muitos recursos, essa família estava unida e feliz em torno de um aparelho de rádio. Na segunda imagem (figura 11), tem-se novamente uma família em torno do rádio. Dessa vez, a criança, o homem e a mulher, alinhados e limpos, se mostram igualmente felizes por possuir um aparelho receptor.

**Figura 13-** Anúncio Rádio e Refrigerador Crosley



“Crosley é um nome de confiança para dois productos de qualidade: - Refrigeradores electricos com a já celebre "Porta Mágica" e Radios para o lar e para o automovel. Crosley é agora um nome indispensavel nso orçamentos domesticos daquelles que iniciam a vida: Crosley é o complemento da completa felicidade do lar!”

Fonte: Revista Bello Horizonte, n. 85, ago. 1937, p. 89.

No anúncio acima (figura 12), a felicidade do lar aparece relacionada aos rádios e aos refrigeradores elétricos que simbolizavam, à época, a praticidade e o conforto da vida moderna. O anunciante tratava esses equipamentos como indispensáveis nos orçamentos domésticos para os casais que iniciavam a vida a dois.

Na “vanguarda da indústria radiofônica há mais de 35 anos”, a RCA Victor também se utilizou de valores vigentes para alcançar êxito nas vendas. No lançamento para o ano de 1937, o modelo “Voz Magica” lograria de perfeitas qualidades técnicas. O modelo se somaria a dois outros daquela indústria, vindo a compor a tríade “mágica”:

Ao Cérebro Magico, á Visão Magica e ás Valvulas Metallicas, criações RCA Vitor, veio juntar-se, agora, a mais sensacional novidade em radio, um verdadeiro **milagre** de perfeição vocal e musical: A Voz Magica. Com a Voz Magica, a RCA Vitor logrou conquistar a **gloria** de uma **Trindade** Magica, supremo requinte de qualidades reunidas em um radio<sup>70</sup>. (grifos nossos)

Nesse anúncio, a linguagem aparece carregada de simbolismos. O “**milagre** de perfeição vocal” e a “**gloria** de uma **Trindade** Magica” são elementos de uma cultura religiosa católica, também bastante vigorosa naquele momento.

Um recurso publicitário utilizado pelo fabricante Philip foi comparar dois de seus produtos: “O radio Philips irradia um som tão claro quanto a luz das lâmpadas Philips”. Nessa mensagem, indica-se que a qualidade de transmissão dos rádios permitiria ouvir um som sem interferências e livre de chiados<sup>71</sup>, em que a clareza do som se igualava à luminosidade das lâmpadas. Assim, a indústria promovia dois de seus produtos em apenas um anúncio.

Por sua vez, a Westinghouse lançou mão do alcance da recepção, trazendo descrições amplas de onde e o quê se poderia ouvir por meio de seus receptores. Nesse anúncio, destaca-se a vastidão do Brasil e suas características naturais, afirmando-se que se poderia ouvir a voz da Capital Federal de qualquer ponto do Brasil. A linguagem reporta a uma visão romântica do país e tinha como finalidade afirmar a qualidade do aparelho pelo alcance de longas distâncias no vasto território geográfico brasileiro. Outro anúncio mostra que se poderia ouvir, de New York, “a palavra de Wall Street, noticias e canções, musicas

<sup>70</sup> Folha de Minas, 18 out. 1936, p. 7.

<sup>71</sup> Folha de Minas, 14 out. 1936, s/p.



e luctas desportivas, o ultimo facto como o ultimo blue” por meio de um Westinghouse, “o rádio de precisão”<sup>72</sup>.

**Figura 14-** Anúncio Rádios Westinghouse

**O RIO FALA MELHOR...**



**AO BRASIL, ATRAVÉZ DE UM RADIO**  
**Westinghouse**

○ BRASIL é immenso... Mas, de norte a sul, de leste a oeste, dos pampas aos seringaes, do litoral ao sertão, a palavra do Rio póde ser ouvida — desde as últimas e sensacionaes notícias políticas á descripção minuciosa dos acontecimentos desportivos e dos factos do dia. Qualquer que seja o ponto do território nacional em que estiverdes, ouvireis a vida musical, vertiginosa e empolgante do Rio e sentireis pulsar o coração do Brasil, no aparelho de radio que tem a precisão dos chronometros.



Distribuidor Oficial:  
**Paul J. Christoph Company**  
Filial em Belo Horizonte  
RUA TUFYNAMBA'S, 524-526



**Westinghouse** *o radio de precisão*

“O Brasil é immenso... Mas de norte a sul, de leste a oeste, dos pampas aos seringaes, do litoral ao sertão, a palavra do Rio póde ser ouvida - desde as últimas e sensacionaes notícias políticas à descripção minuciosa dos acontecimentos desportivos e dos factos do dia. Qualquer que seja o ponto do território nacional em que estiverdes, ouvireis a vida musical, vestiginosa e empolgante do Rio e sentireis pulsar o coração do Brasil, no aparelho do radio que tem a precisão dos chronometros.”

**Fonte:** Folha de Minas, 18 mar. 1937, p. 4.

Utilizar do prestígio de artistas para promover vendas de aparelho também se constituiu em uma estratégia publicitária. O “Matador” recebeu a composição de marchinha de Elias Salomé, “aplaudido” compositor musical e intérprete popular da Rádio Inconfidência. Portanto, é pelo nome “Matador” trazido em letras garrafais que se procurou revelar a potência do aparelho.

<sup>72</sup> Folha de Minas, 11 mar. 1937, p. 4.

Figura 15- Marcha Matador (Philips)

**MATADOR**  
 ★ ★ ★ ★ ★ *marcha*

Comrei pr'o vovô  
 Comrei pr'a vovó  
 Comrei também pr'o meu amor...  
 O mais novo das RADIOS PHILLIPS  
 O afamado MATADOR

MATADOR ouve do norte  
 Ao soul d'este meu torrão,  
 E já ouvi em ondas curtas,  
 Perfeitamente, até o Japão...  
 Comrei, comrei, comrei...

ELIAS DE SALOME

“Comrei pr’o vovô/ Comrei pr’a vovó/ Comrei também pr’o meu amor.../ O mais novo dos Radios Phillips/ o afamado MATADOR/ MATADOR ouve do norte/ Ao soul d’este meu torrão/ E já ouvi em ondas curtas/ Perfeitamente, até o Japão... / Comrei, comrei, comrei...”  
**Fonte:** Revista Bello Horizonte, n.77, jan. 1937, s/p.

Mesmo em face à dinâmica do mercado de aparelhos com a oferta de grande número de marcas e modelos nacionais e estrangeiros, preços variados e condições de pagamento, o acesso a esse meio de comunicação encontrava barreiras que se relacionavam com questões de ordem econômica e social. Ao mesmo tempo, foi um momento de crescimento do mercado consumidor e de ampliação do público ouvinte. O rádio estava presente no cotidiano da cidade e do campo, revelando o poder de alcance desse meio de comunicação, apesar das condições adversas.

## **CAPÍTULO 2**

**A CRIAÇÃO DA RÁDIO INCONFIDÊNCIA E O PROJETO DE  
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO ESTADO**

Este capítulo tem por objetivo compreender o projeto de criação da Rádio Inconfidência no rol das medidas de modernização econômica de Minas Gerais, a partir do empenho do Governador Benedito Valadares e do Secretário de Agricultura Israel Pinheiro, em meados da década de 1930.

## 2.1 A inauguração da Rádio Inconfidência e o cenário econômico de Minas

Em 03 de setembro de 1936, Belo Horizonte parecia estar agitada. Era a inauguração da Rádio Inconfidência. Os jornais, há dias, anunciavam a inauguração da emissora oficial de Minas Gerais. Nesse mesmo dia ocorria, na cidade, a abertura do II Congresso Eucarístico Nacional, evento católico marcado pela presença de eminentes membros da Igreja, como o cardeal Dom Sebastião Leme<sup>73</sup>, e outros bispos vindos de todas as regiões do Brasil.<sup>74</sup> Às 19 horas e 30 minutos, na Feira Permanente de Amostras, estavam presentes o governador Benedito Valadares, o Secretário de Agricultura, Israel Pinheiro, o Bispo de Uberaba, membros da Igreja, políticos de várias partes do Brasil, escritores e pessoas da sociedade belo-horizontina<sup>75</sup>. Também fizeram parte da inauguração figuras dos meios radiofônicos do Rio de Janeiro, incluindo artistas e o *speaker* da Rádio Nacional, que se inauguraria no dia 12 próximo.<sup>76</sup> Antes mesmo dos atos de abertura oficial da Rádio Inconfidência, a emissora iniciou a irradiação das solenidades inaugurais do Congresso Católico.<sup>77</sup> As irradiações dessas cerimônias receberam congratulações tanto de ouvintes de cidades do interior de Minas como também de outros Estados:

(...) Tive a grata ventura de ouvir, assistindo a todas as cerimônias, com fiel nitidez, todos os passos do formidável II Congresso Eucarístico, solenne acontecimento que empolgou a alma brasileira (José de Alencar Horta, São Paulo)<sup>78</sup>.

(...) Ainda, neste momento, sinto o coração inundado de entusiasmo porque, por intermédio de nossa grande emissora, tenho a felicidade de

<sup>73</sup> De acordo com Cury (1988), o cardeal Dom Leme teve importância na reaproximação da Igreja com o Estado, a partir de publicação de uma Pastoral, no ano de 1916. Nesse documento, o cardeal reivindicou o retorno do ensino religioso e reconhecimento da parte do Estado, como nação católica.

<sup>74</sup> Conf. Folha de Minas, 01 set. 1936, p. 4.

<sup>75</sup> Conf. Minas Gerais, 03 set. 1936, p. 11; Minas Gerais, 04 set. 1936, p. 9; Folha de Minas, 04 set. 1936, p. 4.

<sup>76</sup> Conf. Folha de Minas, 01 set. 1936, p. 4 e Folha de Minas, 05 set. 1936, s/p.

<sup>77</sup> Conf. Folha de Minas, 02 set. 1936, s/p.

<sup>78</sup> SERVIÇOS de Radio-Difusão do Estado de Minas Gerais, **Minas Gerais**, 15 out. 1936, p. 14.

assistir, embora de tão longe, ao Congresso Eucarístico. (Professor José Thomaz Borges, Tatuhy, Estado de São Paulo)<sup>79</sup>.

No ato de inauguração da emissora oficial, o discurso do governador Benedito Valadares evidenciou o contexto político e econômico pelo qual passava Minas Gerais e o Brasil.

Ao inaugurar a Radio Inconfidência de Minas Geraes, tenho a satisfação de saudar o povo mineiro, formulando os mais ardentes votos pela **prosperidade** do seu trabalho proficuo no sentido do **engrandecimento do nosso Estado**.

Minas atravessa uma phase austera de **reconstrução** e, por isso mesmo exige de seus cidadãos grandes energias (A INAUGURAÇÃO..., 1936, p. 9)<sup>80</sup>. (grifos nossos)

A reconstrução, a prosperidade e o engrandecimento a que se refere o então governador traz à baila a crise econômica vivenciada pelo estado e pelo País no setor da agropecuária, agravada pela queda da bolsa de Nova York em 1929.

Uma das características de Minas Gerais no setor produtivo, em comparação com outros estados brasileiros, deve-se à importância do setor agrícola, não consubstanciada na primazia do café como no caso de São Paulo, por exemplo. Em Minas, a cafeicultura concentrou-se na Zona da Mata Mineira, ao passo que em outras regiões do estado as atividades se diversificaram. Em Minas, o desenvolvimento de atividades produtivas diversificadas foi propulsionada pela necessidade de abastecer o centro minerador<sup>81</sup>. A ausência de um produto principal na economia mineira permitiu que nos anos 1930 o governador Benedito Valadares buscasse promover a economia estadual, abrangendo tanto o setor agropecuário como o industrial e o comercial (PEREIRA; COSENTINO, 2014). Na agricultura, o fomento para a produção de fumo, mamona, algodão é considerado uma das estratégias utilizadas para promover a recuperação econômica do estado (ALVES, 2014).

Para atender ao propósito de ampliação da produção agrícola e pecuária, ambicionava-se a modernização do campo, a partir de investimentos em técnicas, maquinário e na formação de pessoal capacitado para o manejo da lavoura e cuidado com animais. A mudança de governo, em 1930, propiciou a reorganização e a iniciativa pela recuperação da economia. Até 1933, a Secretaria da Agricultura, a mais importante do estado, não mostrou estabilidade administrativa, tendo passado por ela seis secretários.

<sup>79</sup>SERVIÇOS de Radio-Difusão do Estado de Minas Gerais, **Minas Gerais**, 15 out. 1936, p. 14.

<sup>80</sup> A INAUGURAÇÃO da Radio Inconfidência, **Minas Gerais**, 04 set. 1936, p.9.

<sup>81</sup> Conf, por exemplo Godoy (2011).

Somente em 1933, com a entrada de Israel Pinheiro, é que a gestão da Agricultura conheceu um período de estabilidade, tendo Israel nela permanecido até 1942, quando foi designado para o projeto de criação da Companhia Vale do Rio Doce. O período da gestão de Israel Pinheiro na pasta da Agricultura pode ser marcado como de investimentos, tendo como foco o projeto de modernização da produção.<sup>82</sup>

Na gestão de Israel Pinheiro como secretário de Agricultura é que se construiu a Feira Permanente de Amostras. A Feira, inaugurada em 1936, tinha por objetivo primeiro promover a economia mineira por meio de venda de insumos a preços mais acessíveis, exposições de produtos e de instrução do homem do campo, de modo a dinamizar e propagar a produção agropecuária e industrial do Estado.

Felipe Carneiro Munaier (2014) afirma que

o objetivo principal da Exposição Permanente era divulgar as riquezas econômicas do Estado, ou seja, a produção extrativa, industrial e agrícola. A ideia fundamentava-se na vontade de atrair investidores para a jovem cidade, na mesma medida em que poderia melhorar as condições econômicas do Estado como um todo (MUNAIER, 2014, p. 33).

Ainda segundo esse mesmo autor, Israel Pinheiro buscou conciliar o interesse do governo com as demandas das classes produtoras, no qual o comprometimento entre o poder e os produtores, comerciantes, empresas e municípios seria fundamental para o sucesso do projeto. A respeito disso, em discurso na Assembléia Legislativa, o governador Benedito Valadares afirmava que

[...] é condição essencial a formação de um ambiente de otimismo e confiança na administração pública. E este decorre da estrita colaboração entre o governo e as classes produtoras e da divulgação das medidas administrativas necessárias ao aperfeiçoamento dos processos de trabalho. Com esse objetivo está o governo construindo a Feira Permanente de Amostras e já tem em estudo propostas para a **montagem de uma estação rádio difusora**, que levará às populações de todos os municípios mineiros o pensamento e a orientação incentivadora do governo (ASSEMBLEA, 1935, p. 71). (grifos nossos)

Nesse fragmento é explícito o interesse do governo de Minas em associar-se aos produtores mineiros com a intenção de promover o desenvolvimento econômico do estado.

---

<sup>82</sup> Vamireh Chacon (2012) apresenta as origens do nacional desenvolvimentismo brasileiro por meio das propostas político-econômicas de figuras como João Pinheiro, Israel Pinheiro, Getúlio Vargas e Juscelino Kubitscheck.

Também se pode verificar o interesse na construção de uma estação radiofônica oficial do estado, confirmando a sua importância como meio para estabelecer a ligação entre o governo do estado e os municípios. Essa finalidade pode ser melhor compreendida com base em publicação do *Minas Gerais* de 10 setembro de 1935, quando se debatiam as motivações para a criação de uma emissora oficial.

A instalação também no prédio da Feira, de uma estação rádio difusora de 20 quilowatts, que será a mais potente do Brasil, e que terá por objetivo precípua, por intermédio de auto-falantes colocados nas principais praças públicas de cada municipalidade, a irradiação diária de um jornal falado oficial, estabelecendo-se assim uma ligação mais íntima entre a vida da Capital e a de todos os recantos de Minas. (AS NOSSAS..., 1935, p. 16)<sup>83</sup>

Em notícia do *Minas Gerais* após a inauguração da emissora indica-se que o procedimento de instalar autofalantes estava sendo realizado em um dos municípios mineiros:

A prefeitura de Andradas, próspero município do Sul de Minas, acaba de promover a instalação de poderosos auto-falantes no jardim da Praça da Matriz da cidade. Esses auto-falantes servirão a um receptor ligado na onda da Rádio Inconfidência, estação oficial do Estado, e poderão ser escutados em todo o perímetro da cidade. Dessa maneira toda a população de Andradas poderá escutar os programas artísticos e especializados da potente emissora oficial (A POPULAÇÃO..., 1936, p.18-19)<sup>84</sup>

Entretanto, a criação da Rádio Inconfidência não se deu sem resistência. Segundo Kao Martins e Sebastião Martins (1992), “a oposição partiu para o ataque, vindo ali ‘imodesta e perigosa radiomania’”:

Quando Israel construiu a Feira de Amostras, antigo sonho de João Pinheiro, foi um deus nos acuda. Os críticos consideravam o prédio luxuoso demais para a finalidade a que se destinava, e só silenciaram quando o local se transformou no mais importante centro cultural e social da cidade, com restaurante, auditório, salão de baile e intenso movimento de visitantes. (...) Israel, que considerava a emissora indispensável ao seu programa de modernização da agricultura, orientando e informando os fazendeiros, limitou-se a responder que instalaria, sim, a rádio mais poderosa do Brasil, com 22 quilowatts de potência, e tratou de obter apoio de todos os prefeitos (MARTINS; MARTINS, 1992, p. 69).

<sup>83</sup>AS NOSSAS diretrizes econômicas, *Minas Gerais*, 10 set. 1935, p. 16

<sup>84</sup> A POPULAÇÃO de Andradas vae escutar os programas da Inconfidência. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 18 dez. 1936, p.18-19.

As obras para a instalação da emissora que seria a estação oficial de Minas Gerais se iniciaram em finais de 1935. Pode-se dizer que uma das primeiras medidas foi a preparação do terreno para a instalação da antena e a construção da estrada de acesso ao local em propriedade que pertencia ao Instituto João Pinheiro, na região da Gameleira.<sup>85</sup>

Em junho de 1936 firmava-se o decreto de concessão e, por volta de meados de agosto de 1936, o governador Benedito Valadares relatava o andamento da instalação da Rádio:

Está concluída a instalação da estação radio-difusora do Estado, que, devendo ser inaugurada a 1º de setembro, receberá a denominação de Radio “Inconfidência”.

Sua potencia será de 22 kilowatts na antena e 140 na base, sendo, pois, facilmente captada em todo o Brasil e na America do Sul. Para o fornecimento de seu material, foi aceita a proposta da Companhia Nacional de Comunicações Sem Fio “Marconi”, que deu cabal cumprimento ao contracto que assignou com o Estado (RIBEIRO, 1936, p. 89).

A Feira Permanentes de Amostras, localizada na Praça Rio Branco, onde hoje está o Terminal Rodoviário de Belo Horizonte, parecia o lugar apropriado para abrigar a estação radiodifusora oficial, sendo ali instalados os primeiros equipamentos da Rádio Inconfidência. A Feira era formada por diversos estabelecimentos voltados para a sociabilidade urbana. Era o lugar onde se encontravam centenas de pessoas. Havia parque de diversões, restaurante, bares e ali se realizavam exposições dos produtos agrícolas do estado.

A criação da Rádio Inconfidência veio consolidar o projeto de uma emissora oficial, realizando-se em decorrência de esforços de políticos interessados em propagandear as produções econômicas do Estado de Minas Gerais face a um projeto de

---

<sup>85</sup>A respeito da instalação da antena, os documentos atestam que, para o acesso ao terreno da Gameleira, ainda se fazia necessária a construção de parte da estrada “Belo Horizonte - Pará de Minas”, que daria acesso à região. Os primeiros trabalhos foram de limpeza e encascalhamento e contou com mão-de-obra de tarefeiros, que empreitaram o trabalho por meses seguidos. Esses documentos relativos à instalação da antena no terreno do Instituto João Pinheiro foram localizados no fundo da Secretaria de Viação e Obras Públicas que se encontra no APM. Trata-se de relatórios, recibos, documentos da contabilidade expedidos pela tesouraria da Secretaria de Agricultura. Neles também são informados os custos das obras, os despachos do engenheiro responsável, nomes dos trabalhadores/tarefeiros, os dias trabalhados, o valor da jornada de trabalho e as assinaturas do recebimento do pagamento pelo serviço.



modernização da produção agrícola. Jairo Anatólio Lima<sup>86</sup> fala sobre o investimento de Israel Pinheiro para a criação da Inconfidência:

Inaugurada no dia 03 de Setembro de 1936 e aquilo foi um sonho do Secretário de Agricultura de Minas, que era Israel Pinheiro. Já a partir de 1935 ele começou a fazer uma movimentação junto aos prefeitos de Minas Gerais no sentido de darem a sua colaboração, o seu auxílio; cada cidade participando para a compra de um transmissor. Não era uma estação de rádio, era uma grande emissora de rádio e rapidamente se transformou numa das cinco maiores emissoras do Brasil (LIMA, 2006).

Israel Pinheiro fora nomeado Secretário da Agricultura, Viação e Obras Públicas pelo então interventor do estado de Minas Gerais, Benedito Valadares em finais de 1933. À época, a Secretaria era a mais importante do governo e dela ainda faziam parte a indústria, o comércio, as comunicações e outros setores da administração pública estadual. (MARTINS, MARTINS, 1992).

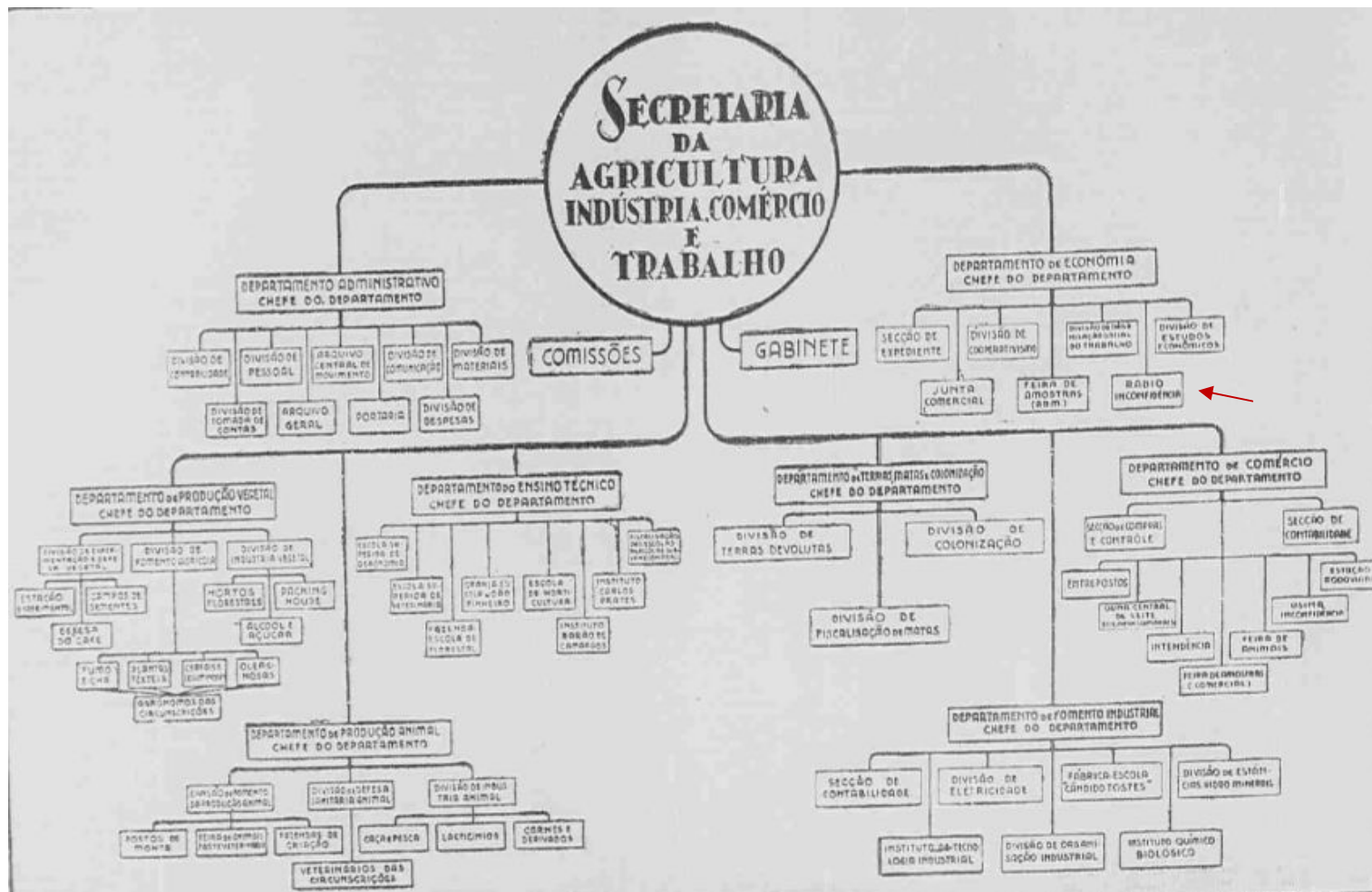
Em 1935, por meio do Decreto n. 2 de 08 de Abril, a Secretaria de Agricultura, Viação e Obras Públicas foi desmembrada e tornou-se Secretaria de Agricultura, Indústria, Comércio e Trabalho e a Diretoria de Obras Públicas deu origem à Secretaria de Viação e Obras Públicas.<sup>87</sup> A primeira permaneceu a cargo de Israel Pinheiro e para a segunda foi nomeado Raul Noronha de Sá. O desmembramento da pasta da Agricultura, portanto, assinala a necessidade de maior especialização no que tange ao setor produtivo, enquanto à pasta de Viação e Obras Públicas couberam as questões de infraestrutura. Os serviços relativos à viação férrea, fluvial, aérea e de rodagem; edifícios públicos, pontes, linhas telegráficas e telefônicas, entre outros, couberam a essa última. A radiodifusão, ainda que fosse um assunto de infraestrutura do estado, coube à pasta da Agricultura, dado o ensejo de torná-la importante no processo de desenvolvimento econômico, concentrado, sobretudo, no setor agropecuário.

---

<sup>86</sup> Entrevista concedida por Jairo Anatólio Lima à Rádio Inconfidência quando da comemoração de 70 anos da emissora. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=Mo7paepYKNQ>> Acesso em: 22. nov.2014 (A transcrição foi feita por mim.)

<sup>87</sup> A Secretaria da Agricultura, Indústria, Comércio e Trabalho tornou-se responsável pela Produção Animal, Vegetal e Mineral; Ensino Agrícola; Indústria e Comércio; Estâncias Hidrominerais; Terras e Colonização; Concessão de Minas e Quedas d'água; Estatística e Publicidade; Meteorologia; Organização e Fiscalização do Trabalho e Intendência. Por sua vez, à Secretaria de Viação e Obras Públicas couberam os serviços relativos à viação férrea, fluvial, aérea e de rodagem; edifícios públicos, pontes, linhas telegráficas e telefônicas; carta geográfica, limites interestaduais e intermunicipais; saneamento, urbanismo e assistência técnica aos municípios. Conf. Estrutura e Dinâmica da Organização Político Administrativa de Minas Gerais, s/d.

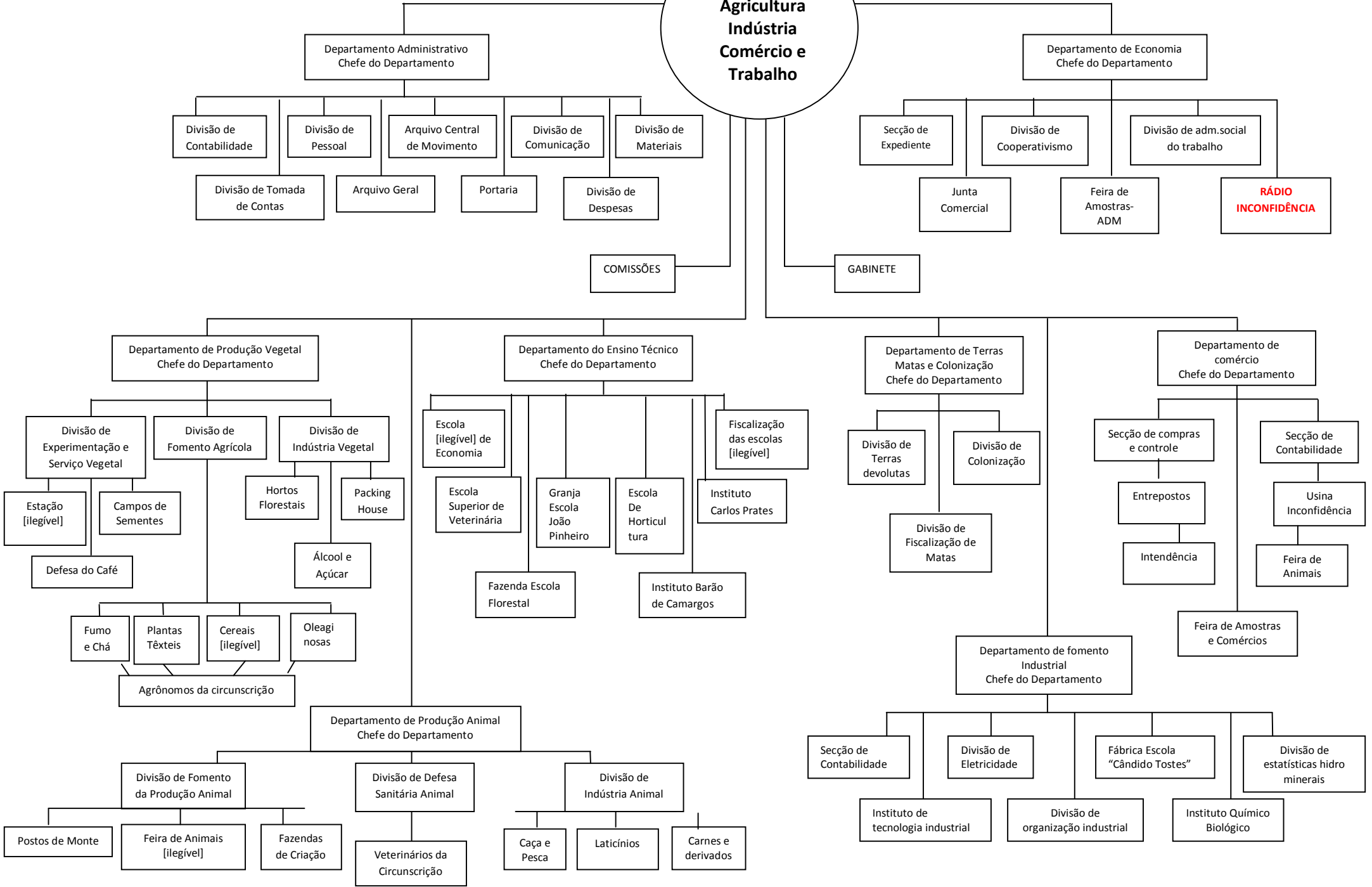
Figura 16- Organograma da Secretaria da Agricultura, Indústria, Comércio e Trabalho<sup>88</sup>



Fonte: Folha de Minas, 10 dez. 1943, p.6

<sup>88</sup> Esse organograma foi divulgado em decorrência de nova organização da Secretaria de Agricultura, promulgada pelo Decreto-lei 983, de 09 de dezembro de 1943.

# Secretaria da Agricultura Indústria Comércio e Trabalho



O organograma acima mostra a estruturação da Secretaria de Agricultura, achando-se a Rádio Inconfidência vinculada ao Departamento de Economia da Secretaria. Esse departamento era responsável por estudar, “sob o ponto de vista econômico, os problemas da Secretaria, especialmente os relativos à produção, distribuição e consumo da riqueza agrícola e industrial, e à organização social do trabalho.” Igualmente, cabia ao departamento a “difusão de conhecimentos relativos à indústria, ao comércio e à agricultura, bem como a propaganda em pró do aumento e melhoria da produção” (DADA..., 1943, p. 6)<sup>89</sup>. A Rádio Inconfidência e a Feira de Amostras, vinculadas a esse departamento, cumpririam a função de difusão e propaganda da produção econômica de Minas Gerais. A melhoria da produção e o desenvolvimento econômico seriam o resultado esperado em médio e longo prazos.

## 2.2 Para orientar o homem do campo: *Hora do Fazendeiro*

A materialização do propósito de promover a economia rural se daria com a irradiação do programa *Hora do Fazendeiro*, inicialmente chamado de *Meia Hora do Fazendeiro*, indicando o tempo de duração no ar. A sua função precípua era a de instruir o homem do campo bem como estabelecer a ligação entre a Capital e o interior<sup>90</sup>. Iniciado logo nos primeiros dias de atividade da Rádio, a *Hora do Fazendeiro* era organizada pelo engenheiro agrônomo João Anatólio Lima e está no ar até os presentes dias, sendo considerado um dos programas de rádio mais antigos do Brasil (e supõe-se que até mesmo do mundo).

Nos trechos abaixo, é possível verificar o objetivo fundante do programa, veiculado em um dos impressos analisados.

A Radio Inconfidencia, transmissora official do Estado, vem irradiando desde o dia 10 do corrente um programma exclusivamente dedicado aos agricultores mineiros. Essa irradiação que se faz todos os dias, das 18:15 ás 18:45 horas intitula-se “Meia hora do fazendeiro”, durante o qual podem os agricultores ouvir notas agrícolas, conselhos, noções geraes de

<sup>89</sup> DADA nova organização á Secretaria da Agricultura, Indústria, Comércio e Trabalho: o decreto-lei ontem assinado pelo Governador Benedito Valadares, **Folha de Minas**, 10 dez. 1943, p. 6.

<sup>90</sup> Campelo (2006) destaca a função do programa de estabelecer contato entre o homem do campo e cidade e também traz informações do programa ao longo de sua existência na emissora oficial, perpassando o período do governo Vargas, a ditadura de 1964 até 2006 (quando completa 70 anos no ar), apresentando as mudanças ocorridas no formato ao longo desse tempo.

agricultura e pecuária, informações e respostas a consultas que sejam dirigidas àquella transmissora sobre assuntos agrícolas.

A Radio Inconfidencia colaborando assim com os agricultores mineiros, vem completar a grande obra de expansão economica que realiza o atual governo do Estado, visando activar e melhorar a nossa produção para a conquista de melhores mercados (A PRI-3..., 1936, p. 7)<sup>91</sup>.

O programa *Hora do Fazendeiro* era irradiado todos os dias, de domingo a sábado, ocupando 30 minutos da programação diária da emissora. Essa permanência do programa em todos os dias durante a semana pode ser tomada como a intenção em manter contato permanente com o homem do campo. Por seu turno, o horário das transmissões, ao anoitecer, justifica-se tanto por ser a hora em que os ouvintes visados- fazendeiros, lavradores, agricultores- já teriam chegado do trabalho no campo, ao mesmo tempo em que era comum, nos meios rurais, as audições durante à noite, em virtude das condições para a recepção naquele meio.

A função do programa foi relatada por Jairo Anatólio Lima que, ao lembrar da experiência de ajudar o pai, João Anatólio, com as correspondências recebidas pela *Hora do Fazendeiro*, enfatiza que

Desde aquele tempo, posso afirmar que a maioria das cartas que chegava tratava exclusivamente de consultas ligadas às questões agrícolas e pecuárias, que ele não apenas respondia pelas ondas do rádio, como também, mandava, via correio, o nome do medicamento indicado e o modo de usá-lo, para que não houvesse qualquer dúvida. A mim cabia anotar de quem eram as cartas, em quais dias chegavam, quando eram respondidas, e os temas abordados pelo consulente. (LIMA apud CAMPELO, 2006, p.6)

Ricardo Parreiras, radialista que integra o quadro de funcionários da emissora desde o final da década de 1940 até hoje, também narra a natureza das orientações feitas pela *Hora do Fazendeiro*:

O João respondia cada carta dos ouvintes que solicitavam consultas sobre a doença do gado, remédios para cuidar da lavoura, os segredos para uma boa colheita, um bom plantio, e outras questões ligadas à agricultura e à pecuária. A parte musical ele mesmo escolhia, convidando os cantadores para emoldurar o programa (PARREIRAS apud CAMPELO, 2006, p. 9)

---

<sup>91</sup> A PRI-3 irradia diariamente um programa para os fazendeiros, **Folha de Minas**, 27 set.1936, p.7. (Suplemento Página Agrícola).

Em *Questões da Gléba*, livro publicado em 1940, João Anatólio Lima apresentou um conjunto de correspondências nas quais os remetentes solicitavam conselhos e orientações a respeito de cultivo de plantas alimentícias (verduras, leguminosas, frutíferas e raízes), florais e lenhosas de diversas espécies; do combate a pragas e insetos das plantações e de cuidado com os animais. Em uma publicação da *Folha de Minas*, afirmou-se que o “livro teve a sua origem no radio, pois o autor, que é encarregado da “Hora do Fazendeiro” da Radio Inconfidencia, enfeixou nesse volume muitas das consultas que tem respondido naquelle programa radiophonico” (“HORA...”, 1941, p. 5)<sup>92</sup>.

Em uma das correspondências transcritas no livro, o ouvinte solicitou o seguinte:

Venho por meio desta pedir a V. S. o especial favor de informar-me como se deve fazer a sementeira do eucaliptos. Tenho em meu poder 1 quilo de sementes e, como não tenho noção de como se faz a sementeira, peço-lhe uma explicação pela Hora do Fazendeiro. Desde já ficarei muito agradecido. Do amº. crº. obrº. – J. Corrêia da Silva (LIMA, 1940, p.125).

Muito possivelmente a resposta foi irradiada no programa, em atendimento ao desejo do ouvinte. Para o problema posto sobre o plantio de eucalipto, João Anatólio Lima orientou o ouvinte a:

- 1º- Escolher terra humo-silicosa, ou então misturar uma parte de areia a duas partes de terra vegetal.
- 2º- Fazer canteiro de 1 metro de largura por 5 metros de comprimento.
- 3º- Estes canteiros deverão ser protegidos por coberturas de sapé ou capim ou esteiras de taboa.
- 4º- Antes de fazer a sementeira, regar bem os canteiros. Depois disso, aplanar a superfície dos canteiros
- 5º- Fazer a sementeira, peneirando sobre as sementes terra fina ou areia, de modo a formar uma camada leve sobre elas, 40 a 50 gramas de sementes por metro quadrado.
- 6º- regar diariamente, mas não em abundância. As regas devem ser feitas por meio de um pulverizador, para que seja feita em forma de chuva muito fina (LIMA, 1940, p.125).

A escolha do tipo de terra, os modos de proceder no plantio e os cuidados posteriores com a lavoura, explícitos no fragmento acima, evidenciam que, em torno da proposta da *Hora do Fazendeiro*, estava a necessidade de dotar a produção agrícola de técnicas e conhecimentos científicos para o aperfeiçoamento e melhoria da produção

---

<sup>92</sup>“HORA do fazendeiro”, um programa orientador dos agricultores que possuem radios em suas fazendas, *Folha de Minas*, 19 mar. 1941, p. 5.

agropecuária. Desde finais do século XIX e início do XX, o avanço técnico-científico era posto como uma condição necessária para o desenvolvimento da agropecuária brasileira, em um cenário marcado por crise do setor. Naquele contexto, a ciência foi tomada como solução para a reabilitação agrícola do país (MENDONÇA, 1997)<sup>93</sup>.

O cenário econômico e social brasileiro modificado pelas alterações de regime político e pelo fim da escravidão demandou o investimento no ensino agrícola como mecanismo de recuperação do homem do campo e da agricultura brasileira. Segundo Sônia Regina Mendonça (1997), tal proposta situava-se no limite da disciplinarização da mão-de-obra via ensino, trazendo em seu bojo o papel civilizador do conhecimento. Em perspectiva semelhante, Luciano Mendes de Faria Filho (1991) mostra que a questão da falta de mão-de-obra para o regime de trabalho assalariado foi uma das razões aventadas para a concepção do Instituto João Pinheiro. Na qualidade de primeira experiência do estado de Minas Gerais criada com o intuito de promover a assistência à criança abandonada, o Instituto associou a proteção à infância à tarefa de preparar o trabalhador nacional para a lavoura. Era oportuno educar esse trabalhador, uma vez que era receptáculo de um discurso preconceituoso e desqualificador.

Podemos dizer, de uma maneira geral que, o que caracterizava os trabalhadores nacionais aos olhos dos produtores mineiros e de muitos de seus porta-vozes, era o fato de eles não estarem física, ideológica e moralmente aptos para o trabalho disciplinado e organizado segundo os moldes capitalistas (FARIA FILHO, 1991, p. 25).

Na tentativa de suplantar o atraso da economia agrícola, decorrente da mudança de regime e do fim da escravidão, das iniciativas da indústria nacional e da expansão urbana e da crise do setor agroexportador, prevaleciam representações negativas sobre o homem e o espaço rurais. Essas representações imprimiam o sentido de campo como lugar do atraso se comparado à cidade, lugar de progresso. O homem rural, por sua vez, era considerado vadio, indisciplinado e ignorante. Tais construções ideológicas legitimavam a intervenção de uma determinada elite econômica, política e intelectual no mundo rural (MENDONÇA, 1997). Expressava-se, portanto, a partir dessa visão, que desde o início do século XX as

---

<sup>93</sup> Segundo Mendonça (1997), havia a pretensão de uma determinada elite agrária fixar o ideário de “vocação agrícola” do País como forma de contrapor às iniciativas industriais, consideradas um dos fatores da crise experimentada pelo setor agropecuário brasileiro. Como outros motivos para a crise, apontavam-se o fim da escravidão, a monocultura e a grande propriedade.

novas tecnologias e a educação impunham-se como mecanismos úteis para a construção de um novo homem e de um novo espaço rural.

Henrique de Oliveira Fonseca (2014) mostra que o uso do rádio esteve presente no pensamento de Sud Meneuci, intelectual defensor de uma proposta de ruralização do ensino no decorrer dos anos 1920 e 1930, segundo uma acepção rural que ele tinha do Brasil<sup>94</sup>. De acordo como autor (2014), Meneuci

defendia que para o campo revigorar-se deveria existir uma disseminação dos avanços materiais nas zonas rurais, apontando que o rádio seria um importante veículo na colaboração da fixação do homem à terra, pois representava um profícuo meio para diminuir a distância entre os homens e abrandar o sentimento de solidão existente no campo (FONSECA, 2014, p. 121).

Em artigo publicado no *Folha de Minas*, Meneuci denunciava a falha das escolas do campo uma vez que essas se prestavam ao ponto de vista estritamente profissional, com que os administradores de instrução pública lhe imputavam. Para ele, o campo estava “impreparado” para receber a escola, afirmando que esse espaço deveria passar por uma fase de adaptação, levando-se em conta que o trabalho demandaria muito mais medidas da pedagogia social do que as de pedagogia comum. Na denúncia de que ao campo faltava o conforto disposto nas cidades (luz elétrica, telefone, água, esgoto, rádio, jornal, correio e telégrafo e serviços de assistência social), Meneuci explica o melhor rendimento das escolas dos grandes aglomerados urbanos, enfatizando a inutilidade de se tentar ensinar sem as condições básicas que propiciariam a aprendizagem.

Nos posicionamentos de Meneuci presentes nesse texto, ficam evidentes os estereótipos sobre o homem rural e o campo. Adjetivações que giram em torno da solidão, isolamento, hostilidade e atraso serviram para legitimar o uso do rádio nos meios rurais. Ao rádio, cabia o contato civilizador com o homem do campo, de modo que se pudesse promover tanto a produção agrícola por meio do ensino de procedimentos e técnicas úteis quanto “melhorar” o homem do campo dos pontos de vista físico, intelectual e moral. A intenção era sempre de promover um projeto civilizatório para a nação que se constituía.

---

<sup>94</sup>Para a análise interpretativa, o autor procurou discutir a participação de Sud Meneuci no cenário educacional brasileiro, levando-se em conta a trajetória e participação em espaços de sociabilidade, as suas idéias políticas e as concepções políticas e educacionais que marcaram o cenário da época. Entretanto, o autor, na tentativa de romper com algumas generalizações em torno do movimento educacional, mostra como Sud Meneuci movia-se nesse campo de disputas, aderindo ou trazendo contrapontos ante as idéias do momento.



Quando essa trama de ondas que se misturam e se embaralham puder alcançar as válvulas dos milhões de aparelhos de radio que nossa terra comporta, **um ambiente novo** brotará em todas as zonas agrícolas e **uma nova mentalidade** se formará nos seus homens do campo! **A renovação que vem do contato com uma civilização mais alta**, essa renovação que preludia às grandes e profundas transformações sociais, feitas no **caminho pacífico da evolução** (MENUCCI, 1938, p.3)<sup>95</sup>. (grifos nossos)

Na medida em que o problema da educação rural era posto ao lado do problema do “atraso” do campo decorrente da ausência de uma infraestrutura básica de vida, se poderia ruralizar o ensino por meio do rádio. No excerto abaixo, destaca-se a percepção de Sud Menucci em torno da tecnologia radiofônica ante outros meios de comunicação que serviam para estabelecer o contato humano; o rádio, superando esses meios, servia para colocar a população analfabeta a par da informação e em contato com o mundo das letras.

O radio...Este será o grande ruralizador do mundo.  
Nenhuma descoberta, nenhuma invenção, nenhuma conquista humana é maior, mais significativa, mais fecunda que esta realização da sciencia moderna: o radio. Muito mais que o navio, o trem electrico, o automóvel, o proprio aeroplano, conseguiu elle dar a sensação nitida e perfeita de que o mundo é uma pequena bola em que a humanidade labuta, regando-a com o suor de seu rosto, fecundando-a com o seu ininterrupto trabalho. (...) O radio venceu a imprensa, porque chega instantaneamente a ponto a que as gazetas só alcançaria após dias e dias de viagem; derrotou o livro porque interessa também a **população analphabeta**, que não aprendeu a ler, mas que sabe ouvir; elliminou, enfim, essa cousa terrível que é a distancia, destruindo nos homens, por mais afastados que estejam, a sensação do **isolamento**, do **abandono**, da **relegação** (MENUCCI, 1938, p.3). (grifos nossos)

Nos anos 1930, o problema da produção e do crescimento econômicos urgia nas políticas que buscavam colocar o Brasil rumo ao desenvolvimento. Se, por um lado, a industrialização obteve, a partir desse momento, incentivos para o seu florescimento, por outro ainda pesava a chamada “vocação agrícola do país”. Desta feita, o ensino rural foi também, durante o governo Vargas, e, sobretudo, no Estado Novo, política estratégica utilizada pelo governo do estado de Minas Gerais para a formação técnico-profissional no setor agropecuário, com vistas a promover a recuperação econômica por meio da diversificação produtiva do setor. Conforme afirma Bruno Geraldo Alves (2014), no período do Estado Novo, a educação rural se configurou em dois paralelos: um que se articula com os pressupostos adotados pela educação de modo geral, que a pensa como

<sup>95</sup>MENUCCI, Sud. O radio e a ruralização, **Folha de Minas**, 1938, p.3.

instrumento de formação de um novo homem, patriótico, nacionalista, que reconhece os princípios da democracia social; e o segundo que, como mostra Ana Maria Casasanta Peixoto (2003), pretendia tanto a fixação do homem no campo quanto tomá-lo como elemento essencial de dissimulação das verdadeiras causas do fenômeno do êxodo rural- a carência de instrumentos para a obtenção de recursos para aí sobreviver (ALVES, 2014). O autor ainda mostra que o plano do governo de Minas para promover mudanças do ambiente rural se pautava desde a promoção do ensino por meio de fábricas-escolas e campos de cooperação à “distribuição de sementes, máquinas, adubos, inseticidas e fungicidas, difusão de conhecimentos pela imprensa, rádio, das exposições e das preleções dos técnicos aos produtores” (ALVES, 2014, p. 71).

É, portanto, a partir desse direcionamento que podemos inserir a Rádio Inconfidência e especialmente o programa *Hora do Fazendeiro* e outros como *Hora da Sociedade Mineira de Agricultura* (1940), *Hora da Pecuária e Bolsa do Zebu* (1944), bem como programas temporários que se realizaram em decorrência da VII e da XI Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados, realizadas em Belo Horizonte nos anos de 1938 e 1944<sup>96</sup>, no rol das medidas que se colocavam em favor do desenvolvimento econômico do estado, em um processo que privilegiou tanto a valorização do campo quanto a diversificação produtiva estadual.

Diante dessas constatações, podemos acrescentar que, se a *Hora do Fazendeiro* trazia em seu bojo a intenção de instruir e modernizar a produção agropecuária, a representação do homem rural mineiro não passou incólume nos programas da Rádio Inconfidência.

Compadre Belarmino, personagem do médico Vicente Vono que deu nome a um dos principais programas humorísticos da estação oficial, foi, naquele tempo, o representante do estereótipo do mineiro, o homem da roça, que conversa “errado” e que trabalha na lavoura.

O Dr Vicente Vono foi convidado pelo então secretário da Agricultura, Dr Israel Pinheiro, para fazer um programa. A coisa começou quando o secretário ouviu algumas piadas que ele contava em uma festa e não deu outra: chamou-o para a Rádio Inconfidência. Fez uma participação no Programa Hora do Fazendeiro e não parou mais (O TUCANO apud CAMPELO, 2006, p. 11)

---

<sup>96</sup> Em 1938, foi organizado o programa denominado *Hora da Exposição Nacional* e em 1944 o programa recebeu o nome de *Programa sobre a XI Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados*.

Em uma entrevista à *Revista Alterosa*, o personagem compadre Belarmino conta a trajetória em seu “vale de lágrima”- modo (cômico) como se refere ao trabalho na Inconfidência. Foi como vendedor de frango que Belarmino conheceu o então secretário de Agricultura Israel Pinheiro, que o convidou para ocupar o microfone. Segundo Belarmino, “na hora da inauguração da Inconfidência o meu nome foi lembrado pelo dotô Israé, que quiria vê presente ali a arma sempre do cabôco de nossa terra. Foi assim que principiei a minha carreira naquele aparêio que vim a sabê depois que se chama microfone” (UMA PALESTRA...1942, p. 105)<sup>97</sup>.

É possível supor que, de uma maneira caricatural, o programa *Compadre Belarmino* tinha como alicerce o reconhecimento do público rural mineiro na figura do caipira e de seus companheiros Ximango e Paia Roxa (figuras 16 e 17). A linguagem e os comportamentos marcam a proximidade e a identificação dos personagens com o público ouvinte situado, sobretudo, na região rural<sup>98</sup>.

O atributo “humorístico” insere o programa no cenário da diversificação da produção radiofônica, marcado pela abertura comercial concedida pelo governo federal a partir de 1932, como será discutido em outro momento deste trabalho. De acordo com Lia Calabre “o rádio levou a sério a função de divertir” e os programas humorísticos eram escritos como uma espécie de crônica para retratar ou criticar o cotidiano (CALABRE, 2004). O *Compadre Belarmino* retratava o homem do campo na cidade, ocupando o microfone de uma emissora de rádio, aparelho inicialmente estranho ao seu conhecimento de mundo. Contudo, era o riso, o pilhérico que dava o tom da narrativa nesse processo de reconhecimento<sup>99</sup>. Segundo Salvadori (2010), baseando-se em Bakhtin,

---

<sup>97</sup>UMA PALESTRA com o Cumpadre Belarmino, *Revista Alterosa*, Ano IV, n.27, jul. 1942, p. 31 e 105-106.

<sup>98</sup> Neste trabalho, não pretendemos realizar uma análise do ponto de vista da linguagem oral do caipira a partir do que Ana Maria de Oliveira Galvão (2000) chama de “marcas da oralidade” e de outros recursos que permitem a identificação do personagem Belarmino e do seu programa com o público ouvinte. Esses elementos poderão ser utilizados em um trabalho futuro, no entanto, coube-nos, nesse momento, apenas registrá-los, na medida em que esse programa compõe o nosso *corpus* de análise e se relaciona com a nossa proposta de investigação.

<sup>99</sup> O humor em programas de rádio é trabalhado por Maria Ângela Borges Salvadori (2010, 2012) nos textos **Sonoras cenas escolares**: histórias sobre educação, rádio e humor e em Repercussões satíricas dos processos de escolarização do social nas ondas do rádio (1930-1940). Nesses trabalhos a autora toma como objeto o programa *Cenas escolares*, idealizado por Renato Murce e transmitido inicialmente pela Rádio Transmissora Brasileira e depois pela Rádio Nacional. À luz de Bakhtin, em estudos que se voltam ao caráter social da linguagem, o potencial crítico e a inversão do humor, e de Thompson, a partir de conceitos como costumes, resistência e experiência, a autora mostra como o programa satirizava a escola, os sujeitos, o tempo e o espaço em um contexto de repressão do DIP ao mesmo tempo em que o propósito educativo e cultural do rádio lograva êxito entre a intelectualidade brasileira.

a comicidade popular pertence à esfera da vida cotidiana, tanto em termos das situações propostas quanto à linguagem. Ela procura recuperar um vocabulário das ruas, caracterizado pela inversão, em oposição à língua oficial, instrumento de autoridade; ao provocar o riso, a comicidade remete à utopia de outro mundo possível (SALVADORI, 2010, p.184).

Belarmino, ao narrar as suas experiências ao microfone da Inconfidência inverte a ordem normativa do rádio como lugar pensado e produzido por uma determinada elite política e cultural mineira, ao mesmo tempo em que a estereotipização do caipira colocava em cena a representação política sobre o homem do campo, que ora servia para fixar uma relação identitária entre a emissora e o público rural (mineiro e nacional) ouvinte do programa.

**Figura 17-** Compadre Belarmino (ao centro), Ximango e Paia Roxa



**Fonte:** Revista Alterosa, n.27, jul.1942, p. 31

**Figura 18-** Representação do programa Compadre Belarmino



“A TELEVISÃO EM “CHARGE””: O lápis de Fabio Borges fixou para os inúmeros fans do Compadre Belarmino, uma cena pitoresca do seu tradicional programa no microfone da PRI-3. Belarmino fuma displicentemente o seu cigarro de palha, enquanto Ximango se vê as voltas com a “Malhada” que parece “extranhar” o microfone. Paia Roxa, calmamente ataca os bichos de pé, enquanto espera a sua vez de intervir nos diálogos.”

**Fonte:** Revista Alterosa, n.58, fev. 1945, p.96

### 2.3 A memória da Inconfidência

Ao falar aos intelectuaes mineiros, por essa **voz moderna** da intelligencia que é o **rádio**, a minha impressão é a de que estamos vivendo aqui um instante de poesia. Da melhor poesia da vida contemporânea. A **poesia** que se exprime no genio do homem realizando, creando cousas novas e esplendidas, como **estação de broadcasting que começa a ser agora o justo orgulho de Minas.**

Ora, ahí viver-se um instante de poesia, não se deve esquecer a intelligencia creadora desta grande terra a que estou falando.

De todas as glorias mineiras, a melhor e a mais pura é a de ter visto a poesia amanhecendo no Brasil... quando veio do céu para a nossa patria a ave maravilhosa [ilegível] nas montanhas de Minas o seu primeiro ninho e daqui ergueu o primeiro canto, mostrando assim que [ilegível] nas alturas a poesia sabe viver e cantar.

E antes mesmo que existisse o Brasil, como Brasil, já existia em Villa Rica a poesia brasileira. Na **alma lyrica de Gonzaga**, na **frente seismadora de Alvarenga Peixoto**, no grande coração de **Claudio Manoel da Costa**, ella sonhava o mais bello sonho de todas as poesias jovens do mundo: o sonho da liberdade.

Antes dos **poetas** inconfidentes, outros já haviam cantado no Brasil. Mas não eram **poetas** brasileiros e não era ainda a poesia brasileira. Depois dos poetas da Inconfidencia, muitos outros cantaram as imagens de belleza da nossa terra e a vida nova da nossa gente. Mas a impressão da poesia nascendo, da poesia amanhecendo no Brasil ficou para a sempre marcada nas illustres sombras daquelles bardos heroicos e gentis que poeticamente quizeram lutar para ter o direito de dar o nome de patria á terra em que viviam. E na evocação de Gonzaga, de Alvarenga e de Claudio, ninguem mais esqueceu que, ao vir do céu para o Brasil, a ave maravilhosa formou nas montanhas de Minas o seu primeiro ninho e daqui ergueu o primeiro, mostrando assim que só nas alturas a poesia sabe viver e cantar... **Inconfidencia**, esta palavra magica da Historia Brasileira ficou sendo para todos nós **synonimo de poesia.**

Ora, **o radio é a poesia da vida moderna**, o genio do século creou o milagre de espalhar de novo pelo céu, nas ondas sonoras da electricidade, o canto e a musica que vem do céu para a alma dos homens. O radio é a poesia da vida moderna. Porque a poesia é a vida cantando. E o radio é o cantico da vida de hoje, a voz que tem o segredo de levar a emoção humana, em musica ou em palavra, a todos os homens.

**Radio Inconfidencia... Duas palavras que exprimem poesia.** Radio-poesia da vida moderna. Inconfidencia-poesia primeira do Brasil, amanhecendo nas montanhas mineiras, para sonhar o sonho da liberdade.

Há um **symbolo** tocante no admiravel título desta grande estação transmissora que hoje se inaugura em Minas Geraes. E no pico da sua torre orgulhosa, que tão alto se levanta na paisagem moderna de Bello Horizonte, parte agora vãos novos, esta poesia que, tendo acordado no Brasil com a Inconfidencia, hoje se espalha pelo radio... (A INAUGURAÇÃO...1936, p. 9)<sup>100</sup> (grifos nossos)

<sup>100</sup> INAUGURAÇÃO da Radio Inconfidencia, **Minas Gerais**, 04 set. 1936, p.9.

O texto acima trata de um discurso proferido ao microfone no ato de inauguração da Rádio Inconfidência de Minas Gerais, em 03 de setembro de 1936. O autor é Genolino Amado, jornalista, professor e organizador de programas educativos de rádio, nos anos 1930 e 1940, tendo atuado nas emissoras Nacional e Mayrink da Veiga, no Rio de Janeiro<sup>101</sup>.

A trama na qual o discurso é construído traduz, em um primeiro momento, o significado de modernidade que o rádio representava naqueles tempos. O fragmento “voz moderna da inteligência que é o rádio” expressa essa ideia. Em seguida estabeleceu-se uma comparação entre o rádio e a poesia, que pode ser percebida em “o rádio é a poesia da vida moderna” e na própria evocação de Tomás Antônio Gonzaga, Alvarenga Peixoto e Cláudio Manoel da Costa, reconhecidamente poetas inconfidentes. Ao trazer para o texto esses nomes se reconhece, no ato de inauguração da estação oficial de Minas Gerais, a memória da Inconfidência Mineira. Ademais, o nome dado à emissora seria “a justa” homenagem ao fato que marcou a história brasileira.

Batizar a estação de rádio oficial de Minas Gerais com o nome de Inconfidência, no contexto dos anos 1930, pode ser entendido como ato de fixar um “lugar de memória”, nos termos como é apresentado por Pierre Nora (1993): “a razão de ser de um lugar de memória é deter o tempo, bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para (...) prender o máximo de sentido num mínimo de sinais(...)” (NORA, 1993, p.22). De acordo com José Murillo de Carvalho (1990), a partir da proclamação da República, a Inconfidência Mineira ganhou o estatuto de marco histórico como mito de origem da República e Tiradentes foi eleito o herói nacional.

Nesse sentido, nomear instituições, ruas, praças e comemorar o 21 de abril foram mecanismos utilizados para fixar a construção de uma história nacional e de instalar “a pedagogia de uma nacionalidade responsável pela consciência cívico-patriótica do cidadão brasileiro” (DUTRA, 1993, p. 76). Thais Nivia de Lima e Fonseca (2001) reconhece que os anos entre 1930 e 1960 foram um período privilegiado “na valorização da memória da Inconfidência Mineira, na institucionalização da comemoração do 21 de abril e na sedimentação das representações de Tiradentes como mártir e herói da nação”. De acordo

---

<sup>101</sup> O *Minas Gerais* de 04 set. 1936 apresenta Genolino Amado como um intelectual criador da literatura do rádio nos anos 1930. Segundo Costa (2012), Genolino Amado era jornalista, tendo trabalhado no Diário de São Paulo e nos Diários Associados, e também foi professor na Escola Técnica de Ensino Secundário Amaro Cavalcanti. Foi responsável por programas radiofônicos educativos nas rádios Mayrink Veiga e Nacional nos anos 1930 e 1940.

com a autora, “essas ações foram parte do esforço de construção de uma identidade nacional coletiva e de legitimação de projetos políticos que, naquele momento, buscavam redefinir as relações sociais e promover o desenvolvimento econômico do país” (FONSECA, 2001, p. 24).

Para a autora, a questão da memória foi tomada na perspectiva de suporte da história nacional, a construção de determinadas representações e suas possíveis associações com a memória coletiva. Nesse caso, a memória está relacionada aos sistemas de poder, uma vez que sua manipulação permite o controle de determinados grupos sobre outros, facilita a legitimação de práticas e de discursos, mesmo que não seja absolutamente imposta. A autora, considerando as reflexões de Baczko, concorda que não haveria a possibilidade de uma imposição total, já que o controle e a manipulação se fazem a partir de elementos aceitos e reconhecíveis no conjunto da memória coletiva (FONSECA, 2001).

Le Goff (2003) considera a memória como função ou mecanismo capaz de conferir identidade, ou em sua falta, determinar perturbações graves de identidade coletiva.

... num nível metafórico, mas significativo, é não só uma perturbação no indivíduo, que envolve perturbações mais ou menos graves da presença da personalidade, mas também a falta ou a perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos e nas nações, que pode determinar perturbações graves da identidade coletiva (LE GOFF, 2003, p. 421).

Se de um lado existiu/existe um marco referencial acerca da figura de Tiradentes que permeou o imaginário coletivo desde o seu suplício, de outro, as estruturas/grupos de poder que detinham o controle das mídias nos anos 1930, reforçaram o poder simbólico de Tiradentes e da Inconfidência como amálgamas da unidade nacional que se pretendia (FONSECA, 2001).

É, portanto, a partir dessas reflexões que compreendemos o ato de nomear a emissora de Minas Gerais com o nome de Inconfidência: torná-la marco memorativo da história de Minas e da história nacional pelo significado conferido à insurreição mineira de finais do XVIII. Mais do que isso, poderia-se dizer da intenção de constituir uma “tradição inventada”, definida por Hobsbawm (1997) como

um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao



passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBSBAWM, 1997, p.9).

Não bastasse a nomeação em homenagem a Inconfidência Mineira, evidentemente a emissora oficial seria lugar de difusão das comemorações do 21 de abril e de evocação de seus personagens como prática do governo do estado, no cumprimento do dever de rememorar o acontecimento. Se no discurso de Genolino Amado acima apresentado, lembrou-se apenas dos inconfidentes poetas, nas comemorações do 21 de Abril a figura de Tiradentes apareceu com frequência. Entretanto, as produções dedicadas à “Inconfidência Mineira” faziam parte dos roteiros sem, necessariamente, se limitar à data cívica. As transmissões com os motivos da Inconfidência eram feitas por encenações teatrais, números musicais e declamação de poesias. Em 1940, por exemplo, a comemoração do 21 de Abril se realizaria pela irradiação da peça “Barbara Heliodora”, de autoria do historiador de artes, professor, pintor e escritor Aníbal Matos<sup>102</sup>. Antes, porém, em 1936, a emissora ficaria a cargo da *Hora do Brasil*, na qual seria feita homenagem aos inconfidentes “repatriados” pelo governo Vargas.

Seguiram para o Rio, pelo nocturno de hontem, as senhorinhas Dagmar Leite e Odette Flexa e a senhora Gertrudes Driesler, cantoras e pianista da Radio Inconfidencia, a fim de tomarem parte no programa artistico de amanhã, 26 do corrente, da “Hora do Brasil”. (...) O programa artistico da “Hora do Brasil” de amanhã estará a cargo da Radio Inconfidencia e será uma homenagem ás cinzas dos inconfidentes mineiros, que chegarão amanhã ao Rio de Janeiro.  
(ARTISTAS..., 1936, p. 10)<sup>103</sup>

A ópera “Tiradentes”, do compositor e violinista Manoel Joaquim de Macedo (1845-1825), foi irradiada nas comemorações do dia de Tiradentes no ano de 1937 e novamente em 1938, quando da transladação das cinzas dos inconfidentes para Ouro Preto<sup>104</sup>. O libreto foi escrito por Augusto de Lima ao passo que a ópera foi considerada um projeto da maturidade profissional do compositor Macedo. Segundo Camila Ventura

---

<sup>102</sup> Para informações sobre Aníbal Matos, consulte Andrade (2007). No artigo, o autor faz a análise, na perspectiva da História da Arte, de algumas obras de Mattos. Fígole, Noronha, Guimarães (2014), por sua vez, realizam um estudo de Aníbal Matos, compreendendo as produções em diferentes áreas. Os autores informam que a peça foi premiada no Rio para ser encenada durante as comemorações da Independência. Neste trabalho, a referência à composição e à irradiação da peça de Aníbal Matos tem a intenção de mostrar como o assunto aparecia veiculado sobre diferentes personagens e sob diferentes formatos na Rádio Inconfidência.

<sup>103</sup> ARTISTAS da PRI-3 na “Hora do Brasil”, **Minas Gerais**, 25 dez. 1936, p. 10.

<sup>104</sup> Folha de Minas, 16 jul 1938, p. 5.

Frésca (2014), não se sabe exatamente quando a ópera foi composta, mas acredita-se que tenha sido na última década do XIX, no contexto em que essa composição “estava absolutamente ligada às questões de afirmação e identidade nacional de sua época” (FRÉSCA, 2014, p.757).

Augusto de Lima pensou um dia compor uma ópera de estilo, que perpetuasse um grande episódio patriótico e ao mesmo tempo dramático de nossa história. Assim, dentro da névoa de Vila Rica, no centro do cenário da ‘tragédia maior da nossa história’ ele compôs em versos grandiosos o libreto ‘Tiradentes’” (LELLIS apud FRÉSCA, 2014, p.757).

Em 1937, o jornal *Minas Gerais*, ao noticiar a irradiação de trechos da ópera, acabou por denunciar a sua pouca divulgação, levando-se em conta não somente o valor temático da composição, como também o seu valor artístico e musical:

A ópera “Tiradentes”, de rara beleza, é, infelizmente, pouco divulgada entre nós. Temos o dever de conhecê-la, não apenas por patriotismo, por se tratar de uma obra prima de um grande compositor brasileiro, mas pelo valor da ópera em si, digna de figurar entre as mais inspiradas dos grandes mestres musicais (A OPERA..., 1937, p. 12)<sup>105</sup>.

Nessa perspectiva, a ópera seria mais um dos elementos que, desde o final do século XIX, corroborava para fixar a imagem de Tiradentes como herói brasileiro.

## 2.4 A percepção dos ouvintes

Uma das características da tecnologia radiofônica responsável por determinar a recepção do público ouvinte é a qualidade de transmissão em ondas curtas, médias e longas. As ondas curtas são as de maior frequência e atingem longas distâncias, sendo utilizadas para a radiodifusão regional e internacional<sup>106</sup>. As ondas médias também conseguem alcançar com amplitude o espaço geográfico, porém mais reduzida que a anterior. Quando da criação da Rádio Inconfidência, a transmissão em ondas médias e a potência da base foram frequentemente ressaltadas por se diferenciar em abrangência e qualidade na recepção em comparação com outras emissoras mineiras<sup>107</sup>, sendo somente

<sup>105</sup> A OPERA “Tiradentes” na Inconfidência, **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 06 mar. 1937, p.12.

<sup>106</sup> GUIA do radio amador. Disponível em: <http://www.sarmento.eng.br/OC.htm> acesso em abr. 2016.

<sup>107</sup> O Anuário Estatístico de Belo Horizonte apresentou os seguintes dados das emissoras mineiras: Rádio Inconfidência: Prefixo- PRI-3; Potência (K.W.): 22; Quilociclos: 880; Metros de onda: 341 Sociedade Rádio Mineira: Prefixo- PRC-7; Potência (K.W.): 3; Quilociclos: 690; Metros de onda: 435

em 1943 que se registrou a transmissão em ondas curtas da oficial<sup>108</sup>. Assim, a emissora tinha, desde o início, bases técnicas para alcançar parte considerável do território nacional.

Algumas correspondências de ouvintes de diversas partes do país foram publicadas no *Minas Gerais* e informavam como estavam sendo recebidas as audições, solicitavam-se músicas, etc. Os pareceres abaixo ressaltam a qualidade das recepções pelo volume de voz, nitidez e modulação e se referem a transmissões em fase de teste da emissora<sup>109</sup>:

Recife, 22- Tenho a satisfação de comunicar-vos que ouvi optimamente as experiencias da Radio Inconfidencia com **boa modulação e grande volume** (Ignacio Santos). (grifos nossos)

Barra Mansa, 28-8 - Comunico-lhes, prazerosamente, que tenho captado com a **maxima perfeição** as irradiações da Radio Inconfidencia, cujo **volume de voz, bem como nitidez**, nada deixam a desejar, podendo-se incluir essa estação no ról das melhores do Brasil, motivo porque felicito calorosamente os seus fundadores (Bernardino Silva). (grifos nossos)

Bagé, 21 (...)

Eu já andava com vergonha do meu Estado; mas agora graças à Inconfidencia, vou deixar de confidencias e propalar, com bairrismo, a sua importancia. E, o que é mais importante, sabe de onde a escuto? Daqui de Bagé, Rio Grande do Sul, com um braço no Brasil e outro no Uruguay (Eugênio Mota, Bagé/RS).

A expectativa sobre serviços a serem cumpridos pela emissora para Minas e para o Brasil também compuseram os relatos. Nesse caso, as congratulações foram emitidas por diferentes pessoas da sociedade belo-horizontina, representantes de diferentes instituições-empresas públicas e privadas, clubes e instituições de ensino- que viam na Rádio Inconfidência o papel de servir à administração, à economia, aos esportes, à educação e à propaganda.

Nos fragmentos abaixo, destaca-se a percepção de algumas pessoas quanto à utilidade da emissora na aquisição de cultura:

---

Sociedade Rádio Guarani: Prefixo- PRH-6; Potência (K.W.): 3; Quilociclos: 1300; Metros de onda: 280,8

<sup>108</sup> Folha de Minas, 25 nov. 1943, p. 5.

<sup>109</sup> OS SERVIÇOS de Radio-difusão do Estado na opinião dos ouvintes de PRI-3 (como estão sendo acolhidas as irradiações de Radio Inconfidencia), **Minas Gerais**, 18 set. 1936, p.9.

A “Inconfidência”, como centro de **irradiação de cultura** e preparação de conhecimentos capazes de incentivar e desenvolver o nosso progresso, está destinada a prestar os mais relevantes serviços á grandeza e prosperidade de Minas. (Alfredo Balena, diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais) (IMPRESSÕES...,1936, p. 10) (grifo nosso)<sup>110</sup>

A Radio Inconfidencia vem abrir aos mineiros uma oportunidade para facil **aquisição de cultura**. Figurando no seu programma a diffusão do ensino, muito poderão aproveitar com ella as classes populares. (Sr. Mauro de Queiroz, presidente do Centro dos Chauffeurs) (grifo nosso) (IMPRESSÕES...,1936, p. 10)<sup>111</sup>

Nesse caso, a noção de cultura refere-se a saberes relacionados a diferentes áreas de conhecimento como artes, letras, música e o ensino propriamente dito. A expectativa era de que tal incentivo contribuísse para o desenvolvimento de Minas, na medida em que a emissora desempenharia a função de estabelecer o vínculo entre uma determinada “elite intelectual” e a população “não culta”, por meio de uma programação que primasse pela difusão de variados saberes.

A prestação de serviços de natureza variada indicava também as carências do estado. No exemplo abaixo revelou-se a ausência de meios de comunicação, o que, em certa medida, a Rádio Inconfidência viria atender:

Para o Estado de Minas Geraes, que **ainda não dispõe de uma rede de comunicação á altura de suas necessidades**, em razão mesmo da sua imensa extensão territorial e caprichosa conformação topográfica, a inauguração da Rádio Inconfidência, louvavel iniciativa do Sr. Secretario da Agricultura, constitue innegavelmente um serviço de grande alcance economico e social (...). (Coronel Caetano de Vasconcelos, presidente da Associação Commercial de Minas) (IMPRESSÕES...1936, p. 10) <sup>112</sup> (grifos nossos)

Dadas as extensões da terra mineira e **a escassez natural de meios de comunicação**, a Rádio Inconfidência representa, sem dúvida, um optimo instrumento de progresso para o Estado, pois, por seu intermedio, poderão ser consultados todos os serviços públicos, quer os de ordem cultural, economica e fiscal, quer os que se relacionem com hygiene e a segurança publica. (...) (Alvimar Carneiro de Rezende, presidente da Federação das Indústrias de Minas) (IMPRESSÕES...1936, p. 10) . (grifos nossos)<sup>113</sup>

<sup>110</sup>IMPRESSÕES sobre a Rádio Inconfidência, **Minas Gerais**, 04 set.1936, p. 10.

<sup>111</sup>IMPRESSÕES sobre a Rádio Inconfidência, **Minas Gerais**, 04 set.1936, p. 10.

<sup>112</sup>IMPRESSÕES sobre a Rádio Inconfidência, **Minas Gerais**, 04 set.1936, p. 10.

<sup>113</sup>IMPRESSÕES sobre a Rádio Inconfidência, **Minas Gerais**, 04 set.1936, p. 10.

Nesses casos, a expectativa era de que a emissora viria suprir demandas de ordem social pelo alcance de suas transmissões tanto dentro do estado quanto em outros pontos do Brasil.

De outro modo, ao ser criada vinculada à Secretaria de Agricultura e instalada na Feira Permanente de Amostras, permite-nos considerar a Rádio Inconfidência como *locus* educativo tendo em vista, inicialmente, a ideia de Israel Pinheiro de torná-la um meio de instrução do produtor rural, como parte de um projeto de modernização do setor agropecuário. Contudo, a emissora assumiria outros aspectos educativos e instrutivos no conjunto de sua programação, conforme se poderá ver nos próximos capítulos.

## **CAPÍTULO 3**

### **A PROPOSTA EDUCATIVA DA ESTAÇÃO OFICIAL MINEIRA:**

uma visão panorâmica sobre a programação

O Decreto 921, de 26 de junho de 1936, concedeu permissão ao governo do estado de Minas Gerais para estabelecer uma estação radiodifusora. Em sua Cláusula I afirmou-se que

Fica assegurado ao Governo do Estado de Minas Geraes, o direito de estabelecer, na cidade de Bello Horizonte, no referido Estado, uma estação de ondas médias, destinada a executar o serviço de radiodifusão, com a finalidade e **orientação intellectual e instructiva**<sup>114</sup>, com subordinação a todas as obrigações e exigencias instituidas neste acto de concessão (BRASIL, 1936). (grifos nossos)

A estação oficial de Minas Gerais foi criada com a finalidade de “orientação intellectual e instructiva”, o que sinaliza para a sua importância como meio de difusão de conteúdo educacional.<sup>115</sup> Essa característica, no entanto, não se restringe à Rádio Inconfidência. Outras emissoras inauguradas no período também eram direcionadas para a veiculação de conteúdo instrutivo<sup>116</sup>. Tal condição indica a centralização e a uniformização das orientações aos meios de comunicação pelo governo federal. O controle era feito por meio de órgãos institucionais reorganizados e/ou criados ao longo dos anos 1930 com o fim de fortalecer e concentrar o poder do governo, em um processo gradual.

No âmbito da comunicação, foi criado o Departamento Oficial de Publicidade (DOP), em 1931<sup>117</sup>. O DOP atuava basicamente no setor de radiodifusão e, em 1934, foi substituído pelo Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC). O DPDC, portanto, era um órgão técnico, vinculado diretamente ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores e tinha como uma de suas finalidades “estudar e orientar a utilização do cinematógrafo, da radiotelegrafia e dos demais processos técnicos”, que serviam “como instrumento de difusão cultural” (BRASIL, 1934).

Em 1938, o DPDC foi substituído pelo Departamento Nacional de Propaganda (DNP). Esse último atuou em todos os campos relacionados com o que se denominava “educação nacional” e tinha também a função de exercer a censura e o controle de todos os meios de comunicação. Por fim, em 27 de dezembro de 1939 foi criado o Departamento de

---

<sup>114</sup>Como exemplos temos: Decreto 113 de 05 de Abril de 1935;Decreto 116 de 05 de Abril de 1935;Decreto 727 de 03 de Abril de 1936; Decreto 731 de 03 de Abril de 1936; Decreto 804 de 08 de Maio de 1936; Decreto 805 de 08 de Maio de 1936.

<sup>115</sup> Procuo compreender o fenômeno educacional como sendo uma orientação de caráter amplo, abarcando tanto conteúdos educativos no âmbito escolar como também conteúdos de orientação geral, buscando compreendê-los de acordo com a importância de seus conteúdos nas primeiras décadas do século XX.

<sup>116</sup>Os decretos de criação de emissoras nos anos 1930 ainda estabeleciam que as estações radiodifusoras deveriam fornecer ao Departamento de Correios e Telégrafos os elementos para os efeitos de fiscalização e prestar-lhes todas as informações que permitissem ao governo apreciar o modo como estava sendo executada a concessão.

<sup>117</sup> Conf. Verbete DIP, disponível em: <<http://www.fgv.br/cpd/doc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>>

Imprensa e Propaganda (DIP), diretamente subordinado ao Presidente da República<sup>118</sup>. O DIP possuía os setores de divulgação, radiodifusão, teatro, cinema, turismo e imprensa e tinha como função coordenar, orientar e centralizar a propaganda interna e externa; fazer censura ao teatro e cinema e organizar funções esportivas e recreativas, manifestações cívicas, festas patrióticas, exposições, concertos, conferências, e dirigir o programa de radiodifusão oficial do governo (CPDOC, 1997). Entretanto, a responsabilidade pela concessão de novas emissoras, pela fiscalização das emissões e pelo registro dos aparelhos receptores existentes cabia ao Departamento de Correios e Telégrafos, então vinculado ao Ministério de Viação e Obras Públicas.

Já no plano da educação nacional foi criado o Ministério da Educação e da Saúde Pública (MESP) em 1930, pouco após Getúlio Vargas ascender ao poder. José Silvério Baía Horta (1994) revela que a educação, ao ser considerada como um problema nacional, pautou o projeto de governo de Vargas desde o início. Assim, nos anos que se seguiram houve “uma intervenção cada vez mais intensa do Governo Federal nos diferentes níveis de ensino e uma crescente centralização do aparelho educativo” (HORTA, 1994, p.2). Se a questão da educação brasileira obteve prioridade na política do governo Vargas, não se pode esquecer o papel desempenhado pelo ministro Gustavo Capanema. Durante o período que ocupou o cargo, de 1934 a 1945, deu-se ênfase às questões educacionais e culturais em diferentes frentes. O cinema, a música, a arte, as letras seriam espaços para se transmitir os ideais da nação em construção, buscando desenvolver a alta cultura no País (SCHWARTZMAN *et al*, 1984).

Capanema encampou algumas disputas para direcionar os instrumentos de comunicação em direção à formação cultural e educacional dos brasileiros. Exemplo disso é a reivindicação para que o Serviço de Radiodifusão Educativa (SRE) e o Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE) permanecessem como áreas de atuação do Ministério da Educação, enquanto que a publicidade e a propaganda caberiam ao Ministério da Justiça (CAPELATO, 1998). É nesse sentido que a Lei nº. 378, de 13 de janeiro de 1937, determinou em seu art. 50:

Fica Instituído o Serviço de Radiodifusão Educativa, destinado a promover permanentemente, a irradiação de caráter educativo.

---

<sup>118</sup>Vários estados possuíam órgãos filiados ao DIP, os chamados "Deips". De acordo com Edgar Carone, essa estrutura altamente centralizada permitia ao governo exercer o controle da informação, assegurando-lhe o domínio da vida cultural do país (Carone, 1976a).



Parágrafo único. Uma vez organizado o Serviço de Radiodifusão Educativa ficam as estações radiodifusoras, que funcionem em todo o País, obrigadas a transmitir, em cada dia, durante 10 minutos, no mínimo, seguidos ou parcellados, textos educativos, elaborados pelo Ministério de Educação e Saúde, sendo pelo menos metade do tempo de irradiação nocturna (BRASIL, 1937).

Ao legislar sobre a função educativa da radiodifusão nacional, reafirmava-se a permanência da função do rádio como aparato educativo, proposta pioneira de Roquette-Pinto desde a criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (PRA-2), em 1923. A ele também é comum a literatura sobre o rádio no Brasil delegar o pioneirismo na fundação do rádio brasileiro mesmo se reconhecendo as experiências de radiotransmissão feitas anteriormente a essa data. Em uma perspectiva distinta, Jota Alcides (1997) defende que teria sido o Rádio Clube de Pernambuco a emissora pioneira no Brasil na experiência de transmissão de ondas hertzianas. Criado em 06 de abril de 1919, o Radio Clube fora resultado do esforço de um grupo de radioamadores, sob a liderança do contabilista, pesquisador e radioeletricista Augusto Joaquim Pereira. A contenda que se estabeleceu a respeito da criação do rádio, de acordo com esse mesmo autor, se insere no campo de disputas entre Pernambuco x Rio/Sul:<sup>119</sup>

Muitos ainda hoje permanecem nessa posição, ou por falta de informação ou simplesmente porque se orientam pela ideia preconceituosa e discriminatória (sic) que elege o gosto pela Ciência e pela Técnica como privilégio exclusivo do Rio ou do Sul. Desconhecem ou esquecem a trajetória de Pernambuco, ao longo da história(...) (ALCIDES, 1997, p. 52).

Divergências à parte, o debate sobre a radiodifusão educativa colocava em cena dois projetos que giravam em torno de um mesmo objetivo: promover a educação para uma população considerada ignorante dada a precariedade do sistema escolar no país. O primeiro seria a radiodifusão a serviço de uma cultura geral, tendo como exemplo inicial a própria Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que se caracterizava como uma emissora de

---

<sup>119</sup> Fernando de Azevedo considera o pioneirismo do Rádio Clube de Pernambuco na introdução de *A Cultura Brasileira*, publicada em 1943. Álvaro Salgado (1946) repudiou a posição de Azevedo, considerando-a um absurdo. Jota Alcides (1997), além de questionar o pioneirismo de Roquette-Pinto quanto à fundação do rádio no Brasil, coloca, igualmente, em questão a própria criação do rádio conferida ao italiano Guglielmo Marconi. Segundo o autor, o padre brasileiro Landell de Moura seria o verdadeiro criador do rádio com experimentos que ultrapassavam tecnicamente os de Marconi e realizados em 1893, um ano antes do italiano.

radiocultura (GILIOLI, 2008). Regina Horta Duarte (2004) afirma que a PRA-2 possuía programas de divulgação científica contendo palestras sobre temas que giravam em torno da biologia, antropogeografia, sobre os bandeirantes e muitos outros.

O segundo projeto seria a criação de radioescolas, que se voltaria para a difusão de ensino escolar propriamente dito. A primeira experiência do formato radioescolar inaugurou-se com a Rádio-Escola Municipal do Rio de Janeiro (PRD-5), também criada sob a iniciativa de Roquette-Pinto. Segundo Renato de Sousa Porto Gilioli (2008), as iniciativas em torno da radioescola representaram a crença por parte da intelectualidade brasileira de poder intervir nos rumos do rádio através do Estado e contribuir para desenvolver e civilizar a nação, estimular o patriotismo e promover a constituição de um mercado para os bens simbólicos eruditos, evitando a expansão da cultura popular urbana. Para o autor, “um dos objetivos desses intelectuais era dar ao “povo”- entendido como “massa” amorfa, entidade a ser moldada pela educação- condições de “elevação” de seus padrões de cultura, tirando-o da ignorância” (GILIOLI, 2008, p. 20).

Com o desenvolvimento da radiodifusão, o início dos anos 1930 marcou a implementação de legislação e criação de instituições com vistas a direcionar a atividade radiodifusora no Brasil. Patrícia Coelho da Costa (2012) destaca, entre essas iniciativas, a publicação do Decreto 21.111, em março de 1932, e a criação da Confederação Brasileira de Radiodifusão (CBR). A CBR era orientada por Roquette-Pinto e Elba Dias<sup>120</sup> e a ela se filiaram estações radiofônicas dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Porto Alegre, Pernambuco, Pará e a Rádio Mineira de Belo Horizonte- a única emissora da capital mineira existente até então.

Em “Rádio e Educação”, o primeiro livro sobre rádio educativo publicado no Brasil, o autor, Ariosto Espinheira<sup>121</sup>, afirmou que dentro da Confederação foi criada a “Comissão Radio Educativa”, que tinha como objetivo

promover o emprego da Radiodiffusão como meio de educação directa, pela divulgação de informações técnicas e profissionais, pelo auxílio ao ensino público, pela melhoria da saúde e da higiene, pelo apuro do gosto artístico, pelo desenvolvimento do espírito da paz e concordia entre os

---

<sup>120</sup> Elba Dias era responsável pela “Voz do Brasil” destinado a informar as notícias de interesse nacional.

<sup>121</sup> Ariosto Espinheira teve expressiva participação como radioeducador no início da década de 1930. Assinou a coluna Rádio Educativo no Jornal do Brasil; foi membro da Confederação Brasileira de Radiodifusão e foi convidado por Roquette-Pinto para compor a seção de Museu e Radiodifusão do Departamento de Educação do Distrito Federal, na gestão de Anísio Teixeira, como diretor de Instrução Pública. Na Rádio Escola Municipal do Rio de Janeiro foi responsável pelo curso sobre rádio destinado aos professores (COSTA, 2012).

povos, pela propagação de notícias de interesse geral (ESPINHEIRA, 1934, p. 104).

De acordo com Espinheira, esse órgão reunia as estações radiodifusoras brasileiras, encampando um projeto que abria caminho para a radiofonia nacional. Essa comissão se constituía, predominantemente, por professores que ocupavam cargos nos órgãos de Educação como Lourenço Filho, Teixeira de Freitas, Venâncio Filho, Armando Campos, e o próprio Ariosto Espinheira, além dos jornalistas Frota Pessoa, redator do Jornal do Brasil, e de Edgard Ribas Carneiro, diretor de publicidade da Polícia. Efetivamente, sua ação em prol da radiodifusão educativa se realizou com a organização de “Quarto de hora da Comissão Radio Educativa”, irradiado pelas estações filiadas do Rio de Janeiro (ESPINHEIRA, 1934).

A defesa pelo investimento do rádio como aparato educativo ocupou lugar em associações e movimentos próprios do terreno educacional, na Associação Brasileira de Educação (ABE) e no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Proposto por Fernando de Azevedo e assinado por muitos outros signatários, o Manifesto, na defesa de aparatos tecnológicos úteis ao provimento da educação, considerava que

a escola deve utilizar, em seu proveito, com a maior amplitude possível, todos os recursos formidáveis, como a **imprensa, o disco, o cinema e o rádio**, com que a ciência, multiplicando-lhe a eficácia, acudiu à obra da educação e cultura, que assumem, em face das condições geográficas e da extensão territorial do país, uma importância capital (MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA, 1932).

Mais tarde, em *A cultura brasileira*, Fernando Azevedo afirmava ser o cinema e o rádio os principais elementos de difusão e de conservação da cultura que mais concorreriam para as transformações de mentalidade e de hábito de vida no Brasil (AZEVEDO, 1943). Para ele:

De todas as invenções do espírito científico, **o cinema e o rádio** não são apenas as mais belas, as mais carregadas de espírito poético e as que abrem os novos horizontes à arte e ao pensamento. Poderosos instrumentos educativos e culturais, de informação, de propaganda e de ensino, fatores de educação popular, de primeira ordem, pelo seu extraordinário poder de sugestão, desempenham um papel tão importante que a sua influência não só se pode comparar, mas já se considera superior à do jornal diário, sobretudo em países onde são ainda numerosos os iletrados.

(...)

A propagação do **rádio e do cinema** por quase todas as cidades do país não podia deixar de ter consideráveis **repercussões sobre a cultura brasileira e os costumes nacionais**, contribuindo notavelmente não só para **modificá-los** como também para acelerar esse processo de assimilação em que intervieram, há pouco mais de vinte anos, êsses dois meios de expressão do pensamento e de expansão da cultura, sob todas as suas formas (AZEVEDO, 1941, p. 419-420). (grifos nossos)

A importância do rádio e do cinema para a educação brasileira se dava pela capacidade de atender a uma grande parcela da população desprovida de acesso à escola e afastada dos grandes centros urbanos. O Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE), organizado durante os anos 1930, foi concebido como instrumento privilegiado para desempenhar a função de esclarecer, preparar, orientar e edificar a “cultura de massas” (SCHWARTZMAN *et al.*, 1984, p. 87). Segundo Rodrigo de Almeida Ferreira (2014),

O INCE priorizou o uso pedagógico dos filmes diretamente no espaço escolar, voltado, tanto para o conteúdo das disciplinas, quanto para a formação docente. Em *Cinema e educação*, trabalho pioneiro sobre a temática, lançado em 1931, por Jonathas Serrano, em coautoria com Francisco Venâncio Filho, as possibilidades da aplicação cinematográfica na sala de aula são apresentadas, destacando-se as áreas da saúde e ciência (FERREIRA, 2014, p. 150).

Se o uso das tecnologias naquele momento era visto como algo que permitiria promover a educação é importante lembrar que estava em debate um novo arranjo para a sociedade. Há apenas quatro décadas o Brasil havia passado por mudanças estruturais significativas e o processo de erigir a nação encontrava ainda muitos descompassos a serem vencidos, sendo a educação do povo um dos principais. Para Marta Maria Chagas de Carvalho (1998), o debate educacional em torno da ABE estava atrelado ao que Fernando de Azevedo chamou de “exigências de uma sociedade nova, de forma industrial” (CARVALHO, 1998, p. 26). Esse olhar é partilhado por Newton Dângelo (1994), quando argumenta que o debate em torno da educação nos anos de 1920 se dava por uma demanda de organização da vida social pautada no adestramento e disciplinarização do trabalho nas fábricas. Segundo o autor, “a educação se tornava espaço privilegiado para a reprodução e assimilação do trabalho organizado em bases científicas, carregado de valores morais e tecnicamente produtivo” (DÂNGELO, 1994, P. 12). A partir disso, Dângelo afirma que os interesses e a vontade dos educadores e dos industriais em torno da radiodifusão educativa estava em “recompôr e ordenar a veiculação dos valores morais pelo rádio e transformar

experiências isoladas em institucionalização, centralização, censura e padronização dos meios de comunicação” (DÂNGELO, 1994, p. 24).

Assim é que a educação pelo rádio, ao ser aplicada no âmbito do espaço escolar ou fora dele, assumiria caráter disciplinador, por meio de orientações à toda a população, em consonância com a intenção de integrar o território brasileiro, difundindo o patriotismo e o civismo. Por isso, o governo de Getúlio Vargas é compreendido como um momento de forte investimento no controle dos meios de comunicação com a aspiração de promover uma coesão entre os indivíduos e o Estado-nação. Para Horta (1994), a formação tríplice dos indivíduos- física, moral e intelectual- justificava a obrigatoriedade da educação física e também do canto orfeônico nas escolas. A preocupação do governo estava em promover uma educação integral do homem e, para tanto, sua ação foi a de direcioná-la, utilizando-se da censura e do controle dos meios de comunicação para que tal objetivo fosse cumprido. Esses eram, portanto, mecanismos utilizados que contribuiriam para a formação de um imaginário e de uma identidade nacional comuns.

### **3.1 Interesses em disputa: a radiodifusão educativa *versus* a radiodifusão comercial**

Durante o governo Vargas, a orientação intelectual e instrutiva das emissoras de rádio brasileiras, estabelecida em seus decretos-lei de criação, indica a direção para a qual se devia voltar a atividade radiofônica no Brasil. De todo modo, é importante considerar a abertura dada à radiodifusão comercial por meio do Decreto 21.111<sup>122</sup>, de 01 de março de 1932. Esse decreto regulamentou os serviços de radiocomunicação no território nacional, sendo esses constituídos por “radiotelegrafia, radiotelegrafia, radiotelegrafia, radiotelevisão e outras utilizações da radioeletricidade, para transmissão e recepção, sem fio, de escritos, signos, sinais, sons ou imagens de qualquer natureza, por meio de ondas hertzianas” (BRASIL, 1932). Em seu Artigo 11, o decreto estabeleceu que os serviços de radiodifusão eram de interesse e de finalidade educacionais, devendo ser orientados pelo Ministério da Educação e Saúde Pública (§ 3º). No entanto, o mesmo documento, no Artigo 73, permitiu a irradiação de propaganda comercial durante os programas, elencando, para tanto, as condições seguintes:

---

<sup>122</sup> O decreto 16.657 de 05 de Nov. de 1924 é o primeiro a tratar dos serviços de radiotelegrafia e de radiotelegrafia no Brasil. Esse decreto foi substituído pelo decreto 20.047, de 27 de maio de 1931, que estabelecia o serviço de radiodifusão de interesse nacional e de finalidade educacional.

- a) o tempo destinado ao conjunto dessas dissertações não poderá ser superior a dez por cento (10%) do tempo total de irradiação de cada programa;
- b) cada dissertação durará, no máximo, trinta (30) segundos;
- c) as dissertações deverão ser intercaladas nos programas, de sorte a não se sucederem imediatamente;
- d) não será permitida, na execução dessas dissertações, a reiteração de palavras ou conceitos (BRASIL, 1932).

Segundo alguns autores como Ortriwano (1985), Haussen (1997) e Campelo (2010), a liberação de conteúdos comerciais nos programas de rádio, a partir do decreto 21.111, altera os rumos do rádio educativo no Brasil. Haussen (1997) afirma que nos primeiros anos da década de 1930, a programação radiofônica começava a experimentar a diversificação dos gêneros, inclusive na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, inicialmente destinada a irradiação de conteúdos educativos. Campelo (2010), por sua vez, afirma que inicialmente as emissoras assumiam sentido educacional, surgindo como um produto de elite, para posteriormente se incorporar às diversas classes sociais e se transformar em produto de consumo. Segundo a autora,

Com a liberação da publicidade em 1932, o veículo passou a assumir um sentido quase exclusivamente comercial, tendo o lucro como alvo. Estava conseqüentemente, aberto o caminho da profissionalização, enquanto se fechava, definitivamente, o caminho idealizado por Roquette-Pinto. (CAMPELO, 2010, p.220)

Sobre essa afirmação, é necessário problematizar a ênfase dada por Campelo na ruptura da proposta educativa do rádio em favor da proposta comercial. Consideramos que uma das características de Vargas era negociar com diferentes grupos da sociedade e, por isso, ora privilegiava um grupo, ora outro, ou ambos. Nesse direcionamento, Costa (2012) afirma que

O Decreto 21.111 de 1º de Março de 1932 procurou contemplar interesses de educadores e de empresários: o critério de concessão para novas estações, assim como de renovação da licença para emissoras já existentes, obedeceria tanto a exigências educacionais como técnicas. Com esta determinação, o Governo Provisório objetivava conquistar o apoio de várias classes (COSTA, 2012, s/p).

Julgamos que o fato de ter havido liberação da publicidade em 1932 não parece ter sido tão decisivo para os rumos da radiodifusão nesse momento. Como já discutimos, o rádio adquiriu forte preponderância para a educação nacional durante os anos do governo

Vargas, principalmente a partir de 1937, ano de criação do Serviço de Radiodifusão Educativa, organizado pelo Ministério da Educação e Saúde Pública, bem como da reorganização dos órgãos de comunicação após a instauração do Estado Novo. A oposição entre a proposta educativo-cultural *versus* comercial também foi pontuada por Giliolli (2008). O autor traz elementos sobre a predominância do caráter educativo em rádios públicas diferentemente das rádios privadas, majoritariamente entregues aos princípios do mercado.

Tal assertiva é importante para compreendermos a programação da Rádio Inconfidência no período em estudo. Por se tratar de uma emissora pública em um contexto de centralização do governo Federal e de forte controle sobre os meios de comunicação é quase óbvio afirmar que houve a veiculação de conteúdos que atendiam aos interesses políticos de Vargas.

A partir disso, a análise da programação da Rádio Inconfidência foi feita obedecendo a duas premissas básicas. A primeira diz respeito à divulgação de valores relativos ao projeto nacionalista de cunho autoritário, que se oficializa com a instauração do Estado Novo, em 10 de novembro de 1937, momento em que a censura nas atividades culturais é sancionada. Essa premissa pressupõe a existência de programas educativo-culturais na emissora oficial mineira, levando-se em conta que, de acordo com Simon Schwartzman *et al* (1984), naqueles tempos a educação guardaria uma crença compartilhada como transformadora dos rumos da nação. A segunda premissa se define pela dinâmica própria do rádio que é determinada também por demandas de mercado, o que nos autoriza a pensar em um relativo movimento autônomo desse meio de comunicação, mesmo em face do controle e da censura exercidos pelo poder central.

### 3.2 A organização estrutural da programação da Rádio Inconfidência

O quadro abaixo foi elaborado com o propósito de identificar os programas da Rádio Inconfidência de modo que se pudesse revelar, *a priori*, as características gerais de toda a programação no período estudado. Nele estão enumerados os programas, seguidos de seus objetivos, o ano de início<sup>123</sup>, o organizador responsável e as categorias atribuídas em relação ao gênero/formato. Esses são dados que permitiram compreender a ação educativo-cultural da Rádio Inconfidência levando-se em conta o cenário político estabelecido a partir de 1930.

Uma das características que, inicialmente, permitiu elaborar hipóteses sobre a presença de programas educativo-culturais na grade da Rádio Inconfidência foi tomar como referência os vocábulos contidos nos nomes dos programas que faziam menção ao universo educacional normativo e institucionalizado, tais como *aula, escola, estudante, escolar, universitário*. Contudo, esse princípio não foi suficiente para assegurar que um determinado programa correspondia ao gênero educativo-cultural, pois títulos que não faziam menção a esse universo se mostraram ser educativos e instrutivos como é o caso, por exemplo, do programa *Hora do Fazendeiro*.

Diante do farto número de dados que se pôde obter, tornou-se indispensável questionar: Quais os programas da Rádio Inconfidência atinavam para as questões do contexto político-social? Sob que aspectos os programas educativo-culturais se apresentavam?

---

<sup>123</sup> Optei por não inserir no quadro o ano final dos programas, pois alguns deles saíram da programação e depois retornaram. Além disso, é possível supor que alguns deles permaneceram na grade após o período em estudo. Entretanto, para alguns programas foi possível identificar, no decorrer do texto ou em notas explicativas, o marco final de sua transmissão.



**Quadro 1-** Programação Geral da Rádio Inconfidência (1936-1945)

<b>Programa</b>	<b>Objetivo/ Conteúdo</b>	<b>Ano (inicio)</b>	<b>Organizador Responsável</b>	<b>Gênero/Formato do programa</b>
<b>Hora Italiana</b>	[Divulgar a cultura italiana, por meio de música clássica e popular, poesias e rádio-teatro]	1937	Vicenzo Spinelli/ Real Consulado da Itália em Belo Horizonte	Educativo-cultural/ Propagandístico
<b>Hora de Evocação dos Grandes Mestres</b>	[Divulgar a música clássica com a intenção de “servir e elevar o gosto artístico do público ouvinte”; “difundil-a para a massa”]	1937	Fernando Coelho	Educativo-cultural/Audiobiografia
<b>A vida e a obra dos grandes mestres</b>	“Desenvolver entre o povo o gosto pela música de classe”	1939	José Carlos Lisboa	Educativo-cultural/Audiobiografia
<b>Aula de Ginástica</b>	[Orientar a prática de exercícios físicos com o objetivo de “servir á saúde do povo”]	1936	Prof. Antônio Macedo (formado pela Escola de Ed. Física do Exército)	Educativo-cultural/Instrucional
<b>Escola de Rádio</b>	[Formar profissionais para atuar no rádio]	1936	Lauro Cataldi, Fernando Coelho e Elias Salomé (1936); Elias Salomé (1938)	Educativo-cultural/Instrucional
<b>Hora do Fazendeiro</b>	[Orientar/instruir o homem do campo]	1936	João Anatólio Lima	Educativo-cultural/Instrucional
<b>Hora Educativa</b>	[Orientar a infância, pela formação de valores morais e difundir conteúdos disciplinares; orientar professores sobre conteúdos escolares]	1936	Secretaria de Educação do Estado com a participação de instituições de ensino de Belo Horizonte. Dir.:Mário Casasanta	Educativo-cultural/Instrucional

<b>Comentários sobre Assuntos Fiscais</b>	[Informar sobre “assuntos de interesse público”; “impostos e demais assuntos fiscais”]	1937	Valfrido Ferreira de Souza (Agente fiscal do imposto do consumo)	Educativo-cultural/Instrucional
<b>Hora Infantil</b>	[Educar/Instruir as crianças; fornecer às “mães bases elementares para a boa educação dos filhos”]	1937	Prof. Magda Ladeira	Educativo-cultural/Instrucional
<b>Aula de Religião</b>	[Ensino religioso]	1937	Prof. Maria Luiza da Cunha	Educativo-cultural/Instrucional
<b>Hora de Higiene e Saúde Pública</b>	[Instruir, orientar a população sobre assuntos de saúde e higiene]	1937	[Professores e médicos]	Educativo-cultural/Instrucional
<b>Hora do Operário</b>	[educar, instruir e propagar valores morais à classe operária; informar sobre decisões e demandas da Confederação Católica do Trabalho]	1937	Confederação Católica do Trabalho	Educativo-cultural/Instrucional
<b>Hora do Farmacêutico</b>	[Prestar informações sobre fármacos, usos e efeitos no organismo]	1938	Sem informação	Educativo-cultural/Instrucional
<b>Fatos Históricos do Dia</b>	[Divulgar as efemérides da História]	1938	[Narbal Mont’Alvão]	Educativo-cultural/Instrucional
<b>Nos Domínios da Música</b>	[Esclarecer o grande público sobre questões de estética da música]	1941	Alphonsus de Guimaraens Filho	Educativo-cultural/Instrucional
<b>O dia de amanhã na História</b>	Focalizar “interessantes informações sobre as nossas efemérides”	1943	João Dornas Filho	Educativo-cultural/Instrucional

<b>Vultos e fatos da nossa História</b>	[Focalizar feitos e glórias dos homens da história nacional]	1943	Ayres da Mata Machado Filho (1943); João Dornas Filho (1944)	Educativo-cultural/Instrucional
<b>Quarto de hora trabalhista</b>	[informar sobre questões inerentes à legislação e direitos trabalhistas]	1944	Francisco Luiz de Bessa	Educativo-cultural/Instrucional
<b>Quarto de hora da Escola Superior de Veterinária</b>	[Prestar orientações e informações sobre a atividade agropecuária]	1945	[Escola Superior de Veterinária]	Educativo-cultural/Instrucional
<b>Páginas Lidas e Vividas</b>	[Apresentar dados biográficos sobre escritores e artistas, noticiário literário, sketches, poesias, números musicais]	1940	Milton Pedrosa	Educativo-cultural/Literário
<b>Antologia Sonora</b>	“Focalizar aspectos da literatura”	1943	Álvares da Silva( 1943) Milton Pedrosa (1945)	Educativo-cultural/Literário
<b>Hora Literária</b>	“Estudo, dados e informações sobre a literatura nacional e estrangeira”	1943	João Alphonsus (1943); Aires da Mata Machado Filho (1944)	Educativo-cultural/Literário
<b>Caleidoscópio</b>	Apresentar “curiosidade, crônicas sobre descobertas científicas, assuntos literários, destinado a todas as classes”	1940	Alphonsus de Guimaraens Filho e Karl Weissmann ; Milton Pedrosa e Karl Weissman (Nov.1943); Karl Weissman (1945)	Educativo-cultural/Variedades
<b>Meia Hora com o Ventriloquo Pereira Júnior e seus bonecos</b>	Entreter/divertir	1938	Pereira Júnior	Entretenimento
<b>Discos Seleccionados</b>	Músicas	1936	[Direção Artística]	Entretenimento/Educativo-cultural/musical

<b>Quarto de hora[de Música]</b>	Músicas	1936	Artistas contratos pela RI	Entretenimento/Educativo-cultural/musical
<b>Meia Hora Ford</b>	Músicas	1937	[Direção Artística]	Entretenimento/Educativo-cultural/musical
<b>Programa especial de música para dançar/Programa especial de música selecionada</b>	Músicas	1937	Direção Artística/ Artistas da Rádio	Entretenimento/Educativo-cultural/musical
<b>Ritmos do Brasil</b>	[Divulgar as músicas folclóricas do Brasil, “todos os nossos genuínos ritmos”]	1937	Org.: Vicente Prates Intérpretes: Elizinha Coelho e Lea Delba	Entretenimento/Educativo-cultural/musical
<b>Hora de Antigas Melodias</b>	Modinha imperial brasileira	1938	Iracema: intérprete de modinhas imperiais brasileiras; Juvenal Santos: direção da orquestra brasileira	Entretenimento/Educativo-cultural/musical
<b>Hora de Canções Brasileiras</b>	Música	1938	[Direção Artística]	Entretenimento/Educativo-cultural/musical
<b>Hora de Cultura Musical</b>	Música Clássica	1938	[Direção Artística]	Entretenimento/Educativo-cultural/musical
<b>Hora do Universitário</b>	[números de canto, poesia, crônica, música instrumental]	1938	Diretório Central dos Estudantes	Entretenimento/Educativo-cultural/musical
<b>Música Americana</b>	Músicas	1938	[Direção Artística]	Entretenimento/Educativo-cultural/musical
<b>Música de Classe para Orquestra</b>	Músicas	1938	[Direção Artística]	Entretenimento/Educativo-cultural/musical
<b>Música Popular</b>	Músicas	1938	[Direção Artística]	Entretenimento/Educativo-cultural/musical
<b>Seleção de Fox-blue</b>	Músicas	1938	[Direção Artística]	Entretenimento/Educativo-cultural/musical

<b>Seleção de Operetas</b>	Músicas	1938	[Direção Artística]	Entretenimento/Educativo-cultural/musical
<b>Canto Orfeônico</b>	Formação de “disciplina suave em favor da coletividade”	1939	Sociedades orfeônicas de Belo Horizonte	Entretenimento/Educativo-cultural/musical
<b>Astros em desfile</b>	Músicas	1940	Direção artística/Artistas da Rádio	Entretenimento/Educativo-cultural/musical
<b>Música Popular Brasileira</b>	Músicas	1942	[Direção Artística]	Entretenimento/Educativo-cultural/musical
<b>Gravações Seleccionadas</b>	Músicas	1942	[Direção Artística]	Entretenimento/Educativo-cultural/musical
<b>Gravações Clássicas</b>	Músicas	1943	[Direção Artística]	Entretenimento/Educativo-cultural/musical
<b>Gravações variadas</b>	Músicas	1944	[Direção Artística]	Entretenimento/Educativo-cultural/musical
<b>Música Popular Variada</b>	Músicas	1944	[Direção Artística]	Entretenimento/Educativo-cultural/musical
<b>Músicas clássicas</b>	Músicas	1944	[Direção Artística]	Entretenimento/Educativo-cultural/musical
<b>Músicas líricas</b>	Músicas	1944	[Direção Artística]	Entretenimento/Educativo-cultural/musical
<b>Valsas e operetas</b>	Músicas	1944	[Direção Artística]	Entretenimento/Educativo-cultural/musical
<b>Quadros do Brasil</b>	[divulgar a música folclórica brasileira]; programa “verdadeiramente patriótico, sobre motivos populares, visando o maior desenvolvimento do nosso gosto pelas nossas coisas”	1945	Intérprete: Lea Delba	Entretenimento/Educativo-cultural/musical

<b>Compadre Belarmino</b>	Entreter/divertir	1936	Vicente Vono	Entretenimento/Humorístico
<b>Meia Hora com Waldomiro Lobo</b>	Entreter/divertir	1938	Waldomiro Lobo	Entretenimento/Humorístico
<b>Cortina Elegante da Semana ou Cortina Sonora</b>	[Teatralização dos acontecimentos da semana-literários musicais ou sociais]	1940	J. Carlos Lisboa	Entretenimento/Programa ficcional
<b>Rádio Teatro do Estudante/Rádio Teatro Inconfidência</b>	[Apresentar peças de teatro]	1940	J. Carlos Lisboa (1940); Brandão Reis (1943); Vicente Prates (1945)	Entretenimento/Programa ficcional
<b>Rádio Novela</b>	[Apresentar Novelas Radiofônicas]	1944	Brandão Reis	Entretenimento/Programa ficcional
<b>Últimas informações do dia</b>	[Atualizar notícias]	1936	[Equipe de jornalismo da RI]	Jornalístico
<b>Jornal Falado</b>	[Atualizar notícias e fatos de Minas, do Brasil e do mundo, com presença de crônica literária]	1936	[Equipe de Jornalismo da RI]	Jornalístico
<b>Hora da Exposição Nacional</b>	[Notícias sobre a Exposição Nacional de Animais, Produtos e Derivados]	1938	[Governo de Minas]	Jornalístico
<b>Hora do Comércio</b>	[Informar sobre medidas governamentais e demais questões a cargo do setor comercial da Sec. da Agricultura]	1939	Serviço de Comércio da Secretaria da Agricultura	Jornalístico
<b>Hora da Sociedade Mineira de Agricultura</b>	[Informar sobre questões da Sociedade e da produção agrícola]	1940	Sociedade Mineira de Agricultura	Jornalístico

<b>Hora de Estatística e Informação</b>	[Informar conteúdos inerentes ao Departamento Estadual de Estatística]	1940	Departamento Estadual de Estatística	Jornalístico
<b>Nos Livros e nos Tribunais</b>	[Informar sobre questões jurídicas]	1941	Washington Albino (1944)	Jornalístico
<b>Repórter Esso</b>	[Informar sobre acontecimentos cotidianos]	1942	United Press Internacional	Jornalístico
<b>O Brasil na Guerra</b>	[Informar sobre a atuação do Brasil na Guerra]	1943	Sem informação	Jornalístico
<b>O esforço de guerra do Brasil</b>	[Informar sobre a atuação do Brasil na Guerra]	1943	Sem informação	Jornalístico
<b>Os Estados Unidos na Guerra</b>	[Informar sobre a atuação dos Estados Unidos na Guerra]	1943	Sem informação	Jornalístico
<b>Jornal Telegráfico da AP</b>	[Atualizar notícias]	1943	Associated Press	Jornalístico
<b>Programa sobre a XI Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados.</b>	[Notícias sobre a Exposição Nacional de Animais, Produtos e Derivados]	1944	[Governo de Minas]	Jornalístico
<b>Hora da Pecuária e a Bolsa do Zebu</b>	[Informar os preços de mercado dos bovinos, suínos, etc.]	1944	Washington Albino	Jornalístico
<b>Programa da Secretaria de Viação e Obras Públicas</b>	[Informar sobre as atividades da Secretaria de Viação e Obras Públicas]	1944	Secretaria de Viação e Obras Públicas	Jornalístico
<b>Hora H</b>	[Comentar os "acontecimentos do dia feitos num jogo de elegante e fina ironia e (...) com o mais comovido sentimento]	1938	Djalma Andrade; Elias Salomé (1944)	Jornalístico/Crônica

<b>Aconteceu na Semana</b>	[Informar por meio de “comentário ameno e agradável em torno dos fatos mais importantes ocorridos durante a semana”]	1943	Moacir Andrade	Jornalístico/Crônica
<b>Dias idos e vividos</b>	[Recordações de experiências vividas ou de aspectos de um tempo passado]	1945	Djalma Andrade	Jornalístico/Crônica
<b>Hora Esportiva/Notas Esportivas</b>	[Informar sobre os acontecimentos do esporte]	1938	[Equipe de jornalismo da RI]	Jornalístico/Esportivo
<b>Esportes pelo ar</b>	[Informar sobre os acontecimentos do esporte]	1943	Moacir Gama (1943) Álvares da Silva(1944)	Jornalístico/Esportivo
<b>Hora do Brasil</b>	Divulgar os principais acontecimentos da vida nacional	1936	DPDC/DIP	Propagandístico
<b>Transmissões especiais do Estúdio do Rio</b>	[Propaganda da administração do governo mineiro e de seus interesses políticos]	1937	Agência da RI no Rio de Janeiro	Propagandístico
<b>Programa da Boa Vizinhança</b>	[Promover a aproximação entre os países da América Latina e os Estados Unidos; possui "finalidades americanistas" e "incremento da amizade inter-continental"]	1942	[Programa transmitido da America do Norte]	Propagandístico
<b>Notícias radiofônicas do DNI</b>	[Difundir informações relativas ao Brasil em todos os setores de atividade nacional]	1945	Departamento Nacional de Informações	Propagandístico



<b>Angelus</b>	[Oração do Anjo]	1937	Sacerdotes da Diocese de Belo Horizonte/ Pe. José de Campos Taitson	Propagandístico/Religioso
<b>Homilia</b>	[Pregação católica]	1937	Sacerdotes da Diocese de Belo Horizonte	Propagandístico/Religioso
<b>Hora Philips</b>	[Venda e divulgação de produtos Philips]	1937	[Agência Rádios Philips em Belo Horizonte]	Publicitário
<b>Hora Pilot</b>	[Venda e divulgação de produtos Pilot]	1937	[Agência Rádios Pilot em Belo Horizonte]	Publicitário
<b>Quarto de hora da Companhia Belgo Mineira</b>	[Venda e divulgação de produtos Belgo]	1937	[Companhia Belgo Mineira]	Publicitário
<b>Programa Especial do Monte de Socorro da Caixa Econômica</b>	[Divulgação da Caixa Econômica]	1937	[Caixa econômica]	Publicitário

**Notas sobre a metodologia utilizada para a construção do quadro:**

- 1) As informações entre colchetes são elaborações feitas por mim a partir de informações da fonte; no caso de alguns programas, fizemos inferências para nos aproximarmos de seus objetivos/conteúdos. Os conteúdos entre aspas são informações retiradas diretamente da fonte.
- 2) Não foi possível identificar o formato de alguns programas, por ausência de informação da fonte (principalmente nos jornalísticos).
- 3) Em “Quarto de Hora [de música]” era feita uma variedade de apresentações pelos artistas contratados pela emissora. Com isso não foi possível definir a ocorrência sistemática de um determinado tipo de apresentação. Entretanto percebemos a recorrência de alguns números, como por exemplo, “Solos de música” ao piano, ao violino, violão, violoncelo, etc. A presença desses conteúdos será mencionada no próximo capítulo.

Os dados arrolados no Quadro 1 nos permitem constatar a presença de um variado número de programas, mostrando a diversidade de propostas que integravam a programação geral da Rádio Inconfidência. Na Tabela 2, abaixo, podemos visualizar a presença de maior número de programas pertencentes ao gênero *Entretenimento/Educativo-cultural* (que são todos musicais), seguido pelo gênero *Educativo-cultural* entre os quais estão presentes os formatos instrucional, literário e audiobiografia. Na sequência notamos a presença dos programas pertencentes aos gêneros *Jornalístico*, *Entretenimento*, *Propagandístico* e *Publicitário*. Desse modo, evidencia-se que a abertura à radiodifusão comercial em 1932 não rompeu definitivamente com a proposta educativa das emissoras de rádio, no Brasil.

**Tabela 2-** Número total de programas por Gênero

<b>Gênero</b>	<b>N</b>
Entretenimento/Educativo-cultural	25
Educativo-cultural	23
Jornalístico	20
Entretenimento	6
Propagandístico	6
Publicitário	4
<b>Total</b>	<b>84</b>

**Fonte:** Elaborado pela autora

Nos programas *Jornalísticos* há aqueles que se mostram orientados para o contato do governo do estado de Minas Gerais com a população, como por exemplo, o *Programa da Secretaria de Viação e Obras Públicas*, *Hora do Comércio* e *Hora de Estatística e Informação*. Esses programas eram organizados por secretarias do estado, e pode-se afirmar que tinham a intenção de estabelecer o contato com a população, buscando, em linhas gerais, realizar a propaganda do governo mineiro.

Ainda para esse gênero, uma observação relevante dá-se no formato do *Jornal Falado*. Diferentemente dos noticiários contemporâneos, o *Jornal Falado* daqueles anos mesclava o noticiário com apresentações musicais ao vivo ou em discos. Além disso, imiscuíam-se crônicas literárias, transitando nas fronteiras do jornalismo e da literatura (BARBOSA, 2009). Foi, portanto, dentro do *Jornal Falado* transmitido aos domingos pela

emissora oficial, que Eduardo Frieiro, conhecido e creditado escritor mineiro dos anos 1930, organizava o quadro *Boletim Literário*.<sup>124</sup>

A convite dos diretores da Rádio Inconfidência, Eduardo Frieiro se dedicou a escrever, semanalmente para a emissora, crônicas que versavam sobre a literatura brasileira e estrangeira. A tarefa de escrever para o rádio, que parecia cumprir com bastante compromisso, foi realizada por Frieiro até setembro de 1940, quando, por motivo de doença, teve de se afastar do jornalismo literário<sup>125</sup>.

A proposta era apresentar um “interessante boletim literario resumindo as novidades que, no domínio da ficção, se forem registrando, particularmente no Brasil e em Minas”<sup>126</sup>, com conteúdo “vasto de informação e de critica”<sup>127</sup>. É nesse sentido que o quadro fora organizado para ser lido ao microfone em um tempo de seis a oito minutos. No *Boletim Literário*, Frieiro versou sobre obras e autores brasileiros como Machado de Assis, Casimiro de Abreu, Oliveira Lima; sobre temas relacionados ao domínio do livro e da leitura com os seguintes títulos: “O problema do livro nacional”, “Letras de Minas”, “Os amigos do livro”, “A leitura, vício impunido”, “Títulos e estratégias literárias”. Além desses assuntos, pudemos verificar ainda escritos a respeito de nomes como Voltaire, Zola, Anatole France, entre outros tantos. A mídia impressa afirmava que, para o alcance do ouvinte, o *Boletim Literário* contaria com “escriptos em **linguagem acessível**, conservando no commentario a **simplicidade indispensável** em trabalhos que se destinam á intelligencia do grande publico”<sup>128</sup>. (grifos nossos)

Nessa linha de orientação consideramos alguns outros programas que foram denominados pela mídia impressa como “literários”. A definição dada para esses casos permite-nos pensar que o formato literário se daria, essencialmente, pelo modo de conjugar a informação cotidiana com estilos de narração, marcados, por vezes, pelas características de seus organizadores. Isso é o que percebemos quando tomamos os programas *Aconteceu na semana* e *Hora H*. Sobre o primeiro, afirmou-se:

---

<sup>124</sup> A informação de que o Boletim Literário integrava o *Jornal Falado* consta na edição do Minas Gerais de 01 nov. 1936. A descrição do *Jornal Falado* era feita da seguinte forma: “Jornal Falado com irradiação de uma crônica literária e discos selecionados”. As crônicas de Frieiro para a Rádio Inconfidência eram publicadas no jornal *Folha de Minas*, na quinta-feira subsequente às irradiações de domingo. Guimarães (2014) elencou o *Boletim Literário* como propriamente um programa radiofônico. No entanto, constatamos que se tratava de um quadro que compunha o *Jornal Falado*, nas edições de domingo, com início às 20h.

<sup>125</sup> Ver Carvalho (2008).

<sup>126</sup> Folha de Minas, 08 nov. 1936.

<sup>127</sup> Minas Gerais, 01 nov. 1936.

<sup>128</sup> Folha de Minas, 08 nov. 1936.

Moacir Andrade aborda numa prosa agil, colorida e sempre elegante, vários fatos ocorridos nos ultimos dias (NOVOS..., 11 mai. 1943, p.9)<sup>129</sup>.

Cinge-se o autor, nessas deliciosas páginas, a comentar os fatos cotidianos, enquadrando, na moldura do seu gênero predileto- a crônica- a sua vigorosa, profunda, marcante personalidade (ACONTECEU..., 09 mai.1943, p.11).<sup>130</sup>

Sobre a *Hora H*,

Através das redondilhas de Djalma Andrade, uma das vozes mais altas da nossa poesia, pela espontaneidade do estro e pureza da forma, vemos na onda da emissora do edificio da Feira Permanente de Amostras o comentário dos acontecimentos do dia, feitos num jogo de elegante e fina ironia, e, as vezes, quando o fato o requer, com o mais comovido sentimento (DOIS..., 25 mai, 1943, p.10)<sup>131</sup>.

Por fim, *Caleidoscópio*, igualmente identificado como educativo-cultural e fazendo jus a seu nome, constituía em

uma apresentação interessante e amena de fatos e assuntos os mais variados, além de comentários, curiosidades e anedotário- tudo marcado por um cunho educativo e cultural ao alcance popular. (...) é um dos programas da série literária que aquela emissora vem apresentando diariamente para os seus ouvintes (PROGRAMAS..., 17 jun.1943)<sup>132</sup>.

Organizado e dirigido pelos escritores Alphonsus de Guimaraens Filho e Karl Weissman, *Caleidoscópio* apresenta curiosidades, anedotário e informações sobre os mais variados assuntos de toda parte do mundo e de todos os tempos (PROGRAMAS..., 10 jun.1943, p.7)<sup>133</sup>.

Pertencentes ao gênero *Entretenimento* situam-se os programas de radioteatro e radionovela, os programas humorísticos e os vários programas musicais (que também são, neste trabalho, educativo-culturais). O radioteatro aparece na grade da Inconfidência em maio de 1940, designado, a princípio como “Rádio Teatro do Estudante”, sendo transmitido aos domingos de 21h30min às 22h<sup>134</sup>. Esses estão em consonância com a dinâmica das produções radiofônicas de caráter mais comercial e viriam atender, a partir

<sup>129</sup> NOVOS programas da Rádio Inconfidência, **Minas Gerais**, 11 mai.1943, p.9.

<sup>130</sup> “ACONTECEU na Semana” e “Hora Literária, na Inconfidência, **Minas Gerais**, 09 mai. 1943, p.11

<sup>131</sup> DOIS novos programas da P.R.I.-3, **Minas Gerais**, 25 mai. 1943, p.10

<sup>132</sup> PROGRAMAS da Rádio Inconfidência, **Minas Gerais**, 17 jun.1943, p.11.

<sup>133</sup> PROGRAMAS da Rádio Inconfidência, **Minas Gerais**, 10 jun.1943, p.7.

<sup>134</sup> Esse horário se altera posteriormente, passando o programa a ser transmitido de 21h30min às 23h, a partir de novembro de 1940. Permanece na grade até agosto de 1941, não aparecendo nos programas subsequentes.

dos anos 40, uma população cada vez mais urbanizada. Segundo Rosângela de Mendonça Guimarães, nesse momento

O rádio firmava-se como um dos mais importantes veículos de comunicação. A popularização do aparelho alcançava camadas da população que não tinham acesso à imprensa escrita. O número de ouvintes aumentava e a grade de programação modificava-se para atender aos diferentes gostos. A introdução do radioteatro e das novelas na grade de programação é um bom exemplo dessa diversificação (GUIMARÃES, 2014, p.33).

Em maio de 1943, o jornal oficial anunciava a renovação dos programas artísticos da emissora estatal. Para essa renovação fora contratado para a direção artística o pianista e professor Fernando Coelho, docente do Conservatório Mineiro de Música. Anteriormente, nos primeiros meses de atividade, o referido professor já havia ocupado o cargo na Inconfidência e retorna, dando nova organização ao quadro programativo da emissora.

(...) a escolha de Fernando Coelho é tanto mais auspiciosa quando se sabe que a Rádio Inconfidência vai entrar numa fase de intensa atividade com a apresentação de ótimos programas, dando aos seus numerosos ouvintes o ensejo de apreciar as maiores figuras da musica, não só de Minas mas do Brasil, tornando-se assim digna do notavel progresso alcançado pelo nosso Estado. (O PROF..., 1943, p. 10)<sup>135</sup>

É a partir desse momento que surgiram os programas *Hora Literária*, com o poeta João Alphonsus, *Aconteceu na Semana*, com o jornalista Moacir Andrade, *Antologia Sonora*, com o jornalista Álvares da Silva, *Vultos e fatos da história*, com Aires da Mata Machado Filho, *Dia de amanhã na história*, com João Dornas Filho. Também entrou no ar o Rádio Teatro Inconfidência, marcando o reaparecimento do gênero na Inconfidência<sup>136</sup>, a cargo do “teatrólogo” José Carlos Lisboa, assim referido no jornal oficial<sup>137</sup>.

A emissora do edifício da Feira Permanente de Amostras resolveu entrar em entendimento com o apreciado artista, e com a Rádio Nacional no sentido de apresentar a ultima novela de Joraci Camargo, que é o grande cartaz de seu programa. (...)

<sup>135</sup> O PROF. Fernando Coelho na direção artística da Rádio Inconfidência, **Minas Gerais**, 01 mai. 1943, p. 10.

<sup>136</sup> A peça de estréia dessa fase do rádio foi “Pássaro aflito” de autoria de José Carlos Lisboa. Segundo notícia do oficial, “Pássaro aflito” versava sobre “o moderno problema da mulher aviadora”. Conf. Minas Gerais, 21 mai 1943.

<sup>137</sup> Conf. edições do Minas Gerais de 25 mai. 1943, p. 10; 01 jun, 1943, p. 10; 08 jun. p.9.

“Ódio”, é como se denomina a novela de Joraci Camargo, que será apresentada, a partir de hoje pela Rádio Inconfidência, simultaneamente com as emissoras de ondas curtas e longas da Nacional, iniciando-se a audição às 12,30 horas (“ODIO”..., 1943, p. 8)<sup>138</sup>.

O romance *Éramos Seis*<sup>139</sup>, de Maria José Dupré, publicado em 1943, também seria adaptado para o radioteatro da Inconfidência, assim como o romance de Emily Brontë, *Morro dos ventos uivantes*<sup>140</sup>.

### Figura 19- Ensaio do Radioteatro da Rádio Inconfidência



Fonte: Revista Alterosa, n. 14, abr. 1941<sup>141</sup>

Outros programas também classificados como de formato literário são *Antologia Sonora*, *Páginas Lidas e Vividas* e *Hora Literária*, que eram programas sobre literatura – e

<sup>138</sup> “ODIO”, a novela de Joraci Camargo, hoje ao microfone da Inconfidencia, **Minas Gerais**, 26 mai.1943, p. 8.

<sup>139</sup> Folha de Minas, 30 jul. 1943.

<sup>140</sup> MINAS GERAIS, 08 e 10 out. 1944.

<sup>141</sup>O RADIO Teatro da Inconfidencia, **Revista Alterosa**, n.14, abr. 1941.

não literários; por isso, os classificamos como educativo-culturais. *Antologia Sonora*, por exemplo,

organizado e dirigido pelo jornalista Alvares da Silva, é um comentário variado e escolhido sobre as grandes figuras da literatura universal, no qual são apresentados fatos e episódios marcantes da vida de escritores de renome mundial e trechos das grandes obras de todos os tempos.

(...)

Em “Antologia Sonora”, Alvares da Silva apresentará hoje valioso comentário em torno de “Os poemas ingleses de Guerra”, uma coletânea de trabalhos de grandes ingleses traduzida, recentemente para nossa língua por Abgar Renault.

Nesses poemas, alguns dos quais serão lidos ao microfone de Radio Inconfidência, destacam-se a fibra e o heroísmo dos jovens poetas britânicos que perderam a vida na guerra passada (ANTOLOGIA..., 1943, p.9).<sup>142</sup>

*Antologia Sonora*, iniciado em maio de 1943, parece bem próximo ao programa *Páginas Lidas e Vividas*, transmitido pelas ondas da Inconfidência de agosto de 1940 a maio de 1943. Esse último se destinava a apresentar “dados biographicos sobre escriptores e artistas, noticiario literario, sketches, poesias, numeros musicais, além de varios outros assumptos” (MUSICA..., 1940, p. 5)<sup>143</sup>.

Já o programa *Hora Literária* oferecia aos ouvintes

uma visão completa dos ultimos e mais importantes acontecimentos literários. Constitue, por isso, um interessantíssimo repositório de comentários e fatos, a que o estilo de João Alphonsus imprime um sabor especial (PROGRAMAS..., 1943, p. 10)<sup>144</sup>.

De uma família bem brazonada nas letras, tem escrito numerosas obras, desde o ensaio ao romance. (...) **Seu estilo é simples, não tem ornatos nem extravagancia e possui ductilidade admiravel.**

A João Alfonsus cabe, na Radio Inconfidência, agora, a missão de comentar o movimento literario da semana (O MOVIMENTO... 1943, p.9)<sup>145</sup> (grifos nossos)

A respeito dos programas literários o que se destaca em alguns deles é a característica da linguagem acessível e a simplicidade da narrativa, qualidades essas afinadas com os seus organizadores. Esses atributos tinham como sustentação a

<sup>142</sup> “ANTOLOGIA Sonora”, hoje na Inconfidência, **Minas Gerais**, 16 jun. 1943, p.9.

<sup>143</sup> MUSICA- THEATRO- RADIO, **Folha de Minas**, 03 ago. 1940, p.5.

<sup>144</sup> PROGRAMAS da Inconfidência, **Minas Gerais**, 13 jun. 1943, p. 10.

<sup>145</sup> O MOVIMENTO literario da semana, comentado por João Alfonsus, na PRI-3, **Minas Gerais**, 08 mai. 1943, p. 9.

necessidade de o programa se adequar ao nível intelectual do “grande público”, que supomos, pelo menos do ponto de vista dos produtores, se tratar da população sem acesso às “letras” e que, por isso, necessitava de um verniz civilizatório. Diante disso, cabe-nos inquirir: apenas a simplicidade na linguagem alcançaria o público sem escolarização, considerando que a taxa de analfabetismo no Brasil era de aproximadamente 60% entre as décadas de 1920 e 1940?<sup>146</sup> O conteúdo também seria parte do repertório cultural e de interesse do “grande público”? Haveria, no texto escrito, modos explícitos de interlocução do autor com o ouvinte, uma vez que o texto era preparado para ser lido ao microfone? Na impossibilidade de responder essas indagações sem aprofundamento nos conteúdos e mesmo sem registro das transmissões, cabe-nos apenas registrá-las.

Também observamos a presença do *speaker* radiofônico. Na Inconfidência esse profissional se direcionava para a locução de alguns dos programas literários da Inconfidência sob o título de *speaker* especializado: “Antologia Sonora é sempre ouvido na voz do locutor Brandão Reis, o “*speaker*” especializado da Inconfidência para os programas literários da emissora.” De acordo com Vidal e Costa (2011), o *speaker* também era valorizado, pois era capaz de “fazer vibrar o auditório e comunicar com entusiasmo” (VIDAL; COSTA, 2011, p.241). No caso dos programas literários, podemos considerar a tonalidade e a dicção desse profissional como essenciais para alcançar com maior vigor o público ouvinte da emissora oficial de Minas<sup>147</sup>.

No gênero educativo-cultural destacamos os programas instrucionais<sup>148</sup> que se mostravam orientados para a formação histórica de um público mais amplo, como exemplo *Vultos e fatos de nossa história* e *O dia de amanhã na História*, ambos iniciados em junho de 1943.

“Vultos e fatos de nossa história”, cuja finalidade é focalizar as forças vivas dos nossos maiores, sintetizadas nos seus feitos e glórias, e consulta às nossas tendências, originalidades, temperamentos, necessidades, costumes e tradições, estará no ar todas as sextas-feiras, na Rádio

<sup>146</sup> Conf. Galvão, 2007.

<sup>147</sup> Conf. MINAS GERAIS, 26 jun. 1943, p. 9; MINAS GERAIS, 23 jun. 1943, p. 9. Não notamos referência a esse tipo de profissional para outros tipos de programa, mas isso não significa que não existissem.

<sup>148</sup> Por vezes, alguns desses programas eram referenciados como literários. Veja por exemplo o comentário sobre *Vultos e fatos de nossa história*: “Vultos e fatos de nossa história”, organizado e dirigido por Aires da Mata Machado Filho, é mais um dos programas literários que a Rádio Inconfidência apresentará hoje, às 22,35 horas. (MINAS GERAIS, 11 jun. 1943, p. 9). Entretanto, adotei a classificação que me parece mais coerente com a proposta do programa, de acordo com Barbosa Filho (2009). *A Hora H e Aconteceu na Semana*, conforme sinalizamos, seriam programas informativos com um caráter literário dado pelos seus organizadores.



Inconfidência, a partir das 22,35 horas (VULTOS..., 14 mai, 1943, p. 7)<sup>149</sup>.

*O dia de amanhã na história* se destinava a oferecer “interessantes informações sobre as nossas efemérides, traçado numa linguagem simples, clara e atraente” (ANTOLOGIA..., 1943, p. 11)<sup>150</sup>. Mostra-se, nesse sentido, objetivo semelhante ao programa *Fatos históricos do dia*, transmitido de janeiro a julho de 1938. Em comum, esses três programas tinham a intenção de, em maior ou menor grau, colocar o público em contato com a História do Brasil (e possivelmente com a “História Geral”). Em uma vertente da dita história positivista, esses programas parecem ter sido orientados para tratar dos fatos, das datas e dos vultos nacionais, como um conteúdo útil para promover o reconhecimento identitário entre povo e nação.

Alguns programas parecem mesclar o caráter informativo como propósito propagandístico como era o *Repórter Esso* e, supomos, *O Brasil na Guerra*, *O esforço de Guerra do Brasil*, *Os Estados Unidos na Guerra* e o *Programa da Boa Vizinhança*<sup>151</sup>. Esses últimos estavam intrinsecamente relacionados com o desenrolar da II Guerra Mundial. O primeiro consta na programação a partir de julho de 1942 e já no mês seguinte passou a ocupar espaços maiores e em diferentes horários na grade da emissora. Produzido pela agência de publicidade McCann-Erickson, por sua vez contratada pela Standart Oil, o *Reporter Esso* era preparado a partir de material produzido pela United Press Internacional, de acordo com os padrões do radiojornalismo americano (CALABRE, 2004). Uma vez que fora lançado no período de intensa censura do DIP, as notícias do *Repórter Esso*

não podiam contrapor às diretrizes da política oficial, o que dificultava a seleção de matérias para os noticiários nacionais. Tal fato, aliado à própria conjuntura de guerra, fazia com que a atenção dos ouvintes fosse desviada para o conflito mundial e que o *Repórter Esso* obtivesse

<sup>149</sup> “VULTOS e fatos da nossa História, o novo programa da Rádio Inconfidência”, **Minas Gerais**, 14 mai. 1943, p. 7.

<sup>150</sup> “ANTOLOGIA Sonora”, hoje na Inconfidência, **Minas Gerais**, 19 mai. 1943, p. 11.

<sup>151</sup> Não foram localizadas mais informações sobre *O Brasil na Guerra*, *O esforço de Guerra do Brasil*, *Os Estados Unidos na Guerra*. Somente os identificamos na grade da programação a partir de 01 de agosto de 1943. As transmissões de *O Brasil na Guerra* eram feitas aos domingos, de 20h às 20h30min; *Os Estados Unidos na Guerra* também ocorria aos domingos de 21h às 21h15min. *O esforço de Guerra do Brasil* era transmitido às terças-feiras de 17h às 17h15min. Em algumas ocasiões, notamos a nomenclatura de *Notícias da Guerra* em horários assumidos pelo *Repórter Esso*. Assim, acreditamos não haver diferenciação de conteúdo entre essas duas nomenclaturas, ao considerarmos que o *Repórter Esso* se destinava às notícias da Guerra. De junho de 1942 até aproximadamente julho de 1943, a descrição continha a irradiação do *Programa da Boa Vizinhança*. Em outubro de 1943, em seu horário, consta a descrição *Os Estados Unidos na Guerra*. Nesse caso, não sabemos indicar se houve substituição de programas ou se trata apenas de mudança de nomenclatura.

altíssimos índices de audiência. O noticiário seguia um mesmo modelo nos diversos países latino-americanos em que era irradiado, e foi considerado uma peça fundamental de propaganda do governo dos Estados Unidos durante a guerra (CALABRE, 2004, p.48).

Por sua vez, o *Programa da Boa Vizinhança*, que tinha por característica exercer a propaganda da doutrina americanista, iniciou na Inconfidência em junho de 1942 e permaneceu até julho de 1943, sendo transmitido diariamente no horário de 21h às 21h15min. Conforme nota publicada na *Revista Alterosa*,

ninguem pode contestar o valoroso incentivo que esse programa representa, para o incremento da amizade inter-continental. Apresentado com o sabor da irradiação “direta” da America do Norte, tem ele merecido a maior atenção da grande massa de ouvintes da simpática estação da Feira de Amostras, agradando plenamente e preenchendo de modo brilhante as suas elevadas finalidades americanistas. (COOPERANDO..., 1942, p.31)<sup>152</sup>

A “política da boa vizinhança” resulta da doutrina do panamericanismo e teve como princípio fundamental estabelecer uma relação de diplomacia política e econômica entre os Estados Unidos e os países americanos. Tal política vigorou de 1933 a 1945 e se caracterizou pela mudança estratégica da prática intervencionista nas relações dos Estados Unidos com a América Latina, desde o final do século XIX. Diferentemente do imperialismo adotado pelos Estados Unidos no decorrer daquele século XIX com base nos princípios da Doutrina Monroe, nos anos 1930, a “política da boa vizinhança” adotou como preceito a diplomacia e a “colaboração econômica e militar” entre os países da América Latina e os Estados Unidos. Tal política tinha por objetivo “impedir a influência européia na região, manter a estabilidade política no continente e assegurar a liderança norte-americana no hemisfério ocidental” (CPDOC, s/d)<sup>153</sup>. No plano econômico, as ações da “política da boa vizinhança” buscaram estabelecer alianças comerciais com vistas a garantir o suprimento de matérias-primas para as indústrias norte-americanas em troca da implementação de políticas sociais, com a justificativa de melhorar as condições de vida e de oferecer subsídios para o desenvolvimento industrial nos países latino-americanos<sup>154</sup>. Já

<sup>152</sup>COOPERANDO par a maior aproximação das Américas: o êxito do “Programa da Boa Vizinhança” ao microfone de PRI-3, *Revista Alterosa*, n. 32, dez. 1942, p. 31.

<sup>153</sup>Política de Boa Vizinhança, CPDOC, s/d.

<sup>154</sup> Conf. Macedo (2013). Ferreira (2011) mostra as relações econômicas entre Brasil e Estados Unidos na chamada Batalha da Borracha. Em troca da matéria-prima para a indústria bélica, os Estados Unidos investiram no campo da saúde no Brasil, com a implementação, por exemplo, da OPAS (Organização Pan-

no plano político, as ações dos Estados Unidos concentravam-se em manter a estabilidade política no continente, por meio de argumentos que tinham por objetivo estabelecer laços de solidariedade, de reconhecimento identitário pelo fator geográfico das nações latino-americanas, mesmo em face da diversidade lingüística. Também no plano cultural, a “política da boa vizinhança” lançou seus tentáculos sobre a nação brasileira importando para os Estados Unidos a “pequena notável” cantora “luso-brasileira” Carmen Miranda e exportando o *Zé Carioca*, uma produção da Walt Disney<sup>155</sup>.

Ao mesmo tempo em que a “política da boa vizinhança” esteve presente na grade da emissora oficial mineira para o público adulto, conforme se poderá ver, a temática do panamericanismo também esteve presente nos programas infantis *Hora Educativa* e *Hora Infantil*, afinando-se com os conteúdos do ensino de História das escolas primárias.

Também foram identificados programas de teor religioso, como o *Aula de Religião*, do qual sabemos pouco a seu respeito. As informações localizadas nos permitem afirmar apenas que era organizado pela professora Maria Luiza de Almeida Cunha, que à época fazia parte do corpo de assistentes técnicas da Secretaria de Educação de Minas Gerais. Sua irradiação teve início em novembro de 1937 e permaneceu no quadro programativo da emissora até maio de 1938, sendo transmitido às segundas-feiras, no horário de 18h às 18h15min<sup>156</sup>. De cunho religioso católico podemos acrescentar ainda os programas *Angelus* e *Homilia*. Sobre o primeiro, sabemos que foi transmitido inicialmente aos domingos e quintas-feiras de 18h às 18h15min, passando depois a ser transmitido diariamente. Em 1943, o oficial informa que o Padre José Campos Taitson assumiria a *Hora do Angelus*:

Trata-se de uma brilhante aquisição da emissora da Feira Permanente de Amostras. Entregando a sua Hora de Angelus a um sacerdote que é uma expressiva figura do clero mineiro, a Rádio Inconfidência conquista uma vitória, oferecendo aos seus ouvintes excelente e completo programa religioso. A PRI-3 inicia, assim, a sua nova fase de atividades, que se anuncia como um alto momento do “broadcasting” mineiro (A “HORA...”, 1943, p. 10)<sup>157</sup>.

---

Americana de Saúde), do SESP (Serviço Especial de Saúde Pública). Além disso, subvencionou, para o desenvolvimento industrial, a construção de Volta Redonda.

<sup>155</sup> Conf. Zagni (2008).

<sup>156</sup> Há indícios de que o programa fosse ocupar parte do programa *Hora Educativa*. No entanto, suas transmissões se deram em horário distinto desse último.

<sup>157</sup> A “HORA de Angelus”, da Inconfidência, sob a direção do Padre José Campos Taitson, **Minas Gerais**, 01 maio, 1943, p. 10.

O segundo, *Homilia*, tinha a intenção de realizar, conforme sugere o próprio nome, sermões baseados no Evangelho. Esse programa iniciou na grade da emissora em maio de 1937 e permaneceu até início de dezembro do mesmo ano, com transmissão aos domingos, no horário de 12h15min às 13h, momento dividido com o programa *Hora do Operário*. Acrescenta-se ainda que o primeiro *Jornal Falado* do dia, transmitido diariamente de 09h às 09h15min, contemplava o noticiário religioso, bem como o expediente despachado pelo arcebispo da arquidiocese de Belo Horizonte<sup>158</sup>. A Rádio Inconfidência ainda colaborava no serviço de divulgação das solenidades da Semana Santa. As transmissões da tradição católica que marca a paixão, morte e ressurreição de Cristo se iniciavam na Quinta-feira Santa e eram finalizadas no Domingo de Páscoa; eram feitas diretamente da Igreja Matriz das cidades de Ouro Preto, São João Del-Rei e Mariana.

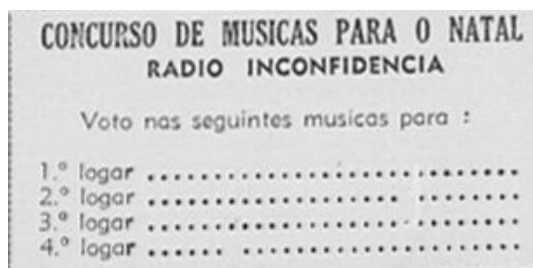
Por fim, vale lembrar que uma das principais características do rádio é a plasticidade da programação, que permite alterações conforme o dinamismo da vida social. Com esse propósito foi possível constatar a existência de programas temporários, que tinham como finalidade promover o espírito criativo dos ouvintes e de compositores amadores e a participação direta na emissora, além de tornar a programação atraente e com novidades. É nessa perspectiva que a Rádio Inconfidência inaugurou em dezembro de 1936 o *Concurso de músicas para o Natal*, cuja proposta era incentivar a composição de músicas com temas natalícios pelo público, garantindo aos primeiros classificados premiação em dinheiro.

Esse tipo de atualização no quadro dos programas não se limitou às festividades do Natal, tendo a emissora realizado concursos também para o Carnaval e para a festa de São João.<sup>159</sup> As músicas inscritas nesses concursos eram interpretadas pelos artistas contratados, em horário cedido dentro da programação, para que pudessem ser divulgadas e votadas pelo público ouvinte. Na figura abaixo temos o exemplo de uma cédula de votação publicada em um dos periódicos analisados e que mostra a intenção de propiciar ao público leitor do jornal e ouvinte da rádio a participar diretamente da escolha a canção vencedora do concurso.

---

<sup>158</sup> Conf. Minas Gerais, 09 mai. 1937.

<sup>159</sup> Conf. Minas Gerais, 13 jun, 1937, p. 14.

**Figura 20-** Cédula de votação para o concurso de Natal

**Fonte:** Folha de Minas, 18 dez.1936

Por fim, cabe-nos uma breve consideração sobre os organizadores dos programas da emissora oficial de Minas Gerais. Para que as finalidades educativas e culturais pudessem ser cumpridas, era necessário que a organização dos programas fosse feita por pessoas habilitadas. Essa preocupação aparece nos dizeres do governador Benedito Valadares, quando da inauguração da emissora:

Para a direcção dos seus diversos serviços, estão sendo escolhidos elementos de inteira idoneidade, o que lhe assegurará o preenchimento de suas finalidades culturais, educativas, artísticas e de propaganda (RIBEIRO, 1936, p.89).

Ao observar os nomes dos organizadores constata-se que o perfil deles não é fortuito. São escritores, literatos, jornalistas, professores e educadores de renome que tinham influência nos meios acadêmicos estaduais ou nacionais, muitos deles membros da Academia Mineira de Letras. Achavam-se congregados na Rádio Inconfidência nomes como Eduardo Frieiro, Alphonsus de Guimaraens Filho, Álvares da Silva, Moacir Andrade, Luiz de Bessa, João Alphonsus, João Dornas Filho, Djalma Andrade, Aires da Mata Machado Filho, Karl Weissman, entre outros.<sup>160</sup>

Para a direção educacional foi escolhido o nome de Mário Casasanta, intelectual mineiro que teve forte participação nos debates educacionais do período, tendo sido um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932. Embora reconhecendo as particularidades nas trajetórias de cada um desses sujeitos, cabe-nos compreendê-los como parte de uma elite intelectual intermediária entre Estado e povo. Isso não significa dizer que todos eles estivessem necessariamente afinados ao ideário estadonovista, pois, conforme nos adverte Lauro Cavalcanti (1999), os intelectuais que estiveram ligados ao Estado autoritário se ligavam a matizes político-ideológicos dos mais

<sup>160</sup> Conf. também Guimarães (2014).

diversos. O autor ainda considera que a baixa remuneração recebida obrigava que tivessem outras atividades como modo de completar seu orçamento, o que repele a hipótese vulgar e mais difundida de que o Estado Novo teria cooptado os intelectuais por meio de contratações.

Com efeito, esse olhar nos possibilita maior zelo sobre a presença substantiva de intelectuais mineiros na organização dos programas da Rádio Inconfidência, e coloca em evidência que grande parte daqueles programas tinha significativa importância ao projeto político em andamento, em suas variadas faces.

## **CAPÍTULO 4**

### **A EDIFICAÇÃO DO CORPO CÍVICO: Moral, Físico e Intelectual**

Estabelecer um tipo físico, intelectual e moral do homem, ou melhor, do novo homem brasileiro, notoriamente nas décadas de 1930 e 1940 e, de modo especial, durante o Estado Novo, parecia tarefa primordial para os propósitos da nova ordem instaurada. Naqueles anos se realizavam mudanças estruturais na organização da sociedade brasileira e o governo federal buscou agir com a intenção de edificar a nação. Nesse projeto estava em xeque a constituição racial da população, o avanço do território- sua ocupação e proteção, o desenvolvimento econômico- pelo campo e pela indústria, e a conseqüente necessidade de (re)organização do mundo do trabalho. No plano externo, tornava-se necessário estabelecer acordos comerciais como modo de projetar o Brasil no cenário mundial. Em meados dos anos 1930, o Brasil possuía acordos tanto com os Estados Unidos, quanto com a Alemanha, o que exigiu posicionamento do governo anos mais tarde diante do cenário da guerra em curso. Nesse multifacetado quadro estavam em evidência as diferentes manifestações culturais brasileiras, o operariado ascendente, a defasagem da escolarização da população e a necessidade de se realizar um projeto em favor de uma nacionalidade una e coesa.

Nesse sentido, a preocupação com a formação da identidade chegou a ocupar lugar de destaque. No entanto, o debate há muito se estendia. Desde finais do século XIX e início do XX se desenvolveram, dentro de instituições de ciências, discussões teóricas em consonância com as teorias deterministas, advindas da Europa e dos Estados Unidos, com o fito de realizar um projeto de nação. Entretanto, o cenário era marcado por questões complexas e paradoxais, seja pelo fim da escravidão, que colocava em xeque estruturas e hierarquias tradicionais, seja pela presença de idéias “positivo-evolucionistas” que fundamentavam a diferença entre as “raças” (SCHWARCZ, 1993). Diante disso, acomodar as diferenças e escamotear os conflitos tornava-se indispensável: se, por um lado, o determinismo das diferenças raciais significava a degeneração de um Brasil que se pretendia constituir, por outro, o elogio da miscigenação, caracterizando a singularidade brasileira, era uma saída para um “problema” crucial. Contudo, não bastava elogiar a miscigenação para nos rotular como experiência única; era necessário inseri-la em um processo de supressão dos caracteres “inferiores”, na medida em que o cruzamento racial significava a condenação ao atraso, não só físico como cultural. É nessa perspectiva que se legitimou a eugenia, como prática de seleção social e racial.



Como ciência, ela supunha uma nova compreensão das leis da hereditariedade humana, cuja aplicação visava a produção de “nascimentos desejáveis e controlados”; enquanto movimento social, preocupava-se em promover casamentos entre determinados grupos e talvez o mais importante- desencorajar certas uniões consideradas nocivas à sociedade (SCHWARCZ, 1993, p.60).

Ao lado da eugenia, o pensamento higienista-sanitarista foi colocado em evidência como argumento para superar a ideia da degeneração racial. Essa visão, na medida em que aceitava a influência do ambiente para explicar os males brasileiros, superou o racismo científico prevalecente no século XIX. Isso expressou uma solução para o problema brasileiro, pois a mistura racial significava nossa condenação ao atraso. O movimento pelo saneamento, segundo Lima e Hochman (1996), teve papel central e prolongado na reconstrução da identidade nacional. Segundo os autores, uma tendência que se consolidou entre os representantes das elites intelectual e política do país “consistiu em ver nas doenças o problema crucial para a construção da nacionalidade” (LIMA e HOCHMAN,1996, p.25).

Durante a década de 1910, organizaram-se expedições e se instituíram debates em torno da questão da saúde, notoriamente, a partir do pronunciamento do médico Miguel Pereira, em 1916, de que “O Brasil é um imenso hospital”. As representações do Brasil doente foram expressas por Monteiro Lobato na figura do Jeca Tatu. Contudo, a partir do contato de Lobato com lideranças das campanhas de saneamento, verificou-se a redenção do Jeca. Essa mudança na forma de representar o homem brasileiro, particularmente o habitante do campo, denotou que a “higiene seria o instrumento central para a reforma do País porque viabilizava a remoção do atributo que o identificava e o desqualificava: a doença” (LIMA e HOCHMAN, 1996, p.33).

Para tanto, foram criados mecanismos com o intuito de corrigir nossos males de origem, sobretudo a partir da saúde e da educação. Esses campos, portanto, se tornaram *locus* de ação para o projeto de uma nação nova que se erigia, imputando-lhes, por meio do rigor científico, práticas para identificar e sanar as características degenerativas da raça brasileira. Adequar os corpos e o espírito do homem brasileiro trazia implícito sanar as debilidades físicas, o baixo nível cultural, intelectual e moral, de modo que esse novo homem correspondesse ao vigor, à força e ao progresso que seria a nação brasileira. As medidas para o revigoramento do homem brasileiro, portanto, passavam pelos ditos “problemas” da miscigenação racial, da qual o Brasil era considerado uma experiência

única. A melhoria de seus aspectos físicos compreendia medidas de branqueamento, o preparo físico e o cuidado com a saúde e com a higiene. Essas medidas, portanto, deveriam ser aplicadas nas escolas, no ambiente de trabalho e deveriam se tornar hábitos nos lares brasileiros, da cidade e do campo. Dever-se-ia promover uma educação que alcançasse também homem do campo, tornando-o menos “primitivo”, tanto no que se refere à formação moral, intelectual e estética, mas também aos próprios processos de produção agrícola. Leia-se, um saneamento em todos os espaços da vida pública e privada.

Estudos realizados por Arantes (2014), Ferreira (2011), Pereira (1999), Dávila (2006)<sup>161</sup> mostram, a partir de diferentes objetos, como o ideário nacionalista se fazia presente na política brasileira, sobretudo no governo Vargas e de modo especial no Estado Novo. Esses estudos refletem como ações de branqueamento, higienização e o mundo do trabalho estavam no escopo da construção da identidade nacional. Escolas e outras instâncias educativas, os meios de comunicação e instituições empregatícias se tornaram espaços úteis difusores de um ideal de identidade nacional em construção, operacionalizada por meio do civismo, da educação física, da higiene e de medidas eugênicas.

O que era o brasileiro e o que deveria ser constituíam entendimentos variados e disformes; os posicionamentos em torno da cultura e do povo brasileiros eram em muitos pontos dissonantes. Exemplo disso é a contenda entre o ministro Capanema e o escultor Celso Antônio quando da encomenda da escultura do Homem Brasileiro para ornamentar a

---

<sup>161</sup> Adlene Silva Arantes (2014), ao analisar as práticas de racialização realizadas nos grupos escolares de Pernambuco entre a segunda década do século XX e o final do Estado Novo, mostra que reformas idealizadas no sistema educacional desse estado objetivavam resolver o “problema racial brasileiro”. Segundo a autora, para racializar a população escolar, foi utilizada a classificação elaborada por Roquette-Pinto, que levava em consideração a cor da pele, a tonalidade dos olhos e as características do cabelo. Além dessas características, as medições antropométricas tinham como função garantir o estabelecimento de uma sociedade saudável física, intelectual e moralmente. Maria Liege Freitas Ferreira (2011) mostra como, durante o Estado Novo, medidas higienistas e eugênicas compunham as práticas de seleção dos trabalhadores que iriam para os seringais do Norte, tomando como ponto de análise a construção de pertencimento da região amazônica ao projeto da unidade nacional, a partir da Batalha da Borracha. O estudo de Ferreira tem como objeto os cartazes produzidos pelo Governo, tomados pela autora como instrumentos persuasivos com a intenção de fixar uma imagem do Eldorado amazônico, por meio de uma articulação entre Estado, política e mídia. Júnia Sales Pereira (1999) analisa a formação da Juventude Brasileira, instituição nacional dedicada a educar a juventude para a vida patriótica. Nesse trabalho, a autora mobiliza a questão da identidade nacional pelo viés da eugenia, estabelecendo diálogo com a educação física e com práticas de civismo. Jerry Dávila (2006) se propõe a estudar as relações raciais brasileiras em interface com as políticas públicas educacionais do Rio de Janeiro, entre 1917 e 1945. A partir desse objetivo, o autor revela que matrizes científicas exógenas influenciaram o pensamento intelectual brasileiro, prevalecendo a crença de que a população brasileira era degenerada, e, para solucionar tal problema acreditava-se que se poderia embranquecer a nação (na cultura, na higiene, no comportamento e na cor). O autor conclui que as questões raciais e de classe pautaram a organização do sistema escolar em diferentes aspectos: desde o currículo à seleção e treinamento de professores.

entrada do prédio do Ministério da Educação, em projeto de construção. Destoava a visão do escultor do que era o homem nacional e o ideal que o ministro e a elite intelectual sugeriam que fosse. Esses últimos estimavam pelo homem branco como o representante do brasileiro ao passo que o escultor não via o tipo ariano em predominância no Brasil de Norte a Sul (PINTO, 2011).

No Estado Novo, ao mesmo tempo em que se resignificava o papel do negro e do mestiço como elementos constitutivos da nação, disseminava-se a eugenia, por meio do robustecimento físico, da correção moral dos vícios e da promiscuidade e pela melhoria das condições de vida e saúde, que garantiria homens “melhores” para o futuro da nação. Se esse princípio eugênico difere da eugenia biológica da virada do século deve-se, pelo menos em parte, à guinada culturalista nas interpretações do Brasil dos anos 1930. Gilberto Freyre é sem dúvida um dos autores mais referenciados para a análise do Brasil e da cultura brasileira a partir de 30. A “ternura”, a “música”, a “fala”, o “andar”, o “canto de ninar”, o “dar de mamar”, o embolar a comida com a mão para alimentar a criança branca e, por fim, o sexo do menino e do homem brancos com a escrava negra/mulata<sup>162</sup> foram testemunhos utilizados pelo autor como modo de validar o processo miscigenatório brasileiro, garantindo ao negro a sua contribuição para a formação da nacionalidade e a possibilidade de ser reconhecido como parte desse processo. A positividade com que Freyre enxergou a miscigenação brasileira pode hoje ser vista como o escamoteamento do conflito entre senhores e escravos, permitindo a interpretação de uma escravidão branda no Brasil. Ademais o autor traduzia uma visão pejorativa da mulher negra/mestiça: “mulata fácil”, “molecas”, enfatizando igualmente “a predileção” e “o exclusivismo” dos homens brancos em gozar com a negra. Contudo, no tempo em que foi produzida a perspectiva freyriana se ajustava aos propósitos estadonovistas, na medida em que possibilitava uma nova interpretação para a questão da identidade brasileira. Ao dar uma orientação culturalista para a miscigenação brasileira, Gilberto Freyre deslocava o eixo de análise das teorias raciais em voga no fim do século XIX e início do XX.

Renato Ortiz (1985), sob um ponto de vista sociológico com interfaces antropológicas e sem desconsiderar a natureza histórica do fenômeno da constituição da identidade nacional, afirma que Casa Grande & Senzala une a todos:

---

<sup>162</sup> Conf. Freyre (2003), cap. 4.

O livro possibilita a afirmação inequívoca de um povo que se debatia ainda com as ambigüidades de sua própria definição. Ele se transforma em unicidade nacional. Ao retrabalhar a problemática da cultura brasileira, Gilberto Freyre oferece ao brasileiro uma carteira de identidade (ORTIZ, 1985, p. 42).

É, portanto, a partir de 1930 e mais enfaticamente no pós-1937 que o Estado vai tomar as rédeas no direcionamento da cultura brasileira, imputando a edificação de um novo homem- um novo trabalhador, um novo cidadão. É com esse olhar que a problemática da formação da identidade nacional será tomada para compreender a programação veiculada pela Rádio Inconfidência mesmo antes da instauração do Estado Novo. Desde o início de suas atividades, a grade da emissora sinalizava atender às questões em pauta na agenda política, tais como trabalho, higiene e saúde, educação física e elevação do nível cultural do povo, com forte ação da música para esse último- tanto pela música folclórica e pelo canto orfeônico quanto pela música erudita estrangeira. A análise do quadro da programação geral da Rádio Inconfidência, apresentado no capítulo anterior, mostra, por exemplo, que dos 84 programas identificados na nossa pesquisa, 25 eram dedicados à música. Mostramos também a tentativa de aproximação do governo do Estado de Minas Gerais da população, em programas organizados por secretarias do Estado. Além de variado número de programas informativos, vimos a presença de programas educativo-culturais e propagandísticos que mostravam questões prementes da política externa.

A seguir, optei por analisar especificamente alguns programas que mostram de modo mais explícito como a ação educativa da emissora oficial mineira estava em consonância com o projeto de formação do homem brasileiro.

#### **4.1 Para “bem servir à saúde do povo”: *Aula de Ginástica e Hora de Higiene e Saúde Pública***

A *Aula de Ginástica* teve início em dezembro de 1936 e permaneceu na programação da Rádio até meados do ano de 1943. O programa era irradiado de terça a domingo, no horário de 07h às 07h30min, sendo organizado pelo professor Antônio Macedo. Conforme consta informação no jornal oficial<sup>163</sup>, o referido professor pertencia ao Departamento de Instrução da Força Pública de Minas Gerais e era diplomado pela Escola

---

<sup>163</sup> Conf. Minas Gerais, 19 dez. 1936, p. 13.

de Educação Física do Exército<sup>164</sup>, atuando também no Minas Tênis Clube como professor de ginástica. No plano das aulas, as ginásticas eram marcadas por músicas rítmicas, executadas ao piano<sup>165</sup>, o que podemos entender como um mecanismo de relacionar o aprimoramento estético físico com o aprimoramento estético musical. Ainda consta que as aulas seriam orientadas por material denominado “quadros muraes” ou “mappas de gymnastica”. Em notícia sobre o início das aulas, informou-se que os “quadros muraes que acompanharão os exercícios já estão sendo organizados, devendo ser impressos antes do início das aulas. Esses quadros muraes deverão ser distribuídos gratis aos ouvintes da PRI-3.” (AULA..., 19 dez. 1936, p.13).<sup>166</sup> De acordo com o mesmo jornal, o que a Inconfidência propunha era “uma bela demonstração de interesse em bem servir á saúde do povo”.

A presença de um programa de rádio destinado à prática de atividades físicas, com o pressuposto de servir à saúde do povo provoca, inevitavelmente, algumas reflexões em torno do valor que a educação física assumiu durante o governo Vargas. Horta (1994) afirma que a educação física teve papel de relevo na associação entre a educação e a saúde naqueles tempos. Segundo o autor, ela foi inicialmente voltada para o desenvolvimento físico individual e depois foi relacionada com a concepção de aperfeiçoamento da raça. Para ele, a partir de 1937, a educação física passou a ser um setor privilegiado de atuação dos militares, que pretenderam utilizá-la para a concretização da sua presença nas escolas, organizando-a, entretanto “além das escolas”, “nas várias corporações relacionadas com os interesses da infância e da juventude” (HORTA, 1994, p.169). Esses dois pontos são de interesse para compreendermos a função da educação física nos anos 1930 e a veiculação de um programa de ginástica pela Rádio Inconfidência de Minas Gerais. Organizada por um professor formado pela Escola de Educação Física do Exército, a *Aula de Ginástica* se mostra como um *locus* de atuação dos militares estendida à nação. Debates se travaram em torno da legitimidade da atuação desses sujeitos em diferentes espaços da sociedade e dos investimentos no campo educacional para a formação de profissionais que neles atuassem (HORTA, 1994; CASTRO, 1997; PEREIRA, 1999, LINHALES, 2009).

---

<sup>164</sup> O programa começou a ser irradiado em 22 de dez. 1936 e aparece na programação até meados de 1943. Inicialmente era irradiado de 07h30min às 08h tendo passado de 07h às 07h30min quando as transmissões passaram a começar às 07h.

<sup>165</sup> Minas Gerais, 22 dez. 1936, p. 13.

<sup>166</sup> Apesar disso, na edição do Folha de Minas, de 12 de fevereiro de 1938, informa-se o preço dos mapas no valor de 3\$000 (três mil réis), disponíveis para compra nas livrarias Rex.

Era indispensável um método adequado para validar tais princípios. Adotou-se, portanto, o método francês, justificado pela presença da Missão Militar Francesa que se instalou no Brasil no início da década de 1920 até o final do Estado Novo. A Missão Militar influenciou as concepções doutrinárias que regeriam o Exército nacional, em franca reorganização a partir daquele momento.

O cenário militar europeu era, nessa época, dominado pela noção de “Nação em Armas”, segundo a qual as Forças Armadas, além de responsáveis pela defesa, deveriam ser também uma espécie de “escola da nacionalidade”, já que idealmente recrutariam elementos de todos os setores da população, de todas as origens sociais, dotando-os de um sentimento de unidade nacional. Com isso, o Exército via-se ideologicamente diretamente ligado à Nação, entidade da qual, mais que guardião, era também formador (CASTRO, 1997, p.62).

A escolha dos métodos norteadores da prática de educação física se pautavam em questões científicas e educacionais que melhor corresponderiam às necessidades e características do brasileiro (LINHALES; SILVA, 2008; CASTRO, 1997). Não obstante, ainda que os exercícios se pautassem em métodos estrangeiros, havia interesse em desenvolver um método nacional que estivesse de acordo com o cadinho racial brasileiro, atendendo às nossas peculiaridades. Se por um lado, estava em jogo a afirmação de uma identidade brasileira, por outro não podemos nos esquecer do componente eugênico-sanitarista com que pautavam as práticas de formação do “homem brasileiro” relativas à educação física. Pereira (1999), ao tratar de seu papel no Estado Novo, afirma:

Era urgente, aos olhos dos dirigentes nacionais de educação física, tornar os corpos ágeis, belos e robustos, saudáveis e fortes, atributos que dariam garantia de perfectibilidade à raça nacional, massa modeladora da nação enunciada (PEREIRA, 1999, p. 20).

Igual reflexão pode ser feita quando tomamos o programa *Hora de Higiene e Saúde Pública*, que era organizado por médicos e professores da capital e abordava diferentes temas relacionados à profilaxia, ao tratamento de doenças e de demais cuidados com a saúde. Iniciado em março de 1937, esse programa foi inicialmente transmitido todas as segundas-feiras no horário de 22h às 23h e permaneceu na grade até maio de 1943<sup>167</sup>.

<sup>167</sup> Em abril de 1938, a *Hora de Higiene...* passou a ser transmitida no horário de 18h45min às 19h, de segunda a sábado e, em janeiro de 1940, às terças, quintas e sábados, cedendo espaço nos demais dias da semana para o programa *Hora de Estatística e Informação*.

Temáticas como “A educação sanitária na escola”, “Os exames médicos e a proteção da saúde”, a “Profilaxia do “croup”, “O problema médico-social do Câncer”, “Proteção à maternidade e à infância”, “O problema da lepra em Minas Gerais”, “A prática da vacinação na prevenção das doenças transmissíveis”; “A luta contra a mortalidade infantil” foram os temas identificados nas irradiações do programa<sup>168</sup>. A presença desses assuntos mostra os problemas enfrentados pelos serviços médico-sanitaristas estaduais, bem como a ação de tornar a emissora estatal como espaço de orientação da população.

Nos anos 1930, a saúde prevalecia como preocupação do governo e a vinculação com a educação em um único ministério indica que os problemas entre esses dois campos estavam intimamente relacionados. Segundo Gilberto Hochman e Cristina M. O Fonseca (1999), o marco na saúde pública como política estatal deu-se na gestão de Gustavo Capanema. Foi a reforma do MESP, implementada em 1937, que “definiu a política de saúde pública, reformulando e consolidando a estrutura administrativa do ministério e adequando-a aos princípios básicos que orientaram a política social do Governo Vargas”. (HOCHMAN e FONSECA, 1999, p. 82).

Segundo os autores, a partir de então

consolidava-se a visão de que a saúde pública deveria atuar privilegiando as doenças infecto-contagiosas, que atingiam a totalidade da comunidade nacional e não grupos específicos. (...) A principal orientação era a de debelar surtos epidêmicos e estabelecer métodos de controle e prevenção, num trabalho conjunto com as delegacias federais de saúde e com os governos locais (HOCHMAN; FONSECA, 1999, p. 84).

Impingir sobre os corpos a prática de exercícios físicos para fortalecer fisicamente o corpo e eliminar doenças incorporando hábitos saudáveis fazia parte do projeto de reconstrução nacional inerente a um projeto eugenista - um modo de realizar o branqueamento racial (PEREIRA, 1999; DÁVILA, 2006).

Movendo o imaginário sobre a purificação social, os discursos eugenista, sanitarista e higienista articularam-se e estabeleceram múltiplas interfaces que compõem, desde as origens, faces de um discurso civilizatório. Os discursos higienista e sanitarista adquiriram importância crucial na República, especialmente por potencializar medidas que promoveriam assepsia corporal, doméstica e social (PEREIRA, 1999, p. 84).

---

<sup>168</sup> Esses programas foram irradiados entre os meses de março e maio de 1937. A partir de então, não constou mais a descrição dos temas na programação da emissora.

Associados, *Hora de Higiene e Saúde Pública* e *Aula de Ginástica* exprimem a importância do ideal da regeneração física do brasileiro, resultante dos pensamentos eugenista e médico-higienista-sanitarista difundidos no Brasil desde o final do século XIX e no início do século XX.

#### 4.2 Para tratar de “problemas da classe operária”: *Hora do Operário*

No debate de construção da nação, é notória a centralidade do trabalhismo no Brasil do pós-30, na medida em que foram estabelecidas novas relações entre o operariado, industriais e o Estado. Na Rádio Inconfidência, o diálogo com os operários pode ser constatada pela presença do programa *Hora do Operário*<sup>169</sup>. Organizado pela Confederação Católica do Trabalho, esse programa foi ao ar inicialmente em março de 1937, aos domingos, em horários que variaram entre 09h e 14h<sup>170</sup> e permaneceu na grade até meados de 1943. Não se tratava de um programa exclusivo da Rádio Inconfidência, sendo também transmitido pela Rádio Guarani (PRH-6).

As duas difusoras da Capital, PRI-3 e PRH-6, têm auxiliado extraordinariamente, nos trabalhos que a Confederação vem fazendo no meio operário do Estado e principalmente na Capital.

Em continuação do seu programa de conferência e propaganda falarão, domingo próximo, às 12:30 e 19 horas, na Hora Operária, os senhores professor João Rodrigues e doutorando José Carvalho de Faria, respectivamente, nas Rádio Inconfidência e Guarani (PROPAGANDA..., Minas Gerais, 07 jul.1937, p. 14)

É, portanto, a partir da própria orientação que regia a Confederação Católica do Trabalho que podemos inferir o objetivo da *Hora do Operário*. Segundo Deivison Gonçalves Amaral (2007), a entidade, estritamente ligada à Igreja e, baseando-se na encíclica *Rerum Novarum*, tinha uma abordagem pautada no catolicismo social, atuando, a partir de 1919, junto aos trabalhadores de Belo Horizonte.

A experiência da Confederação Católica do Trabalho, baseada no catolicismo social, pode ser entendida como um momento embrionário das relações que se estabeleceram entre a Igreja e o Estado na construção

<sup>169</sup> As informações que obtive sobre o programa foram localizadas na sessão “Associações” do jornal *Minas Gerais*.

<sup>170</sup> A *Hora do Operário* inicialmente era irradiada de 11h às 12h sendo esse tempo reduzido para 15 minutos ao longo dos anos em que esteve no ar. Notou-se que o programa chegou a dividir o horário com irradiação de discos ou com o *Jornal Falado*.



de um determinado discurso sobre o trabalho urbano no Brasil. Esse discurso fundamentou a política que definiu a classe trabalhadora como ator político e foi fruto de projeto implementado pelo Estado, a partir do pós-1930, especialmente no Estado Novo (1937-1945) (...) (AMARAL, 2007, p.13).

Para tanto, a Confederação aglutinou em torno de si sindicatos e associações de trabalhadores da cidade, funcionando como uma “central de sindicatos católicos”

e mais do que congregar filiados, ela apresentava diretrizes de ação para o trabalho e para a vida cotidiana. Era, portanto, uma associação intersindical, profissionalmente indiferenciada, voltada para buscar soluções para os conflitos do mundo do trabalho, mas que também tinha funções voltadas para a educação moral e religiosa dos trabalhadores em sua vida cotidiana” (AMARAL, 2007, p.51).

É nesse direcionamento que podemos compreender a presença de temas como “As classes sociais e a situação mundial”, “Orgias noturnas de botequins. Seus efeitos morais e físicos”, “Sociedades organizada e anárquica”; “ACCT e seus feitos através de 18 anos”<sup>171</sup> em palestras pronunciadas na *Hora do Operário* tanto da Rádio Inconfidência como da Rádio Guarani. Em Belo Horizonte, é fundamental levar em consideração a presença da Igreja no movimento operário da cidade. Segundo Veriano (2001) a adesão da Igreja Católica se baseava em: “primeiro como meio de criar um tipo novo de militância denominada soldados de cristo, defensores da moral cristã e da propagação dos ensinamentos do Papa Leão XIII; segundo como representante dos operários nas questões entre capital e trabalho” (VERIANO, 2001, p. 22). Para o autor, mesmo a Igreja possuindo um discurso conservador, reformista ou até mesmo “amarelo”, impulsionou o movimento sindical em Belo Horizonte, criando espaço político para manifestações do operariado impossíveis de se fazer acontecer em momentos anteriores. A ação da entidade procurava manter uma política social de harmonia com o poder do Estado, tentando, no máximo, amortecer o conflito entre as classes em prol de uma Eclésia universal.

O tratamento de questões inerentes ao mundo do trabalho orientado por valores da Igreja Católica foi crucial para o projeto que se propunha. Nos anos 1930, a ação da Igreja se pautava em subsidiar a ação estatal, na medida em que detinha forte poder ideológico junto da população. A partir da Constituição de 1934 “a Igreja preencherá funções cabíveis ao Estado, dar-lhe-á apoio especialmente no setor trabalhista através dos Círculos

---

<sup>171</sup> Conf. Folha de Minas, 04 mar. 1937; Minas Gerais, 06 mai.1937; Minas Gerais, 09 jul. 1937; Minas Gerais, 25 out. 1938, Minas Gerais, 25 out. 1938.

Operários”, e em troca o Estado a apóia, sempre que possível, dentro do jogo de compromissos que caracterizou o regime (CURY, 1988).

Vinculando-se explicitamente à burguesia, a Igreja Católica propõe um Estado Corporativista que associado à reforma interior seja o agente da harmonia social e da conformação das classes à sua situação. Em especial, propõe-se o consolo à classe operária, como forma de virtude e mérito em evidente oposição à tese marxista de luta de classes. E mais ainda, os excessos e exageros do capitalismo o são devido ao espírito liberal e laico que o informou (CURY, 1988, p. 12).

Nesse ínterim, a relação que se estabeleceu a partir dos anos 1930 entre o trabalhador e o Estado diz respeito ao caráter revolucionário do novo regime, no qual se propunha o reconhecimento e o enfrentamento da questão social brasileira. O trabalho e o trabalhador foram ressignificados por seu papel econômico de produção de riqueza da nação e o Estado passou a gerir os sindicatos e outorgar direitos sociais trabalhistas, sem mencionar ou reconhecer as lutas travadas pelos trabalhadores anteriormente à “Revolução de 1930”. O Estado, portanto, assumia a condução das transformações sociais, adequando doutrinas e postulações teóricas às necessidades prementes de nossa realidade. Com esses pressupostos, a defesa de um Estado forte, identificado com a figura do presidente, tornou-se fundamental nos rumos da política brasileira, cujo auge se deu com a instauração do Estado Novo (GOMES, 1988).

Utilizar-se do rádio para estabelecer o contato com os trabalhadores foi experiência realizada pelo Ministro do Trabalho, Alexandre Marcondes Filho, a partir de 1942. As palestras realizadas por ele tinham como intenção difundir primordialmente a legislação social bem como assuntos sobre indústria e comércio além de temas da conjuntura política nacional e internacional (GOMES, 1988).

Se, por um lado, o rádio foi utilizado como meio de propaganda das outorgas trabalhistas feitas pelo governo Federal, em Minas, por meio da Confederação Católica do Trabalho, o rádio foi utilizado como mecanismo de atuar na formação moral e de promover uma relação menos conflituosa entre operariado, patronato e Estado. Garantir a permanência da ordem, o controle de vícios nocivos à saúde e o combate à promiscuidade, por exemplo, tanto coadunava para a preservação da moral cristã quanto significava a melhor produtividade econômica dos trabalhadores. Ademais, diminuía-se os impactos de movimentos operários mais revolucionários como o anarquismo e o socialismo, resultando na formação de um bom trabalhador e de um bom cristão.

### 4.3 “Uma obra de propaganda cultural”: *Hora Italiana*

Inaugurou-se, em fevereiro de 1937, o programa *Hora Italiana*, organizado pelo Real Consulado da Itália em Belo Horizonte, cuja expressão se dava por meio da Casa d'Itália. Esse programa inicialmente foi transmitido às terças-feiras no tempo de uma hora<sup>172</sup>. No escopo de sua orientação estava a intenção de propagandear e difundir a cultura italiana em Belo Horizonte. O real cônsul da Itália na Capital, Vincenzo Spinelli<sup>173</sup>, por ocasião da inauguração da *Hora Italiana* na Rádio Inconfidência, em entrevista publicada no jornal *Folha de Minas*, informa a respeito de seu conteúdo:

Nesta hora italiana, transmittiremos um programa variadissimo, que irá de um quarto de hora de musica classica á musica popular, á leitura de belas poesias, á rapida apresentação de autores novos, á representação de radio-theatro (...) (CINCO... Folha de Minas, 03 fev. 1937, p.4).

De início, podemos considerar a intenção de divulgar a cultura italiana em Belo Horizonte pela presença remanescente de imigrantes italianos desde os anos de construção da cidade, o que acabou permitindo a sobrevivência de instituições e elementos culturais provenientes daquela nacionalidade na sociedade belorizontina<sup>174</sup>. No entanto, o avanço do fascismo corroborava essa ação.

A Casa d'Itália, instituição responsável pela organização da *Hora Italiana* foi criada como uma sociedade civil, apolítica, tendo seus estatutos sido registrados em 15 de fevereiro de 1935. Sua ação contava com realização de conferências, projeção de filmes, organização de cursos para a comunidade em geral, comemoração de datas cívicas brasileiras e italianas, audições musicais, entre outros. O objetivo básico da Casa d'Itália consistia em “agregar e aproximar as instituições italianas, fortalecendo o espírito de italinidade de seus associados e, em geral, dos italianos residentes fora de sua pátria” (ESTATUTOS apud HADDAD, 1988, p.85). Segundo Maria de Lourdes Amaral Haddad

<sup>172</sup> O programa tinha duração de 01 hora, ocorrendo inicialmente às terças-feiras no horário de 22h às 23h. Depois passou a ser transmitido aos domingos, no horário de 08h45 às 09h15min.

<sup>173</sup> Foi diretor do Colégio Marconi e um dos fundadores da FFMG, ocorrida em 1939. Em 1941 foi transferido para o Rio de Janeiro.

<sup>174</sup> Dutra (1988), ao estudar a trajetória da classe operária de Belo Horizonte e Juiz de Fora durante a I República, mostra que a composição social de Belo Horizonte era integrada por imigrantes provenientes da Itália, Alemanha, Áustria, Espanha e França, sendo os italianos em maior número. Esses imigrantes se instalaram na capital mineira no período de sua construção e suas atividades se centraram tanto nas obras da nova capital como no setor primário, essencial para o abastecimento local. Veriano (2001) mostra os números de imigrantes italianos chegados em Minas Gerais no período entre 1894 e 1901, evidenciando que a maior parte deles se dirigiram para as fazendas, e em seguida para os centros urbanos.

(1988), entre “os objetivos estatutários da Casa d’Itália, estava “o desenvolvimento da instrução, dos esportes e da assistência”, como primordiais para a difusão dos princípios ideológicos do fascismo italiano, em face de franca expansão, naquele período” (HADDAD, 1988, p.86). Com base nesses pressupostos, explica-se a ação daquela instituição na capital mineira pela fundação do Instituto Italo-Mineiro Guglielmo Marconi, instituição escolar de nível secundário e, em 1939, por sua efetiva participação na criação da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais (FFMG).

Vicenzo Spinelli assim explicou a “obra” que viria cumprir na “encantadora paisagem” de Belo Horizonte:

- Qual será a minha obra? Continua o professor Spinelli. Vejamos: ella se apresenta sob dois aspectos: um de caracter escolar e outro de caracter cultural propriamente dito. Acerca da minha atividade escolar organizarei e dirigirei um Lyceu-Gymnasio que terá o nome glorioso de Guilerme Marconi e que começará a funcionar immediatamente (...)
- O segundo aspecto da minha obra, continua o professor Spinelli, é o mais propriamente de caracter cultural e deverá **desenvolver-se no seio da juventude e das pessoas cultas, especialmente brasileiras, de Bello Horizonte** (...). (CINCO... Folha de Minas, 03 fe. 1937, p.4)<sup>175</sup> (grifos nossos)

Desenvolver no seio da juventude e das pessoas cultas, especialmente brasileiras, a cultura italiana faz coro ao contexto de expansão do fascismo, que durante o governo de Mussolini contou com a organização de missões pelo mundo inteiro com objetivos político-ideológicos definidos (HADDAD, 1988).

Em Belo Horizonte este movimento era coordenado pela Casa d’Itália que desenvolvia intenso programa sócio-cultural, com grande atrativo para a juventude belo-horizontina que, naquela época, dispunha de pouquíssimas alternativas de lazer e desenvolvimento cultural (HADDAD, 1988, p.84).

Podemos considerar, assim, que a *Hora Italiana* integrava os interesses da Casa d’Itália supracitados, tornando o rádio como mais um centro ressonante da cultura italiana em Belo Horizonte, abrangendo o estado de Minas Gerais e o país como um todo. Com algumas alterações em seu tempo de transmissão, dia e horário, o programa sobreviveu na grade da Rádio Inconfidência até meados de 1938, aproximadamente seis meses após o

---

<sup>175</sup>CINCO minutos com o novo addido cultural ao consulado da Italia – O professor Spinelli fala-nos sobre a propaganda musical e radiophonica italiana no Brasil; Um lyceu gymnasio em Bello Horiozonte , **Folha de Minas**, Belo Horizonte, 03 fev. 1937, p. 4.

golpe de 10 de novembro de 1937. Ora, todo o esforço de divulgar a cultura italiana, seja por meio do ensino formal, seja por meio de um espaço educativo não formal, como é o rádio, no contexto de expansão do fascismo, criaria um ambiente favorável à sua ação em contraponto com a política nacionalista que dava a tônica do governo vigente. É com essas preocupações que podemos compreender a ação de Getúlio Vargas no que diz respeito aos impedimentos das atividades estrangeiras no Brasil. Segundo Schwartzman *et al* (1984), a maioria dos decretos que reprimia as atividades estrangeiras no Brasil foi promulgada entre 1938 e 1939. A partir de então, “o fechamento de escolas, a proibição do ensino em língua estrangeira, os decretos relativos à importação do livro didático em língua estrangeira, a proibição de circulação de jornais em línguas estrangeiras” são medidas de nacionalização que interromperam um processo cultural mantido há quase um século por grupos estrangeiros no Brasil (SCHWARTZMAN *et al*, 1984, p. 152).

Quando tomamos por referência a *Hora Italiana* podemos afirmar que a saída do programa pouco tempo após a promulgação do Estado Novo está relacionada com as medidas nacionalistas de Vargas. Tais medidas implicavam afastar toda e qualquer ideologia de grupo que pudesse fazer frente a ele. A intenção era de não permitir o fortalecimento das identidades patrióticas estrangeiras no território brasileiro em um cenário de exasperação do nazi-fascismo. Essa premissa guarda um aspecto contraditório para a edificação da nação: naquele momento nações como a Alemanha e a Itália possuíam um exacerbado nacionalismo. Ao mesmo tempo em que essa característica poderia ser tomada para se desenvolver entre os brasileiros tal sentimento, também representava uma ameaça à política nacional pelo seu nível de organização social, cultural e ideológica. No seio desse paradoxo não era adequado para a política estadonovista ser identificada com a política xenófoba do fascismo e do nazismo, dado o caráter miscigenado de nossa população, como também não era conveniente adotar teorias totalitárias como orientação de governo.

#### **4.4 “Na variedade dos ritmos, na harmonia do conjunto: todos os gêneros de música no microfone da Rádio Inconfidência”**

*Ritmos do Brasil, Hora de antigas melodias, Quadros do Brasil, Música Popular Brasileira, Hora de canções brasileiras, Canto orfeônico, Hora de evocação dos grandes mestres, Nos domínios da música. Hora de cultura musical. Música americana, Seleção de*

*Fox-blue, Música de classe para orquestra, Músicas clássicas, Músicas líricas, Valsas e operetas. Solos de violoncelo e violino, solos de piano e violão, solos de saxofone e concertina, solos de flauta e bandolim.* Quadro extenso e variado de conteúdo musical da Rádio Inconfidência, representante de diferentes manifestações artísticas e culturais presentes no meio cultural brasileiro daqueles tempos.

A programação musical da Rádio Inconfidência ocupou desde o início parte considerável das irradiações. Nos três primeiros meses do funcionamento da Rádio, o conteúdo explicitamente musical correspondia a quase 50% do tempo das irradiações, ocupando entre duas horas e duas horas e 15 minutos da programação em um tempo de aproximadamente cinco horas de atividade diária (Conf. Quadros 4 e 5). O aumento da programação a partir de dezembro de 1936 contribuiu ainda mais para a irradiação de conteúdo musical, chegando a música a ocupar, exclusivamente, quatro horas do tempo da programação (dependendo do dia da semana), em um total de 10 horas de irradiações diárias. A música também dividia o horário com outros programas, como o *Jornal Falado*, além de apresentar uma programação de 3h de *Discos e noticiário intercalado* em não é possível determinar o tempo que a música ocupava na programação e por isso não o contabilizamos, sendo possível somente indicar que o conteúdo musical era ainda maior no tempo total das irradiações (Conf. Quadro 3).

**Tabela 3-** Gênero/Formato x Tempo total de irradiação diária- Novembro 1936<sup>176</sup>

<b>Gênero/ Formato</b>	<b>Tempo total diário</b>
Entretenimento/Educativo-cultural/musical	2h
Educativo-cultural/Instrucional	1h30min
Informativo	1h
Entretenimento/humorístico	15 min
Propagandístico	45 min
<b>Tempo total</b>	<b>5h30min</b>

**Fonte:** Elaborado pela autora

<sup>176</sup> Quadro construído com base em um dia de terça feira em que esses gêneros/formatos estavam presentes. As variações na programação em outros dias da semana poderão ser observadas no Quadro 2.



\*Os intervalos em que está descrito “Música” referem-se às seções musicais chamadas “Quarto de Hora”, nos quais alternavam os artistas contratados pela Rádio Inconfidência. A opção por essa descrição se deu pela impossibilidade de registrar todos os artistas participantes dos quadros musicais no decorrer do mês. A descrição “Discos” refere-se às irradiações que ocorriam no início das transmissões às 17h.



Quadro 3- Programação Dezembro- 1936

Tempo irradiação	Hora	Domingo	Segunda-Feira	Terça-Feira	Quarta-Feira	Quinta-Feira	Sexta-Feira	Sábado
30min	7:30-8:00	Aula de Ginástica	Discos	Aula de Ginástica	Aula de Ginástica	Aula de Ginástica	Aula de Ginástica	Aula de Ginástica
30min	8:00-8:30	Jornal Falado e Discos	Jornal Falado e Discos	Jornal Falado e Discos <sup>177</sup>	Jornal Falado e Discos	Jornal Falado e Discos	Jornal Falado e Discos	Jornal Falado e Discos
180min	11:00-14:00	Discos e noticiário intercalado	Discos e noticiário intercalado	Discos e noticiário intercalado	Discos e noticiário intercalado	Discos e noticiário intercalado	Discos e noticiário intercalado	Discos e noticiário intercalado
75min	17:00-18:15	Escola de Rádio	Discos <sup>178</sup>	Discos	Discos	Discos	Discos	Discos
30min	18:15-18:45	Hora do Fazendeiro	Hora do Fazendeiro	Hora do Fazendeiro	Hora do Fazendeiro	Hora do Fazendeiro	Hora do Fazendeiro	Hora do Fazendeiro
45min	18:45-19:30	Retransmissão da Hora do Brasil	Retransmissão da Hora do Brasil	Retransmissão da Hora do Brasil	Retransmissão da Hora do Brasil	Retransmissão da Hora do Brasil	Retransmissão da Hora do Brasil	Retransmissão da Hora do Brasil
15min	19:30-19:45	Música	Música	Música	Música	Música	Música	Música
15min	19:45-20:00	Música	Música	Música	Música	Música	Música	Música
30min	20:00-20:30	Jornal Falado intercalando música	Jornal Falado intercalando música	Jornal Falado intercalando música	Jornal Falado intercalando música	Jornal Falado intercalando música	Jornal Falado intercalando música	Jornal Falado intercalando música*
15min	20:30-20:45	Música	Música	Música	Música	Música	Música	Música

<sup>177</sup> O *Jornal Falado e discos* teve seu horário alterado a partir do dia 22 dez. 1936 quando se iniciou as aulas de ginástica. Até essa data era irradiado de 7h30min às 8h30min.

<sup>178</sup> No mês de dezembro a *Hora Educativa* foi irradiada até o dia 05 dez, tendo sido substituída por *Discos*.

Na semana do Natal, houve irradiação das músicas inscritas no concurso promovido pela Radio Inconfidência, no horário de 20h30min às 21h ou 21h15min, observando-se algumas alterações no horário de transmissão de tal conteúdo.

15min	<b>20:45-21:00</b>	Música	Música	Música	Música	Música	Música	Música
15min	<b>21:00-21:15</b>	Música	Música	Compadre Belarmino	Música	Compadre Belarmino	Música	Compadre Belarmino
15min	<b>21:15-21:30</b>	Música	Música	Música	Música	Música	Música	Música
15min	<b>21:30-21:45</b>	Música	Música	Música	Música	Música	Música	Música
15min	<b>21:45-22:00</b>	Música	Música	Música	Música	Música	Música	Música
30min	<b>22:00- 23:30</b>	Discos selecionados	Discos selecionados	Discos selecionados	Discos selecionados	Discos selecionados	Discos selecionados	Discos selecionados
30min	<b>23:30-24:00</b>	Jornal Falado	Jornal Falado	Jornal Falado	Jornal Falado	Jornal Falado	Jornal Falado	Jornal Falado
<b>Total= 600min</b>	<b>24:00</b>	Encerramento <sup>179</sup>	Encerramento	Encerramento	Encerramento	Encerramento	Encerramento	Encerramento

**Fonte:** Elaborado pela autora

---

<sup>179</sup> O horário de encerramento passou a ser às 23h a partir do dia 19 dez. 1936.

De fato, o rádio cumpre papel fundamental para a disseminação da música. Segundo Jinzenji, Lopes e Alves (2014), a forma de contato com a música até as primeiras décadas do século XX era por meio da prática de tocar. A partir dos anos 1920, o rádio, ao lado do gramofone e do disco, significou um alcance maior da música, antes mais restrita às casas de família e aos eventos festivos. Nos anos em estudo, na estação oficial mineira, a programação musical contava com a participação de artistas e músicos. Congregavam-se solistas, acompanhadores, compositores, intérpretes e maestro na organização das apresentações musicais. Orquestra sinfônica, orquestra de gaita e orquestra de cordas também se formavam para compor os cartazes. Nas audições de domingo da estação oficial, os cantores se apresentavam por quase três horas ininterruptas, no restaurante da Feira de Amostras, de propriedade de Arcângelo Maletta. O *Programa Especial de Música para dançar* reunia no *hall* do restaurante artistas e ouvintes, acabando por configurar um espaço de sociabilidade urbana.

Desde o início de sua organização a emissora procurou formar o *cast* por artistas de diferenciados estilos musicais. Assim é que se notou a presença da música popular-sambas, marchas, foxes, tangos- e músicas eruditas. Em um variado repertório notamos programas que intencionavam “formar” o gosto musical do povo brasileiro bem como colocá-lo em contato com a cultura popular nacional. A seguir procuraremos mostrar como programas musicais da Rádio Inconfidência estavam afinados com o projeto de formação da nacionalidade brasileira abrangendo propostas que iam do erudito ao folclórico.

Figura 21- Representação dos gêneros musicais presentes na Rádio Inconfidência



Fonte: Folha de Minas, 30 mai.1937, p. 4

#### 4.4.1 Para “servir e elevar o gosto artístico do público ouvinte”: *Nos domínios da Música e Hora de evocação dos grandes mestres*

No capítulo "musica", o radio tem uma grande missão a cumprir, para com o publico". (...) "Educar o povo, inculcando-lhe o gosto da musica e guiar a sua preferencia para a musica de qualidade, que si é a mais difficil, é a mais linda e mais pura" (UMA GRANDE..., 1937, p.4)<sup>180</sup>.

Realizada no momento da inauguração do programa *Hora de Evocação dos grandes mestres*,<sup>181</sup> a declaração feita pelo professor Fernando Coelho, diretor artístico da

<sup>180</sup> UMA GRANDE iniciativa da Inconfidencia, *Folha de Minas*, 27 nov. 1937, p.4.

<sup>181</sup> Esse programa foi registrado com essa nomenclatura no período de dezembro de 1937 a março de 1938, com transmissão às sextas-feiras, no horário de 22h às 22h30min. Registra-se, em outubro de 1939, *A vida e a obra dos grandes mestres da música* com transmissões aos domingos no horário de 21h às 22h. *A vida e a*

Rádio Inconfidência e professor do Conservatório Mineiro de Música, mostra uma das faces da função educativa do rádio: a educação musical do povo. Esse programa tinha por finalidade, segundo ele, “realizar um plano mais logico, mais interessante e mais pratico para a divulgação da musica de classe, com o objetivo de difundil-a para a massa e não apenas para os entendidos” (UMA GRANDE..., 1937, p.4). Pode-se dizer que o programa tinha como fundamento educar o gosto musical do povo segundo critérios estéticos e conceituais, de acordo com o que se acreditava ser “música de classe”.

O propósito não era irradiar a música completa, mas selecionar trechos, intercalando comentários explicativos sobre as características conceituais e estéticas da composição. Dados biográficos e culturais do autor/compositor seriam acrescentados com a intenção de possibilitar “a formação de uma cultura musical, ainda que elementar” (UMA GRANDE..., 1937, p.4).

De formato similar, *Nos domínios da música*, iniciado em outubro de 1941, era identificado como um programa de caráter educativo: “Programa novo nas suas linhas mestras, com carater educativo abordará, todos os domingos, ás 22 horas, numa linguagem simples, clara e direta, questões de estética relacionadas com a arte do som.” (NOS DOMÍNIOS..., 1941, p.7)<sup>182</sup>. *Nos domínios...* era organizado por Alphonsus de Guimaraens Filho e tinha como público alvo o povo, referido como “massa”, tal como em *A hora de evocação...* É com esse ponto de vista que se enfatizava a utilização da linguagem “simples, clara e direta”. Além da questão da linguagem era importante não tratar “de problemas ainda presos á controversia”<sup>183</sup>, o que significava não trazer a público questões mais complexas ainda não resolvidas sobre produção/composição musical. Afirmava-se tratar de um programa voltado para as questões estéticas da música, “do populario nacional e estrangeiro”, com o objetivo de comentar o uso dos instrumentos e expor modos de composição, como o “contraponto e fuga”<sup>184</sup>.

Diferentemente de a *Hora de evocação dos grandes mestres*, que em tese, se voltava eminentemente aos nomes da música erudita, *Nos domínios da música* ampliava o escopo de formação musical:

---

*música dos mestres*, em janeiro de 1941, com transmissões às terças de 22h30min às 22h45min. Verificou-se, além da variação dos nomes, dos dias, dos horários e do tempo de transmissão, períodos em que o programa não consta na grade da emissora. O último registro data de junho de 1942.

<sup>182</sup> NOS DOMÍNIOS da música na PRI-3, **Minas Gerais**, 03 out. 1941, p.7.

<sup>183</sup> MUSICA- TEATRO- RADIO, **Folha de Minas**, 07 out. 1941, p.5.

<sup>184</sup> NOS DOMÍNIOS da música na PRI-3, **Minas Gerais**, 03 out. 1941, p.7; UM NOVO número nos programas da Inconfidencia, **Minas Gerais**, 04 out. 1941, s/p.

(...) a valsa ou a musica classica, o samba ou o catererê, a modinha ou o fox, enfim, todas as classes de ritmos nacionais e estrangeiros, são apresentados, cada um a seu turno no interessante programa da Inconfidencia. (...) Por exemplo: o frevo e o maracatu, tão do agrado dos nossos irmãos nordestinos, assim como outras deliciosas melodias brasileiras, excluindo o samba que é nacional, que os sambistas já disseram ser “verde e amarelo”, são pouco conhecidas dos mineiros, que por sua vez ainda não tiveram todas as suas melodias características bem difundidas no resto do país (NOS DOMÍNIOS..., 1941, p.80)<sup>185</sup>.

No excerto acima, constatamos a intenção de difundir os ritmos nacionais e estrangeiros, eruditos ou populares. Como se vê, a música erudita estava entre os estilos musicais abordados pelo programa, o que nos leva a entender que não é contraditória a convivência entre popular e erudito: de um lado, a necessidade de afirmação do que seria “genuinamente” brasileiro; de outro, a necessidade de “elevar o nível cultural do povo” com base na cultura musical estrangeira.

Ademais, percebem-se as querelas existentes entre as manifestações da música popular regional e o samba- considerado como nacional. Os debates sobre a música foram profícuos naqueles anos na medida em que se buscava forjar uma “cultura homogênea para a nação”. Isso pode ser esclarecido com base no fragmento abaixo, que se revelou no ato de inauguração do programa *Nos domínios da música*:

foi estudada a nossa matéria musical, sobretudo o esforço dos nossos compositores, de um século para cá, pela procura de uma expressão brasileira, não simplesmente imitativa, nem tão pouco regionalista, mas que tenha raízes profundas na terra, no sentimento da gente e nos pendores da alma nacional (MUSICA...1941, p.5).

Na busca pela “alma nacional”, o ponto fulcral para a compreensão da cultura popular no período em estudo reside na busca de um caráter puro e genuíno do povo, expressos, especialmente, por meio da música e da literatura, em que Villa-Lobos e Mário de Andrade se dispuseram encontrar, a partir dos anos 1920, como parte do movimento modernista.

---

<sup>185</sup> “NOS DOMÍNIOS da música”: um diamante de alto quilate entre as mais belas joias artísticas da Inconfidencia, **Revista Alterosa**, n. 21, dezembro de 1941, p. 80.

#### 4.4.2 Para “espalhar todos os nossos genuínos ritmos”: *Ritmos do Brasil e Quadros do Brasil*

Na Rádio Inconfidência a música folclórica também fora pronunciada em *Ritmos do Brasil e Quadros do Brasil*. O primeiro foi criado em dezembro de 1937 “com o fim de espalhar todos os nossos genuínos ritmos, todas as nossa melodias folclóricas, pelos ceus do Brasil” (ONDAS Sonoras, 1937, p. 12)<sup>186</sup>.

Trazer à baila os compositores folcloristas é o que sugere uma única publicação com o conteúdo de *Ritmos do Brasil*<sup>187</sup>. Emprestar-lhes a voz também parecia reservar algum êxito para os artistas contratados da emissora, notoriamente Léa Delba e Elisinha Coelho<sup>188</sup>, que foram muitas vezes lembradas por seus estilos folcloristas nas páginas dos periódicos. Por sua vez, *Quadros...*, “o primeiro grande programa lançado pela Inconfidência em 45”<sup>189</sup>, fora considerado “um programa verdadeiramente patriótico, sobre motivos populares, visando o maior desenvolvimento do nosso gosto pelas nossas coisas”<sup>190</sup>.

Como já anunciado, o modernismo é considerado como um movimento que se colocou em busca da “verdadeira cultura brasileira”. A maior expressão é dada à “Semana de Arte Moderna” de 1922, representando o desejo da renovação estética nas diferentes manifestações artísticas (pintura, música, literatura), ao mesmo tempo em que, no plano ideológico, colocava em pauta interpretações da realidade nacional e a busca pela identidade brasileira, em um contexto de transformações socioculturais. Contudo, Hardman (1992) aponta que, desde as décadas finais do século XIX, a literatura já sinalizava para um movimento de renovação e exame de tais mudanças:

No Brasil, desde pelo menos 1870- meio século antes, portanto da Semana de Arte Moderna, de 1922, em São Paulo- uma série de pensadores e obras já se inscrevia num movimento sociocultural de idéias e reivindicações que o historiador literário e crítico José Veríssimo, em

<sup>186</sup> ONDAS Sonoras, **Minas Gerais**, 22 dez., 1937, p. 12.

<sup>187</sup> A edição do Folha de Minas, de 13 de jan. de 1938, publica na coluna “Está no ar” texto sob o título de “Rythmos do Brasil”. O texto é composto por explicação sobre o compositor brasileiro Hekel Tavares, a quem o programa se dedicava naquele dia. Suponho que a organização do programa devia seguir esse mesmo plano para as demais edições.

<sup>188</sup> RYTHMOS do Brasil, **Folha de Minas**, 19 dez. 1937, p.7.

<sup>189</sup>Folha de Minas, 09 mar.1945, p. 5. O programa consta na programação da Rádio a partir de março de 1945.

<sup>190</sup>Folha de Minas, 09 mar.1945, p. 5 e Folha de Minas, 10 mar. 1945, p.5.

sua *História da literatura brasileira* (1916), denominaria de *modernismo* (...) (HARDMAN, 1992, p. 290).

Ainda de acordo com o autor, o grupo de 1922, ao estar vinculado demasiadamente à noção de “vanguarda”, ocultou “processos culturais relevantes que se gestavam na sociedade brasileira, a rigor, desde a primeira metade do século XIX” (HARDMAN, 1992, p. 290). Entre esses processos estaria a exclusão do “amplo e multifacetado universo sociocultural, político, regional que não se enquadrava nos cânones de 1922 (...)” (HARDMAN, 1992, p. 290). Assim, alguns dos posicionamentos assumidos pelos artistas e intelectuais da “Semana” geraram dissonâncias entre outros grupos modernistas que então se constituíram, como por exemplo, o movimento “regionalista-tradicionalista-modernista”, que se desenvolveu no Nordeste, especialmente no Recife (GALVÃO, 1998). Conforme já anunciado, um dos pontos de divergência está o debate em torno do regionalismo-nacionalismo. Velloso (1993) afirma que o Manifesto Regionalista registra o seu protesto contra a homogeneização, criticando o estilo citadino de vida, a cultura urbana ocidentalizada e a nova realidade pós-guerra. Nesse direcionamento, Galvão (1998) se posiciona a respeito do movimento encampado pelo grupo regionalista:

A crítica principal dos “regionalistas” aos “modernistas” residia na atitude iconoclasta, destruidora do passado, característica do grupo em sua fase inicial. Modernismo seria sinônimo de desrespeito aos hábitos e costumes tradicionais. Os “regionalistas” acusavam constantemente a penetração do estrangeirismo no Brasil. Para o grupo, interessava o resgate da tradição- o passado aparece como um caráter quase mítico- e o mergulho nos assuntos cotidianos e nas realidades nacionais e regionais (atitude que, para o grupo, não poderia ser confundida com caipirismo), buscando, segundo seus representantes, a libertação do academicismo e dos estrangeirismos em moda no sul-sudeste (GALVÃO, 1998, p. 53).

A busca pelo verdadeiro sentido da nação passava, portanto, pelo “olhar para dentro”, pelo reconhecimento das variadas características que compunham o Brasil. As “diferenças existentes entre as várias regiões culturais brasileiras passam a ser vistas como partes de uma totalidade corporificada pela nação” (VELLOSO, 1993, p. 9). Ainda de acordo com Mônica Velloso, é nesse direcionamento que o folclore e os costumes das diferentes regiões foram valorizados e se introduziu uma nova concepção do regional. Durante o governo Vargas, ao mesmo tempo em que se pretendia a supremacia do nacional sobre o regional, o reconhecimento das diversidades se fazia necessário para a integração nacional, seja no plano cultural, étnico-racial ou geográfico. Contudo, ao passo que a



cultura popular era entendida como o genuíno, o verdadeiro, o inominado, produziam-se saberes estereotipados sobre ela e os locais onde “naturalmente” seria encontrada: o interior, o sertão— sendo esses o lugar da vida simples e pura.

Galvão (2005), ao discutir algumas perspectivas sobre a “cultura popular”, mostra o modo como ela foi estereotipada, vinculada à já anunciada ideia de pureza e ingenuidade do povo<sup>191</sup>. Para a autora, “no caso brasileiro os folcloristas tradicionais tenderam a considerar o folclore como o que seria mais primitivo em uma suposta “cultura brasileira” (GALVÃO, 2005, p. 112). Michel de Certeau *et al* (1995), em *A beleza do morto*, também realizam reflexões dessa natureza sobre a cultura popular francesa. A crítica de Certeau *et al.* reside justamente no fato de que a busca pela cultura popular é uma forma de estabelecer relações de poder entre a elite e as massas: um modo de impor os saberes sobre o outro e de censurar o que a sociedade, por meio de suas manifestações “espontâneas” pretende mostrar. Para os autores,“(…) se o povo não fala pelo menos pode cantar” (CERTEAU *et al.*, 1995, p. 59).

Em perspectiva semelhante, Lina Maria Ribeiro de Noronha (2011)<sup>192</sup>, ao estudar o canto orfeônico relacionado ao projeto da identidade nacional, afirma que a

concepção do folclore como a “autêntica” música brasileira, algo ligado a origem rural, livre da influência maléfica da cultura popular urbana massificada, mostra um recorte, uma seleção do material- pelo que é eleito e pelo que é excluído- que deixa transparecer o ponto de vista da cultura hegemônica. Afinal, ao se promover a integração das manifestações culturais dos de baixo ao universo simbólico da nação, procedeu-se não só uma seleção- incluindo ou excluindo no plano simbólico, determinados grupos e ideologias do poder, como também uma re-apropriação destes elementos, atribuindo-lhes novos significados e descartando outros (NORONHA, 2011, p. 90).

Diante disso, o que pretendemos é a compreensão de que a busca e a difusão do folclore não devem ser tomadas como parte de um desinteressado reconhecimento da cultura popular brasileira daqueles anos, tampouco que essa cultura fosse realmente algo ingênuo, infantil e rural. Era, na verdade, algo que cumpria objetivos para o projeto de

---

<sup>191</sup> A autora toma alguns estudos sobre a literatura de cordel para discutir a questão da cultura popular. Nesse texto fica evidente como o cordel recebeu, por meio de estudos que o tomaram como objeto, a classificação de uma literatura marcada por arcaísmos, ruralismos, pureza e “naturalmente” circunscrito à região Nordeste, igualmente estereotipada.

<sup>192</sup> Este artigo traz algumas reflexões sobre Villa-Lobos e mostra as influências externas que o músico recebeu. Além disso, traz as experiências orfeônicas brasileiras anteriores a ele no interior de São Paulo, nas décadas de 1910 e 1920.

nação em curso, em que se pretendia alocar as distinções culturais e étnicas no amplo espaço geográfico brasileiro. Schwartzman *et al* adverte que

O que preponderou no autoritarismo brasileiro, no entanto, não foi a busca das raízes mais populares e vitais do povo, que caracterizava a preocupação de Mário de Andrade, e sim a tentativa de fazer do catolicismo tradicional e do culto dos símbolos e líderes da pátria a base mítica do Estado forte que se tentava constituir (SCHWARTZMAN *et al*, 1984, p. 80).

Segundo o autor, o Ministro da Educação, Gustavo Capanema, estava mais identificado com essa vertente do que com a representada pelo autor de *Macunaíma*, o herói (nacional) sem caráter. Para o regime, assumir esse tipo de interpretação era perigoso, pois o que se pretendia era justamente o enaltecimento das melhores características e não aquelas que sinalizavam a degeneração social. De todo modo, elevar e divulgar as diferentes características compartilhadas no vasto território era, antes de tudo, permitir um conhecimento da diversidade que acabava por oferecer ao Brasil caráter singular. Divulgar o folclore nacional por meio da música foi um dos modos de enfatizar o imaginário político daqueles anos. Colher as criações e inspirações ditas “rudimentares”, colocá-las como porta de entrada para o “encontro” com a nação foi um modo de forjar a relação política entre povo e elite dirigente, mediada por uma elite intelectual. Foi um modo de encontrar saídas para os problemas velados. De outro lado, a cultura estrangeira parece ter sido a ponte escolhida para a civilização futura.

## **CAPÍTULO 5**

**DA ESCOLA PARA O RÁDIO:**  
os auditórios escolares da Rádio Inconfidência

Na programação da Rádio Inconfidência, identificamos dois programas voltados especificamente para o público infantil e, particularmente, para as crianças que frequentavam a escola: a *Hora Infantil* e a *Hora Educativa*. Com base nessa constatação, procuraremos, ao longo deste capítulo, responder aos seguintes questionamentos: Quais os conteúdos privilegiados nesses programas? Qual a relação desses conteúdos com o contexto político do Brasil dos anos 1930? Que princípios pedagógicos estavam presentes na orientação desses programas?

A *Hora Infantil* foi um programa organizado por Dindinha Alegria, pseudônimo da professora Magda Ladeira. Suas irradiações tiveram início em 01 de julho de 1937<sup>193</sup> indo ao ar três vezes por semana- às terças, quintas e sábados- no horário de 17h às 17h30min<sup>194</sup>. Apesar de não estar diretamente vinculado às escolas, o programa tinha seu funcionamento regulado pelo calendário escolar, ao passo que suas irradiações se concentraram, na maioria das vezes, durante o período letivo. Em princípio o programa contava somente com a presença da “Dindinha Alegria”, mas algumas semanas após o seu início há indícios de que passou a contar com a participação de meninos e meninas em idade escolar, provavelmente matriculados nas escolas da capital<sup>195</sup>.

Em nota sobre o início do programa, afirmava se tratar de

Um programa alegre, cheio de tudo que agrada aos mais exigentes meninos, Dindinha Alegria ao microfone de PRI-3 deliciará, a todos os menores ouvintes da Inconfidencia, com as suas lindas historias da Carochinha e os seus sabios conselhos (O QUE VAE... 1937, p.9)<sup>196</sup>.

Instruir divertindo, fazer charadas, realizar concursos, contar histórias “bonitas e encantadas”, jogos, música e diversões. Tudo isso parecia compor a *Hora Infantil*<sup>197</sup>. Nos concursos organizados, as crianças vencedoras recebiam premiação em dinheiro, cortes de tecido, calçados, livros de histórias, brinquedos, entrada permanente para as matinês no cinema, caixas de bombons e latas de biscoitos<sup>198</sup>, prêmios concedidos pelos comércios e instituições bancárias<sup>199</sup> de Belo Horizonte.

<sup>193</sup> Conf. *Folha de Minas* de 01 jul. 1937.

<sup>194</sup> Em alguns momentos verificou-se alteração no horário do programa para 17h30min às 18h.

<sup>195</sup> Conf *Minas Gerais*. 02 ago, 1938; A HORA Infantil da PRI-3, **Revista Alterosa**, n. 1, ago, 1939.

<sup>196</sup> O QUE VAE pelos studios, **Folha de Minas**, 25 jun. 1937, p. 9.

<sup>197</sup>Revista Alterosa, n.1, 1939.

<sup>198</sup>JULGADO, ante-hontem, o Concurso Infantil que Dindinha Alegria promoveu na Inconfidencia, **Folha de Minas**, 09 set.1937, p. 9; Minas Gerais, 20 ago 1937, p. 12.

<sup>199</sup> Os concursos infantis da Inconfidencia, **Revista Bello Horizonte**, n. 87 nov. 1937 (Clichê de Dindinha Alegria entregando a uma criança o Certificado Bemca, oferta do Banco Mineiro da Produção)

**Figura 22-** Meninas na *Hora Infantil*



**Fonte:** Revista Alterosa, n. 1, ago. 1939

**Figura 23-** Crianças na *Hora Infantil*



**Fonte:** Revista Alterosa, n. 1, ago. 1939

**Figura 24-** Pianista e crianças na *Hora Infantil*



**Fonte:** Revista Alterosa, n. 1, ago. 1939

**Figura 25-** Dindinha Alegria e “meninas cantoras”



“Depois de um afastamento que já vinha causando saudades aos milhares de “fans”, Dindinha Alegria volta a dirigir a Hora Infantil de PRI-3. Aqui a vemos, em companhia das meninas cantoras que prestaram sua valiosa colaboração ao programa especial de Natal da Hora Infantil.”

**Fonte:** Revista Alterosa, n. 22, jan.1942

Em novembro de 1938, o *Folha de Minas* anunciou que, em virtude do período de férias escolares, o programa seria suspenso. No entanto, informa que seria

irradiado sob a inteligente direcção de Dindinha Alegria um curso de instrucção, dedicado especialmente aos candidatos à matrícula nos estabelecimentos gymnasiaes (INICIADO..., 1938, p. 5)<sup>200</sup>.

Ainda segundo a publicação,

Dindinha Alegria ministrará aos seus pequenos ouvintes e, particularmente, aos que se preparam para matricular-se no primeiro anno gymnasial, lições práticas e à altura da inteligência infantil sobre as materias de que se compõe o Curso de Admissão de acordo com as exigencias officiaes do Colégio Pedro II (INICIADO..., 1938, p. 5).

O exame de admissão para o ensino secundário foi instituído pela Reforma do Ensino de Francisco Campos, em 1931, e vigorou por 40 anos, quando foi abolido pela Lei 5692/71. Segundo Aleluia Heringer Lisboa Teixeira “o exame é interpretado como um dos principais mecanismos de seletividade do ensino secundário(...)” e “tinha uma importância equivalente à aprovação nos exames vestibulares ao ensino superior, sendo uma espécie de senha para a ascensão social (TEIXEIRA, 2011, p. 68). A presença dessa orientação para a *Hora Infantil* permite afirmar que havia a intenção de colocar o programa em relação com os processos formais da educação no Brasil daqueles anos, podendo contribuir nos resultados das crianças nos exames admissionais para o ensino secundário.

Por sua vez, *Hora Educativa* foi um programa organizado pelas instituições de ensino de Belo Horizonte, sob a determinação da Secretaria de Educação, à época, a cargo do secretário Cristiano Machado. Antes de findar o primeiro mês de atividade da Rádio Inconfidência, em setembro de 1936, o então secretário reuniu-se com as diretoras dos grupos escolares de Belo Horizonte, da Escola de Aperfeiçoamento, Instituto Pestalozzi e Escola Normal. Naquela ocasião,

O Sr. dr. Christiano Machado explica, então, que o dr. Mário Casasanta está incubido de relevante missão: cuidar dos assumptos educacionais através da Rádio Inconfidencia (...) S. Excia. manifestou o desejo de que aquella reunião tivesse immediato resultado pratico: a confecção de um ligeiro programma de collaboraçã dos grupos escolares com os

---

<sup>200</sup> INICIADO o período de férias escolares, será suspensa a Hora Infantil da PRI-3, **Folha de Minas**, 29 nov. 1938, p.5.

alevantados intuitos do Governador Benedicto Valladares, ao collocar a PRI-3 a serviço da instrução.

O dr, Mario Casasanta explicou, depois, a tarefa que se propunha realizar, falando do grande serviço que a notavel estação radio-difusora official pôde prestar a Minas, no tocante à instrução. Deliberou-se, então, que, diariamente, cada grupo escolar da Capital fará transmitir pelo microphone da Radio Inconfidencia um breve auditorium. (DIRETORAS...1936, p.15)<sup>201</sup>.

A organização dos primeiros auditórios não se fez esperar, e já nos dias 21 e 26 daquele mês, sob a responsabilidade dos grupos escolares Silviano Brandão e Cesário Alvim, inauguraram-se os auditórios, com o nome *Hora das Crianças*, o primeiro programa infantil da “estação montanheza”. Em meados de novembro, o programa passou a ser denominado por *Hora Educativa*. Esse nome permaneceu até 1940, quando os registros passam a mostrar a nomenclatura *Hora Escolar*. Essas alterações do nome do programa parecem não modificar estruturalmente a sua orientação, contudo revelam uma tentativa de melhor se adequar ao universo de sua produção. Se o nome *Hora das Crianças* permite concluir que o programa fosse voltado ao público infantil, não delimitando, por exemplo, as temáticas que poderiam ser tratadas, o nome *Hora Educativa* já sugere que o universo contemplado seria o da educação. Porém, esse universo permanece ainda muito amplo. Qual seria o seu conteúdo? Seriam privilegiados conteúdos escolares de caráter pragmático- a título de exemplo- ler, escrever e contar? Seriam contempladas aprendizagens de História, Geografia e estudo de Línguas? Seria o programa feito por crianças ou por adultos? De que lugar social falariam? Qual o propósito de suas orientações? Por fim, é com o nome *Hora Escolar*<sup>202</sup> que podemos ficar mais a par do lugar e dos sujeitos envolvidos na produção- professores e alunos- e, inferir, em certa medida, o público a ser alcançado- crianças em idade escolar e também pais/família dos escolares.

<sup>201</sup> DIRECTORAS de estabelecimentos de ensino e assistentes técnicas, **Minas Gerais**, 20 set. 1936, p.15.

<sup>202</sup> Entre as variações do nome do programa, optei por usar no decorrer deste estudo *Hora Educativa*, pois é esse o nome usado no período em que temos os dados para a sua análise. Acresce a isso o fato de, apesar de ter grande participação das instituições escolares da capital, o projeto educativo do programa não se restringe ao que era realizado no espaço escolar, e por isso mesmo o rádio se torna ponto de contato com a população. Não há publicação dos roteiros da *Hora Educativa* em todos os anos da pesquisa, concentrando-se nos meses finais de 1936 e no decorrer de 1937. Nos anos seguintes, as fontes apresentam informações esparsas sobre a organização do programa, não trazendo mais os roteiros. Verificou-se que, até 1944, a *Hora Educativa* estava presente na programação da Rádio Inconfidência. No entanto, ao longo do tempo diminuíram-se os dias de transmissão durante a semana como também se tornaram amplos os períodos sem a sua transmissão no decorrer do ano.



Esse tipo de programa também era produzido em outros países, embora nem sempre com os mesmos objetivos e formato. Para Walter Benjamin<sup>203</sup>, a *Jugendstunde* (*A hora da Juventude*- transmitido pela Funkstunde S.A. em Berlim) ou *Stunde der Jugend* (*A hora ou momento da juventude*- transmitido pela Südwestdeutschen Rundfunk em Frankfurt) era para se falar às crianças e jovens sobre a língua alemã (e as peculiaridades do “berlinense”), contar histórias de “moleques atrevidos”, narrar acontecimentos cotidianos e os costumes da velha e da moderna Berlim, trazer fatos históricos que marcaram a historiografia ocidental (Queda da Bastilha, “descobrimento” das Américas), curiosidades e informações sobre escritores (famosos ou não), artes plásticas, teatro, brinquedos, indústrias, entre tantos outros temas. As narrativas de Walter Benjamin compõem o livro *A Hora das Crianças*<sup>204</sup>, traduzido recentemente no Brasil. Nesse livro, mais do que perceber os múltiplos temas tratados com riqueza de detalhes por Benjamin, observa-se a complexidade das narrativas voltadas para as crianças, nos programas transmitidos por meio das ondas de rádio de emissoras alemãs.

Sem pretender estabelecer uma análise comparativa entre o programa de Benjamin e o da emissora oficial mineira, cabe-nos apenas situar algumas características que se tornaram explícitas ao perceber a semelhança dos nomes dos programas. Apesar disso, a nosso ver não há filiação direta entre a *A Hora das Crianças* de Benjamin (conforme a tradução do livro) e a *Hora das Crianças* da estação oficial mineira. Essa afirmativa se justifica tanto pelo distanciamento entre as temáticas abordadas nos programas e do próprio tempo e lugar de produção de cada um deles, quanto por motivações políticas que tornaram o rádio meio de comunicação fundamental de propaganda, seja na Alemanha hitlerista, seja no Brasil varguista. A *Hora das Crianças* de Benjamin foi ao ar no período entre 1929 e 1932; somente a partir de 1933 é que foi criado o Ministério da Informação Popular e da Propaganda, confiado a Joseph Goebbels. Portanto, o uso do rádio como aparato político ainda não havia tomado contornos mais definidos, no momento em que a foi ao ar o *Hora das Crianças*. Ademais, Walter Benjamin, assim como outros intelectuais

---

<sup>203</sup> Walter Benjamin foi um dos mais conhecidos pensadores sociais do século XX. De acordo com Clarice Nunes (2005), ele se interessou por estudos diversos que iam da Filosofia, História e Literatura à Teologia e Ética judaicas, Literatura Infantil, entre outros. O autor também é referenciado nos estudos sobre a modernidade, na medida em que a percepção de transformações do plano físico/material possibilitavam o despertar de experiências no campo sensorial, como nos mostrou Verona Segantini (2010).

<sup>204</sup> Em 2015 foi traduzida, no Brasil, uma coletânea de narrativas radiofônicas em que o autor se dirigiu a crianças e jovens em emissoras de rádio de Frankfurt entre os anos de 1929 a 1932. O livro traduzido por Aldo Medeiros não traz notas sobre a escolha das narrativas que o compõem, deixando-nos sem saber detalhes do trabalho que Benjamin desempenhou no rádio. Sabe-se apenas, pela *Nota à edição alemã*, que não era um trabalho muito apreciado por ele.

agrupados na Escola de Frankfurt, foi um ferrenho crítico dos totalitarismos, que tomaram conta da Alemanha e de outros países europeus naqueles tempos.

Situação diferente pode ser conferida à *Hora das Crianças* da Rádio Inconfidência que se deu em pleno governo de Vargas, no momento em que o Estado Novo já estava sendo gestado. No decorrer dos anos 30 até a instauração do Estado Novo em 1937, podemos verificar nuances cada vez mais fortes na centralização da política brasileira, especialmente após a denominada “Intentona Comunista”, em 1935. Foi nesse cenário de fechamento político que se deu início ao programa.

Na *Hora Educativa*, as orientações para a organização dos auditórios escolares, procedidas da Secretaria de Educação, determinavam o tempo de duração, os conteúdos permitidos e o devido encaminhamento dos roteiros dos programas ao diretor da seção de educação na Rádio Inconfidência, o professor Mário Casasanta. Em publicações no jornal oficial e na *Revista do Ensino*, verificou-se que: os programas não poderiam exceder a 30 minutos; deviam-se preferir números de canto, música, coros, declamações e dramatizações, “podendo haver, quando muito, um discurso, e este de poucas palavras”<sup>205</sup>; e por fim, os programas deveriam ser encaminhados ao encarregado pela seção de Educação da Rádio Inconfidência, para que então pudessem ser divulgados na mídia impressa. Essas disposições mostram o controle do Estado sobre o que seria realizado no programa: além de limitar o tipo de conteúdo irradiado, exercia-se a censura prévia antes que se tornassem públicos na imprensa escrita. Destaca-se, ainda, o fato de restringir e delimitar a transmissão de discursos, o que pode ser entendido como uma forma de impedir manifestações opostas ao governo. De outro modo, se a prescrição para a *Hora Educativa* enfatizava que os números deveriam ser primordialmente de música, declamações e dramatizações, quais poderiam ser as razões para tal exigência? Qual o propósito pedagógico implícito? Diante desses questionamentos, analisaremos, mais detidamente, os auditórios escolares da *Hora Educativa*, por dispormos de mais dados sobre a sua organização. Conquanto, a *Hora Infantil* vai compor este estudo, na medida em que pudermos estabelecer algumas relações com a *Hora Educativa*, notoriamente a respeito dos conteúdos e métodos em vigência para a educação escolar naqueles anos.

---

<sup>205</sup> SECCÃO de educação da Radio Inconfidencia: um comunicado do gabinete da Secretaria da Educação. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 11 out. 1936, p.15 (Pelo Ensino). Conf. também as edições dos dias Minas Gerais de 09 out 1936, p. 15 e a Revista do Ensino.

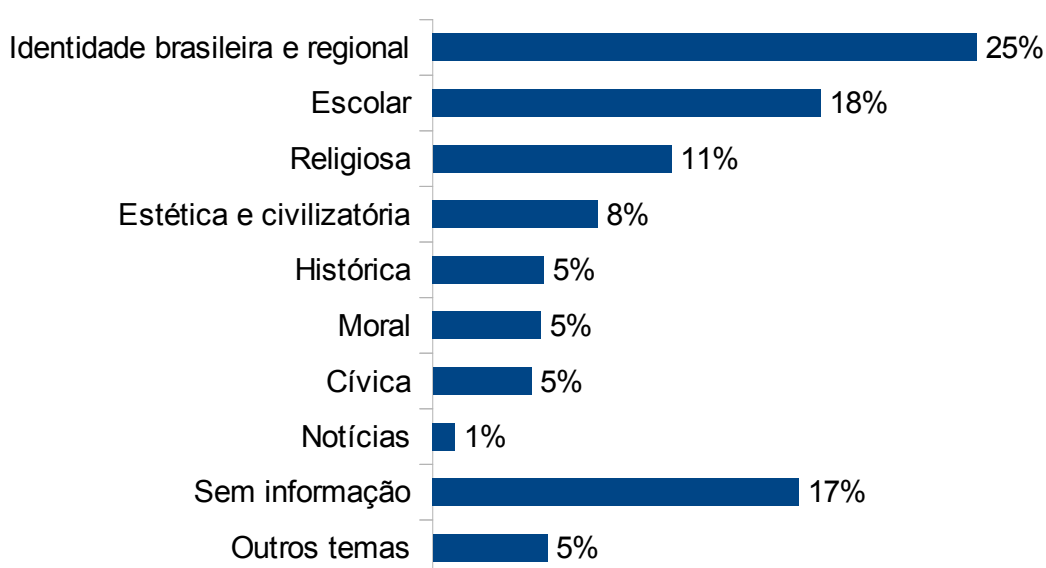
No período que tivemos maior acesso aos roteiros dos programas, foram localizadas referências às seguintes instituições educativas: os Grupos Escolares Melo Viana, Olegário Maciel, Afonso Pena, Mariano de Abreu, Caetano Azeredo, José Bonifácio, Francisco Sales, Thomaz Brandão, Pedro II, Barão do Rio Branco, Bernardo Monteiro, Alexandre Drummond, Barão de Macaúbas, Benito Mussolini, Lúcio dos Santos, Flávio dos Santos; as Escolas infantis Delfim Moreira e Bueno Brandão; o confessional Ginásio Arnaldo; as Escolas Reunidas Augusto de Lima e Maurício Murgel; as Classes Anexas à Escola de Aperfeiçoamento, o Instituto Pestalozzi, Instituto São Rafael, Instituto João Pinheiro, a Escola Normal, o Conservatório Mineiro de Música e a Associação de Escoteiros Fernão Dias. Nos auditórios, além dos números protagonizados por crianças, a *Hora Educativa* era composta por seções de palestras, conferências e cursos sobre algum tema específico e de interesse para divulgação, realizados por professores da capital, por vezes, especialistas em alguma área de conhecimento. Nessa seção foram identificadas abordagens referentes ao ensino de Literatura infantil, aulas de Português, Metodologia da História e Ensino de Aritmética.

### **5.1 *Hora Educativa* a serviço da nação**

Neste item, objetivamos apresentar as temáticas presentes na *Hora Educativa*. Os dados foram constituídos a partir do levantamento de cada número prescrito nos roteiros dos auditórios organizados pelas instituições educativas de Belo Horizonte. No total, conseguimos identificar 678 apresentações, irradiadas entre outubro de 1936 e novembro de 1937, período em que o oficial *Minas Gerais* publicou os roteiros do programa, mais ou menos sistematicamente. Em sua análise, procuramos relacionar os conteúdos desse programa com outros da mesma emissora (e por vezes de outras rádios brasileiras), tanto para o público infantil ou escolar quanto para o público adulto. Entre os conteúdos irradiados, elencamos oito grupos temáticos, classificados com a intenção de verificar a presença de assuntos relacionados à formação da identidade nacional e, a partir deles, pudemos chegar a algumas conclusões sobre a orientação temática do programa e as suas imbricações com o contexto político de então. Como toda classificação, a aqui realizada comporta um certo grau de arbitrariedade e é possível que um ou outro conteúdo não corresponda estritamente ao tema que lhe foi atribuído. As categorias que produzimos para compreender o núcleo temático do programa foram: formação da identidade brasileira e

regional, formação religiosa, formação estética e civilizatória, formação escolar, formação histórica, formação moral, formação cívica e notícias. Esses conteúdos se apresentaram principalmente sob a forma de música e de poesia, seguidas por outros formatos diversos, como palestras, cursos, aulas, diálogos, histórias contadas. Outros temas e conteúdos sem informação também aparecem nos roteiros, perfazendo um percentual relativamente alto. Mesmo com esses limites, consideramos que a categorização realizada nos ajuda a analisar, de uma maneira mais precisa, os objetivos e ações do programa. O gráfico abaixo apresenta a distribuição dos auditórios da *Hora Educativa*, de acordo com a classificação acima apresentada.

**Gráfico 1-** Conteúdos do programa Hora Educativa



A temática com maior representatividade nos auditórios é a formação da identidade brasileira e regional, representada por 25% das apresentações identificadas. Esse percentual se apresenta dividido por subcategorias inerentes a tal propósito. Na *Hora Educativa*, a literatura e a música foram alguns dos porta-vozes desse ideário e a tarefa de identificar os conteúdos revelou a presença de escritores e músicos que estiveram ligados ao governo, acabando por promover os valores do regime. Em alguns números, por exemplo, a irradiação de músicas ou a evocação do compositor Carlos Gomes indicam o patriotismo com que o músico erudito brasileiro foi e ainda é identificado. Em meio a

tantos outros elementos foi necessário organizar os conteúdos em outros grupos na medida em que se verificou uma variedade de elementos que pressupunham a temática da formação da identidade brasileira. São eles: folclore, patriotismo, raça (negro/índio), o rural, as cidades, os estados brasileiros e a natureza. Com efeito, a presença do Hino Nacional, da Bandeira, a comemoração de datas cívicas e as referências a personagens da história nacional foram identificados. Entretanto, as categorias formação cívica (composta por símbolos e datas cívicas) e formação histórica (composta por personagens e eventos) foram feitas à parte da formação da identidade brasileira e regional para que pudéssemos visualizar melhor esses aspectos, embora saibamos que são parte de um mesmo repertório de exaltação patriótica.

### **5.1.1 Folclore e formação estética e civilizatória**

O folclore é um dos elementos com maior representatividade nos conteúdos identificados na categoria “formação da identidade brasileira e regional”. Para realizar essa classificação foi necessário relacioná-lo com os músicos e compositores, seus porta-vozes. Nesse grupo, os arranjos de canções populares feitos pelo músico brasileiro Villa-Lobos teve presença relevante e expressiva, demonstrando a sua importância para a compreensão do período em questão. Nesses números, o “canto orfeônico” também figurou como elemento útil para se promover o civismo, o patriotismo e a educação musical. Foi com Villa-Lobos que se organizou, no início dos anos 1930, o ensino do canto orfeônico para professores do curso Normal, cuja importância estava em difundir os conhecimentos de teoria musical e dos processos orfeônicos que deveriam ser adotados nas escolas municipais do Distrito Federal, e mais tarde, para todo o País (HORTA, 1994; OLIVEIRA, 2004). Nos auditórios da *Hora Educativa* foram irradiadas canções folclóricas, que naquele momento estabeleciam relação com o projeto nacionalista de Vargas ao qual o músico estava relacionado:

Heitor Villa-Lobos defendia o forte controle por parte do Estado em relação às atividades ligadas à educação e à cultura. Tal controle visava à valorização da “verdadeira cultura nacional”, que o levou à busca do elemento folclórico e ao propósito de defender a música brasileira “genuína” e de “valor”, ameaçada pela “baixa qualidade” da música estrangeira que invadia o país. A referência à música popular como algo de caráter comercial, o que embutia uma conotação pejorativa, era explícita. A música popular era vista como uma ameaça à música erudita

nacionalista, como algo que representava a confusão e a desordem de uma cultura urbana crescente. Em oposição a essa “barbárie”, o folclore era considerado como fundamento da formação da música brasileira. Era um ponto central usado por Villa-Lobos em defesa da música nacionalista. Ele via no uso do folclore uma maneira de levar a cultura que realmente tinha valor às massas, uma forma de elevar o nível cultural do povo. Para ele, a “música folclórica é a expressão orgânica de uma nação” (NORONHA, 2011, p. 90).

Além de Villa-Lobos, verificamos a presença de Waldemar Henrique e Hekel Tavares, cantores e compositores brasileiros, igualmente referenciados por composições de caráter folclórico<sup>206</sup>. Waldemar Henrique era natural do Pará e dedicou-se à composição de “canções de inspiração folclórica principalmente amazônica, mas também indígena, nordestina e afro-brasileira” (MARCONDES, 1998, p.797). Segundo Vicente Salles (2005), é no ambiente amazônico que se situa grande parte da sua obra, no entanto, segundo o autor, ele produziu verdadeiro mosaico sonoro nacional. Em 1933, transferiu-se para a capital federal “no momento exato da afirmação da identidade nacional na MPB, introduzindo o estilo amazônico, primeira manifestação de forte cunho regional nortista que se impôs no Rio de Janeiro, na era getulista, cheio de apelos populistas e do desbragado regionalismo” (SALLES, 2005, p. 12). Na *Hora Educativa* verificamos a irradiação de “Tamba-tajá” e “Cobra Grande”, da Série Lendas Amazônicas, e, “Minha Terra”, canção patriótica composta à época do movimento tenentista. Identificamos também a opereta infantil “O Sapo Dourado”<sup>207</sup>, produzida junto com Hekel Tavares (SALLES, 2005). Por sua vez, o compositor, regente, arranjador e folclorista alagoano Hekel tem a sua “música situada na fronteira do erudito e do popular” (MARCONDES, 1998, p. 765). Embora tenha optado pelo erudito como estilo de composição, os motivos das músicas eram de inspirações regionais e folclóricas, conforme indica a Enciclopédia da Música Brasileira (MARCONDES, 1998). Muitas de suas obras foram feitas em parceria com outros compositores, como Luis Peixoto e Joraci Camargo. Na *Hora Educativa* identificamos as músicas *E nada mais*, *Era aquilo só* e *Casa de Caboclo*<sup>208</sup>. Em seu conteúdo, essas composições remetem ao rural- ao sertanejo- à simplicidade da vida.

<sup>206</sup> Conf. Marcondes (1998) e <http://www.dicionariompb.com.br/waldemar-henrique/biografia>

<sup>207</sup> Recebi de presente um CD com a narração e musicalização do conto “Sapo Dourado” de Leniza Castello Branco, a quem agradeço o carinho e atenção.

<sup>208</sup> Conf. verbete Hekel Tavares no Dicionário Cravo Albim da Música Popular Brasileira. <<http://www.dicionariompb.com.br/hekel-tavares>>

Outras músicas irradiadas são *Banzo* e *Festa*, que trazem a figura do negro, da crença e da religiosidade afro-brasileiras<sup>209</sup>.

Se, por um lado, constatamos um movimento da música popular– folclórica- como depositária de uma pretensa cultura popular brasileira durante o governo Vargas, por outro, notou-se considerável presença de música estrangeira na programação da *Hora Educativa*, para a qual adotamos a classificação “formação estética e civilizatória”. Esse conteúdo é formado primordialmente pelos números de música erudita tradicional, nos quais verificamos a transmissão de Chopin, Schubert, Mozart, Pierné, Bach, Wagner, Massenet, Mczkowski, Mendelshon, Beethoven, Goltermann, Listz. Esses nomes, apesar de vinculados a movimentos musicais diferentes (classicismo, romantismo, etc), trazem em seu bojo a predominância do caráter estético musical, absorvido no seio da sociedade brasileira desde os finais do século XIX. Naquele contexto, tais referenciais respaldavam-se pela tentativa de suplantar a barbárie com que o Brasil era identificado e, nesse sentido, a Europa era tomada como modelo de civilização e progresso a ser seguido<sup>210</sup>.

Assim, é que no período em estudo, verificamos a permanência de manifestações culturais herdeiras de uma concepção estético-civilizatória calcada em valores importados da Europa ao mesmo tempo em que se pretendia uma ruptura com essa tradição por meio da busca forjada de uma cultura popular nacional, enunciada pelo modernismo. Estava em cena uma multiplicidade de produções artísticas, do erudito, do popular – folclórico ou do samba, maxixe e choro. O rádio, em maior ou menor grau, é lugar, por excelência, de divulgação dessas várias manifestações. Entretanto, no programa infantil *Hora Educativa* foi possível constatar a presença privilegiada da música folclórica e da música erudita<sup>211</sup>,

---

<sup>209</sup> Mesmo esses compositores sendo considerados folcloristas, procuramos corresponder o conteúdo da composição com as categorias que elegemos para este trabalho. Assim, algumas das composições mesmo que se relacionando ao folclore/cultura popular de modo geral, foram categorizadas de acordo com o seu tema. Esse é o caso, por exemplo, das músicas de Waldemar Henrique e Hekel Tavares acima citadas, para as quais atribuímos a categoria “formação da identidade brasileira”- dentro da qual se inserem os grupos “rural” e “raça”. Esse procedimento se justifica por tentarmos identificar a presença das identidades no projeto de constituição da nação e, portanto, manifestadas nas produções artísticas. Para os arranjos de Villa-Lobos também procedemos da mesma forma: alguns conteúdos integraram o folclore; outros o patriotismo, conforme a prevalência temática.

<sup>210</sup> Arnaldo Daraya Contier (2004) discorre sobre a questão da música nacional tomando como referência a proposta marioandradiana no período entre 1920 a 1945. O autor estabelece contrapontos com o cenário cultural nacional de finais do século XIX, compreendida sob o signo do atraso, e o modernismo da “Semana” de 1922, que buscava o nacionalismo sem romper com as tendências estéticas européias (p.9).

<sup>211</sup> Constatamos alguns poucos números de música popular estrangeira como o tango, expresso na música “Lejana tierra mia”, de Carlos Gardel e a música popular italiana “Sole mio”. Da música popular brasileira encontramos “Linda borboleta”, de Alberto Ribeiro e Braguinha, cantada por Carlos Galhardo. Conf. respectivamente MINAS GERAIS,, de 10 jun. 1937, MINAS GERAIS,, de 07 abr. 1937 e MG de 13 out. 1936.

representando, de um lado, uma das vertentes modernistas que se puseram na tentativa de encontro de uma “legítima” cultura popular brasileira; e, de outro, a estética musical européia.

### 5.1.2 Patriotismo, civismo e formação religiosa

O patriotismo é o elemento que mais se destacou na categoria “formação da identidade brasileira e regional”. O louvor ao Brasil foi expresso em números musicais sob títulos de composições como *Minha Terra*, de Waldemar Henrique, “Terra do Brasil”, poesia do Imperador Pedro II e composições de alunos que versavam sobre a Pátria. A obediência e a luta pela nação também foram referenciados em, por exemplo, “Palavras aos meninos brasileiros”, do poeta parnasiano brasileiro Olavo Bilac.

Destacamos, para análise, o texto *Oração à Pátria*, de autoria de Waldemar Tavares Paes, que à época ocupava o cargo de Auxiliar-Técnico da Secretaria de Educação de Minas Gerais. A escolha desse conteúdo para exemplificar o patriotismo se dá pelos recursos utilizados para exaltar a pátria, conjugando em sua composição elementos da cultura religiosa católica. A estrutura em que o texto é construído remete ao formato de oração, como o próprio título evidencia, e é marcada pelo verbo “Creio”, utilizado para apresentar um novo elemento constitutivo da história nacional. Desde o seu primeiro enunciado, o texto lembra, imediatamente, a oração do Credo, que significa “Eu Creio”. Essa oração faz parte do ritual litúrgico nas celebrações da Igreja Católica Romana e da Igreja Ortodoxa e também é proclamada no ato do batismo, pelo catecúmeno ou por seus pais e padrinhos.

**Creio** em ti, pátria **gloriosa e bendita**, nascida aos beijos puros da **Cruz**, na manhã histórica e predestinada de Abril de 1500, nos alvores primaveris de um céu azul.

**Creio** em ti, pátria poderosa e nobre, **batizada com o sangue de Cristo** nas aras rústicas de Porto Seguro, na unção mística das palavras balbuciadas por Frei Henrique de Coimbra, na **consagração da Hóstia alva** que brilhou por entre o verde da floresta viçosa e densa. (TAVARES, Waldemar, 1942, p.37)<sup>212</sup> (grifos nossos)

<sup>212</sup>TAVARES, Waldemar. Oração à Pátria. *Revista Alterosa*, Ano IV, n.29, set. 1942, p. 37, Belo Horizonte. 1942. Esse texto também se encontra publicado no *Minas Gerais*, na edição de 07 set. 1937, p. 3, em decorrência da comemoração do Dia da Pátria.



Os fragmentos “batizada com o sangue de Cristo” e “consagração da Hóstia” referenciam os rituais católicos- os sacramentos do batismo e da comunhão, na própria origem da nação brasileira. O batismo é, no catolicismo, o início da vida cristã. É quando a criança ainda não batizada deixa a marca do pecado original para iniciar uma caminhada em Cristo, para a qual todos os homens são chamados. A consagração da hóstia é o momento mais importante no ritual litúrgico da missa. É o momento em que o pão e o vinho, pelo fenômeno da transubstanciação, são transformados, na visão dos católicos, no verdadeiro corpo e sangue de Jesus Cristo. Ao retomar a origem da chegada dos portugueses à Terra de Santa Cruz, o batismo representa o início da vida cristã brasileira. Por sua vez, a consagração da hóstia na cerimônia da primeira missa não só marca a transformação do pão em corpo de Jesus, como também, pelo fenômeno da consubstanciação, ele se faria presente na nova terra.

Outros fatos históricos como a Inconfidência Mineira e o bandeirantismo de Fernão Dias foram evocados em “Oração à Pátria” pela importância que lhe foi dada na formação da nação:

**Creio** no maravilhoso episódio das **bandeiras**, onde, no sonho verde das verdes esmeraldas, Fernão Dias Pais Leme, na frase do poeta, fez “crescer as famílias” e **florescer os rincões** na nossa terra (...)(grifos nossos)

Nesse trecho, a ação dos bandeirantes importa tanto para o crescimento territorial e populacional quanto para a integração do território nacional. A importância do bandeirantismo é marcado na literatura do período, que dá bastante ênfase à geografia brasileira: “O mapa do Brasil se transforma em objeto de culto cívico e poético, porque através dele se consegue criar o sentimento nacional (VELLOSO, 1993, p. 14)

Abaixo, a referência à Inconfidência Mineira significa a luta pela libertação da colônia dos vínculos com a metrópole.

**Creio** na tua lealdade e no civismo dos teus **filhos imolados** pelo despotismo nas abruptas montanhas de **Vila Rica**, que foram o **Calvário dos Inconfidentes**, sonhadores heróicos da nossa emancipação política, e, onde, um dia, as gerações viriam, como as de hoje, abençoar os marcos do **martírio** nas grandes apoteoses de um Tabor glorioso, abençoando as lágrimas de Bárbara Heliodora e de Marília de Dirceu e perpetuando a efigie do **mártir** no bronze imperecível e eterno na justa consagração de seu heroísmo. (grifos nossos)

Nesse fragmento, a referência aos inconfidentes é marcada por elementos religiosos que aprovam o caráter de heroísmo dos inconfidentes, destacando-se a comparação de Vila Rica com o calvário de Cristo. O martírio, a imolação também são outros elementos do universo cultural religioso existente no Brasil, seja pela herança portuguesa ou de tradições africanas. No catolicismo, as valorizações do sacrifício e do martírio referenciam o momento da paixão de Cristo e destacam-se no culto aos santos mártires. Na religiosidade africana, o sacrifício é visto como purificador e fortalecedor de corpos e de espíritos, revelando um importante aspecto na relação dos africanos com a morte e com os corpos mortos. A presença desses valores permitiu que se conferisse aos inconfidentes papel de heroísmo na luta pela libertação da colônia dos vínculos com a metrópole. Tiradentes, elevado à condição de herói máximo, aproximava-se do Cristo sacrificado (FONSECA, 2001).

Semelhante associação entre pátria e religião pode ser observada na poesia *Ladainha*, de Cassiano Ricardo, declamada por um aluno das Classes Anexas da Escola de Aperfeiçoamento, em auditório de 24 de novembro de 1936. Diferentemente do texto de Waldemar Tavares Paes que se volta à presença do filho de Deus, a poesia de Cassiano procura associar a nova terra com elementos que traduzem a devoção a Nossa Senhora. O título *Ladainha* é referência obrigatória à Nossa Senhora, uma vez que na tradição católica, as ladainhas são orações de louvor à mãe de Cristo. A referência ainda pode ser percebida, nas estrofes a seguir, pelas claras menções realizadas à oração Ave Maria.

*Ladainha*

(Cassiano Ricardo, 1928)

(...)

Ilha cheia de graça  
Ilha cheia de pássaros  
Ilha cheia de luz.

(...)

Terra cheia de graça  
Terra cheia de pássaros  
Terra cheia de luz.

(...)

Brasil cheio de graça  
Brasil cheio de pássaros  
Brasil cheio de luz.

*Ladainha* compõe o livro *Martim Cererê*, publicado em 1928. Essa obra faz parte da tendência “indianista” de Cassiano Ricardo naquele momento. “Martim Cererê” sintetiza o elogio ao encontro dos povos. Conforme explicita o autor nas primeiras páginas da obra: “O seu nome indígena era Saci-pererê. Devido à influência do africano o Pererê foi mudado para Cererê. A modificação feita pelo branco foi para Matinta Pereira (...) Daí Martim Cererê” (RICARDO,1928/1974). O que autor evidencia na apresentação da obra é o tratamento do nosso processo miscigenatório a partir das três raças, tão caro às questões da identidade nacional daquele momento.

Na poesia propriamente dita, as variações do nome dado à nova terra e a presença do pau brasil são retomados para lembrar o momento da “descoberta” do novo mundo:

Por se tratar de uma ilha deram-lhe o nome de  
[**ilha de Vera Cruz**  
(...)]

Depois mudaram-lhe o nome  
pra **terra de Santa Cruz**  
(...)]

Mas como houvesse, em abundância,  
**certa madeira cor de sangue cor de brasa**  
(...]  
**e como a terra fosse de árvores vermelhas**  
(...]  
**deram-lhe o nome de Brasil.**  
(grifos nossos)

A menção aos nativos, aos animais e à natureza também contribuem para o reconhecimento de características originais da terra

**Ilha verde** onde havia  
**mulheres morenas e nuas**  
anhangás a sonhar com histórias de luas  
**e cantos bárbaros de pajés** em pocarés  
[batendo os pés.  
(grifos nossos)]

Todos esses são elementos que fazem mister à intenção de firmar a identidade brasileira, reconhecendo/reafirmado a “origem” da nação. Aqui, a literatura foi tomada em uma vertente que procurava afirmar a sua tendência documentalista, nesse caso a de

reconstituir a história da nação<sup>213</sup>. Segundo Alfredo Bosi, Cassiano Ricardo, estando ligado, a partir de 1926,

ao “verdeamarelismo de Menotti, Cândido Motta Filho e Plínio Salgado, entra de chôfre no seu primeiro núcleo de inspiração realmente fecundo: o Brasil Tupi e o Brasil colonial, sentidos como estados de alma *primitivos* e *cósmicos*, na linha sempre ressuscitável do paraíso perdido habitado por bons selvagens (BOSI, 1975, p. 412).

Para o autor, diferentemente de Mário de Andrade, que buscava características mais amplas e mais gerais do Brasil, Cassiano Ricardo centrou-se cada vez mais na temática paulista, que “de indígena passa a bandeirante”. Essa característica é, por sua vez, mais decisiva em “Marcha para o Oeste, “ensaio histórico bandeirantista”, que ilustra a primeira etapa desse roteiro no tempo e no espaço (BOSI, 1975). Segundo Pereira (1999), em “Marcha para o Oeste”

o mestiço da bandeira simboliza a força do Brasil genuíno. O sertão é considerado receptáculo da brasilidade e a bandeira, lugar de nascimento da “democracia brasileira”: “*nossa democracia é um fenômeno histórico (a República de Piratininga), climático (somos um país tropical), bio-étnico (a mistura de raças), social (o nenhum preconceito de classe, de credo e de origem), econômico (a hierarquização do próprio esforço) e psicológico (a bondade na sua acepção brasileira, tipicamente democrática)*” (RICARDO, 1940:18). A mestiçagem figura como singularidade do Brasil, promovendo o tom nacional a partir da conquista do oeste pela bandeira. A democracia social resulta, nessa perspectiva, de experiências mestiças advindas do encontro dos diferentes no sertão brasileiro (PEREIRA, 1999, p. 27) (grifos da autora)

---

<sup>213</sup> Velloso (1988) toma a questão da subjetividade e da objetividade como um dos pontos essenciais para a análise da obra literária como veículo da nacionalidade. Segundo a autora, a concepção da literatura como “escola de civismo” é no mínimo simplista, na medida em que apresenta a obra literária como mero testemunho da sociedade, como uma espécie de documento destinado exclusivamente ao registro dos fatos. Com isso se perde a dimensão de que a sociedade é ao mesmo tempo realidade objetiva e subjetiva. Galvão (1998), ao tomar a obra de José Lins do Rego como fonte para investigar o cotidiano da escola em um tempo e lugar determinados, discute o texto literário não só como uma produção social em que autor e obra estão inseridos, como também questões inerentes ao domínio da ficção. Segundo a autora, o compromisso do artista não está na “verdade”, nem na transmissão ou análise de informações, noções e conceitos, sendo também uma transfiguração do real, uma reorganização do mundo com vistas à produção da realidade estética. Ou seja, “não objetiva somente descrever a realidade das coisas, mas, através de múltiplos elementos, transcender, questionar, ir além do palpável, deixando fluir no leitor uma outra realidade” (GALVÃO, 1988, p. 45) A partir dessas reflexões, optei por trazer a obra literária levando em conta, principalmente, os seus aspectos como produção social na medida em que permite maior interlocução com o problema desta pesquisa. Entretanto, não desconsidero as questões de ordem estética que podem ser tomadas para a análise do texto.

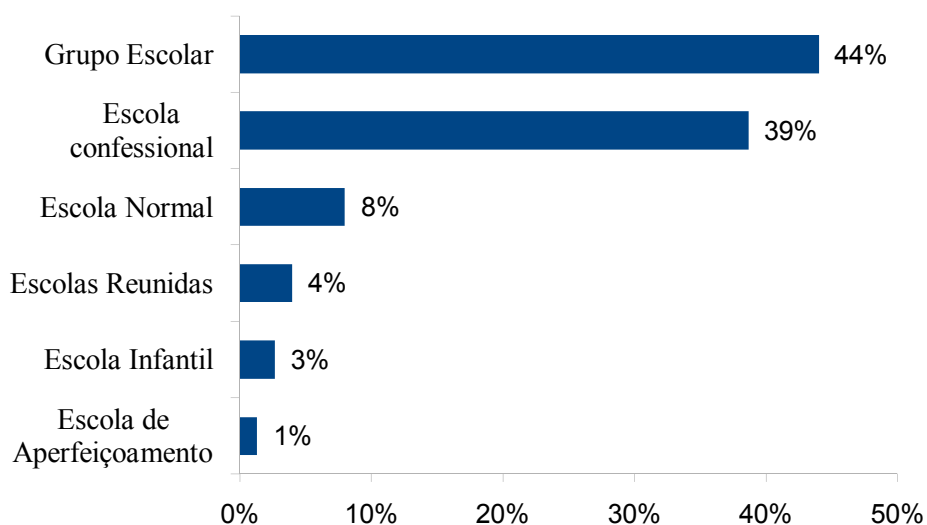
Ademais, se em sua produção intelectual Cassiano Ricardo sintetizava os ideais preconizados pelo Estado Novo, vale lembrar que em sua atuação política e profissional apoiou diretamente Lourival Fontes no comando do DIP. Foi editor do Jornal *A manhã* (jornal oficial do Estado Novo) e diretor do Departamento Cultural da Rádio Nacional em que irradiava o programa “Crônicas de interesse nacional” (LENHARO, 1986; GOMES, 1988).

Além dos elementos que conjugam explicitamente a relação patriotismo e religião, os conteúdos identificados na categoria “formação religiosa” respondem por 11% dos números na *Hora Educativa*. Para realizarmos essa categorização consideramos as referências à Nossa Senhora, a Jesus Cristo, à Igreja, aos santos, aos eventos cristãos/católicos (Natal, Ressurreição), ao sacerdócio e a outros elementos que evidenciam relação com a Igreja. Nessa categoria não foram identificados elementos que se referissem estritamente a outras religiosidades, como o Candomblé, a Umbanda<sup>214</sup> ou o protestantismo.

No Gráfico 2 abaixo podemos verificar a distribuição das apresentações presentes na categoria “formação religiosa” relacionada com as instituições de ensino que veicularam tal conteúdo. Com isso procuramos mostrar as relações que se estabeleceram entre religião e Estado na condução do processo pedagógico brasileiro nos anos em estudo.

---

<sup>214</sup> A letra da música “Banzo” de Hekel Tavares faz referência à Umbanda. Entretanto, esse conteúdo foi classificado, nesta pesquisa, na categoria “raça”, pois julgamos que não se trata de conteúdo estritamente religioso e sim da cultura afro-brasileira de modo geral.

**Gráfico 2-** Formação religiosa por modalidade da instituição de ensino

Fonte: 11% das apresentações com Formação Religiosa

O conteúdo religioso apareceu com maior representatividade nos grupos escolares da capital, seguido pelo colégio confessional Arnaldo e, por fim, por outras instituições educativas públicas. Se considerarmos apenas o caráter público ou privado da instituição podemos concluir que o conteúdo religioso soma 60% nas apresentações das instituições públicas. Com isso devemos considerar as relações políticas que se estabeleceram em torno da educação no contexto dos anos 1930 ao mesmo tempo em que se pode concluir que a determinação legal assegurada por uma constituição não rompeu por si só com práticas aceitas no seio da sociedade.

A fé católica assumiu lugar de importância para as intenções do governo Vargas na organização e controle das transformações que propunha para a nação, na medida em que servia como ponto de moralização da sociedade e sustentava o poder político do Estado. Em contrapartida, garantir a instrução religiosa nas escolas foi uma das preocupações que pautou a ação católica no Brasil pós-1930. Em 1931, a aprovação do ensino religioso facultativo nas escolas oficiais do Estado foi uma vitória do grupo católico para a educação, vindo a ser garantida na Constituição de 1934. Mesmo diante da assertiva de que o Estado é laico desde a Constituição de 1891, a presença considerável de apresentações religiosas unanimemente católicas permite-nos enfatizar a forte influência da Igreja na formação pedagógica das crianças brasileiras naquele período. O catolicismo constitui um dos elementos basilares que marcaram a formação da religiosidade brasileira desde a

colonização e, nesse sentido, não basta uma determinação legal para romper com uma prática aceita e reconhecida pela sociedade. Desse modo, podemos considerar também que a *Hora Educativa* apareceu como espaço de difusão da doutrina católica.

## 5.2 Formação moral

Nessa categoria, foram qualificados os conteúdos que dizem respeito a vícios e virtudes da personalidade humana e, em menor número, composições que versavam sobre atividades do mundo do trabalho<sup>215</sup>.

Birra, infantilidade, preguiça, orgulho, são temas que apareceram em diálogos (aparentemente elaborados por alunos), histórias contadas e poesias. Essas abordagens possibilitam pensar que esses comportamentos eram observados nos alunos no cotidiano da escola e nas crianças de modo geral. Levar aos alunos conteúdos morais que falassem da negatividade dessas condutas parece explicar o trato desses temas no programa.

A história “Zé Pedrinho” contada e cantada em dois números de auditório<sup>216</sup>, organizados pelo Grupo Escolar Olegário Maciel, narra, nas palavras de uma aluna do 1º ano, a história de um menino sem mãe, com pai doente e sem casa para morar. O enredo se dá quando o padre o convida para morar na igreja com a condição de que Zé Pedrinho tocasse o sino todas as manhãs:

Mas êle era muito preguiçoso e não gostava de levantar cedo. Para o Padre não ficar zangado, o pai do Zé Pedrinho [que também foi morar na Igreja] cantava para o acordar (ZÉ PEDRINHO, 1037, p. 110)<sup>217</sup>.

Na sequência da apresentação, um grupo de alunos, representando a figura do pai, cantava uma música para acordar Zé Pedrinho:

<sup>215</sup> Essa subcategoria foi composta por um número de poesia sobre a costureira, “Canção do Marcineiro” e dois números do samba-canção “Garimpeiro do Rio das Garças” (gravado por Francisco Alves, em 1933). Ver, por exemplo, <http://www.dicionariompb.com.br/francisco-alves/discografia>. *Garimpeiro do Rio das Garças* também é o título de um livro infantil de Monteiro Lobato que narra a história de um “matuto” que vai para o Mato Grosso fazer fortuna na busca de diamantes, onde se depara com muitos desafios. (Sinopse disponível no site da livraria Travessa <[http://www.travessa.com.br/O\\_GARIMPEIRO\\_DO\\_RIO\\_DAS\\_GARCAS/artigo/af91719a-4281-4817-ab6c-b064cf809d80](http://www.travessa.com.br/O_GARIMPEIRO_DO_RIO_DAS_GARCAS/artigo/af91719a-4281-4817-ab6c-b064cf809d80)>

<sup>216</sup> Conf. Minas Gerais, 06 mar.1937; Minas Gerais, 15 mar.1937. O segundo auditório, conforme consta informação do *Minas Gerais*, foi repetido a pedido (mas não é informado quem solicitou a repetição do número).

<sup>217</sup> ZÉ PEDRINHO, *Revista do Ensino*, n. 143- 145, dez. 1937, p. 110.

Zé Pedrinho  
 está dormindo  
 está dormindo  
 o seu soninho  
 Toca já o sino  
 Toca já o sino  
 Blem blem blão  
 Blem blem blão

A história apresenta alguns componentes que indicam, respectivamente, uma conduta a ser reprimida e três outras a serem exaltadas: a preguiça de Zé Pedrinho, a caridade do padre, a necessidade de fazer alguma atividade para se ter o sustento (implicitamente o trabalho) e a bondade e a cumplicidade do pai para com o filho, evitando que o padre se zangasse com ele, caso não cumprisse o combinado. As crianças, ao ouvirem a história e ao realizarem o canto, poderiam tomar esses valores como referência diante das necessidades e fragilidade do próximo, assim como poderiam ter em mente a dignificação do homem pelo trabalho.

Outros números indicam a explicitação dos comportamentos e condutas adequadas às crianças, como por exemplo, a poesia *A borboleta*, de Olavo Bilac, transmitida em auditório do dia 03 de outubro de 1937; a poesia “Ato de Caridade”, do jornalista e escritor mineiro Djalma Andrade, transmitida em 27 de outubro de 1936 (*ver Anexos*); a interpretação (leitura, declamação e canto) do “clássico” conto de fadas “Branca de Neve”, transmitido em 14 de abril de 1937.

A seleção de conteúdos recomendáveis às crianças foi tratada na *Revista do Ensino*, como parte do trabalho das organizadoras, revelando que “o maior valor está na simplicidade do tema, em seu ajustamento à natureza infantil”:

(...) foram bem selecionados os programas que puseram de lado as canções e as poesias cujo conteúdo estivesse acima da compreensão infantil, ou promovesse um estado emotivo desaconselhável, como o pessimismo e sobretudo a tristeza (COMENTÁRIOS E SUGESTÕES, 1937, p. 115)<sup>218</sup>.

Esse parecer sinaliza a preocupação em direcionar e ajustar a conduta infantil; em retirar-lhe do contato com sentimentos nocivos ao seu desenvolvimento psicológico e humano e conseqüentemente à sociedade.

<sup>218</sup> COMENTÁRIOS E SUGESTÕES, *Revista do Ensino*, n. 143- 145, dez. 1937, p. 115-117.



### 5.3 Formação escolar e formação histórica

Na categoria “formação escolar” elencamos os conteúdos que se voltaram à temática da escola sob diferentes modos de abordagem. Nela, encontram-se os subgrupos “conteúdo para alunos”, “informação sobre a instituição”, “valores do professor e da professora”, “conteúdo para professores”. No primeiro grupo dessa categoria, identificamos a presença principalmente de músicas voltadas para a exaltação da escola e dos indivíduos que dela participam, como exemplo, o *Hino Escolar*, o *Hino à mocidade acadêmica* (de Carlos Gomes) e a *Oração à Escola*. Nesse conjunto, também inserimos as aulas de Português, organizadas por Ayres da Mata Machado Filho, professor no Instituto São Rafael, irradiadas aos sábados, de 9h às 9h15min. Segundo consta no *Minas Gerais*, tratava-se de

uma série de cursos de extensão cultural, cujos ensinamentos serão ministrado no espaço de 10 a 15 minutos. No primeiro mez serão iniciados dois cursos: um de língua portuguesa, através do estudo comentado das obras classicas de Camões, Vieira, Castilho e outros mestres do vernáculo (AULAS...1937, p. 13)<sup>219</sup>.

O ensino da língua vernácula por meio dos clássicos foi utilizado durante décadas, na maior parte do Brasil, para realizar exercícios gramaticais, em especial de análise sintática (GALVÃO, 2001).

O segundo subgrupo trata de números em que as instituições educativas apresentavam informações da rotina escolar (estudos e palestras sobre o 1º dia de aula ou de como aproveitar as férias), de sua organização estrutural (biblioteca, horta, jardim), e ainda homenagem a seus patronos. O terceiro é composto por conteúdos que enalteciam a figura do professor ou que informavam sobre a sua missão. Por fim, no quarto grupo elencam-se aulas, cursos e palestras voltados para a formação complementar do professor. Nessa seção foram identificados cursos de Literatura Infantil, organizado por professoras da Escola de Aperfeiçoamento<sup>220</sup> e Metodologia da História/Geografia, por Waldemar Tavares Paes e palestra sobre o Ensino de Aritmética, por Alda Lodi.

Por seu turno, na categoria “formação histórica”, selecionamos os números que dizem respeito aos eventos e personagens que, no direcionamento teórico-metodológico da

<sup>219</sup> AULAS de Portuguez e Literatura infantil na Inconfidência, **Minas Gerais**, 01 abr. 1937, p. 13.

<sup>220</sup> Notou-se que, em alguns programas, consta o nome de professores/diretores das escolas, sem dizer, necessariamente, que eles estavam vinculados à Escola de Aperfeiçoamento.

historiografia tradicional ainda prevalecente no Brasil dos anos 1930, eram de relevo para a História do Brasil. Frei Caneca, Cristóvão Colombo, Fernão Dias, Pedro II, Tiradentes e a Inconfidência Mineira, Carlos Gomes e Anchieta têm presença marcante nos números. Entre esses é notória a presença de Anchieta e a relação do personagem com temas inerentes à educação. Os auditórios que privilegiaram esse tipo de conteúdo foram “Anchieta Educador”, “A escola ativa de Anchieta”, “O exemplo de Anchieta nas escolas” e “Anchieta, o mestre do Brasil”. Irradiados próximo à comemoração da data de nascimento do padre jesuíta, os auditórios com essas temáticas permitem pensar em narrativa que buscassem recuperar a historiografia da educação brasileira, em que foi precursora a influência exercida pela Igreja.

De modo semelhante, os auditórios que faziam referência aos eventos e personagens da história do Brasil, em muitos momentos foram realizados em datas próximas à comemoração de seu nascimento ou de acontecimento eleito na historiografia. Em alguns, o personagem também apareceu relacionado com o nome da instituição organizadora do programa, como é o caso de alguns números apresentados pelo grupo escolar Pedro II, em que foram difundidos, por exemplo, sonetos escritos pelo imperador.

Com base nesses conteúdos – formação histórica e formação escolar- cumpre-nos dizer que o rádio foi tomado tanto como espaço de formação complementar para os professores, quanto como *locus* ressonante da história para um público constituído por alunos e para a população ouvinte, de modo mais abrangente. Para os professores, no curso de Metodologia da História, organizado pelo auxiliar-técnico da Secretaria da Educação, constatou-se a intenção de estabelecer procedimentos para o ensino da disciplina. Em *A história e seus fins na escola primária*<sup>221</sup>, texto publicado na *Revista do Ensino*, Waldemar Tavares Paes destacou a ação pedagógica do professor para o ensino da história. Mas, mais do que isso, manifestou-se o ensino de História na acepção da historiografia tradicional, como “mestra da vida” e a serviço do patriotismo:

Na biografia dos grandes homens e nos exemplos dos nobres vultos da humanidade, encontrarão os educadores farta mêsse de ensinamentos e de lições para que seus discípulos sintam o estímulo para realizarem atos e obras dignos de sua classe, de sua escola, de sua família, de sua cidade e de sua pátria (PAES, 1937, p.15)<sup>222</sup>.

<sup>221</sup> Esse texto explicita que se trata de uma palestra proferida por Waldemar Tavares Paes na “Hora Educacional” da Rádio Inconfidência

<sup>222</sup> PAES, Waldemar Tavares, *A história e seus fins na escola primária*, **Revista do Ensino**, Ano XI, n. 140-142, jul-set.1937, p. 13-18.

Além do valor moral da história, o sentido dado ao ensino de história pelo auxiliar-técnico foi pautado na interdependência entre a ação pedagógica do professor, o conteúdo, a construção das identidades coletivas e a apreensão do aluno- de valores e de conceitos inerentes à própria definição de História, como o de tempo e de passado. Se, por um lado, o educador deveria “tomar os ensinamentos e lições dos grandes homens e nos exemplos dos nobres vultos da humanidade”, por outro, deveria dar “ao aluno oportunidade de raciocínio” para que ele não tomasse aquilo como algo inacessível. Ou seja, a ação pedagógica pautada no raciocínio do aluno permitiria que ele assimilasse o exemplo dado, e mais do que isso, formaria o seu espírito “para a vida social”. Nas palavras de Paes, “o caminho, pois, melhor, será êste: da inteligência ao coração”. Ainda segundo ele:

A iniciação histórica deve ser feita paulatinamente: O professor fará ver ao aluno com singeleza e simplicidade que a vida dos povos e das nações é de certo modo semelhante à vida de todos nós. Na escola vocês têm os seus diários, onde registram tudo o que acontece. A história é o grande diário da vida de todos os povos. Assim como cada um de vocês tem os seus dias de nascimento, do batismo, da primeira comunhão, da entrada na escola, dias alegres e tristes, de paz e de lutas, assim também o Brasil e todo o mundo têm êsse grande livro, onde se escrevem fatos notáveis(PAES, 1937, p.16).

O ensino da história deveria ser feito a partir do próprio meio e do conhecimento de mundo da criança. A História era considerada a “mestra da vida”, no sentido que se ensina/aprende a partir das experiências vividas. Ao professor cabia a tarefa de expandir a percepção do aluno. A apreensão do tempo histórico e do passado seria feita por meio de referência aos antepassados da criança estabelecendo relação com o passado do Brasil. Entretanto, para ele era fundamental que o ensino não se desse de maneira estática: “O nosso grande defeito pedagógico é ensinar uma história morta, inexpressiva, simples nomenclatura, catalogando datas, mecanizando, por assim dizer, a vida do passado”, devendo, para tanto, orientar as crianças “no sentido da compreensão metódica do patriotismo que implica abnegação, desinterêsse, ideal, solidariedade, coragem, sacrifícios” (PAES, 1937, p.15). “O ensino da história deve ser objetivo, real, vivo. Ressuscitar o passado impregnado de vida, já que ele é morto (PAES, 1937, p.18).

Igualmente, o programa *Hora Infantil* propunha-se dar lugar à formação histórica por meio de narrativas protagonizadas pelos “grandes homens” por seu “trabalho

perseverante, pelo esforço e pelo estado” (RADIO, 1937, p. 13)<sup>223</sup>. Realizavam-se apresentações “sobre as figuras do nosso passado militar, político, literário e artístico” (O SENTIDO... 1937, p. 15). Assim exaltavam-se nomes como Visconde de Ouro Preto, Aleijadinho, Bernardo Guimarães, Osvaldo Cruz, Anchieta, Felipe dos Santos, José Bonifácio, Tiradentes, Carlos Gomes, Pedro Américo e estrangeiros como Pasteur e Marconi, “pelo muito que fizeram pela humanidade”<sup>224</sup>. Em suas apresentações comemoravam-se as datas cívicas, enalteciam-se os grandes vultos da História do Brasil como também pregava-se a solidariedade entre as nações latino-americanas.

No primeiro concurso organizado pela *Hora Infantil*, lançado em julho de 1937, poucos dias após a sua inauguração, o tema escolhido foi a “Independência do Brasil”. Como orientação,

Basta, para isso, que escrevam tudo que souberem a respeito da Independência do Brasil. Contem como se deu êsse grande episódio de nossa história, frisando os antecedentes e as conseqüências do grito do Ipiranga. Desenhem gravuras que tenham relação com o assunto e ilustrem, assim, a composição. Depois, enviem tudo para Dindinha Alegria, na Radio Inconfidencia (RADIO, 1937, p.13)<sup>225</sup>.

Na imagem abaixo, podemos observar a quantidade de crianças premiadas no Concurso da *Hora Infantil* do ano de 1937. Apesar de a qualidade da imagem não ser das melhores, a imagem é representativa das características das crianças participantes do programa: maioria meninas, brancas, em idade escolar.

<sup>223</sup>RADIO, **Minas Gerais**, 02 jul. 1937, p. 13.

<sup>224</sup>O SENTIDO educacional do programa de Dindinha Alegria, **Minas Gerais**, 05 nov. 1937, p. 15-16.

<sup>225</sup> RADIO, **Minas Gerais**, 15 jul. 1937, p. 13.

**Figura 26-** Crianças no concurso da *Hora Infantil*



As crianças premiadas, em companhia de Dindinha Alegria e do [ilegível] de Bessa, diretor do Serviço de Divulgação da Inconfidência.

**Fonte:** Folha de Minas, 11 set. 1937, p. 5

Em 1938, o concurso organizado por Dindinha Alegria teve como temática a independência dos países americanos. Para tanto, o concurso constaria de apresentação escrita da “História da Independência dos Países Americanos”, de acordo com as seguintes condições:

- a) Ser um trabalho infantil, feito com a **linguagem da criança**, com as suas **conclusões próprias**;
- b) O resumo histórico da **Independência do Brasil** e dos **demais países da América**, obedecendo ao seguinte plano: causas que levaram os povos a desejar a sua independência; história da independência de cada país; biografia resumida dos principais vultos da independência de cada país;
- c) Conter ilustrações: gravuras, vistas, desenhos, trechos celebres, poesias, etc. adequados ao estudo.
- d) Conclusões finais tiradas pela **própria criança**;
- e) Confeccionar um album com todo esse material (FM, 26 jul.1938, p. 4). (grifos nossos)

A respeito da organização, as regras do concurso prezavam pelo desenvolvimento da atividade da própria criança, com a intenção de centrar no seu desenvolvimento intelectual, seguindo os preceitos educativos vigentes; e, se tomarmos o fato de ser um concurso, há também a tentativa de evitar que adultos interferissem na produção do material e, assim, trabalhos que não fossem feitos pelas crianças obtivessem êxito na conquista dos prêmios. No que tange ao conteúdo, constata-se a presença, tanto nesse concurso quanto no primeiro, de tema histórico do currículo escolar, sinalizando para a importância de destacar a formação histórica dos educandos.

O tema escolhido para essa edição do concurso da *Hora Infantil* revela o panamericanismo como elemento para a educação cívica e de estabelecimento de uma relação identitária entre os países do continente americano. Em um momento em que se anunciava a Guerra, era necessário formar o espírito de solidariedade entre os “países irmãos”. Na *Hora Educativa*, esse tema também foi pauta em palestra de encerramento do ano letivo de 1939. Em texto publicado na *Revista do Ensino*, revelou-se que o panamericanismo “não é coisa nova como doutrinação e como atividade em escolas públicas do Continente”<sup>226</sup> (COSTA, 1939, p.12). Segundo o autor do artigo,

Panamericanismo deve significar, sem vislumbre de repúdio da colaboração de todos os países do Globo, naturalmente estabelecida pelas leis econômicas, um conagraçamento cada vez mais íntimo das nações do Novo Mundo, conagraçamento naturalmente indicado pelo seu agrupamento geográfico, pelo seu vocacional espírito de concórdia e pela indisfarçável necessidade da sua defesa comum contra qualquer pretensão imperialista (COSTA, 1939, p.12)<sup>227</sup>.

<sup>226</sup> COSTA, Raul de Almeida. Panamericanismo nas escolas, **Revista do Ensino**, Ano XIII, jan-jun 1939, n.158-163, p. 12-18.

<sup>227</sup> **Revista do Ensino**, Ano XIII, jan-jun 1939, n.158-163, p. 12-18.

Ao mesmo tempo em que se afirmava o espírito de “confraternização universal”, enfatizava-se a necessidade de as Américas se posicionarem como continente unido não só geograficamente, mas política e economicamente, contra as interferências externas e os males que assolavam o mundo- a guerra e o comunismo. Para o autor, o panamericanismo deveria “ser um sentimento que estaria para cada nação americana assim como o nacionalismo está para cada cidadão de cada país. É êle, pois, uma como que ampliação e consequência do sentimento pátrio” (COSTA, 1939, p. 15).

Se a preocupação em estabelecer laços de identidade e de reciprocidade para com os países do continente endossava a realização de atividades nos programas infantis da emissora tendo por base a orientação escolar, no quadro geral da Rádio Inconfidência a questão também foi abordada tendo em vista um público mais amplo, conforme vimos, com a irradiação do *Programa da Boa Vizinhança*.

Para as crianças, a *Hora Educativa* e *Hora Infantil* se constituíam em espaços extra-escolares para o ensino e aprendizagem da História de acordo com os conteúdos e práticas dessa área como disciplina escolar. Para os professores, a *Hora Educativa*, por meio do curso de “Metodologia da História”, era um canal de orientação dos conteúdos e os fins da História naquele momento, enfatizando, para tanto, as práticas do professor em sala de aula.

Para um público mais amplo, identificamos também três outros programas que compuseram a grade da Rádio Inconfidência e que se voltaram à formação histórica: os programas *Vultos e fatos da nossa história*, *O dia de amanhã na história* e *Fatos históricos do dia*.

Os assuntos presentes na *Hora Educativa*, na *Hora Infantil* e nos programas voltados para o “grande público” compõem oportunamente a intenção de fixar uma memória da história nacional, crucial para o fortalecimento das identidades nacionais, pelo menos desde meados do século XIX (FONSECA, 2011). Por isso privilegiavam-se os “grandes feitos”, “os grandes vultos” em clara exclusão dos demais sujeitos que compunham a organização social e que fizeram parte da história do Brasil. No contexto dos anos 1930 e 1940, o ensino de história se tornava referência no currículo para a formação da unidade e criação de uma identidade nacional coletiva. Naquele contexto, os livros didáticos e os livros de leitura do ensino primário privilegiavam tais conteúdos para a difusão da história pátria (VAZ, 2006, p. 40). Nesse sentido, procuramos mostrar que a Rádio Inconfidência de Minas Gerais constituiu um espaço para a divulgação da História,

voltando-se para os sujeitos que participavam da escola e para um público ouvinte mais amplo. O governo dos anos 1930 não hesitou em ampliar a ação pedagógica da disciplina História para todo o país pelo rádio.

#### **5.4 A orientação educacional em Minas Gerais nos anos 1930 e suas implicações para os programas educativos infantis da Rádio Inconfidência**

Os programas infantis- *Hora Educativa e Hora Infantil*- apesar de diferentes em sua forma de organização, guardam relação com os pressupostos que regiam a educação no estado e na nação, tanto pelos métodos quanto pelos conteúdos privilegiados. A Reforma Francisco Campos, baseada nos princípios da Escola Nova e ocorrida em Minas Gerais, em 1927, determinou a orientação da educação no estado nos anos seguintes, embora tenham sido feitas algumas alterações com a mudança de governo em 1930 (PEIXOTO, 2003). A consonância dos programas com os princípios da Escola Nova revela-se, pelo menos, por dois princípios básicos: o primeiro diz respeito ao uso do rádio (e de demais aparatos tecnológicos como o cinematógrafo e o fonógrafo) como instrumento de educação, anunciado no Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, em 1932. O segundo princípio está na centralidade do aluno no processo educativo, uma das principais bases do movimento escolanovista. Ao tomar o aluno como centro, tanto os métodos quanto os conteúdos deveriam ter em vista as suas necessidades e potencialidades, de modo que promovessem o seu desenvolvimento cognitivo e social.

Nesse sentido, os programas educativos infantis da Rádio Inconfidência deveriam se adequar a esse público, de forma que não fossem apresentados conteúdos impróprios. O inspetor Abel Fagundes, em publicação sobre a orientação que deveriam seguir os programas educativos da Rádio Inconfidência, atentou-se para esse cuidado:

(...) não é de desejar que as crianças se habituem à audição de tangos nervosos, inspirados às vezes em motivos brutais, ou á de sambas dengosos, que induzem a requebros obscenos... Não. As crianças precisam de programmas específicos. (FAGUNDES, 1936, p. 14)<sup>228</sup>.

No mesmo direcionamento, um cronista da *Folha de Minas* chamava a atenção para a irradiação de conteúdos impróprios nos programas radiofônicos infantis do Brasil,

---

<sup>228</sup> FAGUNDES, Abel. A radio-diffusao a serviço da educação. **Minas Gerais**, 27 set. 1936, p.14 (Pelo Ensino).



notoriamente quando se tratava de interpretações musicais. Segundo ele, são “músicas de morro, sambas da Favella, cheios de malícia provocadora”, o que constituía um “attentado incompreensível aos methodos educacionais”<sup>229</sup>. Os excertos acima, na intenção de defender que as crianças precisavam de conteúdos especiais, revelam o que era impróprio para elas, indicando a postura moralizante que deveriam conter os programas radiofônicos infantis. Maria Ângela Borges Salvadori (2012) mostra que essa questão esteve presente nos debates sobre a radiodifusão no país nos anos 1930 e 40. O combate à péssima qualidade do português falado nas rádios, as sonoridades populares, muitas vezes identificadas com as tradições africanas, passava necessariamente pela escola e pela ação civilizatória dos homens cultos. Segundo a autora, “era preciso que o rádio se alinhasse aos objetivos da educação escolar, ao invés de combatê-los, “elevando o nível artístico e intelectual das massas”, “cegas” e “analfabetas”” (SALVADORI, 2012, p. 202).

Essa preocupação tinha por princípio a formação de uma sociedade que primasse por determinados valores como a religião, a família e a pátria, o aperfeiçoamento dos hábitos e da própria “raça”, eliminando os elementos degeneradores da ordem social- as doenças, os desvios de conduta e os vícios. Ao estudar sobre a música escolar em Minas Gerais, Flávio Couto e Silva de Oliveira (2004) afirma que a restrição a determinados conteúdos musicais, fortemente debatida em Minas nos anos 30, revela argumentos de caráter racista, consoantes com o projeto governamental de “sanear e educar” o Brasil. Para o autor,

os discursos higienistas passaram a evidenciar o seu componente eugênico, o qual associado a outros de caráter cívico e moral, proscureveram das escolas mineiras, cantos, danças e ritmos altamente difundidos na sociedade da época, tais como tangos, maxixes e sambas, por considerá-los imorais e incivilizados, frutos de uma estética contrária aos ideais de branqueamento da raça, vigentes nas primeiras décadas do século XX. (OLIVEIRA, 2004, p. 156.)

Ao rádio, segundo afirmava Fagundes, cabia a função civilizatória das crianças e poderia contribuir para a eliminação de suas mazelas- a pobreza e a falta de vitalidade física:

os mineirinhos da escola, de roupa remendada e pés no chão, amarelos, magros e tristes, possam receber o contacto vitalizante da civilização, enternecer-se ao som de musicas escolhidas, alegrar-se com as audições de historias encantadas, receber sugestões e estímulos para o seu trabalho

<sup>229</sup> Folha de Minas, 04 jun. 1938, p. 5.

escolar e para melhorar, talvez, as condições de seu lar... (FAGUNDES, 1936, p. 14)

Nessa passagem é patente a função do rádio como meio complementar à ação da escola. Se, naquele momento, em Minas Gerais, a escola tinha passado por um retrocesso, na medida em que se viu, desde o início dos anos 1930, o fechamento de instituições e conseqüentemente a diminuição no número de matrículas,<sup>230</sup> ao rádio caberia a função de estabelecer o contato das crianças mineiras com o “mundo civilizado”, proporcionar-lhes momentos de alegria e prazer ante uma situação social de pobreza, de subnutrição e de abandono. Para o inspetor, prevalecia uma ideia salvacionista da educação, que se colocava em diálogo com o ideário de regeneração social. Por meio do rádio se poderia restituir/regenerar o vigor físico e o desenvolvimento intelectual e moral da infância. Essas idéias faziam parte do pensamento educacional do período, em que a função da educação era, em alguma medida, corrigir as deficiências culturais da população pobre ou de cor-suburbana ou rural (DÁVILA, 2006). De outro modo, a orientação das crianças pelo rádio, assim como pela escola e por outras instâncias de clara função educativa, tais como o escotismo<sup>231</sup> e o cinema, tinha em vista adequar os comportamentos dos futuros homens e mulheres brasileiros. Se a grandeza da nação não fosse alcançada naquele instante, pelo menos as sementes para o seu engrandecimento estariam lançadas.

Um segundo método que põe o aluno no centro da atividade educativa é os auditórios escolares. De acordo com Ana Maria Casasanta Peixoto (2003), “os auditórios tinham como objetivo comemorar as datas cívicas, cultuar os heróis, reverenciar os grandes homens, homenagear os elementos considerados básicos na construção da sociedade e nos cuidados com a natureza” (PEIXOTO, 2003, p.115). Esses elementos traduzem as ocasiões e os conteúdos das atividades a serem realizadas na escola, revelando o valor dos auditórios como uma prática que se mostrava em consonância com as intenções de promover a formação do indivíduo integrante da nação e que, ao mesmo tempo, nela se reconhecesse. Seguindo essa acepção, os auditórios escolares foram o método que fundamentou, majoritariamente, a ação pedagógica do programa *Hora Educativa* da Rádio

---

<sup>230</sup> Para a compreensão da educação em Minas nos anos 1930 foi utilizado o trabalho de Ana Maria Casasanta Peixoto, que realizou uma pesquisa ampla sobre a educação escolar no estado. Esse estudo apontou o contexto de crise no início dos anos 1930, acrescido de interesses políticos que limitavam ações para o pleno desempenho da educação no estado. Se, por um lado, buscava-se atender às demandas das classes emergentes, por outro, não se pretendia colocar em risco a estrutura em que se apoiava o regime. Esse propósito, no entanto, encontrava endosso científico, segundo a autora, nos pressupostos escolanovistas, que acabavam por delimitar e restringir o acesso dos diferentes indivíduos à escola.

<sup>231</sup> Conf. Adalson Oliveira Nascimento (2014).

Inconfidência. As apresentações eram feitas nos estúdios da emissora pelos alunos das instituições de ensino de Belo Horizonte, devidamente acompanhados e orientados por seus professores e diretores.

Para o programa *Hora Infantil, Noções de coisas* seria outro método educacional a ser aplicado na obra da educação de crianças pelas ondas da Inconfidência. No escopo da orientação do programa, afirmava-se que

A “Hora infantil” será a hora preferida pelos garotos do Brasil, pelo seu bem organizado programa, que contará **noções de coisas**, histórias, narrações, contos variados, aventuras e tudo mais que, num programma radiophonico, possa cooperar para a alegria da meninada de nossa terra. (CONVERSANDO..., 1937, p. 13)<sup>232</sup>. (grifo nosso)

Esse método chegou ao Brasil pelas mãos de Rui Barbosa, ainda nos anos de 1880, por sua tradução e adaptação da obra de Alisson Norman Calkins, *Primary object Lessons*, e exerceu “grande influência nas práticas escolares e pensamento pedagógico de nosso país” (OLIVEIRA, 2004, p.47). O método, também chamado de intuitivo,

consistiu no núcleo principal da renovação pedagógica. Fundamentado especialmente nas idéias de Pestalozzi e Froebel, pressupunha uma abordagem indutiva pela qual o ensino deveria partir do particular para o geral, do conhecido para o desconhecido, do concreto para o abstrato. Esse método racional fundamentava-se em uma concepção filosófica e científica pela qual a aquisição de conhecimentos advinha dos sentidos e da observação (SOUZA, 2000, p.12).

Para ser aplicado em um programa de rádio, acreditamos que o método deveria contar com o recurso da imaginação das crianças ouvintes e de seu conhecimento prévio das “coisas” a serem incitadas em seu pensamento. A eficácia desse método na aprendizagem pelo rádio, portanto, poderia variar de acordo com o universo cultural e com o conhecimento de mundo da criança. O recurso utilizado no rádio que talvez possamos relacionar com a aplicação das noções de coisas era o das viagens imaginárias, por meio das quais se permitia conhecer outros lugares do mundo. O programa *Tapete Mágico da Tia Lúcia*, transmitido inicialmente pela Rádio Escola Municipal do Rio de Janeiro (PRD-5) em 1934<sup>233</sup>, valeu-se da imaginação para desempenhar sua proposta educativa.

<sup>232</sup> CONVERSANDO com todas as creanças do Brasil, **Folha de Minas**, 01 jul. 1937, p.9.

<sup>233</sup> No ano seguinte o programa passou a ser transmitido pela Rádio Mayrink Veiga (PRA-9) e em 1940 passou a ser transmitido pela Rádio Nacional. Conf. Costa (2012).

Organizado pela radioeducadora Ilka Labarthe, o programa versava sobre a Geografia, a História e a cultura de diversos países; o tapete era o meio de transporte utilizado para viagens intercontinentais (COSTA, 2012). De modo semelhante, a *Hora Infantil* tomava o recurso como orientação para algumas de suas atrações.

Dindinha Alegria levará ainda seus “afilhados” a percorrerem todas as terras do globo, os países mais diversos, conhecendo os povos que os habitam, seus usos e costumes (RADIO, 1937, p. 13)<sup>234</sup>.

Em notícia posterior, o *Minas Gerais* informou que Dindinha Alegria realizou uma viagem imaginária a Ouro Preto:

Há poucos dias, Dindinha Alegria realizou através da onda da Inconfidência uma curiosa viagem imaginária a Ouro Preto, fixando a corrida do comboio, as paradas nas estações, as paisagens que invadiam a janela do carro, a chegada à lendária cidade, a visita aos seus monumentos, suas igrejas, seus pedaços do passado. (UMA VIAGEM...1937, p.58)<sup>235</sup>.

O aprendizado poderia ocorrer, portanto, no início da própria viagem, partindo de elementos presentes ou reconhecíveis no cotidiano das crianças, como exemplo, o automóvel e as igrejas para, em seguida, narrar a chegada a uma cidade, provavelmente desconhecida de muitas das crianças ouvintes. A partir de então, o estímulo tocava os fatos históricos, os personagens e os pontos turísticos da histórica cidade mineira.

Colocar os alunos da escola primária diante dos microfones de uma emissora de rádio evidencia o estímulo à ação da criança, ao desenvolvimento de suas habilidades de fala, canto, interpretação, postura e de socialização com os colegas, professores e outras pessoas, em um ambiente diferente ao habituado espaço escolar. Isso implica o desenvolvimento da criança para agir e participar da vida coletiva. Além disso, é pertinente levar em conta a atividade criadora da criança, uma vez que algumas apresentações realizadas ao microfone durante a *Hora Educativa* permitem inferir que resultavam da produção do aluno em sala de aula. Nos concursos realizados pela *Hora Infantil*, conforme se viu, solicitava-se que os trabalhos fossem produzidos pelas crianças, com linguagem que fossem delas, mesmo que mediados por um adulto- possivelmente professores e/ou pais. Esses procedimentos estavam em consonância com o ideário escolanovista, posto que o

<sup>234</sup> RADIO, **Minas Gerais**, 02 jul. 1937, p. 13.

<sup>235</sup> UMA VIAGEM imaginária a Ouro Preto, **Minas Gerais**, 18 ago. 1937, p. 58.

processo educativo é centrado no aluno e no desenvolvimento de suas capacidades físicas e cognitivas. Segundo Ana Maria Casasanta Peixoto,

A base do modelo é o aluno, considerado como o centro da ação pedagógica e o seu objetivo é uma organização escolar que traduza o respeito à criança e às suas características psicobiológicas, tornando o processo escolar tão natural quanto o processo de desenvolvimento e maturação do ser humano. (PEIXOTO, 2003, p. 32)

Sobre o potencial educativo do rádio e mais precisamente da *Hora Educativa*, afirmou-se o seguinte na *Revista do Ensino*:

(...) a Hora Educativa cumprindo o seu objetivo cultural, além de outros valores, oferece excelentes oportunidades para o desenvolvimento da linguagem escrita e oral. Sabendo-se ouvidas por centenas de pessoas, as crianças vão adquirindo desembaraço no falar, controle emocional e desenvolvendo sua capacidade de expressão e seus dotes artísticos (GRUPO..., 1939, p.164).<sup>236</sup>

Uma segunda evidência que pudemos observar a respeito do desenvolvimento das crianças seria o da habilidade da escrita. Nesse caso, infere-se que a atividade era desenvolvida em sala de aula e posteriormente transmitida pelo rádio. O texto abaixo, conforme alega a publicação da *Revista do Ensino*, seria um exemplo de produção feita pela aluna Sebastiana Simão Borges, do Instituto São Rafael, executado no programa *Hora Educativa*.

Caro rádio-ouvinte:

A poesia é imortal. Está em toda parte, porque é um pouco da essência divina e palpita em tudo, porque é um pouco da essência da vida.

Ela paira sobre todos os seres e se revela em todos os quadros da natureza... No infinito mistério do azul e no ritmo suave do balançar dos berços...

Na voz imortal do mar e na rapidez de uma asa cortando o espaço... Na sutileza dos perfumes e na multiplicidade dos sons... Nas mãos que se erguem ao céu e ao céu que se inclina num gesto de perdão...

Na vida dos santos e na morte dos heróis... Na dor e nas suaves alegrias, na luta e no triunfo imortal da renúncia.

Paira sobre toda a natureza a poesia que exalta, purifica, espiritualiza! De resto, de que valeria a poesia como arte e as sagradas emoções que ela desperta, si não posta ao serviço espiritual da

<sup>236</sup> GRUPO Escolar “Silviano Brandão” da Capital, 1939, *Revista do Ensino*, Ano XIII, jan. jun. 1939, n. 164-169.

humanidade? A poesia não morre, vive, a todo momento nas múltiplas variantes do sentimento, nas harmonias indestrutíveis do coração.

Nêste momento a poesia vive na nossa emoção.

Cada emoção é um verso; todas as emoções juntas, um poema.

Êste poema oferecemo-lo a vós, a vós que nos ouvis (HORA..., 1937, p. 118)<sup>237</sup>.

Além das orientações metodológicas próprias do campo pedagógico, alguns cuidados, referentes à recepção pelo ouvinte, deveriam ser tomados para que os programas se aprimorassem. Essas medidas partiam do Serviço de Rádio da Secretaria da Educação em colaboração com o Serviço Técnico da Rádio Inconfidência e se referiam, notoriamente à *Hora Educativa*.

1.º - Os programas deverão conter de 5 a 8 números, tendo-se em vista que os numeros muito longos tornam-se desinteressantes.

2.º - As palestras saudações, composições e quaisquer outros trabalhos escritos e lidos pelas crianças, não deverão passar de 5 minutos.

3.º - Os mesmos trabalhos feitos por professores deverão se limitar a 10 minutos.

4.º - As aulas terão duração máxima de 15 minutos

5.º - Os programas mais interessantes são os que revelam a espontaneidade e o trabalho dos alunos, bem como os que apresentam, recreativamente, números pedagógicos e, intercaladamente, número de arte.

6.º - Recomendamos aos srs. diretores dos Estabelecimentos de Ensino, eviarem (sic), de vespera, à Secretaria da Educação, o programa dos auditorios e cópia a serem executados para o devido conhecimento desta Secção.

7.º - Pedimos a maior pontualidade para o inicio dos programas, lembrando que, no Rádio, mais que em qualquer outra oportunidade, o tempo é de ouro (HORA..., 1937, p. 111)<sup>238</sup>.

Essas instruções mostram a preocupação da Secretaria da Educação em manter o programa de forma que as audições não se tornassem enfadonhas para os ouvintes. As transmissões extensas e sem dinâmica poderiam ocasionar perda da audiência. Por isso, era aconselhável o controle do tempo das apresentações, notando-se diferenças entre os números feitos pelos alunos e aqueles executados por professores. A espontaneidade e a naturalidade eram outras características solicitadas com a intenção de favorecer a recepção do ouvinte:

<sup>237</sup>HORA Educativa da P.R.I.-3 – Rádio Inconfidência, **Revista do Ensino**, ano XI, n.143-145, out-dez . 1937, p.118. O trabalho também foi publicado no *Minas Gerais*, na edição de 27 de abril de 1937, p. 12.

<sup>238</sup>HORA Educativada P.R.I.-3 – Rádio Inconfidência, **Revista do Ensino**, ano XI, n.143-145, out-dez 1937, p.107-120.

É sempre preferível, para os números a serem irradiados, que os seus interpretes tenham a maior naturalidade possível, não falando ou cantando em estilo forçado, procurando mesmo a simplicidade, sempre graciosa (HORA..., 1937, p. 113)

Controles sobre a dicção, a voz e a entonação também se faziam necessários:

A dicção dos alunos, que servem como anunciadores dos auditórios, deve ser sempre bem fiscalizada e orientada, para que sejam bem recebidos pelo ouvinte, evitando-se (sic), o mais possível, os que tenham algum defeito de fonação, os que silibam, os que pronunciam as palavras com respiração forçada, devendo-se cuidar que as mesmas palavras sejam emitidas com muita clareza, timbre agradável, facilidade e altura de som bem nivelada, isto é, sem altos e baixos.  
(HORA..., 1937, p. 112)

A preocupação com a qualidade das irradiações e a boa recepção pelo público ouvinte passava pela seleção dos alunos que melhor atendiam às características da comunicação oral, seja por seu desenvolvimento físico ou pelo desenvolvimento no processo de alfabetização. “Silibar”, ou seja, não pronunciar as palavras no ritmo adequado, interceptando-as nas divisões silábicas, mostrava que o aluno não tinha a fluência da leitura. Os alunos com essa dificuldade não deveriam, portanto, participar dos números que exigiam essa habilidade. Nesse aspecto reside uma das principais críticas feitas à Escola Nova: se o escolanovismo partia do pressuposto de que as crianças são desiguais e o papel da escola seria o de buscar atender às diferenças, na medida em que homogeneizava as turmas para tentar atender a todos dentro de suas características similares, acabava por segregar os diferentes. Desse modo, os alunos “menos aptos” ficariam impedidos de participar de atividades de que os “mais aptos” participariam. Portanto, a ciência, na busca do aperfeiçoamento e da eficiência, reforçava as diferenças físicas e/ou cognitivas existentes entre os escolares.

Outros cuidados sobre o ato da fala ao microfone dizem respeito às pronúncias dos dígrafos *ss* e *rr*: os *ss* finais deveriam “ser pronunciados com menor silibação” e os *rr* deveriam “ser pronunciados na ponta da língua”. A distância entre quem fala e o microfone também foi observada: essa distância deveria ser de 20 a 50 centímetros, conforme a altura da voz, entre o locutor e o aparelho, que deveria estar posicionado de acordo com a estatura, “mais ou menos no mesmo nível da boca de quem o ocupa”. Sobre as vozes preferidas, afirmava-se que seriam “as mais graves, mais cheias, mais aveludadas.”

Preferiam-se as “vozes masculinas” (HORA..., 1937, p. 112). Apesar disso, notamos a maior presença de meninas nos números do programa.

Por seu turno, as apresentações musicais na *Hora Educativa* eram feitas por meio do canto ou de instrumental, esse último utilizado principalmente para as músicas eruditas ao passo que o canto se dava tanto individualmente quanto em coro, a uma ou duas vozes. Na *Hora Infantil*, o canto também constituiu uma de suas ações educativas, apesar de não termos dados sistemáticos de seus conteúdos, vale registrar tal ocorrência, uma vez que o canto escolar constitui outro aspecto importante da educação naqueles tempos.

Fundamentado pelo pensamento médico-científico de finais do século XIX, o canto se tornou disciplina escolar nos ensinos primário e Normal em Minas Gerais, durante as primeiras décadas do século XX. As razões para a sua legitimação centravam-se tanto em questões higiênicas e sanitárias quanto em questões de ordem estética, cívica e moral. Para a questão higiênica, o canto importava por proporcionar a prática de exercícios respiratórios, essenciais para o fortalecimento dos pulmões, ajudaria na correção postural e deveria ser feito em um ambiente com boas condições de ventilação e espaço. Esses cuidados auxiliariam no desenvolvimento físico e no fortalecimento da saúde dos escolares. Esteticamente o canto possibilitaria o aperfeiçoamento da voz, útil caso o aluno optasse pelo estudo artístico (OLIVEIRA, 2004). Ao tratar do canto em coro, Flávio Oliveira (2004) destaca que a “utilização do potencial educativo do canto coral justificou-se pelo fato de possibilitar, mais do que qualquer outra modalidade de prática musical, o fortalecimento dos instintos de solidariedade e de harmonias coletivas” (OLIVEIRA, 2004, p. 106).

O canto coral, ou canto orfeônico, foi, ao lado da educação física e da educação moral, fator utilizado para constituir o projeto de nação durante o governo Vargas. Segundo Horta (1994), a obrigatoriedade do canto orfeônico contida na legislação educacional, a partir de 1934, é justificada não apenas pela “utilidade do canto orfeônico e da música como fatores educativos, mas também pelo fato de o seu ensino, enquanto meio de renovação e de formação moral e intelectual ser uma das mais eficazes maneiras de desenvolver os sentimentos patrióticos do povo.” (HORTA, 1994, p.147). No reforço do papel da escola como espaço de difusão do ideário do governo, o canto orfeônico é elevado à disciplina escolar. No empenho de difundi-lo, o rádio cumpriu esse papel ao lado da escola. Em 1939, já no auge do Estado Novo, a emissora de Minas teve horário destinado à transmissão do canto orfeônico com a participação das sociedades orfeônicas de Belo



Horizonte. Em outras ocasiões, foram registradas a participação desses grupos em suas programações especiais. Junto da escola, a *Hora Educativa* foi o palco primeiro para a transmissão de canto orfeônico, desde o início de suas atividades, em 1936. Nos números de canto coral desse programa, a presença do orfeão escolar, “sociedade cujos membros se dedicam ao canto”, ou do professor de canto orfeônico, também foi registrada.

As constatações feitas permite-nos perceber que, na organização dos programas infantis da Rádio Inconfidência, estava em cena o aparato escolar da época. Talvez alguns elementos desse funcionamento pudessem ser ocultados, menos explícitos, mas é essencial refletir que a complexidade do funcionamento escolar fora transposta para a *Hora Educativa* (e talvez em menor grau para a *Hora Infantil*), seja pelos métodos, pelos conteúdos, pela efetiva participação dos sujeitos, tanto da escola, quanto de sua instância reguladora- a Secretaria de Educação –, ou pela regulação do programa de acordo com o calendário escolar. Com efeito, isso denota a presença da cultura escolar nos programas de rádio, tal como a entende Vinão Frago (1995),

prácticas y conductas, modos de vida, hábitos y ritos - la historia cotidiana del hacer escolar -, objetos materiales – función, uso, distribución em el espacio, materialidad física, simbología, introducción, transformación, desaparición... -, y modos de pensar, así como significados e ideas compartidas (FRAGO, 1995, p.68-9).

O autor, mesmo privilegiando a discussão do espaço e do tempo como elementos fundamentais da cultura escolar, não desconsidera outros igualmente importantes, como as práticas discursivas e ou as tecnologias e os modos de comunicação empregados. Nesse sentido, na medida em que a escola com seus sujeitos, práticas e conteúdos ocupava o espaço do rádio como *locus* ressonante de seus saberes, podemos tomá-lo como uma das principais tecnologias utilizadas em favor da educação escolar daqueles anos. A partir dessas considerações, podemos refletir, em primeiro lugar, que os fazeres escolares romperam o seu espaço definido, *a priori*. Tal constatação corrobora o estudo de Aline Choucair Vaz (2006), que mostra como a escola primária exteriorizou por meio de festas escolares as práticas cívicas consoantes ao projeto de formação da Nação durante o Estado Novo.

Em segundo lugar, a comunicação oral prevalecente na mídia radiofônica desponta como mecanismo principal no exercício a que alunos e professores se colocavam para produzir e difundir trabalhos, conteúdos e saberes escolares. Nesse caso, a fala ao rádio

passava pelo crivo das habilidades de leitura a que os alunos deviam adquirir no processo de aprendizagem.

O tempo escolar, por sua vez, regulava apenas as transmissões no decorrer do ano letivo, não havendo nenhuma aproximação com o tempo que regulava as disciplinas escolares. Os números eram regulados de acordo com as habilidades do enunciador e pela dinâmica própria da mídia.

Por outro lado, o duplo movimento, escola – rádio, deve-se, a nosso ver, pelo controle estatal sobre a educação escolar e pelo fato de o rádio ser um dos principais veículos de reforço, no imaginário coletivo, do ideário e das realizações do governo na condução da nação. No plano discursivo, os programas infantis *Hora Educativa e Hora Infantil*, valendo-se de métodos e técnicas “modernas de educação”, foram organizados com a intenção de moldar o pensamento das crianças e jovens segundo o ideário político vigente na busca pela edificação da nacionalidade, por meio da difusão de conteúdos que corroboravam o estabelecimento e o fortalecimento de uma comunidade nacional.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a intenção de identificar e compreender os conteúdos da emissora que conduziam para o estabelecimento de uma identidade nacional no Brasil propusemos estabelecer relações entre questões políticas, econômicas e sociais de Minas e do Brasil, no contexto dos anos 1930 e 1940. A partir disso, foi possível reconstituir parte do movimento do rádio na cidade de Belo Horizonte, em um momento de expansão da produção e do consumo de produtos que faziam parte de uma pretendida modernidade tecnológica. Pudemos perceber que o rádio esteve presente não só no meio urbano como também na área suburbana da cidade. Além disso, consideramos a sua presença nos meios rurais brasileiros, mesmo diante de condições adversas.

A análise da programação da Rádio Inconfidência no período entre 1936 e 1945 permitiu identificar a presença de um diversificado projeto educativo na emissora oficial mineira. De um lado, constatamos as finalidades econômicas do governo de Minas Gerais pela organização de programas que tinham o intuito de promover o desenvolvimento de setores básicos da economia mineira. De outro, constatamos a presença de conteúdos que estavam em consonância com a proposta nacionalista do governo Vargas. É com esse ponto de vista que programas como *Aula de Ginástica*, *Hora de Higiene e Saúde Pública*, *Hora do Operário* e programas musicais como *Hora de Evocação dos Grandes Mestres* mostram a sua importância para a formação do novo homem brasileiro, ressignificado pelo trabalho, pela saúde do corpo e regeneração da raça e por conceitos estéticos e civilizatórios presentes na música erudita. Ao mesmo tempo a presença da música folclórica em *Ritmos do Brasil* e *Quadros do Brasil* marca a intenção de produzir o reconhecimento identitário entre povo e nação. Por sua vez *Vultos e Fatos da Nossa História*, *Fatos históricos do dia* e *O dia de amanhã na história* sinalizam a importância da História, a partir dos feitos dos grandes homens e dos fatos, como fator de construção da nação.

Pode-se verificar que, no esteio do projeto de construção da nacionalidade, a Rádio Inconfidência participou do processo educativo nacional, voltando-se tanto para o público adulto quanto para o infantil. Ao mesmo tempo em que estava destacada do espaço educativo institucionalizado, a ação da emissora se fez junto da escola, principalmente, por meio do programa *Hora Educativa*. Nesse programa, métodos e conteúdos que regiam a educação escolar em Minas Gerais e no Brasil estiveram presentes como forma de orientar

a sua produção. Além disso, pudemos perceber que o programa dava voz às crianças e aos professores, o que os colocava em cena como sujeitos ativos em sua organização e realização.

O estudo ainda procurou romper com afirmações produzidas de que, no período em questão, a abertura dada ao rádio comercial significou o rompimento da radiodifusão educativa. Pelo menos no caso da Rádio Inconfidência, emissora oficial do governo do estado de Minas Gerais, em um contexto político em que o governo Federal procurou manter o controle sobre os meios de comunicação, essa afirmação não se sustenta. Portanto, este trabalho permite que outros estudos dessa natureza sejam feitos para colaborar com a análise das disputas travadas entre a radiodifusão educativa *versus* a radiodifusão comercial.

Na difícil tarefa de pôr um ponto final para este estudo, vale dizer que muitas das descobertas aqui feitas permitem acrescentar pontos de interrogação. Alguns deles se motivam pela própria necessidade de recorrer a outras fontes como *scripts*, transcrições e áudios para o estudo da radiodifusão. Outros se justificam pelo fato de este trabalho ter procurado revelar o extenso quadro da programação da Rádio Inconfidência no período entre 1936 e 1945. A partir do levantamento aqui feito, acredito ser possível focalizar alguns de seus conteúdos e verticalizar a análise com objetivos e marcos teórico-metodológicos distintos dos que aqui foram propostos.

Nesta pesquisa, não foi possível perceber mudanças significativas na programação da Rádio Inconfidência no período em estudo. Entretanto, é possível levantar a hipótese de que maiores alterações na grade podem ter ocorrido com o fim do Estado Novo em 1945, o que poderá ser feito com o estudo de sua programação dos anos subseqüentes em uma pesquisa futura.

## 7 FONTES

### Bibliográficas

BARRETO, Abílio. **Bello Horizonte: memória histórica e descritiva- Historia Media: planejamento, estudo, construção e inauguração da nova Capital (1893-1898)**. Belo Horizonte: Edições da Livraria Rex, 1936.

BARRETO, Abílio. **Bello Horizonte: memória histórica e descritiva- Historia Media. 2ª ed. Revista**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro- Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1996.

ESPINHEIRA, Ariosto. **Rádio e educação**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1934.

LIMA, João Anatólio Lima. **Questões da Gléba**. Editora Guaíra, 1940.

RICARDO, Cassiano. **Martim Cererê (O Brasil dos meninos, dos poetas e dos heróis)**. 13ª Ed. Rio de Janeiro, editora José Olímpio, 1974.

SALGADO, Álvaro. **A radiodifusão educativa no Brasil: notas**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde/ Serviço de Documentação, 1946.

### Documentos institucionais

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **Anais...** Sessão da 1ª Legislatura da Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais, III. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, v. 2, 1937.

PREFEITURA DE BELLO HORIZONTE. **Relatório de 1937**: apresentado a S. Excia o Sr. Governador Benedicto Valladares Ribeiro pelo Prefeito de Bello Horizonte. Belo Horizonte: 1937.

RELATÓRIO da Diretoria Regional dos Correios e Telégrafos do Distrito Federal – 1936. p. 113 . Museu dos Correios/DF

SECRETARIA DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA COMÉRCIO E TRABALHO. **Anuário Estatístico de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Instituto Nacional de Estatística Geral/ Serviço de Estatística Geral, Ano I, 1937, p. 260.

RIBEIRO, Benedicto Valladares. **Mensagem apresentada á Assembléa Legislativa de Minas Geraes, em sua sessão ordinaria de 1936, pelo governador do Estado**. Bello Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Geraes, 1936.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. População absoluta e relativa do Brasil, das suas Unidades Federadas e dos municípios das respectivas Capitais, calculada para 31 de dezembro de 1936. **Anuário Estatístico do Brasil**. Disponível em: <[http://seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/arquivos\\_download/populacao/1937/populacao1937aeb\\_10\\_a\\_11.pdf](http://seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/arquivos_download/populacao/1937/populacao1937aeb_10_a_11.pdf)>. Acesso em Nov.2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estado da População:** População absoluta e relativa do Brasil, das suas Unidades Federadas e dos municípios das respectivas Capitais, calculada para 31 de dezembro- 1937/1939. Disponível em: <<http://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-temas/populacao>> Acesso em Nov. 2015.

### Entrevista

LIMA, Jairo Anatólio. Entrevista. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Mo7paepYKNQ>> Acesso em: 22 Nov. 2014.

### Legislação

BRASIL. Decreto 731 de 03 de Abril de 1936. Concede permissão á Sociedade Radio Club de Marília Limitada, para estabelecer uma estação radiodifusora. Brasil: **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 03 abr. 1936. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-731-3-abril-1936-472247-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: Out. 2014.

BRASIL. Decreto 804 de 08 de Maio de 1936. Concede permissão à Rádio Educadora do Brasil, S.A., para estabelecer uma estação radiodifusora. Brasil: **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 08 mai. 1936. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-804-8-maio-1936-472531-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: Out. 2014.

BRASIL. Decreto 921 de 26 de junho de 1936. Concede permissão ao governo do Estado de Minas Geraes para estabelecer uma estação radiodifusora. Brasil: **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 26 Jun. 1936. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-921-26-junho-1936-395160-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: Out.2014.

BRASIL. Decreto 116 de 05 de Abril de 1935. Concede permissão á Sociedade Anonyma Radio Ipanema para estabelecer uma estação radiodifusora. Brasil: **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 05 abr. 1936. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-116-10-abril-1935-526889-norma-pe.html>> Acesso em: Out. 2014.

BRASIL. Decreto 113 de 05 de Abril de 1935. Concede permissão á Radio Sociedade Mantiqueira para estabelecer uma estação radio-difusora. Brasil: **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 05 abr. 1936. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-116-10-abril-1935-526889-norma-pe.html>>. Acesso em: Out. 2014.

BRASIL. Decreto 21.111 de 1º de março de 1932. Aprova o regulamento para a execução dos serviços de radiocomunicação no território nacional. Brasil: **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 04 Mar. 1932. Disponível em:

<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21111-1-marco-1932-498282-publicacaooriginal-81840-pe.html>> Acesso em: Out. 2014.

BRASIL. Decreto 24.651 de 10 de julho de 1934. Cria, no Ministério da Justiça e Negócios Interiores, o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural. Brasil: **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 14 Jul.1934. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-24651-10-julho-1934-503207-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: Abr.2015.

BRASIL. Lei nº 378 de 13 de janeiro de 1937. Dá nova organização ao Ministério da educação e Saúde Pública. Brasil: **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 15 jan. 1937. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-378-13-janeiro-1937-398059-publicacaooriginal-1-pl.html>> Acesso em: mar. 2016.

BRASIL. Decreto nº 2.302, de 29 de Janeiro de 1938. Aprova o regulamento para a VII Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados, a realizar-se na capital do Estado de Minas Gerais, em julho do corrente ano. Brasil: **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 11 fev. 1938. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-2302-29-janeiro-1938-345822-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: mar. 2016.

BRASIL. Decreto-lei n. 7.582 de 25 de maio de 1945. Extingue o Departamento de Imprensa e Propaganda e cria o Departamento Nacional de Informações. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=26721>> Acesso em: mar. 2016.

## Periódicos

COLEÇÃO da **Revista Alterosa** (ago.1939 a dez. 1945). Belo Horizonte: Sociedade Editora Alterosa. Disponível em: <<http://issuu.com/apcbh/docs/c.15-x-041/1?e=0>> Acesso em: Fev. 2015

COLEÇÃO do Jornal **Folha de Minas** (set. 1936 a 1945). Belo Horizonte: Sociedade Anônima Folha de Minas (set. 1936 a 1945).

COLEÇÃO do Jornal Oficial **Minas Gerais** (set.1936 a 1945). Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais.

REVISTA **Bello Horizonte** (Números diversos). Disponível em: <<http://issuu.com/apcbh/docs/c.15-x-026/1?e=0>> Acesso em: Fev. 2015

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. A indústria cultural. In.: Cohn, Gabriel (Org.) **Comunicação e indústria cultural**. 2 ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1975.

ALBIN, Ricardo Cravo. Hekel Tavares. In: ALBIN, Ricardo Cravo. **Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira**. Disponível em: <<http://www.dicionariompb.com.br/hekel-tavares>> Acesso em: fev. 2016.

ALBIN, Ricardo Cravo. Waldemar Henrique. In: ALBIN, Ricardo Cravo. **Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira**. Disponível em: <<http://www.dicionariompb.com.br/waldemar-henrique/biografia>> Acesso em: fev. 2016.

ALCIDES, Jota. **PRA-8: o Rádio no Brasil**. Brasília: Fatorama, 1997.

ALVES, Bruno Geraldo. **O ideário de modernização e o projeto para ensino agrícola em Minas Gerais: de Fazenda-Escola a Escola Média de Agricultura de Florestal (1939-1955)**. Dissertação (Mestrado), 159f. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

AMARAL, Deivison Gonçalves. **Confederação Católica do Trabalho: práticas discursivas e orientação católica para o trabalho em Belo Horizonte (1919-1930)**. Dissertação (Mestrado) 136f. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

ANDRADE, Rodrigo Vivas. **Análise da produção do pintor Aníbal Matos em Belo Horizonte - 1917-1944**. Encontro de História da Arte, III, IFCH/Unicamp, 2007, p. 66-75.

ARANTES, Adlene Silva. **Processos de racialização nas escolas primárias pernambucanas (1911-1945)**. Tese (doutorado). 256f. Programa de pós-graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. **Estrutura e Dinâmica da Organização Político Administrativa de Minas Gerais**. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO: Belo Horizonte, Vol. 2, [s/d], s/ p.

ASSOCIATED PRESS. **About Us**. Disponível em: <<http://www.ap.org/company/about-us>> Acesso em: ago. 2015

AZEVEDO, Fernando de. A renovação e a unificação do sistema educativo. In.: AZEVEDO, Fernando de. **A Cultura Brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 1943, p.391-426.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: Leach, Edmund ET all. **Anthropos-homem**. Lisboa, imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BARBOSA FILHO. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. 2. Ed. São Paulo: Paulinas, 2009 (Coleção comunicação-estudos).



BENJAMIN, Walter. **A hora das crianças:** narrativas radiofônicas de Walter Benjamin. Trad. Aldo Medeiros. 1 ed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2015.

BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In.: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma História Cultural.** Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 348-363.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar:** a aventura da modernidade. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A, 1989 (Memória e Sociedade).

BICCAS, Maurilane de Souza. **O impresso como estratégia de formação:** Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1940). Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

BOMENY, Helena Maria Bousquet. A estratégia da conciliação: Minas Gerais e a abertura política dos anos 30. IN.: GOMES, Ângela de Castro (Coord.). **Regionalismo e centralização política:** partidos e constituinte nos Anos 30. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Brasil século 20), p. 133-235.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira.** 2 ed. São Paulo, 1975.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet.** Tradução Maria Carmelita Pádua Dias; revisão técnica Paulo Vaz. — 2.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, 343p. Disponível em: <[http://search.4shared.com/postDownload/9zY6S2XF/uma\\_historia\\_social\\_da\\_midia.html](http://search.4shared.com/postDownload/9zY6S2XF/uma_historia_social_da_midia.html)> Acesso em: Jun./2013.

CADEIRAS. **Academia Mineira de Letras.** Disponível em: <<http://academiamineiradeletras.org.br/cadeiras/>> Acesso em: fev. 2016

CALABRE, Lia. **A Era do Rádio.** 2ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004 (ebook)

CAMPELO, Wanir. História sonora de uma cidade: Belo cenário para um novo horizonte radiofônico. In: PRATA, Nair. **O rádio entre as montanhas:** histórias, teorias e afetos da radiofonia mineira. Belo Horizonte: Fundac, 2010, p.219-234.

CAMPELO, Wanir. Hora do Fazendeiro: Porque Minas, há 70 anos, se rende ao som verde que ecoa pelos campos quando cai a tarde. **Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, IV,** 30 mai. a 02 jun. 2006, São Luiz, Maranhão. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/4o-encontro-2006-1>>. Acesso em: fev. 2016.

CAPELATO, Maria Helena R. **Multidões em cena:** propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas: Papyrus, 1998.

CAPELATO, Maria Helena R. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In.: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). **O Brasil Republicano:** o tempo do

liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930. 2. ed. v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 110 - 142.

CAPELATO, Maria Helena R.; DUTRA, Eliana Regina Freitas. Representação Política. O reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira. In.: MALERBA, Jurandir; CARDOSO, Ciro Flamarion. **Representações**: contribuição a um debate transdisciplinar. São Paulo: Papirus, 2000, p. 227-267.

CARONE, Edgard. **A terceira República (1937-1945)**. São Paulo - Rio de Janeiro: Difel, 1976a.

CARONE, Edgard. **O Estado Novo (1937-1945)**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Difel, 1976b (Corpo e alma do Brasil).

CARVALHO, José Murillo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, Maria da Conceição. **Cordialmente, Eduardo Frieiro**: fragmentos autobiográficos. Tese (Doutorado) 366f. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Molde Nacional e fôrma cívica**: higiene moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). São Paulo: EDUSF, 1998.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. O Manifesto e a Liga Internacional pela Educação Nova. In.: XAVIER, Maria do Carmo. **Manifesto dos Pioneiros da Educação**: um legado educacional em debate. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 147-181.

CASTRO, Celso. In corpore sano- os militares e a introdução da educação física no Brasil, **Antropolítica**, Niterói, n.2, p.61-78, 1º sem 1997.

CAVALCANTI, Lauro. Modernistas, arquitetura e patrimônio. In.: PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 179- 189.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Trad. Maria Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A beleza do morto**. In.: CERTEAU, Michel de. A cultura no plural. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1995 (Coleção Travessia do século)

CHACON, Vamireh. A genealogia do nacional-desenvolvimentismo brasileiro: João Pinheiro, Vargas, JK e Israel Pinheiro. In.: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Minas e os fundamentos do Brasil moderno**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p.193-215.

CHACHAN, Vera. A memória urbana entre o panorama e as ruínas: a rua da Bahia e o Bar do Ponto na Belo Horizonte dos anos 30 e 40. In.: DUTRA, Eliana Regina de Freitas (Org.). **BH Horizontes históricos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1996, p.183-237.

CONTIER, Arnaldo Daraya. O nacional na música erudita brasileira: Mário de Andrade e a questão da identidade cultural, **Fenix- Revista de História e Estudos Culturais**, Ano I, v. 1, n.1, out- dez.2004, p. 1-21

CONTIER, Arnaldo Daraya. Modernismos e brasilidade: música, utopia e tradição. In.: NOVAES, Adauto (Org.). **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p. 259-287.

COSTA, Patrícia Coelho da. **Educadores do rádio: concepção, realização e recepção de programas educacionais radiofônicos- 1935-1950**. 280f. (Tese). Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2012.

COSTA, Patrícia Coelho da. PIONEIROS DA RÁDIOEDUCAÇÃO: os intelectuais e a implementação da radiofonia educativa no Brasil (1920-1930). **Congresso Brasileiro de História da Educação, VII**, 20 a 23 mai.2013, Cuiabá-MT

CURY, Carlos R. Jamil. **Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais**. 4ed. São Paulo: Cortez- Autores Associados, 1988 (Coleção Educação Contemporânea).

DÁVILA, Jerry. **Diploma de Brancura: Política social e racial no Brasil - 1917-1945**. Trad. Cláudia Sant'Ana Martins. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

DÂNGELO, Newton. **Escolas sem professores: o rádio educativo nas décadas de 1920/40**. Mestrado. PUC-SP, São Paulo, 1994.

DÂNGELO, Newton. Ouvindo o Brasil: Ensino de História pelo Rádio nas décadas de 1920 a 1940. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 18, n.36, p. 15-26, 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01881998000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000200009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: Jul. 2014.

DÂNGELO, Newton. **Cidade, nação e cultura popular nas ondas do rádio: Uberlândia-MG - Décadas de 1930-1960**. Tempos Históricos (EDUNIOESTE), EDUNOESTE, v. 02, n.1, p. 67-91, 2000.

DÂNGELO, Newton. **Vozes da cidade: rádio e cultura popular urbana em Uberlândia-MG - 1939-1970**. 1. ed. Uberlândia: EDUFU, v. 01, 2012.

DOLABELA, Marcelo. Cronologia e discografia da MPB em Belo Horizonte, **Varia História**, Belo Horizonte, nº 18, Set. 1997, p.375-412

DUARTE, Regina Horta. Em todos os lares, o conforto moral da ciência e da arte": a Revista Nacional de Educação e a divulgação científica no Brasil (1932-34). **História, Ciência, Saúde- Manguinhos**, 2004, vol.11, n.1, pp. 33-56. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hesm/v11n1/02.pdf>> Acesso em: abr. 2013

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. **Caminhos operários nas Minas Gerais: um estudo das práticas operárias em Juiz de Fora e Belo Horizonte na Primeira República.** São Paulo: Hucitec/Editora UFMG, 1988.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas Dutra. Inconfidência Mineira: memória e contra-memória, **Varia História**, Belo Horizonte: Departamento de História/UFMG, n.12, dez.1993, p. 66-79.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas (Org.). **BH Horizontes históricos.** Belo Horizonte: C/Arte, 1996.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. **O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 1930.** 2. Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **República, trabalho e educação: a experiência do Instituto João Pinheiro 1909-1934.** Dissertação (Mestrado), 254 f. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 1991.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil, **Revista Brasileira de Educação**, n.14, mai./ago. 2000, p. 19-34.

FERREIRA, Maria Liege Freitas. **A construção do Eldorado Amazônico no Governo Vargas: a representação através da imagem (1940-1945).** Tese (Doutorado), 260 f. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2011.

FÍGOLE, Leonardo H. Genaro; NORONHA, Ronaldo; GUIMARÃES, João Ivo Duarte. A invenção das artes plásticas em Belo Horizonte. **Teoria e Sociedade**, número especial: Antropologia e Arqueologia hoje, 2014, p. 74-97.

FRÉSCA, Camila Ventura. Música e política em *Tiradentes*, ópera de Manoel Joaquim de Macedo (1845-1925). **Anais...** Simpósio Brasileiro de pós-graduandos em Música, III, 2014. Disponível em:  
<<http://www.seer.unirio.br/index.php/simpom/article/viewFile/4664/4164>> Acesso em: nov. 2015

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **Da infâmia ao altar da pátria: Memória e Representações da Inconfidência Mineira e de Tiradentes.** 355 f. Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **História e Ensino de História.** 3 ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2011.

FONSECA, Henrique Oliveira. **Em defesa da ruralização do ensino: Sud Menucci e o debate político e educacional entre 1920 e 1930.** Dissertação (Mestrado), 159f. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2014, Belo Horizonte.

FRAGO, Antonio Vinão. Historia de la educación y historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones, **Revista Brasileira de Educação**, n.0, set-dez 1995, p. 63-82.

FREYRE, Gilberto. O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro. In.: FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48ª ed. rev. São Paulo: Global, 2003, p. 366- 497.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS/CPDOC. Departamento de Imprensa e Propaganda. In: CPDOC. **A Era Vargas: Diretrizes do Estado Novo (37-45)**. Rio de Janeiro: CPDOC, 1997. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/apresentacao>>. Acesso em ago. 2015. (dossiê)

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS/CPDOC. Hora do Brasil. In: CPDOC. **A Era Vargas: Diretrizes do Estado Novo (37-45)**. Rio de Janeiro: CPDOC, 1997. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/HoraDoBrasil>> Acesso em: Mar. 2016.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS/CPDOC. Verbete. **Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)**. Rio de Janeiro: CPDOC, (s/d). Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>> Acesso em: Julho de 2013.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS/CPDOC. Política de Boa Vizinhança. In.: CPDOC. **A era Vargas: dos anos 20 a 1945: Anos de Incerteza (1930-1937)**. Rio de Janeiro: CPDOC, (s/d). Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/RelacoesInternacionais/BoaVizinhanca>> Acesso em: fev. 2016

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Amansando meninos: uma leitura do cotidiano da escola a partir da obra de José Lins do Rego (1890-1920)**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1998.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Ler/ouvir folhetos de cordel em Pernambuco (1930-1950)**. Tese (Doutorado), 537f. Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2000.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. A cultura popular como objeto de estudo: da “beleza do morto” à compreensão de sujeitos e práticas culturais. In.: XAVIER, Libânia Nacif, [et al]. **Escola, culturas e saberes**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Oralidade, memória e narrativa: elementos para a construção de uma história da cultura escrita. In: GALVÃO, Ana Maria de Oliveira et al (Orgs.). **História da Cultura Escrita: séculos XIX e XX**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2007, p.9-46

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. História das culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa. In: CARVALHO, Gilcinei Teodoro; MARINHO, Marildes (Org.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 218-248.

GILIOLI, Renato de Sousa Porto. **Educação e cultura no rádio brasileiro: concepções de radioescola em Roquette-Pinto**. 409 f. (Tese). Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GODOY, Marcelo Magalhães. O gosto amargo do açúcar das Minas, **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Ano XVII, n. 1, jan-jun. 2011, p. 114-140.

GOMES, Ângela M. de Castro. **A invenção do trabalhismo**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos tribunais; Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1988.

GOMES, Ângela M. de Castro (Org.). **Capanema: o ministro e seu ministério**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

GOMES, Ângela M. de Castro (Org.). **Olhando para dentro- 1930- 1964**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, v. 4, 2013. (História do Brasil nação: 1808-2010).

GOMES, Ângela de Castro; ABREU, Martha. **A nova “Velha” República: um pouco de história e historiografia**. Apresentação: Dossiê

GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Minas e os fundamentos do Brasil moderno**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

GUIMARÃES, Rosângela de Mendonça. Relatório de Pesquisa. **RÁDIO INCONFIDÊNCIA**, Belo Horizonte, 2006/2007

GUIMARÃES, Rosângela de Mendonça. Um compromisso de origem: Minas cada vez mais mineira. In.: **O gigante do ar: a história da Rádio Inconfidência** narrada por Ricardo Parreiras e convidados/apresentado por Eliane Parreiras. Belo Horizonte: Rádio Inconfidência, 2014, p. 29-43.

HÁ 30 anos, Belo Horizonte perdia o tradicional Cine Metrôpole. Disponível em: <http://www. hojeemdia.com.br/almanaque/ha-30-anos-belo-horizonte-perdia-o-tradicional-cine-1.122515>> Acesso em: Ago.2015

HADDAD, Maria de Lourdes Amaral. **Faculdade de Filosofia de Minas Gerais: raízes da idéia da universidade na UMG**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 1988.

HASENBALG, Carlos. Estatísticas do Século XX: Educação. In.: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE/ Centro de Documentação e Disseminação de Informações. **Estatísticas do Século XX**. Rio de Janeiro: IBGE, 2006. Disponível em: <<http://seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/seculoxx.pdf>> Acesso em: Ago. 2015

HARDMAN, Francisco Foot. Antigos Modernistas. In.: NOVAES, Adauto (Org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal da Cultura, 1992, p. 289

HAUSSEN, Dóris Fagundes. **Rádio e política: tempos de Vargas e Perón.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

HOCHMAN, Gilberto; FONSECA, Cristina M. O. O que há de Novo? Políticas de Saúde Pública e Previdência, 1937-54. In.:PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo.** Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 73- 93.

HORTA, José Silvério Baia. **O Hino, o sermão e a ordem do dia: regime autoritário e a educação no Brasil.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: A invenção das tradições. HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 9-23.

HOBSBAWM, Eric J. **Nações e nacionalismos desde 1780.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

JAMBEIRO, Othon, et all. **Tempos de Vargas: o rádio e o controle da informação.** Salvador: EDUFBA, 2004.

JEANNENEY, Jean- Noel. A mídia. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política.** Trad. Dora Rocha.2. Ed.Rio De Janeiro: FGV Editora, 2003, p. 213-230.

JINZENJI, Mônica Yumi; LOPES, Eliane Marta S. Teixeira; ALVES, Paulo Henrique P.C.R. Práticas culturais educativas na constituição do cenário musical no Brasil: as partituras em revistas, **Horizontes**, v.32, n.2, p. 07-18, jul-dez. 2014.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico.** 14ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LE GOFF, Jackes. **História e Memória.** Trad. Bernardo Leitão, et al. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2003.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política.** Campinas: Papyrus, 1986.

LIMA, Magali Alonso de. **O corpo no espaço e no tempo: a Educação Física no Estado Novo (1937-1945).** Dissertação, 166f. (Mestrado), Instituto de Estudos Avançados em Educação da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1980.

LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da Primeira República. In.: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs.). **Raça, Ciência e Sociedade.** Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996, p. 23-40

LIMA, Nísia Trindade e SÁ, Dominich Miranda de (orgs.). **Antropologia brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto.** Belo Horizonte/Rio de Janeiro, Editora da UFMG/Editora Fiocruz, 2008.

LINHALES, Meily Assbú; SILVA, Pedrita Gonçalves. O inquérito sobre o problema da “Educação Physica” no Brasil: circulação de idéias e modelos educacionais na Associação

Brasileira de Educação (1929). **Anais...** Congresso Brasileiro de História da Educação, V, Aracaju, 2008, 11p.

LINHALES, Meily Assbu. Militares e educadores na Associação Brasileira de Educação: circulação de interesses em torno de um projeto para a educação física nacional (1933-1935). **Educar em Revista**, v. 33, p. 75-91, 2009.

LINHARES, Joaquim Nabuco. **Itinerário da Imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954**. Estudo crítico e nota biográfica de Maria Céres Pimenta S. Castro. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995 (Coleção Centenário).

LUCA, Tania Regina. Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-153.

MACEDO, Kárita Bernardo de. A noção de “superioridade” estadunidense na Política da Boa Vizinhança, **Revista Neiba- Cadernos Argentina-Brasil**, v. 2, n. 1, nov. 2013, p. 27-38.

MANIFESTO dos Pioneiros da Educação Nova. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb07a.htm>> Acesso em: Jun./2013.

MANN, Thomas. **Ouvintes alemães! Discursos contra Hitler (1940-1945)**. Trad. Antônio Carlos dos Santos e Renato Zwick. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MARCONDES, Marcos Antonio (Org.). **Enciclopédia da música brasileira: erudita, folclórica e popular**. 2 ed., rev. Ampl. – São Paulo: Art Editora, 1998.

MARCONDES, Marcos Antonio (Org.). Verbete. Radio. **Enciclopédia da música brasileira: erudita, folclórica e popular**. 2 ed., rev. Ampl. – São Paulo: Art Editora, 1998. p. 660

MARTINS, Fábio. **Senhores ouvintes, no ar... a cidade e o rádio**. Belo Horizonte: C/Arte, 1999.

MARTINS, João Carlos; COSTA, José Eduardo. **Uma paixão chamada Itatiaia: 50 anos de história**. Belo Horizonte: Radio Itatiaia, 2002.

MARTINS, Kao; MARTINS, Sebastião. **O engenheiro da utopia: Israel Pinheiro e seu tempo**. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 1992.

MENDONÇA, Sônia Regina. **O ruralismo brasileiro (1888-1931)**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

NASCIMENTO, Adalson Oliveira. Movimento escoteiro e cultura política nacionalista no Brasil na primeira metade do século XX. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.). **Culturas políticas na História: Novos Estudos**. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009, p. 39-58.



MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.). **Culturas políticas na História: Novos Estudos**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009, p. 13-37.

MOURA, Ângela de. A pioneira se despede: os últimos passos da Rádio Mineira. In: PRATA, Nair. **O rádio entre as montanhas: histórias, teorias e afetos da radiofonia mineira**. Belo Horizonte: Fundac, 2010, p. 11-19.

MUNAIER, Felipe Carneiro. **As transformações na cidade de Belo Horizonte e a perda dos lugares: A Feira Permanente de Amostras (1936-1964)**. 2014. 101 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura, Belo Horizonte, 2014.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 7-28.

NORONHA, Lina Maria Ribeiro de. **O canto orfeônico e a construção do conceito de identidade nacional**. ArtCultura, Uberlândia, v.13, n.13, p.85-94, jul.-dez. 2011.

NORONHA, Lina Maria Ribeiro de. **Darius Milhaud: O nacionalismo francês e a conexão com o Brasil**. Tese (Doutorado) 163 f. Programa de Pós-Graduação em Música, do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2012.

NUNES, Clarice. Walter Benjamin: Os limites da razão. In.: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.). **Pensadores sociais e História da Educação**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2005, p. 87-98.

O GIGANTE DO AR: a história da Rádio Inconfidência narrada por Ricardo Parreiras e convidados/apresentado por Eliane Parreiras. Belo Horizonte: Rádio Inconfidência, 2014.

OLIVEIRA, Flávio Couto e Silva de. **O canto civilizador: música como disciplina escolar nos ensinos primário e normal de Minas Gerais, durante as primeiras décadas do século XX**. Tese (Doutorado) 227f. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2004.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela M. de Castro. **Estado Novo: ideologia e poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **Informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.

OS ANOS 1940: uma moderna metrópole no Horizonte. Disponível em: <<http://curraldelrei.blogspot.com.br/2010/11/os-anos-1940-uma-moderna-metropole-no.html>> Acesso em: Ago.2015.

PANORAMA de Belo Horizonte: atlas histórico. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1997 (Coleção Centenário)

PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

PAZ, Ermelinda A. **Heitor Villa-Lobos- O educador**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, Prêmio Grandes Educadores Brasileiros- Monografias Premiadas, 1989.

PRATA, Nair. Panorama do rádio em Belo Horizonte. In: PRATA, Nair. **O rádio entre as montanhas: histórias, teorias e afetos da radiofonia mineira**. Belo Horizonte: Fundac, 2010, p. 129- 153.

PEIXOTO, Ana Maria Casasanta. **Educação e Estado Novo em Minas Gerais**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

PEREIRA, Júnia Sales. **A escultura da raça: juventude e eugenia no Estado Novo**. Dissertação (mestrado), 239 f. Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

PEREIRA, Camila Amaral; COSENTINO, Daniel do Val. A industrialização de Minas Gerais (1933-1945): Será o Benedito Valadares? **Seminário sobre a economia mineira, XVI**, Repensando o Brasil, 15 a 20 set. 2014, Diamantina-MG. Disponível em: <<http://diamantina.cedeplar.ufmg.br/2014/site/trabalho/18/a-industrializacao-de-minas-gerais-1933-1945-sera-o-benedito-valadares>> Acesso em: mar. 2016

PINTO, Felipe Menezes. **O vermelho e o negro: intolerância, construção da identidade nacional e práticas Educativas durante o Estado Novo (1937-1945)**. Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

RESENDE, Maria Efigênia Lage de. **Formação da estrutura de dominação em Minas Gerais : o novo PRM (1889-1906)**. Belo Horizonte: UFMG, 1982.

SALLES, Vicente. O centenário de Waldemar Henrique, **Brasiliana- Academia Brasileira de Música**, mai.2005, p.10-16. Disponível em: <[http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/302606/mod\\_resource/content/1/T%C3%A9dio%20de%20Alvorada%20e%20Uirapuru%20%28Brasiliana%20e%20maio%202005%29.pdf](http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/302606/mod_resource/content/1/T%C3%A9dio%20de%20Alvorada%20e%20Uirapuru%20%28Brasiliana%20e%20maio%202005%29.pdf)> Acesso em: fev.2016.

SALVADORI, Maria Ângela Borges. Repercussões satíricas dos processos de escolarização do social nas ondas do rádio (1930-1940), **Pro-Posições**, v. 23, n.3 (69), p. 195-212, set-dez. 2012.

SALVADORI, Maria Ângela Borges. Sonoras cenas escolares: histórias sobre educação, rádio e humor, **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas/SP, n.24, p. 167-191, set-dez 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1879-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (Coord.). **A abertura para o mundo- 1889-1930**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, v. 3, 2012. (História do Brasil nação: 1808-2010).

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena M. Bousquet; COSTA, Vanda M. Ribeiro. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In.: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da vida privada no Brasil: da Belle époque à era do rádio**. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 513-619.

SEGANTINI, Verona Campos. **Fundando sensibilidades, educando os sentidos: dos sujeitos na cidade: Belo Horizonte, uma capital no ano de 1900**. Dissertação (Mestrado) 230f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social-Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SILVA, Giovane José da. **O batismo de Clio: catolicismo, ensino de História e novas mídias em Jonathas Serrano (1908-1944)**. Tese (Doutorado), 346f. Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2015.

SOUZA, Rosa Fátima de. Inovação educacional no século XIX: a construção do currículo na escola primária no Brasil, **Cadernos Cedes**, ano XX, n. 51, nov. 2000 p. 9-28

TABELA dos valores nominais do salário mínimo - período - 1940 a 1999. Disponível em: <[http://www.guiatrabalhista.com.br/guia/salario\\_minimo\\_1940a1999.htm](http://www.guiatrabalhista.com.br/guia/salario_minimo_1940a1999.htm)> Acesso em fev. 2016.

TEIXEIRA, Aleluia Heringer Lisboa. **Uma escola sem muros: Colégio Estadual de Minas Gerais (1956-1964)**. Tese (Doutorado) 225f. Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, 2011.

VAZ, Aline Choucair. **A escola em tempos de festa: poder, cultura e práticas educativas no Estado Novo (1937-1945)**. Dissertação (Mestrado) 131 f. Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, 2006.

VAZ, Aline Choucair. As festividades cívicas nas escolas mineiras e o 1º de maio (1930-1954), Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas, IV, **Anais...** “História, Sociedade e Educação no Brasil”, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 31 jul. a 03 ago. 2012.

VELLOSO, Monica Pimenta. A Literatura como Espelho da Nação, **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, 1988, p.239-263.

VELLOSO, Monica Pimenta. A brasilidade verde-amarela:nacionalismo e regionalismo paulista, **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.6, n.11, 1993, p.89-112.

VERIANO, Carlos Evangelista. **Belo Horizonte: cidade e política (1897-1920)**. Dissertação (Mestrado), 230f. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2001.

VIDAL, Diana Gonçalves; COSTA, Patrícia Coelho da. Entre a oralidade e a escritura: uma análise sobre as fontes que nos possibilitam estudos sobre o rádio nas décadas de 1930 e 1940, **Cadernos de Pesquisa em Educação PPGE-UFES**, Vitória, v.17, n.33 jan./jun. 2011, p. 227-247.

ZAGNI, Rodrigo Medina. O cinema Hollywoodiano e a Construção de uma Identidade Americana para a política da Boa Vizinhança, **Cadernos PROLAM/USP**, ano 8, v. 1, 2008, p.67-91.

# APÊNDICES



Programação Semanal- Julho 1937							
Hora	Domingo	Segunda-Feira	Terça-Feira	Quarta-Feira	Quinta-Feira	Sexta-Feira	Sábado
07:30-8:00	Discos	Discos	Discos	Discos	Discos	Discos	Discos
08:00-8:45	Jornal Falado						
08:45-9:00	...	Hora Educativa	Hora Educativa	Hora Educativa	Hora Educativa	Hora Educativa	Hora Educativa
09:00-09:15							
09:15-09:30	...	Jornal Falado com noticiário social e religioso	Jornal Falado com noticiário social e religioso	Jornal Falado com noticiário social e religioso	Jornal Falado e discos selecionados	Jornal Falado e discos selecionados	Jornal Falado e discos selecionados
11:00-11:45	Programa especial do Monte de Socorro da Caixa Econômica <sup>239</sup>	Jornal Falado <sup>240</sup>	Jornal Falado	Jornal Falado	Jornal Falado	Jornal Falado	Jornal Falado
11:45-12:15	Discos	Discos Selecionados	Discos Selecionados	Discos Selecionados	Discos Selecionados	Discos Selecionados	Discos Selecionados
12:15-13:00	Homilia						

<sup>239</sup> No dia 20 de junho a Rádio Inconfidência começou as irradiações às 11:00h fazendo irradiações das ocorrências políticas, eleições de 1937 e à noite um programa especial de estúdio. Conf. Minas Gerais dessa data.

<sup>240</sup> Jornal falado com uma crônica literária e noticiário completo da capital, do interior do estado, de outras partes do país e do exterior

13:00-14:00	Hora Pilot						
17:00-17:30	Escola de Rádio	Discos	Hora Infantil	Discos	Hora infantil	Discos	Hora infantil
17:30-18:00			Discos		Discos		
18:00-18:15	Angelus		Angelus				
18:15-18:45	Hora do Fazendeiro	Hora do Fazendeiro	Hora do Fazendeiro	Hora do Fazendeiro	Hora do Fazendeiro	Hora do Fazendeiro	Hora do Fazendeiro
18:45-19:30	Discos	Retransmissão da Hora do Brasil	Retransmissão da Hora do Brasil	Retransmissão da Hora do Brasil	Retransmissão da Hora do Brasil	Retransmissão da Hora do Brasil	Retransmissão da Hora do Brasil
19:30-19:45		Música*	Música	Música	Música	Música	Música
19:45-20:00		Música	Música	Música		Música	Música
20:00-20:30	Jornal Falado com noticiário completo	Jornal Falado intercalando música	Jornal Falado intercalando música	Jornal Falado intercalando música	Jornal Falado intercalando música	Jornal Falado intercalando música	Jornal Falado intercalando música
20:30-20:45	Programa especial com músicas para dançar, simultaneamente com gravações e o jazz do restaurante da Feira de Amostras, atuando	Música	Música	Música	Música	Música	Música
20:45-21:00		Música	Música	Música	Música	Música	Música
21:00-21:15		Música	Compadre Belarmino	Música	Compadre Belarmino	Música	Compadre Belarmino
21:15-21:30 <sup>241</sup>		Música		Música		Música	

<sup>241</sup> Em 23 de julho foi inaugurada uma agência da Rádio Inconfidência no Rio de Janeiro. A partir do dia 25 de julho, há transmissão desta agência no horário de 21h às 21h30min aos domingos, quintas e sábados.



<b>21:30-21:45</b>	artistas da PRI-3	Música	Música	Música	Música	Música	Música
<b>21:45-22:00</b>		Música	Música	Música	Música	Música	Música
<b>22:00-23:00</b>		Hora de Higiene e Saúde Pública	Discos selecionados com noticiário intercalado	Hora Italiana	Discos selecionados com noticiário intercalado	Discos selecionados com noticiário intercalado	Discos selecionados com noticiário intercalado
<b>23:00</b>		Encerramento	Encerramento	Encerramento	Encerramento	Encerramento	Encerramento

### Programação Semanal- Maio 1938

Hora	Domingo	Segunda-Feira	Terça-Feira	Quarta-Feira	Quinta-Feira	Sexta-Feira	Sábado				
07:00-07:15	Aula de Ginástica <sup>242</sup>	Discos	Aula de Ginástica	Aula de Ginástica	Aula de Ginástica	Aula de Ginástica	Aula de Ginástica				
07:15-07:30			Aula de Ginástica	Aula de Ginástica	Aula de Ginástica	Aula de Ginástica	Aula de Ginástica				
07:30-8:45	Discos		Discos/Hora Educativa <sup>243</sup>	Discos/Hora Educativa	Discos/Hora Educativa	Discos/Hora Educativa	Discos/Hora Educativa				
08:45-9:00	Hora Italiana <sup>244</sup>							Discos/Hora Educativa	Discos/Hora Educativa	Discos/Hora Educativa	Discos/Hora Educativa
09:00-09:15											
09:15-09:30	Jornal Falado com noticiário social e religioso		Jornal Falado com noticiário social e religioso	Jornal Falado com noticiário social e religioso	Jornal Falado com noticiário social e religioso	Jornal Falado com noticiário social e religioso	Jornal Falado com noticiário social e religioso				
11:00-11:45	Jornal Falado <sup>245</sup>	Jornal Falado	Jornal Falado	Jornal Falado	Jornal Falado	Jornal Falado	Jornal Falado				

<sup>242</sup> Consta irradiação de Hino Nacional entoado por escoteiros e acompanhado por um conjunto Força Pública. Saudação à Bandeira e discos em seguida na programação de 01 maio, no horário de 07h às 08h45min.

<sup>243</sup> O programa *Hora educativa* aparece na programação a partir de 17 de maio, no horário de 08h30min às 09h.

<sup>244</sup> Não consta irradiação da *Hora italiana* em 22 de maio.

<sup>245</sup> Jornal falado com a transmissão de uma crônica literária e noticiário completo da capital, do interior do estado e de outros pontos do país e do mundo.

<b>11:45–14:00</b>	Discos Selecionados/Hora do Operário <sup>246</sup>	Discos Seleccionados	Discos Seleccionados	Discos Seleccionados	Discos Seleccionados	Discos Seleccionados	Discos Seleccionados
<b>17:00-17:15</b>	Discos	Discos	Discos	Discos	Discos	Escola de Rádio	Discos
<b>17:15-17:30</b>			Hora Infantil		Hora Infantil		Hora Infantil
<b>17:30-17:45</b>							
<b>17:45-18:00</b>							
<b>18:00-18:15</b>	Angelus	Aula de Religião	Comentários sobre assuntos fiscais	Angelus	Comentários sobre assuntos fiscais	Discos	Comentários sobre assuntos fiscais
<b>18:15-18:30</b>	Hora do Fazendeiro	Hora do Fazendeiro	Hora do Fazendeiro	Hora do Fazendeiro	Hora do Fazendeiro	Hora do Fazendeiro	Hora do Fazendeiro
<b>18:30-18:45</b>							
<b>18:45-19:00</b>	Hora do Universitário	Hora de higiene e saúde pública	Hora de higiene e saúde pública	Hora de higiene e saúde pública	Hora de higiene e saúde pública	Hora de higiene e saúde pública	Hora de higiene e saúde pública
<b>19:00-19:15</b>	Discos intercalando noticiário esportivo	Noticiário esportivo intercalando música	Noticiário esportivo intercalando música	Noticiário esportivo intercalando música	Noticiário esportivo intercalando música	Noticiário esportivo intercalando música	Noticiário esportivo intercalando música
<b>19:15-19:30</b>	Jornal Falado	Jornal Falado	Jornal Falado	Jornal Falado	Jornal Falado	Jornal Falado	Jornal Falado
<b>19:30-19:45</b>							

<sup>246</sup> Consta irradiação discos e em seguida transmissão da sessão magna realizada pelos operários no estádio “Benedito Valadares” na programação de 01 maio no horário de 14:30h. O programa “Hora do Operário” consta na programação do domingo 22 de maio, no horário de 12h15min às 14h sendo que seria transmitido “discos selecionados” em seguida.

19:45-20:00	Hora da Exposição Nacional	Hora da Exposição Nacional	Hora da Exposição Nacional <sup>247</sup>	Hora da Exposição Nacional	Hora da Exposição Nacional	Hora da Exposição Nacional	Hora da Exposição Nacional
20:00-20:30	Hora de Ritmos do Brasil	Retransmissão da Hora do Brasil	Retransmissão da Hora do Brasil	Retransmissão Hora do Brasil	Retransmissão Hora do Brasil	Retransmissão Hora do Brasil	Retransmissão Hora do Brasil
20:30-21:00	Programa especial com músicas para dançar, simultaneamente com gravações e o jazz do restaurante da Feira de Amostras, atuando artistas da PRL-3 <sup>248</sup>	Música	Música <sup>249</sup>	Música	Música	Música	Música
21:00-21:15			Música	Música	Música	Música	Música
21:15-21:30		Meia hora com compadre Belarmino	Música	Meia hora com compadre Belarmino	Hora de Ritmos do Brasil <sup>250</sup>	Meia hora com compadre Belarmino	Música
21:30-21:45			Música				
21:45-22:00		Música	Música	Música	Música	Música	Música

<sup>247</sup> O programa “Hora da Exposição Nacional”, consta na programação a partir de 03 maio, no horário de 19h45min às 20h.

<sup>248</sup> Transmissão das homenagens que a classe operária de Minas Gerais prestaria na Praça da Liberdade, ao Presidente da República, ao Governador do Estado, ao Ministro do Trabalho. Em seguida, Jornal Falado, com noticiário completo, prosseguindo-se com o programa normal do dia.

<sup>249</sup> Consta irradiação de programa especial de estúdio em 31 de maio diretamente de Juiz de Fora, no horário de 21h às 23h.

<sup>250</sup> Em 12 de maio o programa foi sobre a raça negra. Conferir programação de 19 de maio para esse horário.

22:00-22:15		Música	Música	Música	Música	Música	Fatos Históricos do dia
22:15-22:30		Música	Música	Música	Música	Música	Música
22:30-22:45		Música americana	Hora de cultura musical <sup>251</sup>	Seleção de operetas <sup>252</sup>	Seleção de fox-blue <sup>253</sup>	Hora de Cultura Musical <sup>254</sup>	Meia Hora de Música para dançar
22:45-23:00		Solos de violino		Solos de violino <sup>255</sup>	Violino e canções brasileiras <sup>256</sup>		
23:00-23:15		Últimas informações do dia	Últimas informações do dia	Últimas informações do dia	Últimas informações do dia	Últimas informações do dia	Hora do farmacêutico/Últimas informações do dia
23:15-23:30	Encerramento	Últimas informações do dia	Últimas informações do dia	Últimas informações do dia	Últimas informações do dia	Últimas informações do dia	
23:30	...	Encerramento	Encerramento	Encerramento	Encerramento	Encerramento	Encerramento

<sup>251</sup> Em 03 de maio consta irradiação de Mefistófeles – Boito; em de 10 mai. da sinfonia n.4 de Mendelssohn- (sinfonia italiana);

<sup>252</sup> O programa “Seleção de Operetas” consta na programação de 04 de maio no horário de 22:30 às 22:45h. Em 11 de maio foi transmitida “Seleção de Fox-blue” nesse mesmo horário. Em 18 de maio foi transmitida “Música russa”

<sup>253</sup> O programa “Seleção de Fox-blue” consta na programação de 05 de maio no horário de 22h30min às 22h45min. Em 11 de maio foi transmitido “valsas e canções” nesse mesmo horário. Em 26 de maio consta “Seleção de música de filmes”.

<sup>254</sup> Em 06 de maio consta irradiação de Bach, Suite n.3, (em Ré Maior); em 20 de maio foi irradiado Beethoven, Sinfonia n. 4 pos 60 (in B Flat Major)

<sup>255</sup> O programa “Solos de violino” consta na programação do dia 04 de maio no horário de 22:45 às 23:00h (George Boulanger).

<sup>256</sup> O programa “Violino e canções brasileiras” consta na programação do dia 05 de maio no horário de 22:45h às 23:00h. Em 11 de maio foi transmitido “marchas e sambas” nesse mesmo horário.

### Programação Maio 1943

Hora	Domingo	Segunda-Feira	Terça-Feira	Quarta-Feira	Quinta-Feira	Sexta-Feira	Sábado
07:00-07:30	Aula de Ginástica	Discos	Aula de Ginástica	Aula de Ginástica	Aula de Ginástica	Aula de Ginástica	Aula de Ginástica
07:30-08:00	Discos		Discos	Discos	Discos	Discos	Discos
08:00-09:00		Repórter Esso/ Discos	Repórter Esso/ Discos	Repórter Esso/ Discos	Repórter Esso/ Discos	Repórter Esso/ Discos	Repórter Esso/ Discos
09:00-09:15	Jornal Falado com noticiário social e religioso/ Hora do Operário	Jornal Falado com noticiário social e religioso	Jornal Falado com noticiário social e religioso	Jornal Falado com noticiário social e religioso	Jornal Falado com noticiário social e religioso	Jornal Falado com noticiário social e religioso	Jornal Falado com noticiário social e religioso
11:00-12:00	Gravações populares	Discos	Discos	Discos	Discos	Discos	Discos
12:00-12:30	Gravações clássicas			Rádio Teatro <sup>257</sup>			
12:30-13:00							
13:00-13:30	Repórter Esso/Discos	Repórter Esso/Discos	Repórter Esso/Discos	Repórter Esso/Discos	Repórter Esso/Discos	Repórter Esso/Discos	Repórter Esso/ Discos
13:30-14:00	Jornal Falado	Jornal Falado	Jornal Falado	Jornal Falado	Jornal Falado	Jornal Falado	Jornal Falado

<sup>257</sup> Rádio-novela “Ódio”, de Joraci Camargo iniciada em 26 maio de 1943.

<b>17:00-17:30</b>	Discos	Discos	Discos	Discos	Discos	Discos	Discos
<b>17:30-18:00</b>							
<b>18:00-18:10</b>	Angelus	Angelus	Angelus	Angelus	Angelus	Angelus	Angelus
<b>18:10-18:30</b>	Hora do Comércio/Discos	Hora Escolar	Hora Escolar	Hora Escolar	Hora Escolar	Hora Escolar	Hora Escolar
<b>18:30-18:45</b>		Hora do Fazendeiro	Hora do Fazendeiro	Hora do Fazendeiro	Hora do Fazendeiro	Hora do Fazendeiro	Hora do Fazendeiro
<b>18:45-19:00</b>	Hora do Universitário						
<b>19:00-19:15</b>		Repórter Esso/ Hora de Estatística e Informação	Repórter Esso/ Hora de Higiene e Saúde Pública	Repórter Esso/Hora de Estatística e Informação	Repórter Esso/ Hora de Higiene e Saúde Pública	Repórter Esso/Hora de Estatística e Informação	Repórter Esso/ Hora de Higiene e Saúde Pública
<b>19:15-20:00</b>	Jornal Falado com noticiário completo/Notas Esportivas	Jornal Falado com noticiário completo/Notas Esportivas	Jornal Falado com noticiário completo/Notas Esportivas	Jornal Falado com noticiário completo/Notas Esportivas	Jornal Falado com noticiário completo/Notas Esportivas	Jornal Falado com noticiário completo/Notas Esportivas	Jornal Falado com noticiário completo/Notas Esportivas
<b>20:00-21:00</b>	Escola de Rádio	Retransmissão da Hora do Brasil	Retransmissão da Hora do Brasil	Retransmissão da Hora do Brasil	Retransmissão da Hora do Brasil	Retransmissão da Hora do Brasil	Retransmissão da Hora do Brasil
<b>21:00-21:15</b>	Reporter Esso/Discos	Música	Programa da Boa Vizinhança	Programa da Boa Vizinhança	Programa da Boa Vizinhança	Programa da Boa Vizinhança	Programa da Boa Vizinhança
<b>21:15-21:30</b>		Música	Música	Música	Música	Música	Música
<b>21:30-21:45</b>		Música	Música	Música	Música	Música	Música
<b>21:45-22:00</b>		Música	Música	Musica	Música	Música	Música

<b>22:00-22:15</b>		Repórter Esso/ Música/ Nota internacional do dia	Repórter Esso/ Música/ Nota internacional do dia	Repórter Esso/ Música/ Nota internacional do dia	Repórter Esso/ Música/ Nota internacional do dia	Repórter Esso/ Música/ Nota internacional do dia	Repórter Esso/ Música/ Nota internacional do dia
<b>22:15-22:30</b>		Música	Rádio Teatro <sup>258</sup>	Música	Música	Compadre Belarmino	Compadre Belarmino
<b>22:30-22:45</b>		Nos Livros e nos tribunais	Hora H/Vida e obra dos músicos	Páginas lidas e vivas	Caleidoscópio	Páginas lidas e vivas	Cortina Elegante
<b>22:45-23:00</b>	Música Seleccionada						
<b>23:00-23:15</b>	Encerramento	Últimas informações do dia (último Jornal Falado)	Últimas informações do dia (último Jornal Falado)	Últimas informações do dia (último Jornal Falado)	Últimas informações do dia (último Jornal Falado)	Últimas informações do dia (último Jornal Falado)	Últimas informações do dia (último Jornal Falado)
<b>23:15-23:30</b>							
<b>23:30</b>	...	Encerramento	Encerramento	Encerramento	Encerramento	Encerramento	Encerramento

<sup>258</sup> Rádio Teatro “Pássaro aflito”, de autoria de J. Carlos Lisboa, em 25 maio de 1943. J. Carlos Lisboa era diretor do Rádio Teatro da Inconfidência.



# **ANEXOS**

### **Oração à Pátria (Waldemar Tavares Paes)**

CREIO em ti, pátria gloriosa e bendita, nascida aos beijos puros da Cruz, na manhã histórica e predestinada de Abril de 1500, nos alvores primaveris de um céu azul.

CREIO em ti, pátria poderosa e nobre, batizada com o sangue de Cristo nas aras rústicas de Porto Seguro, na unção mística das palavras balbuciadas por Frei Henrique de Coimbra, na consagração da Hóstia alva que brilhou por entre o verde da floresta viçosa e densa.

CREIO em ti pátria imortal dominadora desses céus imensos e dessas cercanias infinitas que as ondas bravias dos mares beijam e acariciam, e as montanhas rendilhadas e azues abraçam, envoltos nas brumas dos seus alcantis e nos novos níveis das cataratas indomáveis que levam aos vales quietos e tranquilos os ruídos das vagas do oceano.

CREIO no heroísmo dos teus filhos, nas epopéias estupendas em que, alçando a cruz e a espada, pelejavam com denodo e fé, na defesa do teu regaço puro e virginal a trescalar o aroma das flores silvestres.

CREIO no martírio dos teus heróis e na indomita intrepidez das tuas heroínas, em cujos corações palpitavam intensos os sentimentos da brasilidade e da fé que os jesuítas acenderam no coração do gentio através da palavra de Nobrega e do exemplo de santidade de Anchieta, que cantou a terra e sublimou a gente, erguendo cidades e edificando templos.

CREIO na tua crucificação no embate das armas batavas e na tua ressurreição gloriosa, quando tuas hostes aguerridas e invencíveis destruíram os redutos daqueles que quiseram macular a tua honra e impor-te uma crença inimiga da nossa raça.

CREIO no maravilhoso episódio das bandeiras, onde, no sonho verde das verdes esmeraldas, Fernão Dias Pais Leme, na frase do poeta, fez “crescer as famílias” e florescer os rincões na nossa terra, onde o ouro corria no encanto das pepitas, povoando a terra, multiplicando as colheitas no estupendo milagre das searas louras e no extase das igrejas, que ainda hoje, assinalam o espírito de fé das gerações que se foram e cuja lembrança ficou perpetuada na pedra tosca que os gênios dos artistas transformaram em poemas épicos de religião e patriotismo.

CREIO na tua lealdade e no civismo dos teus filhos imolados pelo despotismo nas abruptas montanhas de Vila Rica, que foram o Calvário dos Inconfidentes, sonhadores heróicos da nossa emancipação política, e, onde, um dia, as gerações viriam, como as de hoje, abençoar os marcos do martírio nas grandes apoteoses de um Tabor glorioso, abençoando as lágrimas de Bárbara Heliodora e de Marília de Dirceu e perpetuando a efigie do mártir no bronze imperecível e eterno na justa consagração de seu heroísmo.

CREIO no teu amor à liberdade, no teu culto à paz e no teu afeto a Deus, que te conduziu à imortalidade através dos teus sábios, dos teus heróis, dos teus santos e dos vates que te cantaram e te enalteciam no passado e no presente. Bendita sejas tú, pois, pátria gloriosa e imortal, na luz dos teus véus, no canto dos teus pássaros, no marulhar dos teus mares de

esmeralda, no sorriso alvo de tuas praias, no viço de tuas florestas, no esplendor de tua primavera sempre florida e perfumada, nas águas do Amazonas imenso e do S. Francisco, no estrépito das tuas cataratas alvadias, no fragor de Paulo Afonso, nos jactos hercúleos do Iguassú e no pedestal olímpico das tuas montanhas, escaladas para o infinito, e em cujas peanhas graníticas se ergue a figura generosa e bela de Cristo, envolvendo numa benção infinita e eterna a vastidão das terras brasilicas, cujos destinos são os próprios destinos da cruz, símbolo de todas as lutas, de todas as abnegações e de todos os triunfos.

BENDITA, pois, sejas tú, pátria gloriosa, gloriosa terra de Santa Cruz, que foste a grande conquista da fé, do heroísmo e da bravura dos marujos lusitanos! Bendita, pois, para sempre bendita, terra do Brasil, na grandeza dos teus filhos, que hoje te glorificam e bendizem e cantam tuas glórias, confiados na tua predestinação histórica!

BENDITA, terra imortal e gloriosa, cujo símbolo eterno é o Cruzeiro que brilha nos céus da Pátria, e nas dobras do Pavilhão Nacional que osculamos, com fé e orgulho.

**Fonte:** Revista Alterosa, Ano IV, n.29, set. 1942, p. 37.

**Ato de Caridade (Djalma Andrade)**

Que eu faça o bem de tal modo o faça,  
que ninguém saiba quanto me custou.  
-Mãe, espero de ti esta graça:  
que eu seja bom, sem parecer que o sou.

Que o pouco que me dê, me satisfaça  
e, se do mesmo pouco, algum sobrou,  
que eu leve esta migalha onde a desgraça  
inesperadamente penetrou.

Que na minha mesa, a mais, tenha um talher,  
que será, minha Mãe, Senhora Nossa,  
para o pobre faminto que vier.

Que eu transponha tropeços e embaraços:  
- que eu não coma sozinho, o pão que possa  
ser partido por mim, em dois pedaços.

**Fonte:** ANDRADE, Djalma. **Versos escolhidos.** Belo Horizonte: Queiroz Breyner, 1938.

## Ladainha

(Cassiano Ricardo, 1974)

Por se tratar de uma ilha deram-lhe o nome de  
[ilha de Vera Cruz.

Ilha cheia de graça  
Ilha cheia de pássaros  
Ilha cheia de luz.

Ilha verde onde havia  
mulheres morenas e nuas  
anhangás a sonhar com histórias de luas  
e cantos bárbaros de pajés em pocarés  
[batendo os pés.

Depois mudaram-lhe o nome  
pra terra de Santa Cruz  
Terra cheia de graça  
Terra cheia de pássaros  
Terra cheia de luz.

A grande Terra girassol onde havia guerreiros de  
[tanga  
e onças ruivas deitadas à sombra das árvores  
[mosqueadas de sol.

Mas como houvesse, em abundância,  
certa madeira cor de sangue cor de brasa  
e como o fogo da manhã selvagem  
fosse um brasido no carvão noturno da paisagem,  
e como a terra fosse de árvores vermelhas  
e se houvesse mostrado assaz gentil,  
deram-lhe o nome de Brasil.

Brasil cheio de graça  
Brasil cheio de pássaros  
Brasil cheio de luz.